

"Uma montanha-russa de tensões,
marcada por voltas e reviravoltas."

- *The New York Times*

SEGREDO

CAITLIN
WAHRER



FARO
EDITORIAL



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Índice

[Tampa](#)
[Folha de rosto](#)
[direito autoral](#)
[Dedicação](#)
[I. Monstros](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[II. Bagunça](#)
[capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)
[III. dezembro](#)

[Capítulo 37](#)
[Capítulo 38](#)
[Capítulo 39](#)
[Capítulo 40](#)
[Capítulo 41](#)
[Capítulo 42](#)
[Capítulo 43](#)
[Capítulo 44](#)
[Capítulo 45](#)
[Capítulo 46](#)
[Capítulo 47](#)
[Capítulo 48](#)
[Capítulo 49](#)
[Capítulo 50](#)
[Capítulo 51](#)
[Capítulo 52](#)
[Capítulo 53](#)
[Capítulo 54](#)
[Capítulo 55](#)
[Capítulo 56](#)
[Capítulo 57](#)
[Capítulo 58](#)
[Capítulo 59](#)
[Capítulo 60](#)
[Capítulo 61](#)
[Capítulo 62](#)
[Capítulo 63](#)
[Capítulo 64](#)
[Capítulo 65](#)
[Capítulo 66](#)
[Capítulo 67](#)
[Capítulo 68](#)
[Capítulo 69](#)
[Capítulo 70](#)
[4. Sortudo](#)
[Capítulo 71](#)
[Capítulo 72](#)
[Capítulo 73](#)
[Capítulo 74](#)
[Capítulo 75](#)
[Capítulo 76](#)
[Capítulo 77](#)
[Capítulo 78](#)
[Capítulo 79](#)
[Capítulo 80](#)

[Capítulo 81](#)
[Capítulo 82](#)
[Capítulo 83](#)
[Capítulo 84](#)
[Agradecimentos](#)
[Sobre o autor](#)



THE
DAMAGE

—
Caitlin Wahrer

PAMELA DORMAN BOOKS / VIKING

VIKING

Uma marca da Penguin Random House LLC

penguinrandomhouse.com

Copyright © 2021 por Caitlin Wahrer

Pinguim suporta direitos autorais. Os direitos autorais estimulam a criatividade, incentivam diversas vozes, promovem a liberdade de expressão e criam uma cultura vibrante. Obrigado por comprar uma edição autorizada deste livro e por cumprir as leis de direitos autorais ao não reproduzir, digitalizar ou distribuir qualquer parte dele de qualquer forma sem permissão. Você está apoiando escritores e permitindo que a Penguin continue a publicar livros para todos os leitores. Agradecimentos são feitos a Claire C. Holland pela permissão para reimprimir “Clarice” de *I Am Not Your Final Girl* por Claire C. Holland. Copyright © 2017 por Claire C. Holland. Originalmente publicado pela GlassPoet Press, Los Angeles, CA, em 2017. Reimpresso com permissão do autor (www.clairecholland.com).

Um livro de Pamela Dorman/Viking

BIBLIOTECA DE DADOS DE CATALOGAÇÃO EM PUBLICAÇÃO DO CONGRESSO

Nomes: Wahrer, Caitlin, autora.

Título: O dano: um romance / Caitlin Wahrer.

Descrição: Nova York: Pamela Dorman Books / Viking, [2021]

Identificadores: LCCN 2020045748 (impressão) | LCCN 2020045749 (e-book) | ISBN 9780593296134 (capa dura) | ISBN 9780593296141 (e-book)

Assuntos: GSAFD: Ficção de mistério | Ficção de suspense

Classificação: LCC PS3623.A356495 D36 2021 (impressão) | LCC PS3623.A356495 (e-book) | DDC 813/.6—dc23

Registro de LC disponível em <https://lccn.loc.gov/2020045748>

Registro do e-book LC disponível em <https://lccn.loc.gov/2020045749>

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, negócios, empresas, eventos ou locais é mera coincidência.

Design da capa: Lucy Kim

Imagem da capa: Elle Moss / Arcangel

pid_prh_5.7.0_c0_r0

Para Ben

Conteúdo

Tampa

Folha de rosto
direito autoral

Dedicação

I. Monstros

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

II. Bagunça

capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

[Capítulo 36](#)

[III. dezembro](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[4. Sortudo](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo 78](#)

[Capítulo 79](#)

[Capítulo 80](#)

[Capítulo 81](#)

[Capítulo 82](#)

[Capítulo 83](#)

[Capítulo 84](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

EU. MONSTROS



Conheci monstros e conheci homens.
Eu estive em suas longas sombras, apoiado
com minhas próprias mãos, alcancei
por seus rostos inescrutáveis no escuro. Elas
são mais difíceis de separar do que você imagina.

Do que você jamais saberá.

CLAIRE C. _ _ HOLANDA , *I A M N O T A N O S S A F I N A L G I R L*

1

JULIA **H**ALL, 2019

A casa do detetive moribundo era uma coisa alta, azul-escura, com guarnições e venezianas lascadas. Ele assomava contra o céu brilhante, afastado do banco de neve que ladeava a rua. A casa estava polvilhada com o pó da noite anterior, mas o *23 preto* pregado acima da porta da frente foi escovado. Havia espaço na entrada estreita, mas ela estacionou na rua.

Julia Hall se mexeu na cadeira para expor o bolso de seu pesado casaco de inverno. Ela enfiou a mão no fundo até que seus dedos raspavam as bordas do papel dobrado. Ao retirar o bilhete, desejou que ele dissesse qualquer coisa, menos o endereço que havia localizado, qualquer coisa que a deixasse dirigir, talvez nunca para encontrar a casa. Ali, na folha amassada, ela havia escrito *Maple Drive, 23, Cape Elizabeth*, e aqui estava.

“Apenas vá,” ela disse em voz alta, então olhou de lado para a casa. Janelas confinavam com a porta da frente, e cada uma parecia vazia com as persianas fechadas. Pelo menos ele não a tinha visto falando sozinha, então.

O vento soprou a porta da mão de Julia quando ela saiu de seu SUV. Este inverno tinha sido muito frio. À medida que envelhecia, achava o inverno um pouco menos agradável a cada ano. Ela puxou o chapéu mais apertado sobre as orelhas, então voltou para o carro. Sem pensar, ela bateu a porta com força. Ela estremeceu quando o som abalou a rua do bairro. Ela não fazia isso há anos - ela estava pensando em seu velho Subaru, aquele que exigia um toque mais áspero. O que ela teve três anos atrás, quando ela teve a oportunidade de falar com o homem que a esperava dentro daquela casa.

Apesar da agitação da noite anterior, a calçada da frente estava recém-limpa. Ele tinha feito isso por ela? O caminho e os degraus para a varanda estavam cobertos de sal, e ela se concentrou no som enquanto caminhava até a porta dele. Ela sacudiu as mãos e tocou a campainha. Antes que a campainha diminuísse lá dentro, a porta se abriu.

“Julia,” disse a figura na porta. “Como você está, querido?”

Ela era certamente melhor do que ele, não era? Porque o homem diante dela era o detetive Rice, ou pelo menos a casca dele. Seu corpo outrora imponente parecia ter cedido a si mesmo como um caule de flor podre. Seu rosto estava pálido, e ele tinha bolsas profundas sob os olhos. Um boné do Red Sox empurrado para baixo em suas orelhas, obscurecendo o que parecia ser um crânio completamente careca.

“Estou bem, detetive Rice. Estou bem.”

Eles apertaram as mãos desajeitadamente, pois ele se inclinou para abraçá-la.

“Bem, você gostaria de entrar?”

Todos os dias desde que você me ligou, vomitei meu café da manhã, era o que ela queria dizer. Em vez disso, ela sorriu e mentiu. "Sim claro."

"E, por favor, você pode me chamar de John," ele disse enquanto cambaleava para trás para dar espaço para ela entrar. Ele parecia ter envelhecido dez anos nos últimos três, talvez por causa do câncer. Não que ela estivesse muito melhor. Durante a maior parte de sua vida, Julia parecera jovem para sua idade. Em algum lugar nos últimos anos, isso parou. Ela parecia ter trinta e nove agora.

Enquanto tirava as botas, Julia examinou o vestiário da detetive Rice, uma vozinha em sua cabeça apontando como era estranho estar no *vestiário da detetive Rice*. O banco em que ela se sentou era robusto, prático. Alguns pares de botas de trabalho e sapatos sociais encostados na base. O banco era ladeado por um balde de sal à sua direita e uma pá molhada encostada na parede. À sua esquerda estava o único detalhe curioso: uma pequena estante abarrotada de livros de jardinagem. Ela nunca teria imaginado que ele fosse um jardineiro quando o conheceu tanto tempo atrás. Isso sugeria uma mundanidade que ela sentia falta.

"Eu não sei se eu posso," ela disse enquanto se levantava. "Acho que você sempre será 'Detetive Rice' para mim."

Ele sorriu para ela e deu de ombros.

Ela o seguiu por um corredor estreito cheio de fotos de família e artefatos religiosos: havia vários retratos de um jovem detetive Rice e sua falecida esposa, Julia supôs, e três filhos; um crucifixo e uma palma seca; uma foto de um neto, provavelmente, ao lado de uma foto de Jesus.

O detetive Rice disse algo abafado enquanto a conduzia pelo corredor.

"O que?"

Ele se virou e a encarou por cima do ombro. — Estava apenas dizendo que você comprou um carro novo.

"Oh sim." Ela apontou o polegar para trás. "Acho que atualizei desde a última vez que te vi."

Ela estudou a mudança em sua altura. Ele ainda era um homem alto, ela pensou enquanto o seguia, mas sua doença havia roubado vários centímetros.

"Eu estava pensando em sentar aqui."

Ele apontou para a primeira sala que encontraram. Era decididamente uma *sala de estar*: algo que Julia só via nas casas de pessoas mais velhas. Como outros que ela tinha visto, o Detetive Rice tinha um ar abotoado, apesar de seu propósito óbvio de hospedar a empresa. A sala estava montada em torno de duas grandes poltronas reclináveis com uma pequena mesa entre elas.

O detetive Rice fez sinal para Julia se sentar na cadeira à direita enquanto ele continuava pelo corredor.

Ela esperou alguns segundos, então enfiou a cabeça para fora do corredor. Outra porta à direita. Cozinha no final. Ela ouviu, mas não ouviu nada.

Ela voltou para a sala de estar. *Respire fundo*, ela pensou, e inalou.

Ela se moveu em direção à janela panorâmica do outro lado da sala. Dava para Maple Drive e uma casa grande do outro lado da rua. Um frio constante irradiava da vidraça, e Julia tocou o vidro com um dedo trêmulo. Havia poucas coisas tão sombrias quanto Maine em fevereiro.

Os meses frios foram difíceis; sempre tinha sido. Todos os anos, Julia se deparava com a realidade do outono e inverno do Maine, nenhum dos quais combinava com as versões tingidas de nostalgia que viviam em sua cabeça. A neve geralmente começava em dezembro, durando até abril. E depois *daquele* inverno — depois do inverno em que ela pôs os olhos no detetive Rice pela última vez — os invernos traziam algum tipo de melancolia existencial que precisava ser removida com a neve.

“Infinito, não é?”

Ela se assustou quando ouviu a voz dele atrás dela.

Ele estava na porta novamente, sorrindo para ela. Em suas mãos ele segurava duas canecas.

Ele estava apenas tomando café. Ela suspirou, provavelmente com alívio óbvio.

Ele apontou para a cadeira novamente, e desta vez ela se sentou. Ela aceitou uma caneca e o observou se acomodar em seu próprio assento. O cheiro que atingiu suas narinas não era café, na verdade, mas chá. Ela provou e achou fortemente adocicado. Isso foi uma surpresa.

“Como estão seus filhos?” Detetive Rice perguntou enquanto bebia sua bebida.

“Eles são bons, obrigado.”

“Quantos anos eles têm agora?”

“Uh, dez e oito.”

“Você nunca estará pronto para eles crescerem.”

Havia algo nele que tornava fácil esquecer que ele tinha seus próprios filhos. Filhos crescidos; netos, a julgar pelas fotos no corredor. Não foi sua personalidade que a fez esquecer, foi sua profissão. Havia algo sobre ele ser *um detetive* que a fazia esquecer que ele existia fora disso.

Julia assentiu e esperou que ele perguntasse como Tony estava.

“Suponho que você ficou surpreso ao ouvir de mim na semana passada.”

Isso responde a isso, ela pensou. Algo sobre o fato de ele ter passado por cima de seu marido parecia um desrespeito pessoal, especialmente considerando tudo o que havia acontecido, e ela se sentiu reprimindo uma carranca.

Ela *ficou* surpresa na quinta-feira, quando pegou o celular no final de uma longa manhã no tribunal e encontrou uma única caixa postal esperando por ela. Era a marca de um dia fácil se ela tivesse apenas uma chamada perdida ao meio-dia. Ela gritou adeus para o marechal na porta e apertou o play enquanto saía do tribunal. A voz que saiu de seu telefone a interrompeu no meio do passo; era lento, mas inconfundível. Uma voz que ela passou a temer. Anos atrás, ela entrou em um estado de quase pânico

toda vez que o telefone tocava ou sua caixa postal piscava, com medo de que a voz dele estivesse do outro lado.

"Fiquei surpresa ao ouvir de você", disse Julia. "E muito triste em saber que você estava doente também." Ela se inclinou um pouco na direção dele, percebendo que não havia mencionado isso desde que se falaram ao telefone na semana passada e ele pediu que ela fosse à sua casa.

"Qual é o seu . . . prognóstico?" Não havia nenhuma palavra confortável, não que ela pudesse pensar.

"Bem, não está muito quente", disse ele em uma voz como se estivesse discutindo a chance de outra enxurrada. "Meu médico acha que minha 'qualidade de vida' vai ficar muito ruim nos próximos meses, e tudo pode ir muito rápido depois disso."

Julia podia ouvir as citações sobre "qualidade de vida" e imaginou o detetive Rice sentado no consultório de seu médico de roupão, dizendo: "Qualidade de vida? O que diabos isso significa? Apenas me diga quando eu vou morrer."

Ela sorriu para ele calorosamente. "Fico feliz em ver que você ainda pode estar em casa."

"Ah, bem, vamos ver."

Cada um tomou um gole.

"Bem", disse ele, e riu levemente. Ele encolheu os ombros.

Ele estava nervoso?

"Eu aprecio você ter vindo", disse ele. "Como eu disse, eu queria falar com você antes, bem. . ." Ele deu de ombros para si mesmo.

"Enquanto você ainda tem aquela 'qualidade de vida'."

O detetive Rice riu, soltou uma tosse ofegante e estendeu a mão para trás da cadeira. Ouviu-se o rangido de uma roda sem graxa, e ele puxou um tanque de oxigênio portátil para o lado. Ele segurou a máscara no rosto e respirou, erguendo um *dedo* para ela.

Jesus Cristo, é melhor eu não fazê-lo rir novamente.

Ele começou a tirar a máscara.

"Por que você não continua com isso?", disse Julia. "Eu realmente não —"

— Não — disse a detetive Rice com firmeza. "Obrigado, mas não."

Com a máscara em seu lugar no tanque, o detetive Rice sentou-se novamente. O vento assobiava na janela. "Eu não tinha certeza de que você viria, depois de tudo. Mas eu precisava falar com você. Bem, para dizer algumas coisas para você. E acho que você também tem algumas coisas para me dizer.

Julia teve que se esforçar para segurar o olhar dele. Seus olhos eram rosa lacrimejantes, e os dela não queriam nada com eles.

"Eu realmente não tinha certeza de que você viria", disse ele novamente. "Mas você sempre foi muito legal para dizer não a ninguém."

A dor doentia em seu estômago se intensificou. O que ela deveria dizer sobre isso?

Ele não esperava uma resposta, ao que parecia, porque ele falou novamente. "Assim. De volta ao começo?"

2

JOHN R ICE, 2015

A primeira vez que John Rice viu Julia Hall, ela estava na cozinha, descalça, lavando uma pilha de pratos na pia.

Rice estava cerca de vinte horas na investigação na época. Até aquele momento, foram vinte horas de feiura. Nada além do tipo de mal que só o homem sabe executar.

Ele tinha visto a vítima, um jovem chamado Nick Hall, no hospital na noite anterior. Ele hesitou em pensar nele como um homem. Nick tinha vinte anos, sim, mas deveria estar nas últimas pernas de sua infância. Em vez disso, havia um olhar em seus olhos como se ele nunca mais se sentisse jovem.

Rice não queria sobrecarregar Nick entrevistando-o naquela primeira noite, quando ele já havia dado depoimentos a uma enfermeira e a um policial. Rice só queria se apresentar como o detetive principal do caso de Nick e pedir que ele escrevesse uma declaração. Sempre foi um pouco insensível pedir às vítimas para escrever, pedir para reviver o crime tão cedo. Foi o melhor, porém, para todos. Fortaleceu o caso de Rice; melhorou a memória da vítima. Sem mencionar que o início do caso geralmente era a parte mais fácil. Na maioria das vezes, a vítima ainda não tinha entendido o que tinha acontecido. A mente estava em choque, o corpo em modo de sobrevivência, e havia pouco ou nenhum efeito. Nick tinha ficado assim: surpreso, um pouco confuso, mas principalmente chateado. Melhor para ele reviver isso agora.

E ele tinha. Antes de ir até a casa, Rice pegou o depoimento de duas páginas de Nick no hospital. O irmão mais velho de Nick, Tony, estava lá novamente. Ele estivera lá na noite anterior também, e agora tinha as olheiras largas de alguém que tentou dormir em uma cadeira de hospital. Tony saiu da sala e entregou a Rice a declaração. Disse-lhe que Nick estava dormindo. Rice disse que voltaria mais tarde.

Rice encontrou a casa de Tony Hall sem problemas. Era uma coisinha bonita nos arredores de Orange, despreziosa depois de passar por algumas das outras casas da cidade. A cunhada de Rice também morava em Orange, mas mais perto do centro da cidade. Como muitas cidades no sul do Maine, provavelmente como muitas cidades em todos os lugares, era como dois lugares diferentes, dependendo de onde você estava. O centro da cidade era onde os habitantes mais ricos de Orange se reuniam, ou amontoados em becos sem saída em grandes casas de biscoitos (incluindo a cunhada de Rice), ou na versão de mini-mansões de Maine em terrenos consideráveis (estes eram os muito, *muito* ricos). A maior parte de Orange, porém, era de terras agrícolas. Pouco disso estava ativo. O endereço do Hall estava lá, dois terrenos abaixo de um lugar gigante e em ruínas invadido por

gansos, completo com um celeiro que a terra parecia estar tomando de volta. A casa Hall, em comparação, era pequena, velha, mas bem conservada e charmosa, pelo menos o que ele podia ver da estrada. A calçada estava cheia, então ele estacionou na rua.

Rice subiu os degraus da varanda aberta para chegar à porta da frente. Ele podia ouvir vozes falando sobre a campainha, então a porta interna sólida se abriu e Rice encarou uma mulher baixa, de aparência ágil, com cabelos grisalhos. Ela parecia ter a idade dele, cinquenta e tantos, talvez.

Ela abriu a porta externa e disse: "Alô?"

Rice se apresentou, e ela imediatamente acenou com a cabeça sobriamente e disse que seu filho, Tony, ainda estava no hospital com o irmão.

"Eu não sou a mãe de Nick", disse ela. "Apenas Tony's."

"Sim", disse Rice. "Tony explicou esta manhã. Acabei de chegar do hospital. Na verdade, estou aqui para ver Julia, se ela estiver disponível."

Mesmo a três passos para dentro, a casa continha certos marcadores de riqueza não apreciados por muitas das famílias que Rice encontrou no trabalho. Os pisos eram de madeira de lei reluzente descendo para azulejos na cozinha, e o corredor estava emoldurado em uma rica guarnição escura. O espaço evocou imediatamente uma sensação de segurança e a impressão de que se tratava de uma família profundamente *funcional*. Quando o pensamento se revelou, Rice sentiu o calor em seus ouvidos. Ele percebeu rapidamente que tinha feito certas suposições sobre como seria a família Hall, com base em poucas informações. O endereço na fazenda, os irmãos com mães diferentes. A total ausência dos pais de Nick no hospital em um momento como este. A consequência do "treinamento de sensibilidade" obrigatório que a estação havia feito na primavera não era que seus preconceitos desaparecessem – era simplesmente que ele os notava com mais frequência e se sentia um idiota por isso.

O corredor curto dava para a cozinha, onde uma mulher mais jovem estava na pia. A luz do sol de outubro entrava por uma janela bem na frente dela, fazendo sua blusa branca brilhar e iluminando o cabelo que deveria ser apenas castanho, mas parecia conter mechas amarelas e vermelhas na luz. Ela parecia quase etérea, exceto que ela estava franzindo a testa e enxaguando um prato.

"Desculpe", disse ela. "Desculpe, eu sou apenas . . ." Ela desligou a torneira e colocou uma caçarola de vidro no escorredor lotado. "Lá. Ouvi você entrar, mas eu *tinha* que terminar isso."

Ela pegou um pano de prato do fogão e enxugou as mãos rapidamente antes de oferecer um ao detetive. Sua mão estava úmida e quente, e ela disse: "Sou Julia".

"John Rice," ele respondeu. "Detetive do Departamento de Polícia de Salisbury."

Houve um baque abafado no andar de cima, como pés batendo no chão.

"Devo terminar os pratos ou subir?" A mãe de Tony perguntou do corredor.

"Sim, se você pudesse mantê-los distraídos enquanto conversamos", disse Julia.

"Nele."

"Obrigada, Cynthia," Julia chamou para o corredor enquanto sua sogra subia as escadas.

"As crianças estão felizes por ter sua grama", disse Julia enquanto apontava para o teto. "Eles realmente não entendem o que está acontecendo."

Julia parecia jovem, então Rice achou que as crianças também eram. "Quantos anos eles tem?"

"Chloe tem sete e Sebastian cinco. Dissemos a eles que o tio está doente, então o pai estará ocupado cuidando dele, mas. . ." Ela deu de ombros. Agora, falando sobre seus filhos, Julia parecia perplexa. "Eles são muito jovens para entender, e acho que é o melhor."

"Claro que sim", disse Rice.



"Como posso ajudar?" Julia perguntou enquanto passava uma caneca de café para Rice no ar frio da manhã na varanda.

Rice sugeriu que falassem do lado de fora, fora do alcance das crianças, e Julia concordou. Os dois sentaram-se lado a lado em cadeiras Adirondack acolchoadas com almofadas de aparência náutica, e Rice pousou a caneca na mesinha entre eles. O cheiro de seu café fumegante misturou-se com a vela de citronela sobre a mesa. Ácido sobre ácido.

"Bem", ele disse, "Nick ainda estava dormindo quando fui até lá esta manhã, e seu marido parecia não ter dormido nada, então pensei em dar a eles mais algumas horas de espaço para respirar antes de colocar 'em através do espremedor novamente. Tony disse que você poderia me dar um histórico familiar para minhas anotações.

Seu rosto lavou com alívio. "Ah, *isso* eu posso fazer."

Rice puxou um pequeno bloco e uma caneta de seu blusão. Ele teria que entrar no que ela sabia sobre Nick, mas ele a facilitaria primeiro.

"Você se importa por onde eu começo?" Júlia perguntou.

Ele balançou sua cabeça. Ele estava feliz com a desculpa para olhar para ela enquanto ela falava. Conhecendo Tony, que era inegavelmente bonito, Rice esperava uma esposa igualmente impressionante. E Julia Hall era bonita, sim, mas havia uma simplicidade nela que era difícil de nomear, agora que ela havia saído da luz da manhã. Seu rosto era redondo e sem definição significativa; enquanto ela falava, suas feições eram as mesmas de todos os ângulos. Isso deu a ela um ar de honestidade direta - o que você viu foi o que você conseguiu. Também a fazia parecer mais jovem do que provavelmente era. Rice poderia ter adivinhado que ela tinha trinta anos,

não fosse pelas rugas finas que ela já tinha: pés de galinha nos olhos e linhas abraçando os lados da boca. Essa mulher era sorridente e risonha.

“Então os pais de Tony são Cynthia” – Julia apontou para a casa, indicando a mulher dentro – “e Ron. Eles foram casados por um tempo antes de terem Tony. Ron é... Ela fez uma pausa. “Ron teve uma educação muito difícil e não era o pai mais estável. Ron e Cynthia ficaram juntos até Tony fazer sete anos.”

Ela estava escolhendo suas palavras como um político, ou talvez um advogado. Qualquer trabalho seria feio para ela.

“Ron não era, tipo, abusivo nem nada. Ou talvez, bem. . .” Ela fez uma pausa novamente.

Rice ergueu a caneta na altura dos olhos. “Que tal eu colocar isso de lado por um minuto e você relaxar sobre Ron?”

Julia riu e levou a mão ao rosto como se quisesse se esconder atrás dele.

“Apenas um pouco de conhecimento sobre a dinâmica familiar pode ser útil.” Ele nem sempre fazia questão de perguntar sobre a família da vítima, mas com bastante regularidade. Mais frequentemente em um caso como este, onde a vida da vítima seria virada do avesso pela defesa, em busca de material censurável.

“Eu entendo”, disse Julia. “Já trabalhei com quase todas as dinâmicas familiares possíveis.”

“O que você faz?”

“Eu trabalho na política agora, mas eu costumava ser um advogado de defesa - todos os casos juvenis e criminais.”

Rice se mexeu para passar a perna direita sobre a esquerda. — Então você *entende* .

Ela assentiu. “E honestamente, Ron se encaixaria bem no meio do bando, sabe? Ele é um alcoólatra – ele foi a vida inteira de Tony – e foi mais fácil para Ron quase desaparecer de cena depois que ele e Cynthia se separaram. Cynthia é tão calorosa e amorosa; Tony teve muita sorte lá. Nick não teve tanta sorte com sua mãe.

“Então, o lado de Nick disso.”

“Certo,” ela disse. “Então, Ron é o pai deles, e Tony tinha dezessete anos quando Nick nasceu, então ele tinha, tipo, quinze ou dezesseis anos quando Ron e Jeannie ficaram juntos.”

“Então, qual é o problema de Jeannie?”

“Ela é uma viciada também, e ela fica um pouco . . .” Julia acenou com a mão sobre a cabeça. A palavra *maníaco* veio à mente de Rice.

“Eles sabem o que aconteceu?”

Júlia balançou a cabeça. “Eles nem sabem que ele está lá. Ele não quer contar a eles.”

Sua voz sumiu e ela deu de ombros. Seu rosto afundou naquela carranca que Rice via o tempo todo quando as pessoas tentavam segurar as lágrimas na frente dele.

“Ele vai ficar bem, Julia. Vai demorar um pouco, mas Nick vai ficar bem. Rice tirou um pacote de lenços do bolso.

“Nick é simplesmente incrível,” ela disse enquanto aceitava um lenço de papel. “Tony o ama muito. Honestamente, ele fez de Tony o homem que ele é, sabe? Quem sabe como ele teria sido se não tivesse tido aquele bebezinho.”

"O que você quer dizer?"

Júlia balançou a cabeça. “Cynthia diz que o nascimento de Nick o abrandou. Quando ele era um adolescente, ele era um cara durão, e *tão* bravo com Ron, e com o mundo, eu acho. E você viu como ele se parece, ele tem um *belo idiota* escrito por toda parte.”

Rice bufou e concordou. Não só Tony Hall estava em forma, mas ele tinha aparência de revista. O tipo de rosto que fazia você não gostar dele, só por ter o que não tinha. Rice se perguntou o que Julia teria pensado dele quando tinha a idade de seu marido. Rice tinha cicatrizes leves de acne nas bochechas que persistiam até hoje, mas quando ele era mais jovem as marcas de varíola o faziam parecer durão. Isso é o que sua esposa lhe disse, pelo menos.

“Mas Nick acabou de derreter o coração”, disse Julia, enxugando os olhos com o lenço. “Tony cresceu para ser caloroso e emocional e um bom comunicador, o que provavelmente é super clichê para dizer sobre seu marido.” Ela riu. “Mas que seja, eu sei que tenho sorte. E eu sei que tenho que agradecer a Cynthia por um pouco disso, mas eu realmente acho que foi principalmente por causa de Nick. Você provavelmente nunca conhecerá o verdadeiro Nick. Ele é engraçado, perversamente engraçado, charmoso e, tipo, sincero. Mas agora, eu não sei.”

Atrás deles, Rice ouviu as crianças descendo a escada que ele tinha visto dentro da casa. Segundos depois, ele ouviu a mãe de Tony atrás deles. O barulho desapareceu no corredor e na cozinha.

A mão de Rice devolveu os lenços ao bolso e reapareceu com um pequeno gravador prateado. “Eu sei que isso é difícil,” ele disse, “mas eu preciso te fazer algumas perguntas sobre ontem.”

"Tudo bem", disse Julia com um suspiro. “Nick não nos ligou até depois do jantar.”

3

T ONY H ALL, 2015

Aquela noite de sábado tinha sido comum. Tony e Julia estavam sentados na varanda da frente, vendo o céu ficar rosa. Seus vizinhos haviam espalhado um cobertor dourado de feno sobre o campo do outro lado da rua, e a vista da varanda era como uma pintura a óleo. E então o telefone tocou.

Enquanto Tony estava sentado na sala de espera, ele tentou se lembrar das palavras específicas do interlocutor. Ela disse o nome dela, Dr. Lamba, talvez. Ela estava ligando do Centro Médico do Condado de York.

Nesse ponto, seu primeiro pensamento foi de seu pai. *Ele finalmente se matou dirigindo bêbado*, pensou Tony. *Por favor, por favor, diga que ele não machucou mais ninguém.* Mas o médico não estava ligando por causa de Ron. Ela estava ligando por causa de Nick.

“Seu irmão foi ferido,” ela disse ao telefone. Isso era tão específico quanto ela tinha sido.

Tony perguntou se foi um acidente de carro.

“Não,” ela disse. “Você pode vir vê-lo agora?”

Tony tinha chegado até ele o mais rápido que podia - ele correu para fora da casa, acelerou pela estrada, correu pelo estacionamento, apenas para ser parado no saguão. A energia que o atingiu mais cedo ainda estava presa dentro dele, zumbindo, zumbindo.

Ele puxou o telefone do bolso. Envie uma mensagem para Julia,
ETA?

Ela estava em casa com as crianças, esperando sua mãe. Ele se sentiria melhor quando ela chegasse aqui, disse a si mesmo. Ou uma vez que o deixassem voltar para ver Nick. Mas ele se *sentiria* melhor então?

“Seu irmão foi ferido.” As palavras estranhas se repetiam em sua cabeça enquanto ele corria para o hospital. Vago, mas grave. O médico não lhe deu nada, além de que não foi um acidente de carro. O que, então? Envenenamento por álcool? Uma briga de bar? Nem soava como Nick, mas as coisas podiam ficar um pouco loucas na faculdade. Oh, Jesus, não um tiroteio na escola. Ele teria ouvido algo no rádio em sua unidade. Ainda assim, lá na sala de espera, ele pegou o telefone e abriu o navegador. “Notícias da Universidade do Maine Salisbury.” Nada. “Notícias de Salisbury Maine.” Nada.

O que mais o médico disse ao telefone? Algo sobre a idade de Nick. Ela perguntou quantos anos ele tinha. Quando Tony disse que Nick tinha vinte anos, ela disse algo sobre ele ter uma identidade falsa, então ela queria ter certeza. Disse que Nick não queria que ela ligasse para os pais dele, e ela não precisaria. Ele só queria Tony.

“Senhor. Salão?” Uma mulher mais velha de jaleco branco estava parada na porta. Ele se lançou de seu assento e a encontrou com um aperto

de mão. Ela disse que era a Dra. Lamba do telefone, sua voz baixa e confiante. Ele ficou aliviado por não detectar nenhuma mensagem de condolências em seus gentis olhos castanhos escuros. Nick pode estar bem.

Tony seguiu a Dra. Lamba por um longo corredor enquanto ela explicava que Nick havia chegado mais cedo naquele dia, no final da manhã.

“E como eu disse ao telefone, ele só queria que ligássemos para você.”

Enquanto ela falava, Tony se viu fixado no cabelo grisalho dela. Era preto aveludado e ficava na nuca. Eles estavam se aproximando de um novo conjunto de portas duplas. Acima deles, leia UNIDADE DE SAÚDE COMPORTAMENTAL .

"Esperar." Os olhos de Tony pousaram nas letras enquanto passavam por baixo delas. "Nick está aqui?"

Dentro das portas duplas havia uma pequena sala cercada por vidro com arame e uma porta pesada que dava para a unidade. Dr. Lamba fez sinal para eles se sentarem em duas pequenas cadeiras pretas à direita da sala.

A Dra. Lamba colocou a mão no antebraço de Tony e disse: “Seu irmão foi agredido sexualmente ontem à noite”.

Tony olhou para ela.

“Quem fez isso com ele o espancou muito, então eu queria prepará-lo para isso. Nós—”

"Esperar. Pare. Pare."

Dr. Lamba fez uma pausa.

Tony balançou a cabeça. "Não. Não, ninguém faria isso com ele, isso não faz sentido. Ao ouvir as palavras que disse, uma voz estranhamente distante em sua mente sussurrou: *Não, você não faz sentido* .

"Sinto muito, Sr. Hall", disse o Dr. Lamba.

Ele enterrou o rosto nas mãos. "Por favor não."

Ele sentiu a mão dela em seu ombro agora. “O departamento de emergência tratou os ferimentos de Nick, e a boa notícia é que ele poderia ir para casa agora se quisesse. Mas a outra boa notícia é que ele seguiu meu conselho e se internou em nossa unidade de saúde mental, para passar algumas noites aqui.”

Através de suas mãos, Tony disse: “Você poderia parar de dar *boas notícias* ?”

"Sim." A mão esfregou seu ombro em um movimento circular.

Alguém fez isso. A simplicidade o atingiu como um golpe. Tony levantou o rosto de suas mãos. "Onde está quem fez isso?"

“Nick já falou com um policial.” A Dra. Lamba encontrou seus olhos novamente e os segurou enquanto dizia: “Por favor, concentre-se em seu irmão agora. Ele precisa de você. Não foque nessa outra pessoa, é para isso que serve a polícia. Concentre-se em Nick.”



O rosto de Nick estava arruinado.

Foi o primeiro pensamento que Tony teve quando o viu. Nick estava deitado em cima das cobertas de sua cama de hospital, como se estivesse assistindo TV em um hotel. Mas seu rosto estava todo errado — as formas dele estavam erradas, apenas uma fração: seu lábio estava partido e inchado, uma sobrancelha estava cortada. Ele tinha hematomas na bochecha, na testa, no queixo, como se tivesse caído de um lance de escadas.

"Usuario?"

Nick sorriu para Tony e então estremeceu, lambendo a crosta em seu lábio.

A voz de Tony ficou aguada. "Que porra é essa?"

"Estou bem", disse Nick, e sorriu de forma tranqüilizadora.

Tony apontou para o peito de Nick. "Eu posso?"

Nick levantou os braços.

Quando Tony se agachou para abraçar Nick, sua visão ficou turva com as lágrimas. Ele mexeu as mãos sob as costas de Nick e deitou a cabeça contra a de seu irmão. Quando ele se afastou, havia lágrimas no rosto de Nick. Eram de Tony — os olhos de Nick estavam secos.

"Desculpe", disse Tony.

"Para que?"

Por chorar por você , pensou. Por ser estranho quando você está dizendo que está bem. Por demorar tanto para voltar para o seu quarto. Por tudo o que aconteceu.

Em vez disso, Tony não disse nada. Ele se virou para puxar uma cadeira para o lado da cama e viu que o Dr. Lamba havia fechado a porta atrás de Tony. Os dois estavam sozinhos.

Tony disse: "Então. . . ", mas ele estava perdido em uma enxurrada de pensamentos. Se ele perguntasse o que aconteceu, com que palavras, ele queria saber, se ele estava sendo egoísta, *como* isso poderia ter acontecido, era a coisa errada a perguntar.

"Onde está Júlia?" A simples pergunta de Nick afastou todas as outras.

"Casa com as crianças. Minha mãe está indo para lá, e então ela virá aqui assim que puder."

"Julia virá aqui esta noite?"

"Sim, se você quiser - só se você quiser."

"Sim, claro, eu quase pedi por ela em vez de você para começar."

Tony revirou os olhos. "Ah, *tudo bem* ."

"Ela não teria chorado," Nick disse com um sorriso, então estremeceu novamente. Ele trouxe um dedo para a fenda em seu lábio. Sussurrou: "Merda".

Tony observou seu irmãozinho. Devem tê-lo entendido mal. Este não era alguém que tinha sido *agredido sexualmente* . Claramente ele teve seu traseiro chutado. Talvez ele tenha feito um passe no cara errado e o fodido homofóbico bateu nele, isso era possível. Ou ele pode ter sido assaltado.

Mas não isso, não o que o médico disse. A brincadeira deles era imperturbável. Eles poderiam muito bem estar brigando por causa de um jogo, como quando Nick era criança e Tony costumava fingir que estava perdendo para ele no jogo de damas. E Nick estava calmo — *tão* calmo. Ele deve ter contado a alguém que foi agredido, e eles entenderam errado. Isso tinha que ser. Nick parecia...

Uma batida na porta interrompeu o pensamento. Uma voz profunda disse: "Desculpe incomodá-lo." Veio do grande homem parado na porta. Ele estava à paisana, mas poderia muito bem ter sido uma camiseta com os dizeres "Sou policial" embaixo do casaco, em vez da camisa branca de botão, sem gravata.

"Sou o detetive John Rice", disse ele, entrando na sala. "Sou do Departamento de Polícia de Salisbury. Acho que o oficial Merlo disse que eu passaria por aqui?"

Nick ajustou-se para sentar-se mais alto na cama. "Sim, oi."

Tony sentiu a tensão daquele primeiro silêncio voltar à sala.

O detetive Rice foi até a cabeceira oposta em dois passos. Ele tinha que ser seis e seis, talvez até mais alto. Seu rosto estava gasto e enrugado; Tony adivinhou que ele estava em seus sessenta e poucos anos. O gigante tirou dois cartões de visita de seu blusão e entregou um a cada um deles.

O detetive apertou a mão de Nick como se Nick estivesse se juntando à força policial. "Bem, prazer em conhecê-lo, Nick." Ele se virou para Tony. "Você é o irmão?"

"Sim." Tony se levantou para apertar sua mão. "Tony."

"Prazer em conhecê-lo." O detetive virou o rosto e voltou para Nick. "Não estou aqui para ficar, apenas deixando esses formulários de impacto de vítimas."

"Quem são esses?" Tony estendeu a mão sobre seu irmão para pegar os lençóis. Eram formulários com alguns pontos no topo para detalhes como NOME, DOB, DATA DO CRIME e depois um espaço em branco.

O detetive apontou para os lençóis. "Nick deu uma declaração ao oficial Merlo, e ele já viu uma enfermeira SANE, então—"

"Uma enfermeira sã?"

"Desculpe," a detetive Rice disse com uma tosse. "Uma enfermeira examinadora de agressão sexual, no departamento de emergência."

Tony olhou para Nick. Nick estava olhando para baixo, torcendo as mãos nos lençóis.

"Ah, certo," Tony disse estupidamente.

"A enfermeira SANE geralmente recebe um depoimento muito bom, então quero deixar você descansar. Mas preciso voltar amanhã. Tudo bem, Nick?"

"Sim", disse Nick.

"Por que você precisa voltar?" Tony folheou as folhas; eram todos iguais.

“Para entrevistá-lo. É importante em um caso como este que eu obtenha uma declaração completa e consistente o mais próximo possível do evento. Quanto mais cedo você falar sobre isso, Nick, melhor será sua lembrança mais tarde, e isso me ajudará a fazer meu trabalho. Para esta noite, eu preciso que você preencha uma declaração de tudo o que você se lembra que aconteceu, começando no início do seu dia na sexta-feira. Era sexta-feira, ontem, certo?”

“Isso aconteceu?” perguntou Nick.

“Sim.”

“Sim, foi ontem à noite, ontem à noite. Então eu escrevo o dia todo?”

“Bem, você não tem que entrar muito no mato com coisas antes da hora do jantar, eu diria. E posso pedir mais detalhes amanhã, se precisar. Vou buscá-los” – ele apontou para as folhas – “algures amanhã de manhã e revisá-los antes de conversarmos. Você pode colocá-lo no papel em algum momento hoje à noite?”

Tony olhou para seu irmão novamente. Pela primeira vez desde que chegara, Nick parecia estar prestes a chorar.

“Sim.”

“Aí garoto. Tony, se você pudesse sair comigo e confirmar algumas informações de contato?”

Tony assentiu.

“Vejo você amanhã, Nick.”

Tony e o detetive saíram para o saguão da unidade. Tony fechou a porta atrás de si enquanto ia. “Essa declaração escrita é realmente necessária, detetive, porque eu não acho—”

“Ouça,” a detetive Rice interrompeu. “Eu entendo que este é um momento difícil, eu realmente entendo, mas prometo a você que não peço às vítimas de estupro que façam nada que não seja totalmente necessário.”

Tony estremeceu com *as vítimas de estupro*. Foi afiado ouvir aquelas palavras no lugar do nome de Nick. Como se o detetive o tivesse machucado de propósito para afastá-lo.

“Estamos montando um caso”, disse a detetive Rice. “Você tem que se lembrar disso. Na melhor das hipóteses, pegamos o cara que fez isso, mas pegá-lo não significa nada se não tivermos provas para processar. A história de Nick é parte da evidência.”

“Posso...” A voz de Tony falhou; ele estava prestes a chorar na frente deste homem. Ele arregalou os olhos para que as lágrimas não caíssem sobre suas pálpebras. Ele exalou bruscamente e tentou novamente. “Posso ajudá-lo a preencher a declaração?”

“É melhor que ele mesmo escreva. Na maioria das vezes, casos como esse mostram qual lado da história é mais crível. Não nos fará nenhum bem se você escrever a declaração dele para ele. Mas você pode sentar com ele enquanto ele faz isso.”

Tony respondeu às perguntas do detetive sobre nomes, números, endereços da família Hall, mas o tempo todo *vítima de estupro*, *vítima de*

estupro, vítima de *estupro* repetiu em um loop em algum lugar atrás de suas orelhas.

O detetive partiu e Tony voltou para a sala. De sua cama, Nick franziu a testa para ele. — Por que você fechou a porta?

Um pano quente e úmido de dor de cabeça rastejou de suas têmporas, espalhando-se por seu crânio e pescoço. "Eu apenas fiz."

"Por que?" Nick disparou a palavra tão rápido que ficou claro que ele nem ouviu a resposta de Tony.

"Usuario . . ." Ele parou. Não havia palavras. "Desculpe, eu não estou tentando agradar você, eu só queria perguntar a ele se você realmente tinha que preencher esses formulários hoje à noite."

"Então você *me* mimou, porque é literalmente escrever palavras no papel, e eu disse que faria isso."

"Jesus, Nick, é tão ruim que eu tentaria cuidar de você hoje?" A voz de Tony quase se transformou em um grito.

Os irmãos se entreolharam.

"E daí?" disse Tony. "Eu deveria fingir que está tudo bem?"

"*Estou* bem", disse Nick.

Tony balançou a cabeça. Olhou para os lençóis em sua mão. Olhei para as palavras *DECLARAÇÃO DE IMPACTO DA VÍTIMA*.

Nick olhou para ele. Disse nada.

"Eu não sei como perguntar o que aconteceu."

4

NICK HALL, 2015

Foi isso que aconteceu.

Na primeira sexta-feira de outubro, Nick Hall recebeu uma mensagem de texto do garoto de quem gostava.

No meio de uma palestra de Economia 101, Nick tirou o telefone do bolso para verificar suas notificações. A tela listava os nomes ELLE, MOM e CHRIS. Quando seus olhos registraram o nome final, uma onda de borboletas atingiu sua garganta. Sem dúvida: uma mensagem de texto de Chris valia o risco de ser pego com seu telefone na sala de aula.

Nick puxou o telefone e o equilibrou na coxa, passando rapidamente pelas outras mensagens.

Chris G:

Ei

Era isso. Sem pontuação, sem resposta ao último texto de Nick, sem esforço. Mas pelo menos ele mandou uma mensagem. E *hey* era meio sexy, pensou Nick, com a voz certa. Chris teria dito isso pessoalmente com a voz certa: o tipo de *oi* que tinha reticências depois. O texto tinha apenas vinte minutos. Nick ainda não podia responder; *desesperado demais*. A menos que responder agora mostrasse a Chris que Nick não jogava e não tinha medo de ir atrás do que queria. Sim, pensou Nick, talvez *devesse* responder agora. Ele olhou para cima. Seu professor estava dando uma palestra direto para ele. Ele sorriu timidamente e enfiou o telefone de volta no bolso.



Como um calouro em boa posição na Universidade de Maine Salisbury, Nick teve o privilégio de viver em um buraco de merda fora do campus, em oposição a um dormitório no campus. Uma única empresa de administração possuía várias casas na Spring Street, que gerações de estudantes apelidaram de Frat Row. Embora a UMS não tivesse vida oficial na Grécia, as festas em casa eram ocorrências frequentes na rua. Nick e três amigos alugaram a casa amarela na Frat Row para o primeiro ano. Sua liberdade da tirania da vida no dormitório veio ao preço de portas pegajosas, um tapete úmido no porão e armários minúsculos.

Quando a noite caiu na primeira sexta-feira de outubro, Nick parou na frente de um desses armários, considerando seu reflexo no espelho barato pendurado na porta. Ele estava vestindo jeans justos e uma camisa de manga curta com bolinhas. Adicione seus tênis escuros da marinha e jaqueta cinza, e esta foi sua última roupa de bem-estar. Ele o usara para jantar algumas semanas atrás, e Tony e Julia se entusiasmaram com o quão

bonito ele estava. E eles estavam certos. . . então por que parecia uma merda esta noite? Ele cruzou seu quarto para sua cômoda, agachou-se para abrir sua gaveta de camisetas. Passou os dedos sobre as camisetas macias de algodão no lado esquerdo da gaveta, contemplando um visual mais frio. Chris tinha aquela coisa de eu-não-me-foda-se sem esforço acontecendo o tempo todo. Era a soma total do cabelo afro curto de Chris, seu piercing no nariz, seus jeans perfeitamente usados, sua atitude que ele usava como uma aura. Nick deu uma olhada em si mesmo e percebeu que ele parecia dar a mínima, muito mesmo, e isso era ruim. Ele puxou sua camiseta Springsteen bem gasta: era branca desbotada com a capa do álbum *Born in the USA* na frente. Só de olhar para ele, Nick podia ouvir um silvo estalando, o estalo de uma agulha, e então “Dancing in the Dark” estava tocando no toca-discos de seu pai. Ele tinha oito anos novamente; seu pai estava tonto e puxando sua mãe risonha pela sala. Eles estavam brigando, mas o Chefe poderia cortar suas besteiras melhor do que ninguém. Não importava o que sua mãe havia ameaçado (chamar a polícia, se divorciar, “levar Nicky para a minha mãe e você nunca mais o verá”), e não importava o que seu pai havia quebrado (um prato, uma garrafa de cerveja, a janela na porta dos fundos uma vez). Tudo o que Ron Hall precisou fazer foi colocar a agulha naquele toca-discos antigo e eles fizeram as pazes.

A música e qualquer lembrança dela o infundiram com uma mistura de nostalgia, saudade e algo como arrependimento. Era a camisa perfeita para levar seu olhar de *ansioso* a *pensativo*.

Quando Nick pegou o botão de cima, a porta do quarto se abriu lentamente. Mary Jo, uma de suas colegas de quarto, apareceu na porta.

"Você é decente?"

“Não que isso importasse.”

Ela sorriu. "Apenas tentando dar uma espiada."

“Eca, saia!” Ele chicoteou a camiseta para ela, e ela a pegou com um grito.

"Se você ainda quer uma carona, Eric vem me buscar em dez ou quinze."

Nick pegou o telefone da cômoda. Três horas depois que Nick respondeu ao texto “Ei”, Chris sugeriu que eles “se encontrassem para tomar uma bebida”.

Chris era um veterano, vinte e dois anos, e cansado de festas em casa. Chris saiu para bares. Nick não faria 21 anos até março do ano que vem, então ele foi relegado a usar uma falsificação se quisesse entrar na maioria dos bares, quanto mais tomar uma bebida.

Nick respondeu:

do Jimmy?

Salisbury estava localizada tentadoramente perto de Ogunquit, que abrigava alguns dos melhores bares e clubes do sul do Maine. Ou então Nick tinha ouvido. Todos os lugares que ele tentou entrar em Ogunquit o mandaram embora depois de uma olhada em sua identidade falsa. O

Jimmy's Pub, por outro lado, o deixara entrar duas vezes. Jimmy's ficava perto do campus em Salisbury; bem decadente, mas tinha tudo o que você poderia querer: iluminação fraca, bebidas baratas e uma pista de dança pequena e pegajosa. Chris ainda não havia respondido, mas o que mais havia de novo?

“Eu não sei se eu preciso de uma carona, afinal,” Nick disse para Mary Jo com um aceno de seu telefone.

“Foda-se Chris, ok? Ele já te empurrou por tempo suficiente. Por que você não se encontra comigo e com Eric depois do jantar? *Vamos* ao Jimmy's com você!”

O telefone de Nick vibrou em sua mão. Ele olhou para baixo para ver que Chris tinha respondido.

Ele leu:

Escolha interessante. 10?

Nick não pôde deixar de sorrir. Mary Jo estava certa – Chris gostava de brincar com ele – mas agora, Nick não se importava.

“Por mais que eu adoraria fazer a terceira roda”, disse Nick, “parece que tenho um encontro.”

Mary Jo revirou os olhos. “O que ele disse?”

“Ele acha que sou interessante e vai me encontrar às dez.”

“Dez? DEZ? Mal passa das sete e você está mandando mensagens o dia todo e ele quer te encontrar às dez. Ele é um *idiota*, Nick; ele nem está fingindo que isso não é uma conexão.

A cabeça de Elle apareceu na porta atrás de Mary Jo. “Eu não estava bisbilhotando,” sua colega de quarto começou, “mas se eu estivesse” – ela abriu caminho ao redor de Mary Jo – “eu teria uma ideia para você.” Ela se jogou na cama desarrumada de Nick e passou a mão pelo cabelo preto brilhante. “*Nós* vamos ao Jimmy's, tomamos alguns drinques, talvez uma dose, apenas nos divertimos, mas nada mais.” Ela gesticulou *Pare* com a mão. “Quando Chris aparecer depois das dez – você sabe que ele vai se atrasar – eu vou deixar você em paz e você pode dar uma bronca nele!”

“Eu não estou falando com Chris,” Nick gemeu. “Você está errado sobre ele. Quer dizer, você está certo, mas você está errado. É tão bom quando estamos juntos.”

“Mas ele faz você se sentir uma merda quando estão separados,” Mary Jo respondeu.

Ela estava certa. Eles estavam bem. Até Johnny, seu outro colega de quarto e um homem de poucas palavras, disse uma vez sobre Chris: “Parece um idiota”.

Mary Jo e Elle olharam para ele com expectativa.

“Multar! Deus. Alguns drinques para me dar coragem para dizer a ele para se preparar ou se perder.

Elle gritou e aplaudiu como uma criança.

“Agora saia enquanto eu me troco!”



Eram 10:38 e nem uma palavra de Chris.

Nick cumpriu a sugestão de Elle de que ele tomasse alguns drinques: três desde que chegaram pouco depois das nove, embora o primeiro fosse uma dose de tequila. Nick não estava exatamente com vontade de rasgar tiros, mas Elle tinha sido tão doce em vir com ele, e Elle era toda sobre tiros.

A primeira hora passou. Elle os ordenou em uma mesa em frente ao bar, e ela fez Nick sentar de costas para a porta, raciocinando que ela teria toda a sua atenção dessa maneira. Elle era a amiga perfeita para mantê-lo fora de sua própria cabeça, e eles fofocavam levemente sobre seus colegas de quarto e outros amigos em comum para passar o tempo. Quando Nick pressionou a tela do telefone e leu 9:59, ele se preparou para seu plano. Ele diria a Chris como se sentia. Eles estavam fazendo essa coisa de idas e vindas – Nick estava sempre ligado; era Chris que estava vacilante — desde o final do ano passado. Ele era louco por Chris, então por que eles não fizeram isso já, de verdade?

Às 22h03, cada ranger da porta atrás de Nick o embalava com uma onda de adrenalina que caía cada vez que ele esticava a cabeça e não era Chris. Às 10:16, ele começou a sentir raiva.

Eu sou um partido, ele pensou, um maldito partido, então ele precisa agir como tal ou me soltar. Não, ou vou soltá-lo.

Às 22h38, Nick olhou para o telefone umas quarenta vezes. Sem texto, sem Chris. Ele pensou em dizer a Chris para não se incomodar em vir. . . mas mandar mensagens de texto para ele trairia o quanto ele se importava.

“Ok,” Elle disse em voz alta, batendo as palmas das mãos na mesa pegajosa. “Estou chamando. Vou ao banheiro, depois fazemos outra cena e dançamos. E se ele aparecer, eu vou chutá-lo nas bolas e vamos embora.”

Nick sorriu, mas não conseguiu rir. Deus, ele era patético. Por que Chris continuou fazendo isso com ele? E por que Nick o estava deixando? “Apenas vá, estou bem.”

Elle escapou para fora da cabine, então parou sobre ele. “Mais duas doses de tequila,” ela disse, então se virou.

Quando Nick se aproximou do bar, ele sabia que a noite terminaria de duas maneiras. Se tivesse sorte, ele e Elle fechariam o Jimmy's, bebendo e dançando até que os funcionários começassem a colocar os bancos no bar. Se tivesse sorte, a noite seria um sucesso surpresa. O mais provável, porém, era o segundo resultado: Nick daria a chance, dançaria sem entusiasmo com Elle por uma música ou duas, depois se esgueiraria para o banheiro para se olhar no espelho. Ele observava suas feições ficarem pronunciadas e estranhas sob a influência da tequila barata e da iluminação fraca, e tentava discernir o que havia nele que era tão fácil de rejeitar.

O barman depositou as duas doses na frente de Nick.

“Um desses é para mim?”

Nick virou-se para a voz à sua esquerda. O dono da voz estava sentado em uma banqueta. Nick não tinha visto o homem entrar – ele estava vigiando a porta para Chris, e ele não poderia ter perdido um rosto como este. O homem era desconfortavelmente bonito. Ele usava o cabelo mais comprido no topo, então um cacho escuro caía sobre sua testa pálida. Olhos azuis claros, maçãs do rosto salientes, uma camada de pelos faciais. *Putá merda.* Pode ter sido a iluminação, ou os três primeiros drinques, mas esse pode ser o cara mais bonito que já falou com Nick.

"Uh," Nick respirou. O homem esperou com um sorriso malicioso. *Elle vai entender se eu der sua chance, especialmente para um cara que se parece com isso. Na verdade, ela vai levar o crédito, já que ela me mandou aqui em primeiro lugar.*

"Sim", disse Nick. "Sim, eu sempre compro doses para caras *fora* da minha liga, apenas tentando nivelar o campo de jogo."

O homem riu, e Nick se encheu de orgulho. Como ele conseguiu juntar *todas as* palavras estava além dele. Ele deslizou um copo em direção ao belo estranho.

"Tem certeza *que ela* não vai se importar?" O homem acenou com a cabeça na direção do banheiro. Ele deve ter visto Elle.

"Não", disse Nick. "Ela provavelmente nem vai voltar para a cabine - ela vai estar dançando com uma garota que conheceu no banheiro."

O homem moveu o copo em um círculo apertado no bar. "Então vocês dois têm um entendimento."

"Ah, sim", disse Nick. O que o homem queria dizer, Nick não tinha certeza, mas manteve a voz confiante. Ele se sentia inteligente, legal – o oposto de como Chris o fazia se sentir. Como isso era possível quando ele estava conversando com um cara que parecia ter acabado de sair de um trabalho de modelo?

"Eu sou Josh", disse o homem, e levantou o copo.

"Nick", ele respondeu. Ele jogou a cabeça para trás e sentiu a tequila barata descer por sua garganta; tinha gosto de álcool queimado.

"Uau!" Josh exclamou, olhando para Nick como se ele o tivesse envenenado. "Essa pode ser a pior tequila que *já tomei*. Você deve ser um pobre estudante universitário para beber essa merda. Josh se inclinou para frente e tirou a carteira do bolso de trás. "A próxima rodada é por minha conta."

Enquanto observava o belo estranho sinalizar para o barman, Nick percebeu que estava errado. Havia um terceiro resultado possível esta noite.



A luz do sol iluminou o rosto latejante de Nick. Ele começou a rolar, e seu cérebro rodou em seu crânio. Nick ficou parado por um momento, tentando aliviar a sensação, mas em vez disso ela se espalhou. A dor parecia

pulsar em seu pescoço, ombros, abdômen. . . *Oh. Oh meu Deus.* Nick se mexeu e sentiu uma dor quente dentro dele. Não . Não .

Em seu ouvido, a voz de Josh da noite passada: “Você gosta disso?”

Não, *PARE* , pensou, *estou bem, estou bem* . Ele se sentou, a cabeça latejando, e a dor apunhalou sob sua barriga. *Você gosta disso? PARE.*

Ele estava sozinho. Era um quarto de motel, pequeno, bege e fedendo a cigarro.

Ele puxou o edredom fino. Sangue. Havia sangue nos lençóis sob suas coxas.

"Oh meu Deus." Sua voz era um sussurro.

Josh ainda estava lá? Ele ouviu. Não ouviu nada.

"Olá?"

Nada ainda.

"Ok", ele sussurrou. "Você está bem."

E se Josh voltasse?

Um pensamento em sua cabeça, distinto da voz que precisava sussurrar: *Você precisa se levantar. Você precisa sair.*

Nick balançou as pernas para fora da cama e sentiu uma dor aguda e lancinante ao se levantar; ele se ouviu choramingar e se sentiu como uma criança. A sensação entorpeceu em uma queimadura dolorida, e a dor em sua cabeça se anunciou novamente.

Continue andando , a voz disse, *você precisa sair* .

Havia suas roupas no chão, ele pegou sua calça jeans e a vestiu, deixando sua calcinha no tapete. Merda, ele teria sangue em seu jeans. Como ele tiraria sangue de seu jeans? Ele vestiu sua camiseta do avesso e pegou sua jaqueta. Nick podia sentir sua carteira no bolso de trás de sua calça, mas onde estava seu telefone? Ele procurou por ele em sua jaqueta - os bolsos estavam vazios. Ele se ajoelhou, e seu cérebro bateu em seu crânio, gritando para ele não se inclinar tanto para a frente. Lá estava, debaixo da cama. *Agarre-o e vá.* Nick estendeu a mão, fechando a mão no couro macio.

Houve um som na porta atrás dele, e ele gritou, levantando a cabeça e batendo na estrutura da cama.

“Arrumação,” uma voz suave anunciou.

Nick saiu de debaixo da cama e ficou de pé. *Cubra o sangue.* Ele puxou o edredom, virou-se quando a porta se abriu. A mulher magra de preto se assustou e disse: “Oh, desculpe, querida, eles disseram que você saiu”.

"Desculpe", disse Nick.

Ela saiu de seu caminho quando ele passou pela porta.

“Querida”, ela disse, “você esqueceu uma coisa.”

Ele se virou para vê-la apontando para sua cueca no chão. Uma mulher que ele não conhecia estava olhando para sua calcinha. Pedindo para ele pegar. Assumindo - corretamente - que ele não estava usando.

“Desculpe,” ele disse novamente enquanto os pegava e os dobrava em sua jaqueta.

Nick entrou no ar frio da manhã e imediatamente viu um táxi estacionado sob a placa do MOTEL 4 DELUXE na entrada para a Rota 1. Com o casaco na mão, Nick desceu as escadas correndo e atravessou o estacionamento. Sua mente ainda estava presa na governanta. Essa pobre mulher. Ela veria o sangue. Ela teria que tirar a cama. Ou ela... o que ela faria quando visse sangue nos lençóis?

O motorista baixou a janela do passageiro da frente quando Nick se aproximou. Merda. Ele gastou o resto de seu dinheiro no Jimmy's.

Nick agarrou a janela. "Você aceita cartões?"

"Uhhh, sim, eu vou ter que ligar, mas posso pegar um cartão." Os motoristas de táxi quase sempre ficavam aborrecidos com essa pergunta, mas esse homem parecia preocupado. "Entra, garoto."

Nick sentou-se cautelosamente no banco de trás. O sangue. O sangue pode encharcar suas calças, manchar o assento. Ele se sentou em uma mão.

"Você está bem, garoto?" O homem pesado virou-se para ele. Ele era de meia-idade e usava um boné de jornalista.

"O que?"

"Quem fez isso com você?"

Nick sentiu-se corar profundamente, mas não disse nada.

"Seu rosto", disse o homem.

Nick olhou acima do homem pelo espelho retrovisor. Seu reflexo estava errado. Seu lábio estava rachado e havia uma crosta de sangue acima de sua sobrancelha.

Dê seu endereço. "Eleven Spring Street", disse ele. "Por favor."

O motorista olhou para ele por mais um instante e suspirou. "Tudo bem."

A governanta chamaria a polícia quando visse o sangue? O motel tinha o nome dele? *Verifique seu telefone.* Nick pegou seu telefone. A tela estava carregada de textos. Chris havia enviado duas mensagens de texto, pedindo desculpas logo após a meia-noite por ter sido "apanhado" e perguntando, esta manhã, se ele poderia fazer as pazes com Nick. Às 10:59 da noite passada, Ele começou uma mensagem em grupo com seus colegas de quarto anunciando:

NICK COMEÇANDO NO JIMMYS.

Isso foi seguido por uma foto de baixa qualidade de Nick sentado no bar com Josh e uma dúzia de mensagens de Mary Jo e Elle, e uma de Johnny esta manhã perguntando:

Espere, o que eu perdi na noite passada?

A boca de Nick se inundou de saliva.

"Encoste", ele gemeu. O motorista obedeceu, e Nick abriu a porta e se inclinou para fora. O ar fresco e seco tomou conta dele e a vontade de vomitar foi suprimida. Ele respirou fundo algumas vezes. *Pare de pensar nisso.*

Ele se recostou no banco, fechou a porta. "Desculpe."

"Está tudo bem", disse o motorista. "Noite difícil?"

Nick ficou em silêncio, e o homem seguiu em frente.

Quando chegaram à casa, o taxista pegou seu cartão e o chamou. Devolveu-o.

“Você deveria colocar algo frio nesse rosto.”

Se Nick disse “obrigado” em voz alta ou apenas pensou, ele não tinha certeza.

Ele saiu e ficou na calçada em frente à casa, as pernas travadas. Talvez ninguém estivesse em casa para continuar fazendo perguntas. Mas então ele estaria sozinho. *Não há nada certo para esperar*, a voz em sua cabeça disse neutra. *Você só vai ter que entrar*.

Quando ele entrou na entrada, ele ouviu a voz de Elle vindo da cozinha pelo corredor. —Nick, é você?

"Uh, sim", ele respondeu, horrorizado ao descobrir que as lágrimas surgiram ao som de sua voz. Era como se algo dentro dele tivesse se desconectado no motel, e a pergunta dela — *Nick, é que você* — tivesse encaixado a peça de volta no lugar.

"O que aconteceu ontem à noite?" Elle perguntou alegremente quando ela irrompeu no corredor. Seu rosto caiu. "O que aconteceu com o seu rosto?"

Um soluço saiu de sua boca.

“Nick, meu Deus. Nick, o que aconteceu? O quê ele fez pra você? O que ele fez?”

Eles caíram no chão juntos, Elle segurando os lados de seu rosto.

“João! Jhonny!” A voz de Elle soou tensa e histérica.

Em uma onda de caos, Johnny caiu no meio da escada, correu de volta e desceu batendo com as chaves do carro. Elle e Johnny gritaram bobagens um para o outro enquanto levantavam Nick pelas axilas de volta a seus pés. Ele sabia que o estavam levando para o hospital.

II. BAGUNÇA



Essa bagunça era sua,
Agora sua bagunça é minha.
VANCE JOY, "MESS I S MINE"

5

JULIA HALL, 2019

Levei um tempo para ver o quanto o estupro de Nick machucou sua família.

Julia estremeceu com a palavra. Três anos se passaram e o som ainda arranhava seus ouvidos. A detetive Rice parecia não notar que isso a incomodava.

“Nick e a família de seu marido eram um pouco rudes, mas o que você e Tony tinham, isso era sólido.”

Ela se mexeu um pouco na cadeira.

“Você viu isso vindo desde o início? Eu certamente não.”

“Vê o que está por vir?”

“Como seria ruim.”

Júlia balançou a cabeça. Não, ela não tinha.

O detetive segurou o olhar dela por um momento, depois olhou para sua caneca. “Agora, sempre simpatizei com as famílias das vítimas. É uma resposta natural estar perto de pessoas passando por algo trágico, um, e dois, isso fez as pessoas falarem mais comigo, e me contarem mais, viu? Me fez melhor no meu trabalho.”

Julia assentiu, uma pequena carranca se formando.

“Mas no seu caso, bem, eu cruzei uma linha. Simpatizei um pouco mais do que deveria, com tudo o que estava acontecendo, e isso me tornou pouco profissional.”

Julia olhou para ele atentamente agora. Ela encenou cenários intermináveis em preparação para este dia, mas isso não apareceu em nenhum deles. *Onde ele está indo com isso?* Ela sentiu-se inclinar a cabeça enquanto ele prosseguia.

“Do jeito que tudo terminou, comigo e sua família e a situação de Ray Walker, quero dizer. Nunca me senti bem com isso.”

A pele de seu pescoço se arrepiou ao ouvir o nome de Raymond Walker. Ela sabia que iria ouvi-lo hoje, e ela tinha ouvido isso milhares de vezes antes, mas ela ainda não conseguia reprimir sua reação ao ouvir isso falado. Ela mudou seu peso e cruzou a perna direita sobre a esquerda. Um sentimento estava se agitando na boca do estômago: uma emoção tão palpável que quase parecia viva e separada dela – algum monstro irritante que ela finalmente adormeceu anos atrás. No telefonema do detetive Rice na semana passada, o monstro abriu um olho. Agora, com a cabeça erguida, sua cauda balançava em antecipação.

Ela levou a caneca aos lábios e tomou um gole.

6

JOHN RICE, 2015

Rice estava sentado em seu carro olhando suas anotações e a declaração escrita de Nick Hall. Uma xícara fria de Dunkin' estava em seu porta-copos, quase cheia até a borda. Era domingo, fim da manhã. Ele foi entrevistar Julia Hall, leu o depoimento escrito de Nick, entrou em contato com o técnico de provas que processou o quarto do motel, conversou com o promotor público assistente. Ele tinha feito o que podia para dar a Nick algumas horas de sono, mas Rice precisava conduzir uma entrevista gravada antes que muito mais tempo passasse.

Ele folheou as anotações que havia feito quando falou com o policial Merlo e as enfermeiras no dia anterior. Até agora as coisas estavam indo muito bem – sem inconsistências óbvias ou levantando as sobrancelhas na história de Nick. Os casos de sexo muitas vezes se transformavam em uma batalha de ele-disse-ela-disse, ou agressor-disse-vítima-disse, neste caso. Um réu iria separar os vários registros de declarações da vítima (para a polícia, médicos, qualquer um) procurando por inconsistências. Nem sempre era uma técnica eficaz, mas com os fatos certos ou com o advogado de defesa certo, poderia funcionar para forçar um acordo de delação premiada, uma sentença fraca, até mesmo convencer um júri a absolver. Mas então, nada disso importava se Rice não tivesse um réu; ele nem sequer tinha um suspeito.

O garoto foi consistente em vários pontos importantes nas declarações: Nick tomou um total de cinco drinques naquela noite; ele estava confiante de que poderia identificar seu estuprador, “Josh”, se tivesse a chance de vê-lo novamente; Josh tomou duas bebidas que Nick viu; e Nick se lembrava de ter sido atingido na cabeça logo depois de entrarem no quarto do Motel 4 Deluxe. Nick disse que o resto se foi, até que ele acordou no sábado de manhã espancado e sabendo que tinha sido agredido sexualmente.

O lapso de memória de Nick foi um problema. Rice já havia discutido isso com o promotor público assistente que cuidaria do caso. Ela pediu a Rice que voltasse para ele durante sua entrevista com Nick. Certifique-se de que ele não conseguia se lembrar de nada sobre o que aconteceu naquele quarto de motel.

E ele estava bebendo — vítimas bêbadas sempre complicavam esses casos. As pessoas questionavam a capacidade de Nick de lembrar como era o agressor; questionar se ele consentiu por causa de inibições reduzidas. Mas se eles pudessem encontrar “Josh”, o fato de o idiota ter batido tanto em Nick deveria tornar mais fácil provar que esta não era uma situação consensual. Ninguém consentiu em ter seu rosto espancado durante o sexo, não é? A asfixia - isso era uma coisa sexual para algumas pessoas, e Nick havia sido estrangulado. Mas a enfermeira SANE disse a Rice que seu

exame do corpo de Nick apoiaria um caso de não consentimento. E eles tinham provas físicas, lençóis ensanguentados. Felizmente, a faxineira do motel deu uma olhada nos lençóis e disse à gerência, então o quarto estava em grande parte preservado.

Um sedan estacionou no espaço ao lado dele. Era Lisa Johnson, de um centro local de defesa de vítimas. Ele ficou feliz em ouvir de Merlo na noite passada que era Lisa designada para o caso. Todos os defensores eram bons, mas ele já havia trabalhado com Lisa antes, e ela era a favorita dele. Ele ergueu a mão para ela e embaralhou seus papéis de volta no envelope pardo marcado *NH 2/10/15*.

"Você está atrasado", disse Rice enquanto fechava a porta.

Lisa olhou para ele com os olhos arregalados e depois para o telefone. "Estou dois minutos adiantado."

"Sim, mas eu tinha quinze anos", disse ele com um sorriso.

Lisa revirou os olhos para ele e sorriu largamente. "Você é ruim, sempre tentando me fazer pensar *que* sou ruim!"

Rice levou Lisa ao quarto de Nick na UBS. Ela não tinha visto Nick desde que ele veio do pronto-socorro na noite anterior. Nick e seu irmão estavam assistindo TV com a porta aberta. De frente para a porta juntos, havia uma forte semelhança na testa, boca e ombros desses dois homens, e Rice imaginou que ele poderia imaginar como o pai deles poderia ser também. Lisa cumprimentou Nick e se apresentou a Tony.

Tony estava convencido a sair com bastante facilidade, deixando os profissionais sozinhos com Nick.

"Mais limpo assim" era tudo o que Rice tinha a dizer. Como sua esposa era advogada de defesa, talvez Tony entendesse por quê. De alguma forma, Rice não conseguia ver a doce expressão de Julia interrogando uma vítima sobre se ela estava com vergonha de contar a verdade sobre um crime sexual na frente de um membro da família, então talvez não.

Nick estava descansando em cima de sua cama de moletom e camiseta. Ele desligou a TV e recostou-se nos travesseiros, de repente parecendo pálido.

"Desculpe ter que pedir para você falar sobre isso de novo, Nick," Rice disse enquanto puxava uma cadeira para a cabeceira. "Esta deve ser a última das entrevistas por um tempo."

"Está tudo bem," Nick disse calmamente.

"Eu só preciso obter uma declaração completa de você enquanto sua memória ainda está boa; pode desaparecer com o tempo, então devemos obter os detalhes agora."

Nick assentiu.

Rice pegou seu gravador e o colocou no braço fino de sua cadeira. Se eles pudessem fazer isso na estação, a entrevista teria sido gravada em vídeo, mas com o garoto na UBS pelos próximos dois dias, Rice não quis esperar.

Rice fez Nick contar sua história, começando com quando ele acordou na sexta-feira de manhã. Nick preencheu os detalhes daquele dia que até então não haviam sido discutidos: café da manhã em casa, aula de inglês para negócios, lição de casa e almoço no apartamento, aula de Economia 101, depois em casa novamente pelo resto da tarde e início da noite.

Quando Nick entrou na parte que Rice já sabia, ele foi consistente com sua declaração escrita e a versão mais curta que disse a Merlo quando chegou ao hospital. Nick havia planejado encontrar um cara chamado Chris Gosling no Jimmy's Pub. Sua colega de quarto Elle Nguyen foi ao bar com ele, e Chris nunca apareceu. Em vez disso, Nick conheceu Josh. Depois de algum tempo no bar, eles pegaram um táxi para o Motel 4 Deluxe, onde Josh estava hospedado. Eles entraram no quarto do motel e Nick sentiu uma pancada na nuca. Fade to black até de manhã.

"Ok," Rice respirou enquanto ele se movia para cruzar as pernas. "Obrigado, Nick. Você precisa de alguma coisa antes que eu faça algumas perguntas sobre sua história?"

"Pausa no banheiro? Água?" Lisa falou pela primeira vez em cerca de vinte minutos.

"Não." O garoto queria acabar com isso, isso era certo.

"Ok", disse Rice enquanto voltava em suas anotações. "Primeiro, vamos voltar para o bar com Josh. Ele nunca lhe deu um sobrenome?"

Nick balançou a cabeça.

"Você poderia dizer sim ou não em voz alta?" Rice apontou para o gravador.

"Desculpe, não. Sem sobrenome. Apenas Josh."

"Você consegue se lembrar de alguma coisa que ele disse sobre si mesmo?"

Nick ficou quieto por um tempo e disse: "Ele realmente não falava sobre si mesmo, mas parecia meio rico, talvez um cara de negócios ou algo assim".

"Há quanto tempo vocês estão juntos no bar?"

"Bem, se eu pudesse usar meu telefone, poderia lhe dar mais detalhes."

"Por todos os meios!" Esta foi uma boa notícia. Qualquer coisa com um carimbo de data/hora seria útil.

Nick tirou um smartphone preto debaixo das cobertas da cama. Essas crianças nunca estavam a mais de quinze centímetros de seus dispositivos; provavelmente daria a todos câncer aos cinquenta.

"Primeiro, eu sei que ainda não eram onze horas quando fui até o bar para pegar duas doses para mim e Elle. Eu estava olhando muito para o meu telefone esperando para ver se Chris iria aparecer. Ele deveria estar lá às dez. Já passava das dez e meia, mas ainda não eram onze.

"Bom", Rice calmamente pediu.

"E Josh começou a falar comigo, tipo, um minuto depois de eu estar no bar. Ele pode ter acabado de chegar lá, mas não tenho certeza sobre isso. E ainda estávamos conversando às onze e quarenta e dois, já que Elle me

disse que enviou isso bem quando o pegou. Ele virou o telefone para Rice para revelar uma foto de dois homens em um bar.

"Espere, é você e ele?"

"Sim", disse Nick, um *Duh tácito?* pairando no *h prolongado* .

Rice pegou o telefone na mão. "Você tem uma *foto* dele."

"Sim, eu disse isso ao policial ontem à noite. Ele disse que vocês pegariam isso de mim."

Porra, porra. Rice ia repreender Merlo assim que visse aquele idiota na delegacia. E se algo tivesse acontecido com a foto? E se o garoto não tivesse tocado no assunto de novo?

"Você pode me enviar esta foto por e-mail neste exato segundo?"

Nick ergueu as sobrancelhas, surpreso. "Sim claro."

A frequência cardíaca de Rice começou a diminuir quando o e-mail de Nick carregou em seu telefone. Ele encaminhou para o administrador com a diretiva:

IMPRIMIR.

Quando ele olhou para cima, Lisa estava olhando para ele com os olhos arregalados e um sorriso apertado.

"Bem, tudo bem," Rice respirou. "Então temos uma foto."

"Sim, está um pouco escuro e distante, mas ele é o que está mais de frente para a câmera, e eu sou o que está de costas. Ele pegou perto da pista de dança.

Rice estudou a foto com mais atenção. A iluminação não era boa, mas os números eram claros: dois homens em um bar, um de frente para a câmera, o outro de costas. Rice deu um zoom no rosto. Josh, se esse fosse seu nome verdadeiro, parecia com o que Nick o havia descrito: caucasiano com feições escuras; mais velho que Nick.

"Então, em algum momento entre dez e meia e onze você se encontra, e às onze e quarenta e dois você ainda está no bar, e ele não lhe disse onde morava, o que ele fez?"

"Não." Nick parecia cabisbaixo.

"Nick, eu não estou culpando você. Meu ponto é, bem, ele fez você falar sobre si mesmo?"

Nick assentiu. "Ele queria saber tudo sobre mim."

Rice deu uma longa olhada no rosto de Nick. Seus cortes pareciam mais feios hoje, mais escuros, e seus hematomas estavam piores. Havia linhas roxas no lado esquerdo de seu pescoço agora. Nick só se lembrava de um golpe na cabeça, mas tinha sido atingido várias vezes e sufocado. Um homem não soltava um estranho assim uma vez sem ter feito algo parecido antes. E ele provavelmente faria isso de novo.

Nick havia dito mais cedo que Josh perguntou se Ele se importaria de Nick falar com ele. Nick parecia pensar que Josh queria perguntar se o amigo de Nick ficaria bravo por ser dispensado por uma conexão. Rice tinha outras suspeitas. Esse Josh — ele achava que Ele era uma barba, uma namorada falsa. E ele perguntou a Nick se ele já havia "feito isso" antes.

Talvez ele não quis dizer ir para casa com um estranho. Talvez ele quis dizer sexo com um homem.

Josh pensou que Nick estava no armário. Talvez ele já tivesse feito isso antes, com homens que não queriam se expor denunciando a agressão.

"Você precisa de uma pausa?" Lisa perguntou suavemente.

Nick balançou a cabeça.

"Ele acabou de comprar uma bebida para você?"

Os olhos de Nick mudaram de Lisa de volta para Rice. "Sim."

Rice olhou para seu bloco de notas. "Então você tomou uma dose de tequila quando chegou lá por volta das nove, dois uísques de gengibre entre nove e dez e meia, outra dose de tequila, desta vez sentado no bar com o homem, e então ele pediu para você um antiquado?"

"Sim."

"Então, se você o conheceu por volta das dez e meia ou onze, quão rápido você tomou aquela última bebida?"

"Eu não sei. Eu estava meio que ordenhando, porque era nojento".

Rice e Lisa riram.

Nick sorriu. "Eu nunca tive um antes. Mas eu bebi tudo. Eu queria parecer, sabe. Como se eu bebesse bebidas de verdade."

"Você terminou antes de sair?"

"Sim."

"Quando foi isso?"

Nick voltou a olhar para o telefone. "Às doze e dezessete, Elle manda uma mensagem para o bate-papo em grupo que acabei de deixar com ele."

Rice fez um círculo triplo no nome de Elle Nguyen em seu bloco de notas. Megan O'Malley, outra detetive em seu escritório, estava entrevistando Nguyen, junto com a outra colega de quarto que levou Nick ao hospital. Um Johnny Maserati. Nome ridículo. Rice ligaria para O'Malley do carro e acompanharia.

"Você diria que estava bêbado?"

"É ruim se eu fosse?"

Sim, pensou Rice. "Só estou tentando entender como você estava se sentindo quando foi embora."

Nick assentiu lentamente. "Bêbado. Não, tipo, desleixado."

"OK."

"Mais justo. . . bêbado, eu acho."

"Mas você não desmaiou, ou desmaiou, ou algo assim?"

"Não", disse Nick. "Não, eu me lembro de tudo até ele me bater."

Foi útil saber do que Nick conseguia se lembrar do início da noite, mas, na opinião de Rice, isso não significava que o álcool não tivesse contribuído para o lapso de memória que ele estava sofrendo. Talvez a pancada na cabeça tenha causado uma lesão que se conjugasse com os efeitos do álcool. Se conseguissem o suficiente para entregar o caso à promotoria, o estado precisaria encontrar um especialista.

"Tudo bem", disse Rice. "Quem perguntou a quem deixar?"

"Ele perguntou-me. E ele me perguntou se eu já tinha tido um caso de uma noite antes.

"Ele fez?"

"Sim." Nick olhou para o lado como se estivesse se lembrando. "Ele perguntou se eu já tinha feito isso antes. Mas acho que ele quis dizer ficar com alguém que eu não conhecia.

Ou talvez ele estivesse perguntando se Nick já tinha feito sexo com um homem antes. Este "Josh", ele estava escolhendo cuidadosamente quem ele trouxe de volta para seu quarto.

"Tudo bem", disse Rice. "Então você saiu às doze e dezessete e pegou um táxi para o Motel 4 Deluxe?"

"Certo. Ele pagou o táxi com dinheiro. Isso me lembra, porém, que perguntei a ele sobre o Motel 4, porque sério? E ele disse algo sobre sua empresa pagar por isso e eles são todos sobre o resultado final. Como se fosse por isso que ele estava em um motel de merda.

"Então ele fez parecer que ele era de fora da cidade?"

Nick assentiu. Rice apontou para o gravador e Nick disse: "Desculpe, sim".

— Você perguntou a ele por que ele estava na cidade?

"Ele só disse negócios." Nick fez uma pausa e corou. "Ele disse que realmente não queria falar de negócios esta noite." Os olhos do garoto começaram a se encher de lágrimas quando ele deu de ombros.

Lisa passou-lhe uma caixa de lenços de papel, sussurrando: "Isso não foi culpa sua".

Certa vez, alguns anos atrás, durante uma entrevista com uma vítima de estupro, o advogado da vítima disse algo assim quando a vítima começou a chorar. Depois, Rice disse à advogada, uma mulher baixinha e quieta, que ela realmente não deveria dizer coisas assim durante as entrevistas gravadas – não queria que um advogado de defesa os chamasse de tendenciosos ou dissesse que eles estavam reforçando a versão dos eventos da vítima. A mulher olhou para ele incrédula e parecia aumentar de tamanho ao dizer: "Eu entendo que você está construindo seu caso, detetive, mas uma vez que isso acabou para você, não acabou para ela, então se eu vir um sobrevivente lutando com sentimentos de culpa, vou dizer a ela que não é culpa dela." Rice tinha ficado sem chão, e ele nunca mais reclamou de nada que um defensor da vítima tenha feito novamente.

Nick enxugou os olhos, assoou o nariz e voltou a olhar para Rice. Ele queria continuar. Garoto duro.

"Você pode me ajudar a entrar na sala mais uma vez? Vá mais devagar."

"Não há muito mais lento para ir. Fomos até a porta, Josh já tinha um cartão-chave. Ele abriu a porta; entramos. Fechei a porta e senti que ele me deu um tapa na cabeça. Nick deu de ombros. "Isso é tudo que eu lembro."

"O que estava acontecendo enquanto você caminhava até o quarto? Alguma coisa entre vocês dois?"

"Eu estava indo lá para ficar com ele, se é isso que você quer dizer."

"Não, bem, quero dizer, você estava de mãos dadas, conversando, uh, beijando, qualquer coisa?" Rice esperava que sua hesitação tivesse passado despercebida. Ele sabia que as pessoas eram gays, era uma coisa, estava tudo bem, não era da sua conta, mas ele tinha dificuldade em fazer as perguntas mais íntimas.

"Começamos a nos beijar durante a corrida de táxi", disse Nick, "e ele pegou minha mão enquanto caminhávamos para o quarto". Ele fez uma pausa. "Nós nos beijamos do lado de fora da porta antes de entrarmos. . . Achei que éramos, tipo, realmente compatíveis, acho que estou dizendo. Eu não sei porque ele. . ." Nick deu de ombros e respirou fundo.

"Qual, ah, era o plano quando você entrou?"

Nick parecia confuso. "Plano?"

— O que você queria fazer com ele?

Nick baixou o olhar para o lenço em seu colo. "Apenas ligue, eu acho."

"Mas o que isso significa para você?"

Os olhos de Nick endureceram. "Eu não tinha um plano", disse ele. "Eu ia levar uma coisa de cada vez. Eu não sabia que precisava de um plano."

"Eu não quero dizer que você fez, eu só tinha que perguntar." O pescoço de Rice corou com o calor que coçava. "Eu não estou culpando você."

Nick olhou para ele. "Eu sei."

"Você viu o que ele costumava bater em você?"

Nick balançou a cabeça. "Eu estava olhando para o outro lado. E ainda estava escuro no quarto. Aconteceu tão rápido."

"E é isso? Você não se lembra de mais nada?"

"Eu não sei o que mais você quer."

"Quero encontrar esse cara e, quando o encontrarmos, quero pegá-lo. Pode ser a sua palavra contra a dele. Se você se lembrar de coisas mais tarde, tudo bem, mas sempre parece um pouco . . ."

Nick baixou o olhar de volta para seu colo.

"Quanto mais cedo você nos der informações, mais crível parece. Isso faz sentido?"

Nick olhou para seu colo e assentiu, puxando o lenço de papel em pedaços úmidos.

"Então, nada mais?"

Nick balançou a cabeça.

"Você, ah, se limpou no motel?"

"Acabei de me vestir e fui embora."

"Tudo bem", disse Rice. O técnico de provas encontrou uma toalha suja no banheiro. Se Nick não o tivesse usado, talvez Josh o tivesse. Se tivessem sorte, isso lhes daria seu DNA.

Rice fez algumas perguntas a Nick sobre a manhã seguinte, depois desligou o gravador. Antes de sair, ele pediu a Nick que entregasse seu telefone e assinasse um formulário de consentimento para que pudessem extrair os dados dele, e outro para seus registros médicos.

"Obrigado pelo seu tempo, Nick. Eu sei que isso foi difícil."

Nick deu de ombros como se não tivesse sido nada, mas seus olhos estavam cansados.

Rice enfiou a cabeça para o corredor. Uma enfermeira lhe disse que a esposa de Tony tinha aparecido e eles foram para o refeitório.

“Vou parar no café ao sair”, disse Rice a Nick. “Envie-os de volta para você.”

"Vou esperar com você", disse Lisa.

Nick parecia exausto, mas se não a queria ali, era educado demais para dizer isso.

NICK HALL, 2015

detetive Rice saiu, Nick e Lisa ficaram quietos por um momento.

Nick entendia agora por que as pessoas chamavam isso de “dar” uma declaração. Com suas palavras, ele deu sua energia. Ele se deitou nos travesseiros atrás dele, olhando para a camiseta emprestada e a calça de moletom que o Dr. Lamba lhe dera. Suas pálpebras estavam pesadas.

"Tudo bem", disse Lisa. "Vou perguntar apenas uma vez, mas devo: como você está se sentindo?"

Vindo de qualquer outra pessoa, a pergunta o teria incomodado. Pode até tê-lo enfurecido. Mas de Lisa, era genuíno. Ela sabia que ele não estava bem, e ela não esperava que ele fingisse que estava. Ao mesmo tempo, ela não olhava para ele como todo mundo olhava, como se sua vida tivesse acabado. Para Lisa, tudo isso — entrevistas com a polícia, leitos hospitalares e *estupro* — era apenas algo que acontecia às vezes.

Nick gostava de Lisa. Ele queria lhe dar a verdade, mas ele procurou e não sentiu nada. "Eu não sei", disse ele.

Lisa não disse nada, o que o levou a tentar novamente.

"Eu continuo dizendo que estou bem. Quase me *sinto* bem. Como nada." Em seu colo, Nick enrolou os pedaços de tecido em uma bola. Durante o exame da enfermeira no pronto-socorro, ele sentiu como se não estivesse lá. Não era seu corpo que ela estava olhando. Não era ele que ela estava fotografando, nu em uma sala iluminada. "Por que me sinto tão pouco?"

"Seu corpo, sua mente, eles estão protegendo você. É a sua maneira de facilitar o conhecimento do que aconteceu. Não há nada de errado com você."

Isso foi bom. Nada de errado com ele.

Essa era a outra coisa que ele gostava em Lisa. Nem uma vez ele viu nos olhos dela o que tinha visto tantas vezes nos últimos dois dias: vergonha de segunda mão ao ver um homem que foi estuprado. Ele tinha visto nos olhos do policial e do detetive. Ele tinha visto quando chegaram ao pronto-socorro, na recepção. A mulher perguntou por que eles estavam ali.

"Acho que fui agredido sexualmente", disse Nick.

Seu rosto ficou surpreso. Seus olhos foram para Elle e de volta para Nick. "Você foi abusada sexualmente?" ela perguntou. Implícita estava a pergunta: *Você quis dizer que ela era?*

Para Lisa, nada estava errado com Nick.

"A próxima parte será ruim, certo?" No dia anterior, Lisa e as enfermeiras haviam entregado a Nick panfletos e uma pasta de informações especialmente feita para sobreviventes de estupro. Eventualmente, o

congelamento profundo que ele sentia agora iria derreter. Em vez de seu eu normal, porém, essas páginas diziam que ele poderia estar deprimido, culpado, insone, suicida.

"Talvez", disse Lisa. "É realmente um pouco diferente para todos. Dr. Lamba me disse que você vai ver Jeff Thibeault quando sair.

O terapeuta. "Sim", disse Nick.

"Jeff é um homem maravilhoso." O rosto largo de Lisa se abriu em um sorriso agradável, como se ela conhecesse Jeff bem. "Acho que você vai gostar dele. E se você não fizer isso, você encontra outra pessoa. Você escolhe quem está no seu time. Você decide."

Nick assentiu. Isso seria bom: estar no controle. Ele não se sentia no controle desde... bem, desde que saiu do bar com Josh. Elle e Johnny o levaram para o hospital. Ele se lembrava deles falando sobre sua cabeça, Elle dizendo que eles tinham que ir ao hospital, Johnny perguntando se eles deveriam ir à polícia em vez disso.

"Ele está ferido," Elle continuou dizendo. "Ele está ferido."

Quando viu Elle no apartamento, uma represa se rompeu e ele chorou muito para falar. Muito difícil dizer, *sim, leve-me ao hospital; não, não chame a polícia*. Elle ligou para o 9-1-1 no carro a caminho. E então, de repente, as lágrimas pararam. Ele podia falar de novo, mas ela já tinha chamado a polícia, já disse a eles o nome de Nick, o hospital para o qual eles estavam dirigindo. Então Nick ficou calmo novamente. Ele ficou calmo e fez um plano.

"Seu irmão te ama muito", disse Lisa.

Nick assentiu. "Sim."

Tony estar tão chateado tinha sido o pior momento até agora, pior do que cada humilhação que ele sentiu ao ver a governanta e saber que ela encontraria seu sangue nos lençóis; pior do que o exame de duas horas; pior do que falar com a enfermeira, o oficial e o detetive, um após o outro. Nick sentiu dor, dor real em seu peito, quando eles se libertaram daquele primeiro abraço e ele viu que Tony estava chorando.

"Quantos anos tem o seu irmão?"

"Uh, vinte mais dezessete é trinta e sete."

"Dezessete anos de diferença!"

Nick deu sua explicação normal de duas palavras: "Mães diferentes".

Lisa inclinou a cabeça. "Onde está sua mãe agora?"

"Ela, ah, não é boa com esse tipo de coisa." Como ele poderia explicar? Não valeu a pena o esforço. "Ela fica chateada. Seria difícil."

Lisa assentiu. Seus olhos estavam curiosos, mas ela não se intrometeu.

"Tony cuida bem de mim", disse Nick, mas ele estava vendendo pouco. Tony estava mais do que bem cuidando de Nick; ele vinha fazendo isso a vida inteira de Nick. Eles não eram como nenhum dos outros pares de irmãos que Nick conhecia. Eles não lutaram. Eles nunca competiram por comida, brinquedos, atenção, nada disso. Eles não cresceram juntos: Tony cresceu sem Nick. Tony era um adulto em todas as lembranças que Nick

tinha dele. Ele era quase como um pai extra. Lembrou-se de Tony comprando coisas para ele — casquinhas de sorvete e bonecos de ação. Lembrou-se de Tony levando -o ao parquinho perto da casa de Nick. Ele se lembrava deles jogando, tantos jogos, mas não como iguais. Ele sempre foi o garoto, e Tony o cara legal que Nick queria ser.

Lisa se mexeu na cadeira. "Você tem perguntas para mim, enquanto estou aqui?"

"Quais são as chances de encontrá-lo?"

Lisa balançou a cabeça. "Não sei."

Por alguma razão, desde que Nick conseguiu entrar em segurança no táxi do lado de fora do motel na manhã de sábado, não lhe ocorreu que poderia ver Josh novamente. Mesmo depois do exame, dos cotonetes, das perguntas, da foto que ele disse ao policial que tinha. Ele sabia que Ele tinha chamado a polícia. A polícia estava lá para resolver crimes — resolver crimes significava encontrar o bandido.

Eles tinham uma foto de merda de Josh. Se o nome dele fosse Josh. Eles tinham o que conseguiram do corpo de Nick ontem. Então talvez eles tivessem o DNA de Josh, mas talvez não. Talvez eles não o encontrassem. Talvez, depois de algum tempo, a polícia desistisse, e talvez um dia Nick acordasse e não se lembrasse de nada.

T O N Y H A L L, 2015

que o sabor da comida do hospital mudou dependendo do motivo pelo qual você estava no hospital em primeiro lugar. Essa verdade óbvia não ocorreu a Tony nas duas primeiras vezes que comeu em um hospital: primeiro, depois que Julia deu à luz Chloe, e novamente depois de Sebastian. Em nenhuma ocasião a comida tinha sido *boa* em qualquer extensão da palavra. Mas qualquer coisa, qualquer coisa, teria um gosto bom naqueles dias. Sanduíches úmidos, café fraco, copos de pudim embalados. Todos haviam saciado sua necessidade de comer alguma coisa, qualquer coisa, para que ele pudesse voltar para seu novo bebê, sua esposa, sua excitação.

Hoje, ele preferiria jejuar. Quando Julia apareceu para ver Nick, o detetive o estava entrevistando, então ela começou a falar com Tony, incomodando-o para comer alguma coisa. *Reclamar* não era justo, ela sabia o quanto ele estava chateado. Sabia que ele não teria comido. Então eles foram para o refeitório, e Tony escolheu a coisa mais sem graça disponível: presunto e queijo no pão branco. A cada mordida que dava, o pão macio grudava no céu da boca. Comer parecia errado, tão errado que ele sentiu as cócegas em seu reflexo de vômito.

Eles se sentaram juntos em silêncio, Tony trabalhando em seu sanduíche, Julia tomando café.

Quando Tony ergueu os olhos, a detetive Rice estava atravessando o refeitório.

"Estamos prontos", disse o detetive. "Obrigado por sair por tanto tempo."

Tony assentiu. A mordida que ele tinha acabado de dar estava no fundo de sua boca, resistindo à descida.

"Não foi problema," Julia disse para ele. "Isso me deu a chance de fazê-lo comer alguma coisa."

"O que você conseguiu?"

Tony tomou um gole de seu copo de isopor. O café levou o pedaço de sanduíche com ele. — Presunto — disse Tony.

"Já tive." Arroz assentiu. "Nada bom."

Júlia riu. Tony pigarreou e empurrou o prato sobre a mesa.

"Ei, Nick foi ótimo hoje. Uma das partes difíceis está atrás dele agora."

Tony assentiu. Bom ter acabado. O detetive estava lá com ele há horas.

"Quanto tempo até o kit de agressão sexual voltar?" Júlia perguntou. Tony se perguntou se ela havia contado ao detetive que costumava ser advogada de defesa. Ela sabia mais do que a maioria das pessoas sobre o mundo em que Nick estava entrando. Ele agarrou a mão dela e a apertou, grato por tê-la.

“Sem promessas”, disse Rice, “mas provavelmente cerca de um mês.”

“Ah,” ela disse. “Achei que demoraria mais.”

Tony ficou surpreso. Um mês parecia muito tempo para esperar.

“Não”, disse Rice. “Normalmente não. Nosso laboratório criminal normalmente os transforma bem rápido. Como Nick está disposto a processar e não sabemos quem fez isso, já enviamos o kit para Augusta. Ele hesitou. Havia algo que ele não estava dizendo. “Não sabemos se o kit será de muita utilidade, sabe?”

Em sua visão periférica, Tony viu Julia assentir.

Tony não sabia o que isso significava. Antes que ele pudesse pedir uma explicação, o detetive falou. “Mas, ei, Nick me deu uma pista.”

O estômago de Tony vibrou. “Ele fez?”

Arroz assentiu. “Sim, quero dizer, sem garantias. Mas ele tem uma foto do cara.”

“Oh meu Deus”, disse Julia. Eles trocaram um olhar. Havia excitação em seus olhos. Uma foto. Uma foto era boa.

“Então agora,” Rice disse, “nós compartilhamos o rosto do bastardo. Veja se alguém o conhece.”



Quando o detetive Rice saiu, ele levou o silêncio deles com ele.

Julia virou o corpo para Tony. “Você sabia que havia uma foto?”

“Não”, disse ele.

“Nem eu. Aquilo é enorme.”

“O que ele quis dizer sobre o kit não ser útil?”

“Ah”, disse Júlia. Ela pousou o café. “Acho que ele quer dizer que pode não haver DNA no kit. A esperança é que eles tenham o DNA do cara. De Nick.”

“Eu entendo”, disse Tony. Isso foi o suficiente. Ele não queria pensar nisso. “Então, se isso levar um mês. . .”

“Eu sei”, disse ela. “Tudo vai levar muito tempo.”

“Se eles o encontrarem, o que vem a seguir?”

Julia pegou seu café novamente. “Acho que depende. Eles podem prendê-lo imediatamente, podem esperar até indiciá-lo, com um grande júri. Não sei como eles tomam suas decisões — acho que cada departamento faz isso do seu jeito. Eu nunca tive um caso de sexo em Salisbury.”

Tony franziu a testa. “Um caso de sexo?”

“Oh.” Ela estremeceu. “É assim que as pessoas os chamavam. Às vezes. Refiro-me a um caso de agressão sexual.” Ela fez uma pausa. “Eu sinto Muito.”

Tony voltou os olhos para seu sanduíche. Doeu, ouvi-la dizer algo assim. As palavras pareciam insensíveis e grosseiras.

“É apenas um atalho para um caso que envolve um crime sexual”, disse ela. “Eu sei que o que aconteceu com Nick não foi sexo.”

Quando Julia era advogada de defesa, ela falava sobre muitos de seus casos em linhas gerais, mas ele não conseguia se lembrar dela falando sobre nenhum que envolvesse agressão sexual.

"Então você já teve um antes nas cidades que você cobriu?"

"Nada especificamente como isso", disse ela.

"Mas casos de agressão sexual?"

Ela hesitou. "Sim."

Ela não tinha falado sobre esses casos em casa. Talvez ela estivesse envergonhada. Ele nunca tinha pensado nisso antes, mas o pensamento de Julia defendendo estupradores. . . foi desanimador, para dizer o mínimo.

Não que ela tivesse muita escolha sobre os casos que ela pegou. Não era assim que funcionava. Ela tinha sido uma advogada nomeada pelo tribunal, paga pelo estado para defender pessoas que eram pobres o suficiente para se qualificarem para um advogado gratuito. Principalmente ela falava sobre seus clientes juvenis – adolescentes que tinham sido acusados de crimes – mas ele sabia que ela defendia criminosos adultos também. Depois, havia os pais nos casos de proteção à criança. . . pais que haviam abusado ou negligenciado tanto seus filhos que o estado interveio. Ele sabia que ela ajudava aquelas pessoas, mas não conseguia entender como ela poderia enfrentá-los, por que ela fazia esse tipo de trabalho. Então, ela não falou sobre isso. Ela e Tony se davam melhor quando ambos fingiam que não fazia parte do trabalho dela.

Talvez ela não tivesse vergonha de defender estupradores. Talvez ela simplesmente não tivesse confiado em Tony para não julgá-la por isso.

E talvez ela estivesse certa. Que ela pudesse olhar essas pessoas nos olhos e tratá-las como se fossem qualquer outra pessoa, independentemente do que fossem acusadas. . . ele poderia tê-la julgado por isso antes. Poderia tê-la julgado agora, em sua mente um momento atrás. Mas ele teve sorte, ele percebeu. Que sorte ter uma esposa que era calma em face da escuridão.

"Quão ruim vai ser?" ele perguntou.

"Para Nick?"

Tony assentiu.

Ela olhou para ele como se estivesse pesando quanta verdade ele poderia lidar. "Honestamente", ela disse, "acho que vai ser uma droga."

JULIA H ALL, 2015

A casa estava pronta para a chegada de Nick. Seb estava pronto para dormir no quarto de Chloe. Havia lençóis limpos na cama de Seb para Nick. Tony e Julia até compraram alguns dos lanches favoritos de Nick a caminho do hospital. Tudo o que restava era assistir a uma reunião de dispensa com Ron e Jeannie.

Sempre que alguém saía da estrutura e segurança da internação, era importante fazer uma reunião onde o paciente e sua equipe traçassem um plano para o que viria a seguir. Julia já havia participado de reuniões antes, mas sempre como advogada de alguém. A reunião de Nick parecia diferente.

Estava acontecendo em uma pequena sala de conferências na unidade de saúde comportamental. Enquanto todos se sentavam ao redor da mesa estéril, o Dr. Lamba contou aos Halls sobre o plano de tratamento de Nick.

"Nós o conectamos com um terapeuta a cerca de dez minutos do campus", disse ela. "Será fácil para ele pegar uma carona até lá quando ele finalmente se mudar para casa."

Jeannie virou-se para o filho com os olhos arregalados. "Você vai ficar com a gente primeiro?"

"Ele não tem escola?" A pergunta de Ron pegou Julia desprevenida. Até aquele momento, ele parecia estar em outro planeta, olhando para o centro da mesa com olhos vidrados. O subtexto de sua pergunta era claro: ele não queria que seu filho voltasse para casa com eles. A julgar pelo cheiro de pão de cerveja exalando dele, ele não estava lidando bem com a notícia do ataque de Nick.

"Meus professores disseram que posso levar algum tempo", disse Nick. "Eu vou descobrir isso enquanto eu for."

"Mamãe pode levar você para a escola", disse Jeannie com uma pitada de voz de bebê.

Julia olhou para a Dra. Lamba, esperando que ela desse a notícia de que Nick já havia decidido ficar em Orange.

"A casa de Tony é muito mais próxima da escola e de seu novo terapeuta", disse Lamba.

E ao contrário da sua casa, pensou Julia, é emocionalmente estável.

Jeannie virou-se para Julia. "Mas você tem as crianças."

"Eles estão animados para que seu tio Nick fique conosco", disse Julia.

"Então você sabia."

Julia sentiu-se corar. "Ontem nós conversamos—"

"Certo", disse Jeannie. "Ontem. Veja, nós não sabíamos ontem." Ela fez um gesto para si mesma e para Ron. "Temos uma pequena reunião quando ele sai da porta do *hospital*. Estou aqui desde sábado, recebemos a ligação

na segunda-feira.” Ela se virou para o Dr. Lamba agora. “E eu sei, 'ele é um adulto, ele toma suas próprias decisões', mas ocorreu a você que ele ainda é uma criança mentalmente?”

Tony interrompeu. — Do que você está *falando* ?

"Nem mesmo com idade suficiente para beber", disse Jeannie. “Não é um adulto aos olhos da lei.”

“Mas ele é”, disse o Dr. Lamba. Seu rosto estava calmo, mas uma dureza havia se acentuado em sua voz.

“Vocês estão todos sentados aqui”, disse Jeannie, “fingindo que somos um pequeno time, pensando que somos estúpidos demais para perceber que todos vocês tomaram as decisões por ele sem nós.”

“Estou tomando as decisões.” Nick falou tão alto que Julia se assustou.

Jeannie fechou a boca.

Nick olhou para sua mãe com uma carranca miserável. Mesmo no terceiro dia de vê-lo com aqueles hematomas, sua aparência era chocante. Era o que sua imaginação fazia com as marcas. Punhos esmurraram seu rosto. Mãos apertaram sua garganta.

Nick baixou a voz. “Eu estou tomando as decisões, e eu não queria te contar ainda. Foi demais.”

Os olhos de Jeannie se derramaram. Ela tirou um lenço de sua bolsa.

Baixinho, Ron disse: "Quem você acha que colocou essa ideia na cabeça dele?"

Julia sabia que Tony morderia a isca, mas mesmo assim colocou a mão na coxa dele, esperando que ele deixasse passar.

"A sério?"

"Você aparece em seu cavalo alto como sempre faz, diga a ele que ele não precisa de nós"

“Você *gostaria* que eu dissesse a ele; ele sabe que não precisa de você.

“Pare com isso, Tony!” Nick gemeu e empurrou a cadeira para trás. "Eu não posso respirar aqui, porra." Ele se virou para o Dr. Lamba. “Temos que fazer isso?”

"Não", ela disse, "se não for útil."

A sala estava silenciosa e, com qualquer outro grupo, Julia poderia ter pensado que as pessoas estavam pensando se poderiam se comportar e terminar a reunião. Mas não com esta tripulação. Ela sabia que a saída clássica de Jeannie estava se formando.

"Tudo bem", disse Jeannie. “Nós vamos, então.” Ela empurrou a cadeira para trás e se levantou. “Corte da vida dele como todos vocês queriam, até que ele seja forte o suficiente para pensar por si mesmo.” Lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto ela se movia para a porta.

“Eu nunca vou te perdoar,” ela disse, talvez para todos eles. “Eu nunca vou esquecer isso enquanto eu viver. Não importa o quanto você tente fingir que não foi assim, eu nunca vou esquecer, nunca vou perdoar.”

Jeannie abriu a porta e saiu.

Ron parou na porta e disse em voz alta, “Típico,” então a seguiu para fora.

Ninguém falou por um momento.

"E é por *isso* que eu fiz você ligar para Tony", disse Nick ao Dr. Lamba. Ele queria que fosse forte, e todos riram com força, mas Julia sentiu vontade de chorar.

Nick merecia coisa melhor. Ele merecia ser encasulado no amor, dito que nada era culpa dele, prometido que seria mantido seguro. Em vez disso, ele tinha Ron e Jeannie.

E Tony. Ele também tinha Tony.

10

JOHN RICE, 2019

A descida foi rápida após sua aposentadoria. Quase da noite para o dia, John Rice se tornou um velho, todo bem vestido e sem lugar para ir, apenas esperando a chegada dos jovens — sua filha, seus netos, e hoje tinha sido Julia. Ele perambulou pela casa que já havia limpadado, suéter enfiado, cinto apoiado nos quadris, endireitando porta-retratos e esperando o som do carro dela.

Quando ele a viu andando pelo caminho da frente, ele se sentiu feio e constrangido, zangado, esperançoso, tantas coisas. Ele a recebeu como ele imaginou fazer um milhão de vezes, mas ele nunca chegou perto de marcar seu encontro até algumas semanas atrás. Foi preciso aquela última consulta com o médico para se forçar a pegar o telefone e tentar o antigo número do celular dela. O Senhor devia saber o quanto precisava falar com Julia antes que chegasse a hora, porque o número dela não mudou. Agora que ela estava aqui, era difícil saber por onde começar.

Quando tomava café da manhã com os amigos ou ligava para a filha, podia ir direto ao ponto onde queria chegar. Isso seria diferente: Julia não gostaria de falar sobre para onde ele estava indo. Ele teria que forçá-la, quase como um interrogatório. Ele teria que mostrar a ela, por conta própria, que falar era sua única opção.

“Do jeito que tudo terminou, comigo e sua família e a situação de Ray Walker, quero dizer. Nunca me senti bem com isso.”

Ela se sentou na poltrona ao lado dele, tomando seu chá em silêncio.

“Acho que deveria saber que seria um caso complicado. Os casos de agressão sexual têm seus desafios únicos”.

Ela assentiu, mas manteve os olhos no chão à sua frente.

“Mas parecia tão simples no começo. Eu não podia acreditar o quão rápido nós o encontramos.”

Na semana seguinte ao ataque de Nick, Rice e Megan O'Malley, outra detetive do departamento, entrevistaram os funcionários do motel. Recolheu os lençóis ensanguentados e uma toalha do banheiro. Rastreou a mulher que alugou o quarto; ela foi paga para fazer isso por um homem bonito que se aproximou dela onde ela estava pedindo esmolas perto do motel. Eles entrevistaram o barman do Jimmy's e alguns clientes que estiveram lá naquela noite. Jimmy's era apenas em dinheiro, então não havia registro de um nome, e ninguém conhecia o homem que se chamava Josh — o homem que Rice agora sabia ser Raymond Walker.

Naquela primeira semana, O'Malley entrou na contabilidade e fez algumas ligações para tentar descobrir que tipo de estuprador eles estavam procurando. Já que Nick foi tão espancado, O'Malley pensou que eles provavelmente estavam procurando por um dos dois tipos de estupradores:

um movido pela raiva ou outro movido pelo sadismo. Se o suspeito deles fosse movido pela raiva, ele provavelmente teria um histórico criminal e seria conhecido por explosões. Se ele era um sádico, bem, havia dois tipos, mas dado o dano ao corpo de Nick, ele provavelmente era o tipo *aberto* – o tipo que tentava causar dor à vítima. Idem a história criminal, e provavelmente baixa inteligência. Essas eram generalizações imperfeitas, mas eram um começo.

Tudo isso dito, eles sabiam que o agressor de Nick provavelmente era um cara que voava sob o radar. Um homem cujo carisma cegaria as pessoas para suas características menos atraentes.

Quando encontraram Walker, a aparência e o charme ficaram aparentes. Na época, Rice e O'Malley não sabiam a que distância estavam do resto.

JULIA H ALL, 2015

OS primeiros dias com Nick em casa foram longos.

Na segunda-feira, após a reunião de alta, eles levaram Nick para seu apartamento em Salisbury para que ele pudesse arrumar algumas roupas. Julia colocou um CD no carro e eles dirigiram sem falar, ouvindo Alicia Keys. Chegaram a Orange e atravessaram o centro da cidade, passando pelas mansões históricas e pela escola primária. Passando pelos dois postos de gasolina rivais, a biblioteca, o parque. Passado os conjuntos habitacionais rastejando no país. Eles levaram Nick para a fazenda, onde sua casa ficava na beira de um campo que seu vizinho possuía.

As crianças estavam animadas para uma longa festa do pijama com o tio, mas o tio que chegou naquela segunda-feira não era seu jeito brincalhão habitual, e rapidamente ficaram indiferentes à sua presença.

Na terça-feira, Nick pegou emprestado o carro de Julia e foi para sua primeira sessão de aconselhamento. Ele voltou para a casa cru e nervoso, atacando Tony e chorando abruptamente sem aviso prévio. Para seu crédito, ele reservou essas pequenas explosões para quando as crianças estivessem do lado de fora ou no andar de cima.

Nos dois dias seguintes, Nick parecia um fantasma, entrando e saindo dos quartos, sem saber como interagir com a família ou cansado demais para se incomodar. Embora Julia trabalhasse em casa, ela tinha um escritório em casa, então pelo menos ela estava fora do seu caminho durante o dia.

Seu espaço de trabalho ficava no final do corredor no segundo andar com os quartos. Todas as manhãs, depois que Tony saía para seu escritório em Portland e as crianças eram levadas ao ônibus escolar, Julia subia as escadas para o segundo andar e parava no patamar para ouvir. Nick dormia até tarde todas as manhãs, uma vez à tarde. Depois de sua verificação diária de Nick, ela desceu o corredor até seu pequeno escritório, fechando a porta o mais silenciosamente que pôde.

O quarto já foi um grande armário quase inútil no segundo andar da casa. Cinco anos atrás, Julia voltou do cinema com sua melhor amiga, Margot, para descobrir que o passeio tinha sido um arдил: enquanto ela estava fora, Tony havia convertido o armário em um escritório para ela. Na época, ela estava grávida de Seb, as coisas de Chloe estavam por toda parte, e Julia estava tentando – e falhando – fazer seu novo trabalho na política em casa. Em uma única tarde frenética, Tony tinha esvaziado o armário, pintado as paredes de lavanda e montado estantes e uma mesa de pé com um banco ajustável. Ele estava coberto de suor quando ela chegou em casa do cinema.

Alguns dias, quando Julia abria a porta do escritório, jurava que podia sentir o cheiro da tinta fresca novamente e, por um segundo, era transportada de volta àquele dia. Um dia ela tinha sido extremamente grata por ter um marido que nunca tinha encontrado um problema que ele não tentaria resolver. Na verdade, nem sempre era seu traço favorito de Tony.

Na sexta-feira, no final da manhã, ela estava parada na porta aberta do escritório, a mente à deriva na história da sala, quando ouviu a porta de Seb abrir atrás dela. Ela se virou e viu que Nick tinha ido pelo corredor em direção ao banheiro.

"Oi bom dia!"

Nick se assustou violentamente, girou para encará-la.

"Oh, caramba, me desculpe." Julia entrou no corredor.

Seu rosto ficou branco, mas ele levou a mão ao peito em alívio. "Está tudo bem", disse ele.

"Eu sinto muito."

"Realmente," ele disse, antes que ela terminasse de dizer a palavra. Ele sorriu e esfregou a parte de trás de sua cabeça. "Se importa se eu tomar banho?"

"Não, claro que não."

Ele começou a se virar, então girou de volta. "E eu tenho aconselhamento hoje."

"Eu sei", disse ela. Julia podia sentir suas bochechas ficando quentes, seu corpo continuando a registrar o que ela tinha feito. Ela o assustou, gritando assim. Ele provavelmente estava mais sensível a coisas como barulhos altos agora. Ele sofreu um trauma, e ela deveria saber melhor. *Estúpido*. "Você pode pegar meu carro novamente. Eu não preciso de volta até as duas.

Nick assentiu.

Ela ficou no corredor por um tempo depois que ele fechou a porta do banheiro. Era invasivo, ela sabia disso, mas estava ouvindo sons de choro. Não havia nada, e então o chuveiro foi ligado.

Ela voltou para seu escritório e fechou a porta.



Pouco depois das duas, Julia abriu a porta de uma casa silenciosa. Ela gritou e não ouviu nada. Perambulou pela casa. A calçada estava vazia. Ela ligou para o celular de Nick, mas ele não atendeu.

A terapia poderia ter durado muito. Nick pode estar apenas tirando um tempo para si mesmo. Ele continuou dizendo que estava bem, mas ela sabia que ele não estava. Não havia como ele ser. Ele estava se esforçando tanto para agir normalmente para eles. Ela desejou que ele parasse – apenas deixasse sair. Nada de bom viria de esconder como ele estava se sentindo, não de sua família.

Ela deveria ter ficado aliviada por estar sozinha – livre para andar por aí sem se preocupar em assustar Nick ou se perguntar o que ele estava pensando.

Ela só se sentiu desconfortável.

12

NICK HALL, 2015

Jeff ficava em uma estrada secundária em Wells. A estrada era a Rota Alguma Coisa, Nick não conseguia se lembrar. Ele tinha acabado de seguir o GPS nas duas vezes que dirigiu até aqui. Era uma estrada que serpenteava pela floresta; o tipo de estrada que convidava você a abaixar as janelas, aumentar o volume do rádio e ir embora. Nick não tinha feito isso em nenhum dos dois passeios para ver Jeff. Ele desceu os degraus da frente do prédio e pensou distraidamente que era outono. O ar, as folhas, o céu — tudo estava fresco no outono. O mundo ao seu redor era afiado, e suas bordas haviam derretido.

Ele respirou fundo, esperando que o ar limpo aliviasse sua dor de cabeça. A terapia da conversa deveria ajudá-lo a “superar isso”. Foi isso que o Dr. Lamba lhe disse, e Jeff repetiu. Até agora, a única coisa que ele tinha certeza que fazia por ele era lhe dar uma dor de cabeça latejante, como se um torno estivesse preso na base de seu crânio. Ele levou a mão ao ponto onde a dor era mais forte, então seus dedos subiram mais alto até encontrar a crosta.

Ele o encontrou no chuveiro, na terça-feira de manhã. De certa forma, era o mais simples de seus ferimentos físicos para se concentrar. Foi um lembrete muito mais sutil do que a dor íntima e intrusiva que finalmente desapareceu em algum momento daquela semana. Não tinha nada no curso de antibióticos de destruição do estômago que o hospital havia prescrito para combater possíveis DSTs, ou os hematomas em seu rosto e pescoço que anunciavam a qualquer um que os visse que ele era uma *vítima*. Os cortes e rachaduras em seu rosto eram nebulosos - poderiam ter sido de uma briga de bar ou de uma queda de bêbado na rua - mas o hematoma em forma de dedos em seu pescoço era contundente. Ele havia sido sufocado. . . dominado. *Vitimizado*.

Então a crosta não era nada, mas ele ainda não conseguia tirar as mãos dela. Ele o encontrou enquanto lavava o cabelo: era uma protuberância áspera, perto da parte superior das costas do couro cabeludo. Ele o tocou curiosamente através de espuma de xampu e o inspecionou uma segunda vez com mãos lisas e condicionadas. Enquanto lavava o cabelo, Nick esfregou a crosta até senti-la desmoronar. *Lá*. Isso foi melhor.

Na manhã seguinte, ele acordou na cama do sobrinho e descobriu que o inchaço havia voltado. Era mais suave e macio ao toque. Ele a sacudiu com o dedo médio até senti-la raspar. Doeu naquela vez, mas pelo menos se foi. Apenas um dia atrás, *novamente* ele se pegou procurando a crosta na parte de trás de sua cabeça.

A vontade de beliscar enquanto ele estava sentado no escritório de Jeff hoje tinha sido brutal. Ele enfiou os dedos sob as bordas de suas coxas e

tentou se concentrar no rosto de Jeff.

Jeff era como o Dr. Lamba disse que seria. Ele era meio velho, mais velho que o pai de Nick, e tinha uma voz profunda e relaxante. Ele riu e sorriu muito. Ele parecia inteligente, mas não de uma maneira direta.

“Sou um sobrevivente de abuso sexual na infância”, disse Jeff em sua primeira sessão, no início daquela semana. Ele disse isso sem vergonha, como se ele pudesse ter dito algo sobre si mesmo. Ele tinha dito isso, Nick tinha certeza, para fazer Nick se sentir menos envergonhado com o que tinha acontecido. Nick não havia mencionado como eles eram diferentes: Jeff era uma criança. Nick não tinha.

Outra coisa que tanto Jeff quanto o Dr. Lamba disseram foi que a terapia ajudaria Nick a “apropriar-se” de sua “história”.

“Por que eu iria querer *possuir* isso?” Nick perguntou ao Dr. Lamba no fim de semana.

Ela inclinou a cabeça. “Porque é seu.”

“E se eu não estiver pronto?”

“Jeff não vai pedir para você falar muito sobre isso, não no começo. Você fará isso com o tempo e, lentamente, praticará falar sobre isso. Eventualmente, você pode decidir o que fazer com a história.”

Essa tinha sido uma maneira estranha de colocar as coisas, ele pensou agora enquanto entrava no estacionamento abaixo do escritório de Jeff e verificava seu telefone. Ele tinha uma chamada perdida e uma mensagem de voz, e mesmo não tendo salvo o número, ele o reconheceu. A detetive Rice ligou para ele enquanto ele estava em terapia. Era engraçado que os terapeutas pensassem que Nick poderia processar a história em seus próprios termos. Isso foi uma merda.

Ele coçou a cabeça até sentir a crosta se desprender sob a unha. Jogou-o na calçada e ligou para o detetive Rice de volta.

“Gostaríamos que você viesse à delegacia”, disse o detetive. “Temos uma lista de fotos para você ver.”



A delegacia não era o que Nick esperava. Ele imaginou que sua primeira visão seria algo como uma delegacia da cidade em um programa de TV: um bullpen de mesas, talvez uma cela onde algum bêbado da cidade estaria dormindo em uma noite ruim. A porta da delegacia de polícia de Salisbury, em vez disso, se abria para um saguão simples. Paredes estêreis, ladrilhos de linóleo como uma escola. Uma mulher de cabelos brancos estava sentada do outro lado da sala atrás de uma mesa e um painel de vidro grosso. Ela perguntou alegremente como poderia ajudá-lo. Nick se apresentou e ela ligou para a detetive Rice.

Depois de mais ou menos um minuto, Nick ouviu uma porta bater no saguão vazio. Uma mulher pequena e de pele escura saiu da porta. Ela era realmente muito bonita, com cílios longos e um sorriso brilhante. Ela era

uma oficial - ela não estava de uniforme, mas era claro por sua postura e passos largos.

"Eu sou o detetive O'Malley."

Nick apertou sua mão estendida. "Usuario."

"Eu queria aproveitar a oportunidade para conhecê-lo", disse ela. "Tenho trabalhado com a detetive Rice no seu caso. Sua amiga Elle pode ter me mencionado."

Elle não tinha. Eles não tinham falado nada ainda. Elle mandou uma mensagem para Nick algumas vezes, verificando como ele estava, mas ele não respondeu. Não havia nada a dizer.

"Vamos subir e ver algumas fotos."

Ele a seguiu por uma escada estreita e por um corredor até uma pequena sala onde um homem corpulento de uniforme estava esperando. O detetive O'Malley esperou no corredor e Nick entrou na sala. Sobre a mesa havia uma pasta de papel manilha fechada.

O policial sorriu e disse: "Oi, Nick".

Nick retribuiu a saudação.

O homem se apresentou e entregou a Nick uma folha de papel. "Estas são as instruções para a matriz de fotos", disse ele, e acenou para a pasta sobre a mesa. "Por favor, tome seu tempo e leia-os."

Quando Nick terminou de ler, ele abaixou a folha. O policial disse que ele poderia abrir a pasta e ver as fotos. "Deixe assim ao abrir", disse ele, indicando como a pasta foi colocada horizontalmente sobre a mesa. "Para que o topo da pasta bloqueie minha visão."

Na pasta havia uma grade de fotos de rostos de homens. Dois para baixo, três através de seis no total. Não eram fotos de assalto; pareciam mais tiros na cabeça do que qualquer outra coisa. Cada foto tinha uma etiqueta numerada no canto.

Lá, no canto inferior esquerdo da grade, estava Josh. A foto era como um ímã; O olhar de Nick caiu sobre ele quase instantaneamente. Nenhuma barba por fazer nesta foto, mas os olhos claros, as maçãs do rosto salientes, até mesmo o único cacho escuro na testa.

"Me chame de Josh", este homem disse a ele, quase em um sotaque, o nome saiu tão lentamente de sua boca.

A bile subiu na garganta de Nick. Sua foto parecia um retrato de negócios. Ele parecia importante. Nick podia sentir o policial olhando para ele.

"Ele está aqui", disse Nick, e sua voz soou triste. Ele estava triste?

"Qual deles, Nick?"

O momento foi tão surreal que algo na mente de Nick se destacou e falou, separado dele. Era uma voz indiferente, apontando uma verdade simples. *Este será o momento em que você sempre se identificará como aquele do qual não havia como voltar atrás. Não o relatório. Não as formas. Nem as entrevistas. Este momento.* Nick se virou e olhou para trás,

esperando ver o detetive na porta, mas a porta estava fechada. Nick voltou-se para a mesa.

“Ele,” Nick disse, e ele colocou um dedo na cavidade da garganta de Josh. "Numero quatro."

“De onde você o reconhece?”

Nick levantou o dedo da foto. "Aquela noite. No bar."

"Você pode ser mais específico?"

Nick olhou para o policial. Seu rosto carnudo estava relaxado, mas seus olhos brilhantes estavam fixos nos de Nick. Este homem - a polícia - eles precisavam que ele dissesse isso. Para dizer de *novo*, para *outra* pessoa. Quanto mais pessoas ele contava, maior ficava, e mais se afastava dele.

“Ele é o homem que me agrediu.”

“Quão confiante você está?”

As sobrancelhas do oficial saltaram e caíram tão rapidamente que Nick poderia ter perdido se tivesse piscado. Não era uma pergunta real. Este era um roteiro. O oficial sabia o que Nick diria. Havia apenas uma resposta aceitável.

Nick olhou para a foto. "Positivo."

JOHN RICE, 2015

Diga o que quiser sobre sua parte no declínio da cultura americana, mas a mídia social era uma coisa linda do ponto de vista da aplicação da lei. Poderia mostrar quem sabia quem, como as pessoas se chamavam, onde estavam em um momento específico. As pessoas postavam fotos e declarações incriminatórias que podiam ser capturadas e colocadas em um arquivo muito depois de uma postagem ser excluída. Rice nunca se cansaria de ver o que a mídia social poderia fazer por eles a seguir. Só agora, ele havia entregue a ele um suspeito de estupro.

O'Malley colocou a foto de Josh e Nick no bar nas contas do Facebook e Twitter da estação e pediu às pessoas que a compartilhassem. No post, ela chamou Josh de “testemunha de um crime”. Ele e O'Malley haviam conversado sobre o texto do post com algum tempo de antecedência. O que eles sabiam do agressor de Nick era que ele era calculista, charmoso e violento. Para eles, ele cheirava a um estuprador em série. Ele era bonito, branco, possivelmente rico. A maior parte disso se somava a um cara que as pessoas provavelmente não viam como um monstro. Talvez ele parecesse um pouco *estranho* ; por outro lado, era até possível que ele fosse muito querido. Era duvidoso que as pessoas o vissem como o tipo de cara que poderia ser um estuprador. Se alguém que realmente conhecesse Josh visse a foto dele com a legenda “suspeito em um caso de estupro”, eles pensariam: *Não pode ser Josh, mesmo que pareça com ele* . Mas “uma testemunha”? *Sim* , eles pensariam, *poderia ser Josh na foto*. E naquela manhã, Rice entrou na estação e descobriu que tinha feito o truque.

Na noite anterior, uma mulher ligou para a linha de denúncia e disse que o homem na foto no Facebook se parecia com seu colega de trabalho, Raymond Walker. “O que ele testemunhou?” o colega de trabalho provavelmente perguntou.

Sua própria vida viraria fumaça , se Rice tivesse algo a dizer sobre isso.

Um oficial entrou na internet e encontrou uma foto de trabalho de Raymond Walker. Comparado com a foto no bar. As coisas pareciam boas.

Quando Rice chegou naquele dia, ele chamou Nick Hall para um conjunto de fotos duplo-cego. Nick identificou o tiro na cabeça de Walker.

Rice colocou tudo isso no mandado que estava redigindo em seu computador.

Quando ele terminou, ele enviou um rascunho por e-mail para o promotor público assistente para seus comentários. Então ele ligou para o escritório de Raymond Walker.

Walker se fez de bobo quando atendeu. Rice havia se identificado para a secretária, então Walker já estava na defensiva. Rice se apresentou educadamente, dirigiu-se a ele como “Sr. Andador.”

A resposta de Ray às credenciais de Rice foi: "Tudo bem?"

"Seu nome surgiu em uma investigação ativa."

"Ah, isso é surpreendente."

Rice não pôde deixar de sorrir. Você pensaria que alguém que estivesse realmente surpreso ao se ver ao telefone com um detetive perguntaria *Que tipo de investigação?* Mas Walker já sabia disso. "É isso?"

Aborrecimento surgiu na voz de Walker. "Sim, ele é."

"Eu gostaria que você viesse e respondesse algumas perguntas hoje."

Uma batida, e Walker disse: "Isso pode não ser possível, geralmente trabalho até tarde".

"Eu também, Sr. Walker." Arroz fez uma pausa. "Que tal você aparecer sempre que estiver fora do trabalho hoje à noite. Talvez possamos esclarecer tudo isso."

"Não tenho certeza se devo fazer isso", disse Walker. "Não é nada pessoal, mas sem saber por que você quer falar comigo. . ."

"Claro que a decisão é sua", disse Rice. "Esta seria apenas a sua chance de nos dar o seu lado da história, antes que tenhamos que ir mais longe."

Houve uma pausa, e Walker disse: "Estarei por volta das seis".

Rice chamou a atenção de O'Malley do outro lado do curral. Deu-lhe um polegar para cima. "Vejo você então."

JULIA H ALL, 2015

Muito além dos campos, as folhas começavam a virar. Borrifos de vermelho e laranja polvilhavam a visão de Julia da estrada enquanto ela levava as crianças do ponto de ônibus para casa. A maioria das árvores explodiria em suas cores de outono em mais ou menos uma semana, e haveria galhos nus por toda parte antes que outubro terminasse. Não demoraria muito para que as plantas macias e elásticas do jardim ficassem rígidas e cinzentas. A única maneira de sobreviver ao que estava por vir era endurecer e esperar.

Eles estavam no meio do caminho de volta para casa – Seb tagarelando sobre a escola, Chloe reclamando da caminhada – quando Julia ouviu um carro se aproximando atrás deles. Ela se virou para ver seu próprio carro descendo a longa estrada rural.

Quando Julia anunciou que parecia que o tio Nick estava vindo buscá-los, Chloe gritou. Eles pararam na beira da estrada para esperá-lo.

Nick parou e se desculpou pelo atraso.

"Está tudo bem", disse Julia. Realmente estava - estava lindo lá fora, e as crianças estavam vestidas para a temperatura - e ela estava muito aliviada por vê-lo para se importar. Algo sobre ele ficar em silêncio no rádio a inquietou.

Julia colocou as crianças em seus assentos e subiu na frente com Nick. Seu rosto estava sem cor, e ele a reconheceu com nada mais do que um piscar de olhos.

"Tio Nick, onde você estava?"

Nick olhou para o retrovisor para olhar para Seb. "Eu tive que ir para aconselhamento."

"Por que você precisa de aconselhamento?" Desta vez foi Chloe.

Antes que Nick pudesse falar, Julia deu a Chloe a linha da festa. "É para ajudá-lo a se sentir melhor depois do acidente."

Seb entrou na conversa. "A Grammy Hall fez aconselhamento depois do acidente?" Essa era nova, aparentemente sobre o acidente de carro da mãe de Tony no ano anterior. Julia olhou para Nick se desculpando. As crianças tinham um jeito de puxar os fios que você mais queria deixar intocados.

"Às vezes, sofrer um acidente é muito assustador", disse Julia. "E por isso ajuda ir ao aconselhamento para falar sobre isso e se sentir melhor. Assim você se sente menos assustado."

Eles entraram na garagem quando Chloe disse: "Tio Nick, você está com medo?"

Nick estacionou o carro.

Júlia falou. "Crianças, por que vocês não..."

Nick colocou a mão no ombro dela.

"Sim", disse ele, e se virou para sua sobrinha. "Sim, estou com medo."

Ele estava certo em dizer a verdade, mas Julia assustou ao ouvi-lo dizer isso. Era parte de uma verdade maior que Chloe e Seb ainda não tinham aprendido: há coisas que não podem ser consertadas. Talvez parte do que Chloe estava tentando entender fosse por que Nick precisaria de ajuda de alguma outra fonte, de fora de sua casa. Com sua vida perfeita, Chloe não tinha motivos para saber que havia algumas coisas que seus pais não poderiam melhorar.

JOHN R ICE, 2015

Rice mal chegou à estação antes das seis. Enquanto esteve no tribunal, O'Malley montou a pequena sala de conferências para a entrevista com Walker. Minutos depois que Rice chegou, a secretária ligou de volta para o bullpen, disse que Walker estava lá. Rice mandou Merlo descer para trazer Walker para a sala de conferências enquanto O'Malley verificava se a câmera e o microfone estavam funcionando.

Eles mudavam sua rotina de vez em quando, mas geralmente Rice bancava o bom policial para o mau de O'Malley. Contra-intuitivo à primeira vista, talvez, ter a policial feminina não bancando a boa policial, mas o raciocínio era simples: um detetive estava lá para aplicar pressão e o outro estava lá para parecer uma tábua de salvação. A maioria de seus suspeitos eram homens brancos como Walker, e homens brancos eram mais propensos a acreditar que Rice poderia lhes fazer um acordo de cooperação. Rice tinha sexo, idade e cor em O'Malley. Não estava certo — do jeito que estava. Então eles usaram suas diferenças a seu favor. E por sua parte, O'Malley gostava de tratar um cara como Walker como se ela pensasse que ele era um pedaço de merda culpado.

Eles deixaram Walker sentar na sala por oito minutos antes de se juntarem a ele. Eles assistiriam ao vídeo mais tarde para ver quantas vezes ele olhou o relógio atrás dele, mexeu no celular, levantou para olhar o corredor. Por enquanto eles esperavam no curral. Rice deslizou algumas impressões não relacionadas no arquivo para aumentar o volume.

Arroz entrou primeiro. Walker havia se sentado na cadeira mais próxima da porta, deixando um assento à sua frente e outro ao lado dele.

"Senhor. Walker", disse Rice enquanto estendia a mão. "Sou o detetive John Rice, e esta é minha colega detetive Megan O'Malley."

Como ela costumava fazer quando trabalhavam juntos em um suspeito, O'Malley postou-se na porta sem um aperto de mão ou uma palavra. Ela se encostou no batente da porta e cruzou os braços.

"Raymond Walker", disse o homem, "mas você já sabia disso."

Rice colocou a pasta sobre a mesa e sentou-se em frente a Walker. "Desculpe se deixamos você esperando."

Walker sorriu. Mesmo sob as lâmpadas fluorescentes, ele era bonito. "Tenho certeza que você estava ocupado", disse Walker.

"Muito", disse O'Malley.

Walker olhou de lado para ela e depois de volta para Rice. "Estou em algum tipo de problema?"

O aborrecimento do telefone se foi. Ele estava de volta ao controle de si mesmo.

"Diga-nos você", disse O'Malley.

Rice ergueu a mão para O'Malley em um gesto tácito que dizia: *Silêncio*. "Bem", disse Rice, "estamos tentando descobrir isso."

O rosto de Walker mudou para o de uma criança de nariz marrom tentando agradar a um professor. "Como posso ajudar?"

"Você sabe por que está aqui, Sr. Walker?"

"Nenhum palpite."

Rice tirou uma foto do arquivo e a deslizou para Walker. "Você reconhece esse homem?"

Walker estudou a foto. Seus olhos se estreitaram levemente, como se ele estivesse pensando no que dizer. Era uma bela foto de Nick Hall; Rice pedira a Tony uma foto recente para o arquivo, e Tony lhe enviara um e-mail do verão passado. Nick estava de braços nus e sorrindo, seus cachos molhados grudados na testa. Ele parecia ter acabado de sair do lago atrás dele e colocado uma regata. Na foto, Nick parecia estar à beira da masculinidade, mas ainda era um menino em muitos aspectos. Rice usaria a palavra *homem* esta noite, com Walker. Ocorreu a Rice mais cedo que ele poderia usar seus próprios preconceitos a seu favor.

Walker falou. "Isso é sobre o quê?"

"É uma pergunta simples", disse O'Malley. "Você o reconhece ou não?"

Walker manteve os olhos em Rice e sorriu se desculpando. "Acho que tenho o direito de saber por que estou aqui."

"Você só está aqui se quiser", disse Rice. "Você está livre para sair a qualquer momento. Deixe-me perguntar uma coisa: se eu lhe dissesse que esse homem diz que conhece você, como você explicaria isso?"

Walker baixou o olhar para a foto novamente. Ele estava enrolando – ele era esperto o suficiente para saber que estava preso em alguma resposta? Uma admissão de que conhecia Nick era mais uma prova de que Nick o havia identificado corretamente; uma negação era evidência de que ele era um mentiroso, já que eles tinham a foto no bar para provar que os dois haviam se conhecido. Qualquer coisa que fingisse incerteza e Rice perguntava se ele sempre esquecia as pessoas com quem dormia. Então Rice lançaria a ele a tábua de salvação do consentimento – sim, eles dormiram juntos, mas foi consensual, certo? E então eles o pegaram, porque alguém nocauteado não estava consentindo com nada.

Rice começou. "Deixe-me dizer o que eu acho. Acho que vocês dois tiveram um encontro sexual.

"Isso que você está chamando de 'estupro' hoje em dia?" disse O'Malley.

Walker olhou de lado para ela, depois de volta para Rice.

"E você sabe o que meu colega pensa", disse Rice, gesticulando para O'Malley. "Ela acredita nele." Rice bateu na foto com um dedo. "Talvez eu devesse também. Mas não gosto de tirar conclusões precipitadas, especialmente sobre o que acontece a portas fechadas entre dois adultos."

O'Malley bateu seu punho contra o batente da porta atrás dela. "Você cortaria a besteira de consentimento do clube dos meninos?"

"Por que você não dá uma volta?", disse Rice.

O'Malley olhou longamente para Walker, depois saiu da sala. Rice se levantou e fingiu fechar a porta com cuidado. Ele se recostou na cadeira e se inclinou para Walker confidencialmente.

“O'Malley pode ficar um pouco emocionado com esses casos. Acho difícil para ela, como mulher. Não me interpretem mal,” ele disse com um aceno, “ela é uma excelente detetive. Mas há uma razão pela qual eles me dão a liderança em casos como este.”

“Não é certo acreditar cegamente no que alguém lhe diz porque você tem algum chip no ombro.”

“Eu sei; Sinto muito por ela.”

“Eu nunca machuquei ninguém na minha vida, detetive. Acredite em mim.”

“Eu faço, para ser honesto. Não como se fosse uma garotinha bonita que você poderia jogar por aí. Rice riu enquanto falava, e Walker sorriu com alívio. “Ele é um homem adulto”, disse Rice.

Walker assentiu.

“Apenas me ajude a entender o que está acontecendo aqui”, disse Rice. “Dê-me algo para subir a corrente.”

“Nós nunca...” Walker parou, como se sua língua tivesse travado uma palavra.

“Vocês dois nunca o quê?”

O olhar de Walker se aguçou com desafio. Ele sorriu com metade da boca. “Isso foi bom”, disse ele calmamente. “Isso foi realmente algo. Huh. Eu terminei.”

Rice não estava pronto para ceder. “Então, concordamos que você o conhecia.”

Mas era tarde demais. A cadeira de Walker já estava raspando no linóleo. “Adeus, detetive.”

Walker abriu a porta do corredor. Lá estava O'Malley, uma pilha fina de papel em suas mãos.

— Mandados — disse ela.

Rice havia conversado sobre o assunto com o promotor público assistente e decidiu garantir os mandados de prisão de Walker e uma amostra de DNA antes da entrevista. Ele foi até o tribunal no final da tarde, voltou bem a tempo de entrevistar o próprio Walker.

O'Malley circulou um dedo no ar. “Vire-se, Sr. Walker. Estou prendendo você. Faremos sua saliva na cadeia.

TONY **H**ALL, 2015

Enquanto Nick falava com o detetive, Tony estudava seu rosto. Tony sabia que Nick tinha ido à delegacia mais cedo naquele dia e identificado uma foto de Josh. Era ele — Nick tinha certeza disso. Julia havia contado tudo isso a Tony; quando Tony chegou em casa, Nick não teve vontade de falar sobre isso. Agora, parado no corredor com o telefone encostado no ouvido, o rosto de Nick parecia estar recebendo más notícias. Ele murmurou “Ok” de vez em quando, mas não disse mais nada.

Nick desligou.

Finalmente, Tony disse: “Bem?”

“Eles o encontraram”, disse Nick. “Eles o prenderam.”

O primeiro pensamento de Tony foi egoísta: *Graças a Deus; Eu poderia realmente dormir esta noite*. A atenção de Tony estava dividida desde aquela primeira ligação do hospital. Não importava se ele estava no trabalho, tomando café da manhã com as crianças ou tentando dormir: sua preocupação com Nick estava sempre presente. Mas agora, acabou. Eles o tinham.

Julia foi até o lado de Tony e perguntou o que o detetive havia dito.

“Algo sobre fiança”, disse Nick. “Ele precisa de US \$ 100.000 para sair.”

Julia olhou para Tony com os olhos arregalados. “Uau. Isso é ótimo.”

“Mas haverá uma audiência na segunda-feira, e pode ser reduzida. Se ele sair, não terá permissão para falar comigo.

Fiança. Certo. Não acabou. Agora haveria tribunal. Tony virou-se para Julia. Ela saberia o que viria a seguir.

“Eles vão indiciá-lo?” ela perguntou.

“Acho que ele disse algo sobre isso.”

“Tudo bem”, disse Júlia. “Você quer que eu ligue de volta para ele e pergunte?”

Nick balançou a cabeça. “Ele disse que alguém me ligaria e eu teria uma reunião ou algo assim.”

“Ah, com a ADA?”

“O que?”

— O promotor — disse ela.

“Eu penso que sim.” As pálpebras de Nick estavam caindo como se ele estivesse exausto.

“Desculpe”, disse ela. “Tenho certeza que ele acabou de bater em você com um monte de informações.”

“Está bem. Acho que eles vão me contar mais na reunião.”

“Eu vou com você”, disse Tony.

“Tudo bem”, disse Nick. Ele parecia irritado.

"Se você quiser."

Nick deu de ombros. "Eu vou para a cama."

"Espere", disse Tony. — Ele lhe disse o nome do cara?

Nick olhou para cima. "Sim . . . Não consigo me lembrar agora. Não é Josh. Algo com um R."



Raimundo Walker. Esse era o nome do homem. Estava no site do jornal no dia seguinte. O nome de Nick estava ausente.

Agora, o homem na foto escura do bar com a pele pálida e cabelos escuros tinha um nome. Tony não tinha percebido isso antes, mas até aquele momento, o homem na foto tinha sido um monstro. Ele não tinha sido uma pessoa real para Tony, ele não tinha sido nada além de um ato maligno. Um nome o transformou: Raymond Walker tinha uma identidade. Ele tinha uma vida. Tony tinha que saber o que era.

Ele começou pesquisando o nome de Walker.

Raymond Walker era vendedor em uma empresa em Portsmouth, New Hampshire, onde vendia produtos hidráulicos em toda a Nova Inglaterra. Sob sua foto no site da empresa, sua breve biografia dizia que ele morava no sul do Maine.

Raymond Walker morava em Salisbury, como Nick, de acordo com um site Whitepages.

Raymond Walker havia se formado no College of New England em 1998, fazendo trinta e oito anos, mais ou menos. Trinta e oito, porra, para os vinte de Nick.

Raymond Walker tinha uma página privada no Facebook. Isso era pior do que ele não ter nenhum. Tudo o que Tony podia ver era uma foto de perfil: era Walker se flexionando em uma camisa sem mangas na frente de uma academia, sorrindo como uma cobra.

O que Tony não encontrou foi evidência de quem ele sabia que esse homem era. Não havia registro de criminosos sexuais, nenhum outro processo judicial, nenhuma notícia sobre vítimas anteriores.

Nas páginas de uma pesquisa no Google, Tony encontrou o obituário de 1997 de George R. Walker, que deixou sua esposa, Darlene, e seu filho, Raymond. Dizer que ele encontrou o obituário foi um pequeno exagero - ele encontrou um link que foi descrito como contendo esse obituário, mas o link não funcionou. Tudo o que ele podia fazer era ler a descrição. Isso o provocava. Um obituário poderia ter divulgado mais informações pessoais sobre a história de Raymond, se fosse o mesmo Raymond.

Agora ele pesquisou o nome Darlene Walker, e sua página no Facebook apareceu. Naquela manhã, ela havia postado um longo bloco de texto em sua página. Nele, ela escreveu que seu filho havia sido preso por "nada mais do que uma história, da qual seu lado é completamente diferente". Ela

chamou a acusação de Nick de “a história inventada de um menino que foi de bom grado”.

Algo surgiu em Tony enquanto ele lia as palavras, e seu peito fervia. “Sua puta do caralho”, ele assobiou em seu telefone. As pessoas compartilharam o post e escreveram comentários – pessoas que eram amigas dos Walkers, claramente. Muitos emojis chocados e irritados em nome de Walker e sua mãe.

“Inacreditável”, escrevera um homem.

Uma mulher escreveu: “Ray é um cara tão bom, tenha fé Darlene”.

“Eu sei”, acrescentou alguém. “Os policiais perguntaram literalmente a alguém que conhece Ray? Porque ou eles têm o cara errado ou o outro cara está mentindo.”

Um comentário quase parou o coração de Tony: “Alguém sabe o nome do acusador?” Não houve resposta a essa.

Para o resto do mundo, Ray Walker era uma boa pessoa até prova em contrário. Ele tinha um emprego, uma casa, uma academia, uma mãe que o amava. Tony, Nick, Julia, os detetives — eles podiam ver o que ele realmente era. Eles tinham visto a doença dentro dele. Quando todos os outros o veriam também?

Julia estava trabalhando em seu escritório naquele fim de semana. Ela costumava trabalhar um pouco nos fins de semana — ela sempre sentia que estava atrasada. Nos fins de semana, as crianças eram em grande parte responsabilidade de Tony. Agora, ele os colocou na frente da televisão e bateu na porta do escritório dela.

“O que vem depois?”

“Hmm?” Ela estava de pé em sua mesa, digitando alguma coisa.

“O que vem a seguir no processo judicial de Nick?”

“Oh. Parece que eles vão receber uma acusação.” A pergunta deve ter sido evidente em seu rosto, porque ela se explicou. “O promotor apresentará provas ao grande júri. Nick terá que testemunhar.

“Como vai ser?”

“Eu nunca fui a um. O réu e o advogado de defesa não vão. Nick vai ter que *me dizer* como é,” ela disse com uma risada. Então ela ficou séria novamente. “Ele terá que contar sua história sob juramento. Haverá pessoas lá - as pessoas sentadas no grande júri, o promotor, algum tipo de repórter do tribunal. A questão é que o promotor prove que tem provas suficientes para fazer as acusações contra ele. O ponto real, acho que qualquer promotor admitirá, é testar o caso. Veja como as evidências parecem até agora. Ela pode até querer ver como Nick testemunha.

Tony pensou por um momento. “Fico feliz que ele não se lembre.”

Julia inclinou a cabeça como se estivesse considerando isso.

“Você não acha?” ele perguntou.

“Acho ruim que ele não se lembre.”

“Por que?”

“Isso dá ao réu liberdade para inventar o que quiser.”

“Achei que o advogado dele teria que detê-lo.”

Júlia parecia confusa. “Onde você conseguiu isso?”

“Você”, disse ele. “Você me disse uma vez que não podia deixar os clientes mentirem.”

“Se eu soubesse que eles estavam mentindo.”

“Qualquer um saberia que ele está mentindo.”

Ela balançou a cabeça. “Não apenas se você *acha que* seu cliente está mentindo. Você tem que saber – como se ele dissesse ao advogado 'eu o estuprei', o advogado não pode deixá-lo testemunhar e dizer 'ele consentiu'. Mas duvido que ele diga a verdade ao seu advogado.

“Você teve clientes mentindo para você?”

“Sim”, disse ela se desculpando. “Tenho certeza que sim.”

Julia era advogada de defesa há apenas quatro anos, mas naquela época ela representava todo tipo de pessoa. A maioria deles pessoas normais, talvez até boas pessoas que fizeram más escolhas. Mas ela representou algumas pessoas más também. Um professor que bate na esposa. Um traficante de drogas adolescente. Uma longa fila de pais que abusaram e negligenciaram seus filhos.

E aparentemente houve estupradores. Tony simplesmente não sabia nada sobre eles.

O pensamento dela defendendo alguém como Raymond Walker o deixou doente do estômago.

“Vou deixar você voltar ao trabalho,” ele disse baixinho, e fechou a porta na cara dela.

NICK HALL, 2015

Uma semana depois que Josh — ou Raymond — foi preso, Tony levou Nick a uma reunião no escritório do promotor público. Era nos fundos de um tribunal onde o caso aconteceria. Isso era tudo que Nick realmente entendia: *o caso aconteceria*. Mas o que isso significava, o que realmente aconteceria, ele não sabia. Ele se sentiu sem noção sobre o que havia começado.

O escritório do promotor público lembrou a Nick a delegacia de polícia; na verdade, parecia mais seguro do que a estação. A mulher na recepção estava sentada atrás de uma espessa camada de vidro à sua direita e ela teve que entrar no prédio por uma porta trancada.

Ela os levou por um corredor até uma sala onde duas mulheres estavam esperando.

"Posso pegar uma bebida para vocês: café, refrigerante?"

"Você tem Coca-Cola?" perguntou Nick.

"Você entendeu."

Enquanto isso, as mulheres na sala se levantaram, e a mais velha estendeu a mão para Nick.

"Nick, é um prazer conhecê-lo." Seu aperto de mão foi firme, e Nick apertou seu aperto. "Sou Linda Davis, sua promotora." Ela era impressionante, com batom vermelho e cabelo preto azeviche. Nick se perguntou imediatamente se era tingido.

A mulher mais jovem tinha um aperto de mão mais suave. "Sherie", disse ela. "Sou seu advogado." Ela sorriu, revelando uma lacuna entre os dentes da frente.

"E você deve ser Tony", disse Linda, virando-se para ele.

Todos se sentaram ao redor da mesa enquanto a mulher da recepção voltava com a bebida de Nick.

"Como vai?" Linda perguntou.

Nick abriu a aba. "Estou bem."

"Você está em terapia?"

Nick assentiu enquanto Tony dizia: "Ele é".

Sherie estava olhando para Nick. Ela provavelmente estava olhando para os hematomas amarelos em sua bochecha e pescoço. Eles estavam desaparecendo, mas ainda perceptíveis, pelo menos se você soubesse olhar.

"Realmente", disse Nick. "Eu estou bem."

"Bem, isso é ótimo", disse Linda. "Queríamos rever o processo judicial com você, responder a quaisquer perguntas que você possa ter até agora."

"E eu sou sua garota quando você tiver perguntas depois," Sherie disse, "porque você vai." Ela empurrou dois cartões de visita sobre a mesa. Nick e Tony levaram um. Abaixo do nome dela estavam as palavras *VÍTIMA*

TESTEMUNHA ADVOGADO . “Meu trabalho é ajudá-lo a entender o que está acontecendo e estar lá para o tribunal. E posso ajudá-lo a se defender.”

“Você é um advogado?” perguntou Tony.

“Não,” ela disse. “Estou lá apenas para apoiar Nick. Mas eu trabalho com Linda – estamos sempre em contato – então, quando Nick tiver dúvidas, ele pode me ligar.” Ela se virou para Nick.

A voz de Sherie foi apologética. “Vai ser muita informação de uma só vez, mas depois vai ser lento. Normalmente leva muito tempo para um caso terminar.”

Ao mesmo tempo, Nick e Tony perguntaram: “Quanto tempo?”

“Pode levar um ano”, disse Linda.

Um ano. A palavra era pequena, mas durava uma vida inteira: Natal. Seu vigésimo primeiro aniversário. O Verão. No próximo ano letivo, seu último ano. *Isso* ainda pode ser o centro de sua vida?

“Isso é ridículo”, disse Tony.

“Eu sei”, disse Linda. “Mas este é um caso de alta prioridade”, continuou Linda, “então farei tudo o que puder para garantir que ele vá ao júri em novembro. Mas o tribunal dá tempo ao réu para contratar um advogado, fazer uma investigação, obter um especialista. Há muita coisa que se passa em um caso como este.”

Uma investigação? O que havia para Josh — Raymond — investigar?

Linda continuou. “Um mês ou dois depois de recebermos uma acusação, teremos uma audiência no tribunal em que o advogado de defesa e eu conversaremos sobre o caso e tentaremos chegar a um acordo.”

Certo. Acordos de súplica.

“Então pode acabar”, disse Tony.

“Pode ter acabado então,” Sherie disse, “mas você deveria saber que normalmente não é.”

“Achei que a maioria dos casos terminava em acordos judiciais”, disse Tony. “Minha esposa é advogada.”

“Muitos sim”, disse Linda. “Mas os casos envolvendo agressão sexual vão a julgamento com mais frequência do que outros. Acordos de delação ainda são comuns, mas não *tão* comuns. Mas se conseguirmos uma condenação e uma sentença de que gostemos, absolutamente queremos evitar que você tenha que testemunhar.”

Nick sentiu os olhos de Sherie em seu rosto novamente quando Linda disse as palavras *agressão sexual* . Ela estava procurando uma reação de Nick.

“Isso é algo que você está disposto a fazer, Nick?”

Ele se virou para Linda. “O que?”

“Você está disposto a testemunhar?”

“Ah, sim”, disse ele.

“É importante para mim saber se você não quer.”

Nick estava confuso. Obviamente ele não *queria* . “Não preciso?”

“Bem, se você quer um julgamento, sim. Eu não posso ter um julgamento sem você. Mas é sua escolha. Se não quiser testemunhar, farei o que puder para que ele implore por alguma coisa. Eu só preciso saber onde você está.”

Isso era confuso. Nick não sabia o que dizer.

"Seu nome permanecerá privado", disse Sherie.

"É privado agora?" perguntou Tony.

"Sim", disse Linda. "Apresentei uma moção. É por isso que a queixa criminal o chama de 'John Doe'".

Nick não sabia nada sobre isso.

"Eu não sabia que você poderia fazer isso", disse Tony.

"Temos que ter um motivo", disse Linda. "Depende do caso. Eu queria manter *alguma* privacidade para Nick." Ela se virou e começou a se dirigir a ele. "Seu caso é aberto ao público, o que significa que repórteres ou qualquer outra pessoa podem assistir às datas do tribunal. Eles simplesmente não aprendem seu nome, então não deve ser publicado em nenhum lugar."

"Eu sei que ainda é uma grande invasão ter que testemunhar sobre isso", disse Sherie. "Não há julgamento se você não quiser. Você foi tão corajoso em relatar isso."

"Não é grande coisa", disse Nick. Eles estavam agindo como se testemunhar fosse matá-lo. Ele não queria, obviamente, mas poderia fazê-lo.

Linda o estudava. "A escolha é sua, Nick. Apenas me diga se chegar um momento em que eu *preciso* resolver o caso. Não irei a julgamento se você não estiver testemunhando.

"Está tudo bem", disse ele. "Eu vou fazer isso."

"Tudo bem", disse Linda. "Vamos torcer para que ele faça um acordo e vamos evitar isso. Mas mesmo que resolva, normalmente acontece muito mais tarde, mais perto do julgamento."

"Tudo bem", disse Nick.

"Um ano", disse Tony novamente. Ele olhou para Nick.

Houve uma inspiração de silêncio, como se todos estivessem esperando que Nick dissesse alguma coisa. Ele não sabia o que mais dar a eles.

TONY HALL, 2015

Um ano. As palavras se repetiam enquanto caminhavam pelo corredor, saindo do escritório do promotor. Eles podem estar fazendo isso daqui *a um ano*. Tony olhou para Nick.

Nick estava vestindo as roupas de Tony. Ele trouxe um par de jeans de seu apartamento, mas naquela manhã, antes de partirem para a reunião, Nick ficou ansioso com sua roupa.

Tony achou que Nick parecia bem quando eles se encontraram no corredor do andar de cima.

Nick fez uma careta. "Parece que não estou levando isso a sério." Ele gesticulou para seu conjunto de algodão e jeans.

"Você está ótima", disse Tony. Ele tirou o dia de folga para ir com ele.

"Eu deveria ter trazido algo melhor", disse Nick.

Tony tentou entender. "Você está preocupado que eles não vão respeitá-lo?"

"Você acha que temos tempo para parar em algum lugar?"

Tony olhou para o relógio. Sem chance. "Qual o seu tamanho?"

"Trinta e dois/trinta e dois."

Tony sorriu. "Você tem a cintura do papai. Aguentar."

Tony foi até o armário de seu quarto e procurou um par de calças que ele tinha certeza de que ainda não tinha ido para a Goodwill. Ele teve a cintura de Ron Hall uma vez, também, mas esses dias se foram. Com a paternidade veio o peso do pai, e nenhuma quantidade de trabalho abdominal parecia capaz de raspar o último de seus novos centímetros. Ele encontrou as calças bege penduradas no fundo do armário. Ele selecionou sua menor camisa social e uma gravata, apenas no caso.

Quando Tony saiu do banheiro alguns minutos depois, Nick estava abrindo a porta do quarto de Seb. Sua gravata estava aberta no colarinho.

"Você pode amarrar isso?"

Tony se aproximou de seu irmãozinho. Ele não era mais tão pequeno – a camisa de Tony estava justa em seus ombros. Ele tinha visto Nick em suas roupas de segunda mão muitas vezes ao longo dos anos, mas nunca em roupas da idade adulta de Tony. A justaposição deste momento contra o quarto de seu filho de cinco anos fez seu peito se apertar.

Ele agarrou a gravata e começou. Tony aproximou o nó da garganta de Nick; Nick ofegou, recuando quando Tony o soltou.

"Desculpe", disse Tony, sobrepondo-se ao apressado de Nick "Está tudo bem."

Nick levou as mãos até a gravata e se atrapalhou com o nó.

"Eu consigo", disse Tony.

"Deixe-me", disse Nick. Ele trabalhou no nó, seus olhos lacrimejando, e finalmente ele se soltou.

Ele devolveu a gravata para Tony.

"Apenas me dê um minuto", disse Nick, e fechou a porta.

Essa era a coisa. Às vezes Nick parecia bem. Parecia seu antigo eu. E Tony esqueceria o que havia acontecido. Naquela roupa, Nick parecia um homem, mas para Tony ele era uma criança novamente.

Tony segurou a porta quando eles deixaram o escritório do promotor. "Estou orgulhoso de você."

"Para que?"

"Ser tão corajoso", disse Tony. "Você poderia dizer 'isso não é justo' e não fazer nada. Não foi sua culpa, mas você ainda está fazendo alguma coisa.

Nick gemeu alto. — Você pararia de dizer isso?

"Dizer o quê?"

"Que eu sou corajoso; não foi minha culpa. Você sabe quantas pessoas me disseram isso?"

"Estamos dizendo isso porque é verdade."

"Mas isso não importa." Nick inclinou a cabeça para trás e bebeu o resto de sua Coca.

"Isso *importa*", disse Tony. "Não foi sua culpa, Nick."

Ao lado da passarela, havia uma lata de lixo grande e coberta com DEVOLUÇÃO escrito na lateral, e Nick caminhou até ela.

"Você não está ajudando," Nick disse enquanto levantava a tampa.

"Ok, então como posso ajudar?"

Nick jogou a lata e se virou para encarar Tony. "Que tal você me deixar falar por mim mesmo?"

"O que?"

Nick apontou para o prédio. "Você não poderia ter falado mais sobre mim se você estivesse tentando."

"Você *não estava* falando! Alguém tinha que fazer isso."

"Não tive oportunidade."

"Multar. Vou sentar lá em silêncio da próxima vez."

"Excelente. Agora me diga que não sou uma vítima. Havia algo em sua voz que soava como uma provocação. Como se ele não esperasse que Tony dissesse isso.

"Você não é", disse Tony.

"Então pare de agir como se eu fosse."

Tony não sabia o que dizer.

Ok, ele estava cuidando dele. Mas o que ele deveria fazer? Fingir que não aconteceu? Quando Tony fez isso, ele fez merdas estúpidas como dar uma gravata a Nick depois que ele foi estrangulado por um cara. Nick *era* uma vítima, algo terrível havia acontecido com ele. Era um grande negócio, que ele tinha sido uma vítima? Só naquele momento?

"Foi apenas um único momento", disse Tony. "Eu gostaria de ter estado lá."

" *Maldição* ." Enquanto Nick falava, ele empurrou a lata de lixo ao lado dele, derrubando-a e vomitando latas no gramado.

"Usuário!"

— Você acha *que* o teria parado.

"Eu o teria *matado* ."

"Cala a boca, Tony, apenas cala a boca!" A veia na testa de Nick estava saliente. Ele chutou uma lata a seus pés e se agachou, sentou-se na grama.

Nick gemeu, zangado e cru, e enterrou o rosto nas mãos.

Tony ficou parado por um momento, chocado com a exibição de Nick. Ele nunca tinha visto Nick ficar com raiva assim antes.

Acima de Nick, ele podia ver um rosto pálido na janela, olhando para eles do escritório do promotor.

Ele caminhou para o lado de Nick e se abaixou, empurrando punhados de latas e garrafas na lata de lixo. Então ele endireitou a lixeira e ofereceu a mão a Nick. Eles caminharam até o carro em silêncio.



Eles estavam quase em casa quando Tony se desculpou.

Nick estava olhando pela janela, talvez observando os campos passarem, talvez cozinhando. Ele se virou para Tony. "Para que?"

"Eu deveria ter calado a boca quando você disse que eu não estava ajudando. Estou agindo como se achasse que entendo, e não entendo."

Nick assentiu. "Eu sei que você só quer torná-lo melhor."

Tony não disse nada. Ele queria dizer a Nick que ele estava certo, dizer a Nick que o estava matando não poder simplesmente desfazer o que tinha acontecido. Frustrando-o além da explicação que ele não conseguia entender o que Nick estava sentindo. Ele e Nick sempre se entenderam. Sim, Nick era gay e ele não era - havia peças lá que Tony nunca poderia realmente *conseguir* . Mas em um nível básico, eles se entendiam como ninguém. Era bem simples: eles tiveram o mesmo pai. Ouviu os mesmos insultos, sentiu o mesmo tapa na orelha, foi informado – nas maneiras variadas, mas persistentes de Ron Hall – que eles eram inúteis. Então eles se entenderam. Eles até tinham uma mensagem simples em código. Quando Nick era pequeno, Tony pegava sua mão e apertava três vezes: *eu te amo* , isso significava. Nick retribuía quatro apertos: *eu também te amo* .

Sentir-se tão sem noção sobre essa tragédia, tão separada de Nick, fez o peito de Tony doer.

Mas ele não disse nada disso. Ele parecia estar entendendo tudo errado. E tudo isso poderia fazer com que Nick se preocupasse sobre como isso estava afetando Tony quando ele deveria estar se preocupando consigo mesmo.

"Sinto muito também", disse Nick. "Eu não sei por que eu surtei assim."

"Está bem." Tony fez uma pausa. "Está tudo bem, é isso é tudo que eu vou dizer."

"Ha", disse Nick. "Graças a Deus."



Naquele fim de semana, Nick voltou para seu apartamento.

JULIA H ALL, 2015

Julia sempre lutou contra a adição de uma segunda televisão. “Um na sala é *muito* ”, ela costumava dizer a Tony a cada seis meses, mais ou menos, quando ele mencionava como seria bom assistir a um filme na cama, ou como ele desejava poder ficar de olho no jogo enquanto fizeram o jantar. Quando Chloe nasceu e Julia começou a cuidar dela, no entanto, ela rapidamente mudou de ideia sobre a TV no quarto. Ela e Tony fizeram um acordo de que ele pegaria um pequeno na Target, e ele sairia do quarto e entraria na cozinha sempre que Julia parasse de amamentar o bebê. Ele estava em uma pequena mesa no canto ao lado do cesto e os entretinha com episódios de *Lost*, *CSI* e o favorito secreto de Tony, *The Bachelor*. Então, um dia, Chloe terminou de amamentar, mas Julia não disse nada e, eventualmente, Seb nasceu, então a TV ficou. Tony teve o luxo de uma TV em seu quarto por quatro anos até que Julia finalmente a mudou um dia enquanto ele estava no escritório. Ele fingiu devastação quando chegou em casa para encontrá-lo na cozinha, desmoronando no chão para a alegria risonha de seus filhos.

Foi assim que, três anos depois, Julia passou a embalar almoços para as crianças com a televisão em um programa de notícias local na manhã em que Raymond Walker pagou a fiança. Ela estava sacudindo cenouras em sacos plásticos quando ouviu as palavras atrás dela: “Um homem de Salisbury que é acusado de agressão sexual pagou fiança de US \$ 100.000 hoje”. Julia virou-se para a televisão e se aproximou.

Uma das duas âncoras locais parecia séria enquanto falava. “O empresário local Raymond Walker foi preso por agressão sexual grave por um suposto incidente em 2 de outubro deste ano. A vítima é um homem de vinte anos da área do Condado de York. Seu nome é privado nos registros do tribunal neste momento.”

O coração de Julia batia forte em seus ouvidos, e ela exalou com força nessa linha.

“Esta manhã, o Sr. Walker foi libertado após apresentar prova de uma fiança de \$ 100.000 em sua casa em Salisbury. O Estado planeja buscar uma acusação do Sr. Walker no próximo mês.

Julia ouviu passos pesados na escada. Ela abriu as mãos úmidas da beirada do balcão e desligou a televisão antes que Tony pudesse ver.



Naquela noite, Julia deixou a TV desligada quando começou a jantar.

Durante todo o dia ela resistiu à vontade de ligar para o detetive Rice e perguntar como Raymond Walker foi autorizado a pagar fiança. Se ela conhecesse o promotor, teria ligado para ela para falar sobre isso, mas seus caminhos nunca se cruzaram durante o breve período de prática de Julia. A detetive Rice era a única pessoa no caso de Nick com quem ela sentia alguma conexão real. Mas não haveria nada para ele dizer a ela. Claro que Walker tinha pago fiança. Injustamente, foram apenas os pobres que tiveram que esperar seu caso de uma cela de prisão. Walker havia oferecido sua casa como garantia por sua participação contínua no tribunal. Não havia nada de anormal nisso, na verdade. Em outras circunstâncias, Julia teria reconhecido que era uma coisa boa: um réu deveria ser inocente até que se provasse sua culpa. Deveria haver um equilíbrio: o governo não poderia puni-lo sem provar que você havia feito algo errado. Em teoria, o público poderia ser protegido por condições de fiança enquanto o réu aguardava julgamento. Mas agora que isso estava acontecendo com sua família, de repente todo o conceito do devido processo parecia perigoso.

Ela sabia que havia condições de fiança em vigor agora; ela tinha mandado uma mensagem para Nick mais cedo naquele dia para ver como ele estava. Quando ele não respondeu, ela ligou e ele atendeu. Nick prometeu a ela que estava bem, não que ela acreditasse totalmente nele. Nas semanas que ele viveu com eles, ela nunca sentiu que ele estava mostrando como ele realmente se sentia sobre a situação. Mas sim, ele deveria pelo menos estar seguro. Walker não teria permissão para falar com Nick, muito menos chegar perto dele, mas as ordens judiciais nem sempre impediam a violência. E se ele fugisse? E se ele desaparecesse, deixando Nick assustado? Deixando Walker livre para machucar outros homens?

Tony chegou em casa enquanto ela estava cortando vegetais para assar. Ele mal havia pisado na cozinha quando Chloe entrou correndo, seguida de perto por Seb. Ambos estavam gritando “Dadaaaaaa” como se fossem mísseis gritando.

Julia colocou a faca na tábua de cortar e virou-se para Tony com uma careta.

“Chega, bestas!” ele gritou. “Deixe-me beijar sua mãe!”

Tony foi até Julia, uma criança em cada perna, e a beijou.

Ela olhou para sua família ridícula e preciosa e respirou fundo. *Isto é perfeito. Seja feliz.*



Depois que as crianças dormiram, Julia e Tony ficaram em lados opostos do quarto, se despindo para dormir. Enquanto tirava os brincos na cômoda, Julia pensou se deveria contar a Tony sobre Walker. Ele estivera de bom humor a noite toda, e agora estava atrás dela, cantarolando. Não havia como ele saber. Era paternalista esconder isso dele? Ela o salvou de um dia ruminando sobre Nick e Walker. Egoisticamente, ela queria espalhar

algumas das más notícias para outra pessoa e se aliviar da culpa de manter esse segredo dele. Mas ela poderia carregar isso para ele – o fardo de saber que o homem que agrediu Nick estava livre novamente, por enquanto. *Cristo, ouça a si mesmo. Não contar ao seu marido algo que é notícia pública faz de você uma espécie de mártir? Superar a si mesmo.*

Ela virou-se para encara-lo. “Ray Walker pagou fiança esta manhã.”

Tony terminou de tirar a camisa. Seu cabelo era uma pilha de estática; ele parecia eletrocutado.

“Oh querido.” Julia riu e se aproximou dele. “Seu-”

“Ele pagou fiança”, ele interrompeu, afastando-se da mão dela.

“Foi no noticiário mais cedo. Ele teve que construir sua casa; não é como se ele fosse a lugar algum.”

“Isso não é . . . ele... Tony procurou as palavras. “Você falou com Nick? Ele sabe?”

“Sim, eu mandei uma mensagem para ele mais cedo para ter certeza.”

“Mas eu não.”

Julia acenou com a mão para ele. “Achei que você ia ficar chateado, e eu estava certo.” Ela se ouviu soar na defensiva, mas Tony parecia não se incomodar com seu tom.

Ele estava olhando pela janela, punhos cerrados, uma carranca apertada.

“Querida”, disse Julia. “Nick sabe, e ele está bem.”

“Ele deveria vir aqui, esta noite, apenas para estar seguro.”

Júlia balançou a cabeça. “Ele não quer isso. Há um pedido sem contato; aquele homem não pode falar com Nick nem chegar perto dele. Ele não sabe onde Nick mora. Ela havia diminuído a distância entre eles e alisado seu cabelo selvagem. “Nick vai ficar bem.”

Tony abaixou a cabeça.

“Eu tive alguns desses mesmos pensamentos”, disse ela. “Eu tenho. Mas eu falei com ele, e ele é realmente bom. Ele está feliz por estar de volta à escola, com seus colegas de quarto. Ele só quer voltar ao normal. Temos que deixá-lo ter isso.” Sua voz foi para um sussurro. “OK?”

Tony assentiu.

Ela o beijou profundamente e o guiou para a cama.

NICK HALL, 2015

Nick voltou para seu apartamento, a ferida veio com ele. Naquele fim de semana, ele percebeu que fazia duas semanas desde que aconteceu – duas semanas desde aquela noite – e ainda a pequena ferida não havia cicatrizado. Resolveu deixá-lo em paz.

Nos primeiros dias ele estava inquieto, rápido para sintonizar as vozes de seus professores em sala de aula. Sua mente era um emaranhado de pensamentos: por que ele foi embora com Ray? Por que ele estava vivendo assim? O que ele esperava? E seus dedos estavam na crosta, esfregando, sacudindo, mas cada vez que ele percebia — *caramba*, *estou mexendo de novo* — ele se sentava sobre as mãos para se conter.

Na quarta-feira de manhã, ele acordou com uma mensagem de sua cunhada: Oi querida. Espero que você esteja pendurado lá. Só pensei em avisar que RW pagou fiança, é melhor ouvir isso de mim do que das notícias. Se precisar de alguma coisa estamos aqui para você. Sua mão se estendeu para trás e seus dedos mergulharam sob seu cabelo; desta vez, quando a picada o alertou sobre o que estava fazendo, coçou com mais força. Enquanto ele puxava a crosta solta pelo cabelo, alguns fios vieram com a pele. Talvez se ele arrancasse alguns pelos, a ferida respirasse e cicatrizasse mais rápido; se apenas curasse, ele pararia de cutucá-lo. Ele apertou os dedos em torno de alguns fios e puxou; seu couro cabeludo se esticou e soltou as raízes, que se soltaram com um estalo dolorosamente satisfatório. Nick olhou para sua mão. A unha de seu dedo indicador estava manchada de sangue vermelho claro, e um pequeno tufo de seu próprio cabelo estava preso entre os dedos.

Oh meu Deus. Eu apenas puxei meu cabelo.

Tudo tinha acontecido tão rápido. Nick rastejou da cama até a porta e escutou. Ele não ouviu nenhum de seus colegas do lado de fora, então ele abriu a porta e correu pelo corredor até o banheiro. O espelho de mão de Mary Jo estava no armário onde Nick se lembrava que estaria; ele se inclinou para o espelho sobre a pia, usando o espelho de mão para inspecionar a parte de trás de sua cabeça. Não havia nada — espere, sim, havia algo. "Oh merda, *merda*, o que eu fiz?" Nick assobiou em voz alta. A paisagem imaculada de seu cabelo escuro estava marcada por uma mancha de couro cabeludo branco e uma ferida vermelha.

Seu telefone estava tocando no quarto. Ele correu de volta pelo corredor vazio para seu quarto. Julia estava ligando para ele.

Ele estava bem, ela queria saber.

Sim, ele disse a ela.

Se ele tivesse visto a mensagem dela, ela perguntou.

Sim, ele tinha, ele disse. Ele estava bem – bom, na verdade. Bom estar voltando ao normal. Ele nem estava pensando em Josh. Raimundo.

Ok, ela disse a ele. Sua voz era leve, e ela acreditou nele. Ela não o conhecia bem o suficiente, aparentemente. Ela não podia ouvir a tensão em sua voz.

No resto da semana, ele usava um boné do Red Sox que seu pai lhe dera anos atrás. Não era seu estilo, mas ele o manteve fora do sentimentalismo — um bom dia com papai. Veio a calhar agora, não que alguém parecesse notar o pequeno pedaço de pele quando ele removeu a tampa. No resto da semana, Nick ocasionalmente se viu tocando o local, esfregando-o sem pensar, mas resistiu a danificar ainda mais a área.

Mas então Ray deu uma declaração pública.

Aconteceu no último domingo de outubro, um suporte de livros miserável para o pior mês de sua vida. Em algum lugar nas primeiras horas daquele dia, Nick finalmente fechou seu laptop e foi dormir. Ele acordou com os olhos turvos e desorientado, sem saber onde estava. O quarto estava claro com a luz do sol. Lá estava seu relógio de cabeceira: marcava 11h27. Houve uma batida atrás dele, e ele percebeu que estava em seu quarto e alguém estava em sua porta.

"Sim", ele resmungou, suas cordas vocais cobertas de sono.

"Posso entrar?" A voz estava embotada pela porta, mas ele reconheceu que era Elle.

"Sim."

Ele rolou em direção à porta quando Elle a abriu. Ela deu dois passos reservados para o quarto. "Você acabou de acordar?"

"Sim." As coisas estavam estranhas entre eles desde a manhã seguinte ao que aconteceu. Ele não a culpava por nada disso, mas sabia que ela se culpava. Ela continuou se desculpando. Era dolorosamente cuidadoso perto dele. Isso deixou Nick cansado.

"Você não está no seu telefone?"

Nick rolou para trás e pegou seu telefone em sua mesa de cabeceira.

"Espere," Elle disse enquanto se aproximava dele.

A tela de Nick transbordava de notificações.

"O que está acontecendo?" Nick sentiu um desespero imediato.

"Hum, aquele cara, Ray, ele enviou, tipo, uma declaração para todos os jornais."

Nick tinha perdido ligações e mensagens de Tony e Julia, a mãe de Tony, amigos, até mesmo Chris. Ele não tinha falado com Chris desde que ele ficou com Nick naquela noite. Ele abriu a mensagem.

Eu sinto muito.

Nick olhou para Elle. "O que Ray disse?"

Elle parecia que ia chorar. "Hum, basicamente que vocês dois foram para casa juntos e vocês eram, uh, basicamente que era tudo, tipo, consensual e você. . . Bem, ele disse isso de uma maneira estranha, mas ele fez parecer que você queria que ele fizesse o que ele fez.

Nick balançou a cabeça, tentando processar o jargão de Elle.

“Como sexo violento. Como se você quisesse que ele fosse áspero. E agora você está mentindo.”

A descrença rolou para cima do fundo de seu estômago. A princípio, Nick não conseguiu falar: sentiu a boca aberta em um sorriso horrorizado. Ninguém acreditaria nisso. . . eles iriam?

Inexplicavelmente, sua primeira pergunta foi: “Qual jornal?”

“Todos eles. Ou, não sei.” Sua voz falhou. “Tipo, os jornais do Maine.”

Nick sentou-se mais alto na cama. “Espere, ele me nomeia?”

Os olhos de Elle se encheram de lágrimas. — Ele disse que você estudou aqui.

Nick voltou a olhar para o telefone. Chris sabia que era Nick.

“As pessoas sabem que sou eu?”

Elle começou a chorar.

Esperar. Espere, não.

“Ele?”

“Eles sabem”, ela soluçou.

“Quão?”

“A carta. Ele disse o seu major.

Não não.

“E.” Ela fez uma pausa. “E acho que o namorado de Mary Jo contou a algumas pessoas.”

“Como *ele* sabe?”

Elle se aproximou de Nick, seus ombros caídos. “Eu disse a Mary Jo. Eu sinto muito. Você se foi e não respondeu minhas mensagens, pensei que poderia contar a ela. E ela disse a ele. Eu nunca teria contado a ela se soubesse que ele seria tão estúpido.

Sua mente disparou. Se Chris soubesse. . . Chris não saiu com Mary Jo ou seu namorado. Quantas pessoas o namorado dela disse para Chris descobrir?

“Quantas pessoas sabem? O que estão dizendo?”

“Eu não sei,” ela disse calmamente. Ela estava mentindo.

“Eles acreditam nele?”

“O namorado de Mary Jo?”

“*Ray*”, disse Nick.

Elle encolheu os ombros com uma careta. Isso parecia um sim.

“Eles fazem”, disse ele.

“Apenas lixo as pessoas que postam nos comentários em sites de jornais”, disse ela enquanto fungava contra sua mão. “As pessoas estão comentando, isso é tudo – isso não significa nada. É ridículo demais para acreditar. Qualquer um que te conhece acredita em você.”

Nick olhou para o telefone novamente. Puxou o navegador de internet. Elle arrancou o telefone de suas mãos.

“Espere, você não está lendo.”

“Você está *fodendo brincando* comigo? Claro que estou lendo. *Dê - me a porra do meu telefone, Elle* . Nick forçou as palavras para fora de si mesmo em uma voz que nunca tinha ouvido antes; empurrar mais forte com cada palavra era bom. Ele poderia descarregar sua raiva em Elle, ela merecia. Aquela noite não tinha sido culpa dela, mas isso era. Seu rosto estava molhado, mas ela havia parado de chorar. Seus olhos estavam arregalados, como um veado bebê triste. *Perfeito, me faz sentir mal quando sou aquela cuja vida está arruinada, isso é apenas um clássico da Elle*.

“Por favor, prometa não ler os comentários,” ela disse calmamente, devolvendo o telefone.

“ *Tchau* ” foi tudo o que ele disse.

Elle se virou e saiu rapidamente enquanto Nick enfiava a mão no cabelo e tirava a crosta. Era menor e mais seco de seus dias de descanso, e saiu limpo e rápido. *Lá*. Ele rapidamente decidiu verificar o jornal local, *Seaside News* , embora parecesse estar nos jornais maiores também. *Seaside* parecia o mais pessoal. Lá estava na página principal. HOMEM PRESO POR ABUSO SEXUAL FALA EM CARTA AO EDITOR . Ao clicar no link com a mão direita, Nick sentiu os dedos da esquerda enrolando uma pequena mecha de cabelo ao lado do adesivo. *PARE*. Sentou-se na mão esquerda e leu.

Começou com um parágrafo em itálico. A carta, disse, não refletia as opiniões do jornal. Era um artigo de opinião de um leitor sobre o sistema de justiça criminal. Ele começou a folhear a carta de Ray. Leia as palavras sem processá-las: *trouxe o homem errado para casa , ele estava bebendo muito , jogo duro* . Jogo duro. O estômago de Nick se transformou em uma massa quente e sólida, e a adrenalina o percorreu em uma onda gigantesca. Jogo duro. Ray estava dizendo que Nick queria: a coisa toda. Dizer que Nick perseguiu Ray, e não o contrário. Nick pediu para ser ferido, perguntou o que Ray fez com ele. O tapa, o soco, as mãos em seu pescoço — *pare com isso, pare com isso, não pense nisso*.

Nick enrolado em uma bola em sua cama, mal conseguindo respirar. O sangue latejava em seus ouvidos. Sua mente estava correndo, girando, explodindo, mas ele estava muito paralisado para se mover. Aconteceu. Ray tinha revidado. Claro que ele tinha. Ele já provou que não era fraco como Nick. E a moção do promotor para proteger o nome de Nick não importava. Todo mundo sabia que era Nick. Sua história deve ser comparada com a de Ray. Nick seria provado uma de duas coisas: uma vítima ou um mentiroso. Finalmente, sua mão começou a alcançar sua cabeça. *Pare. Muito visível*. Nick alcançou abaixo de seus lençóis para sua coxa direita. Ele prendeu um tufo de pelos finos da perna entre os dedos e puxou lentamente. Sua pele soltou as pequenas raízes bulbosas do cabelo com um *pop coletivo* .

21

T ONY H ALL, 2015

A vista da varanda da frente havia mudado. O feno colocado no campo havia perdido sua cor dourada, parecia mais cinza-esverdeado depois de semanas nas temperaturas baixas e chuva ocasional. No horizonte, a linha das árvores também ficou cinza: as folhas coloridas caíram no chão, onde acabariam apodrecendo. Tony estava na varanda em seu roupão, o ar frio em seus tornozelos nus. O final do outono sempre foi tão feio assim?

Ele ouviu Chloe descer as escadas. Ele se virou e observou pela porta enquanto ela passava pelo corredor. Ele fechou a porta interna atrás dele quando saiu para a varanda. A metade inferior era tela, a metade superior de vidro. Através do vidro, ele podia ver Seb no corredor, parado na cozinha, observando Julia fazer massa de panqueca.

A fornalha tinha ligado, mas a casa ainda estava aquecendo. O incidente com Nick havia tirado o ritmo de sempre, e Julia ainda não havia renovado o debate anual sobre o ajuste ideal do termostato. Por enquanto, isso deixava Tony no comando, e as camadas eram muito necessárias pela manhã. O cabelo de Chloe estava em sua forma usual pós-sono - algo como um desastre de ninho de rato - e vê-lo derramando do cobertor em que ela estava embrulhada enviou calor através de seus ossos.

Saia do frio , pensou ele, e vá para a sua família .

Tony desceu os degraus da varanda e se abaixou para pegar o jornal na passarela da frente. Na verdade, sua assinatura do jornal de domingo esticou seu orçamento. Mas a tradição se tornara importante demais para ser abandonada; era quase integral ao seu senso de identidade. Ele começou a ler o jornal no verão em que abandonou a faculdade de direito – o mesmo verão em que começou a namorar sua ex-colega de classe, então Julia Clark. Enquanto Julia trabalhava na escola, Tony desistiu. Ele nunca admitiria isso em voz alta, mas ler um jornal físico o fazia sentir como se ainda fosse um intelectual. Ainda capaz de combiná-la na conversa, ou pelo menos acompanhá-la.

Tony deslizou o papel de sua bainha de plástico enquanto subia os degraus. Nas últimas semanas, Tony tinha vasculhado o jornal em busca de menção ao ataque de Nick. Houve pequenos artigos on-line após a prisão de Walker, mas o incidente não chegou ao jornal de domingo. Ele endireitou as páginas. Não havia necessidade de pentear o papel hoje. Estava na primeira página.

No canto inferior direito havia uma manchete: HOMEM PRESO POR ABUSO SEXUAL FALA EM CARTA AO EDITOR. Tony se ouviu sugando o ar. *Outra coisa , pensou. Outro caso, por favor.*

Mas não foi outro caso. Abaixo do título estava o nome de Raymond Walker. Tony começou a ler.

Comecei a escrever esta carta da prisão em Salisbury. Um dos guardas me deu papel e um lápis sem ponta que eu tive que usar na área comum. Ele não queria que eu esfaqueasse ninguém ou cavasse meus pulsos, aparentemente. Da noite para o dia fui despojado da minha humanidade, presumindo que agiria como um animal em uma jaula, talvez porque fui colocado em uma.

Tire um momento, no conforto da sua casa, e imagine-se no meu lugar.

Então agora você está em uma gaiola. Como você foi parar lá? Simples. Você trouxe o homem errado para casa com você.

Você o conheceu em um bar. Sentou-se ao seu lado, ofereceu-lhe uma dose, perguntou seu nome. Ele perguntou sobre seu trabalho, disse que estava na escola para negócios, perguntou se você poderia lhe ensinar alguma coisa. Tudo o que você podia ver era que esse homem jovem e dinâmico, para seu deleite solitário, estava dando em cima de você. O que você não conseguiu ver foi que ele estava bebendo muito quando você chegou, e ele dobrou o seu ritmo enquanto vocês conversavam.

Você esperou que ele se cansasse de seu cabelo grisalho e estilo nada legal. Em vez disso, para seu deleite e destruição, ele pediu que você o levasse para casa.

Ele deve ter morado perto da escola, mas você não conseguiu pensar por que ele não queria que você fosse vista na casa dele. Você estava simplesmente muito ansioso, então você o trouxe para um hotel.

Lá, ele o surpreendeu novamente com um convite que você não esperava do garoto de rosto doce no bar: um para jogo duro. Foi um convite que você aceitou com outros parceiros, e você o acolheu naquela noite. Seguiu-se uma conversa em palavras e toques. Um vai-e-vem que subia e atingia o topo.

A visão de Tony turvou e dobrou. A cada linha ficava mais difícil de ler. Ele gritou, um estranho "gah" arrastando do fundo de sua garganta, e ele arrancou a primeira página do papel, a segunda e a terceira. Ele jogou o papel escada abaixo e girou, tentando registrar algo, qualquer coisa que pudesse acertar. *Deixe sair. Deixe sair.* Ele se virou para a casa. *A porta.* Tony atacou com um punho apertado e colocou a mão através do vidro na altura do peito. Seu pé atravessou o painel de tela e ele caiu, raspando o braço no vidro quebrado.

"Jesus Cristo!" A voz de Julia ecoou pelo corredor.

Ele cambaleou para cima para ver sua esposa correndo em sua direção, seus filhos parados na cozinha atrás dela.

JOHN RICE, 2015

Algum advogado de defesa espertinho havia deixado algumas dúzias de donuts na delegacia naquela manhã, e Rice encontrou O'Malley de pé sobre eles na sala de descanso.

"Eu sou um maldito clichê", disse ela com a boca cheia de creme de Boston.

"Você é nojento é o que você é," Rice gemeu. "Mantenha sua boca fechada." Ele escolheu um donut simples e cremoso.

O'Malley engoliu em seco e apontou para a seleção de Rice. "Você também é clichê."

Uma rosquinha simples? "Eu sou clássico!"

O'Malley revirou os olhos. "Apenas pegue seu café e sua rosquinha simples e vá brincar de policial." Ela fez uma careta de olhos esbugalhados para sua própria rosquinha. "Deixe-nos em paz."

"Com prazer."

Rice foi até sua mesa no curral. Para um detetive tão sério, O'Malley podia ser brincalhão às vezes. Mas Rice não se importou. Ao contrário de alguns, ela podia desligá-lo como se estivesse apertando um interruptor. Ela sempre foi profissional quando precisava ser. Seu senso de humor era apenas seu mecanismo de enfrentamento – humor, corrida de longa distância e aparentemente rosquinhas de creme de Boston. Irene costumava ser a força de aterramento favorita de Rice – afundar em seus braços depois de um longo dia o aliviou como nada mais. Ele ainda tinha massa e jardinagem. Café da manhã com seus velhos amigos. Visitas dos netos; liga com a filha.

Rice havia passado boa parte do fim de semana pensando na família Hall. Não foi a primeira vez que ele lutou para deixar o trabalho no escritório, por assim dizer, e não seria a última. De certa forma, toda a tristeza que acontecia com as vítimas nesses casos acontecia com ele também, e isso tinha um jeito de se acumular em sua mente. Com décadas de experiência, Rice aprendera a dizer com firmeza pensamentos desagradáveis para deixá-lo em paz enquanto estava de folga, mas nem sempre funcionava.

No domingo, Rice abriu seu jornal para ver que Papai Noel havia deixado seu presente no início deste ano. Na primeira página havia uma carta de Raymond Walker ao editor, admitindo que ele era, de fato, o homem que Nick conheceu no bar naquela noite. Chamando o que aconteceu no motel de "jogo duro". Era tudo que Rice queria, tudo que Walker não lhe daria na delegacia duas semanas atrás: uma admissão e uma defesa inacreditável. Rice quase beijou o papel.

Mas então começou a incomodá-lo. Ele até pensou em ligar para Nick no domingo, principalmente para ver como ele estava, mas também para falar com ele. Em vez disso, ele orou pelos Halls na missa.

Agora, ele arrastou sua cadeira para frente em sua mesa e puxou a carta no computador da estação. Ele rolou para as palavras que se alojaram em seu cérebro.

Lá, ele te surpreendeu com um convite que você não esperava do garoto de rosto doce no bar: um para jogo duro. Foi um convite que você aceitou com outros parceiros, e você o acolheu naquela noite. Seguiu-se uma conversa em palavras e toques. Um vai-e-vem que subia e atingia o topo. Você se separou dele sentindo-se compreendido, sentindo-se o homem mais sortudo do mundo.

Uma semana depois, a polícia liga para você no seu trabalho e pede que você vá até a delegacia. Eles mostram uma foto do homem que você conheceu no bar. Seu estômago vibra e você se pergunta se ele cometeu um crime. Você não diz nada, sem saber se um reconhecimento o trairia.

Então a polícia diz que esse homem disse a eles que você o estuprou.

Dizer que você está chocada é um eufemismo.

Eles querem o seu lado da história, eles dizem. Você quase dá a eles, mas você pode sentir o truque nisso, e você se segura. Eles te prendem.

Pela primeira vez em sua vida, algemas de metal duro são apertadas em torno de seus pulsos. Você está sentado em um carro da polícia e levado para a prisão. Você está sendo revistado. Você recebe um uniforme para vestir e pensa: *Assim como na televisão*. Como você foi preso na sexta-feira e não tem \$ 100.000 no banco, você passa o fim de semana na cadeia.

Você tem que usar o uniforme quando vai ao tribunal, e eles adicionam algemas, como se você fosse estúpido o suficiente para correr. Você se encontra com o advogado livre do dia, que parece ter dezoito anos, na cela com todos os outros prisioneiros. Não há privacidade, não que o advogado tenha tempo para conversar muito com você. Ainda assim, ela diz o suficiente para fazer seus companheiros de cela levantarem as sobancelhas.

“Eles acusaram você de agressão sexual grosseira”, diz ela. É o início de uma longa manhã de rabiscos que só ocasionalmente serão traduzidos para você.

“Eles vão indiciá-lo”, diz ela, “para que você não precise entrar com um apelo formal hoje. A única coisa em que vale a pena focar é baixar sua fiança.”

Na sala do tribunal esperando por você está o mesmo juiz que concedeu o mandado de prisão. O mesmo juiz que disse à polícia que eles poderiam algemá-lo, limpar sua boca para obter seu DNA e colocá-lo em uma jaula pelo fim de semana. E por que ela os deixou fazer tudo isso? Porque ela leu uma história sobre você. Uma história que o homem do bar contou à polícia. Esse juiz já te odeia, já escolheu um lado. Ela deixa a fiança tão alta que você terá que usar sua casa como garantia.

“Primeiro você tem que avaliá-lo”, explica o advogado livre, “e você precisa registrar o penhor, há um formulário; se você esquecer, pode ligar para o escritório do funcionário.”

Em vez disso, você liga para sua mãe da prisão e conta a ela o que aconteceu, porque você precisa pedir a ela para providenciar a avaliação. Você precisa que ela dirija os

papéis até que o tribunal esteja convencido de que efetivamente possui sua casa se você violar suas condições de fiança.

Ao todo, você passa doze noites, treze dias, em uma gaiola, esperando para sair. Você está tão obcecado em recuperar sua liberdade que não percebe a profundidade do que está acontecendo até sair da prisão. Você provou o que é perder sua liberdade. Dormir atrás de uma porta trancada em frente a um banheiro. Para se sentir prisioneiro - e você é um deles - olhe para você de lado. Você ouviu seu nome no noticiário seguido pelas palavras *agressão sexual grosseira*. Você sabe que, se não puder refutar um grito de estupro, não apenas irá para a prisão, mas quando sair, nunca mais será livre. Seu nome entrará em uma lista e, até que você morra, todas as pessoas que virem essa lista pensarão que o conhecem. “Saiba” o que você fez. “Saiba” que você é algo menos que humano.

Você ficará tranquilo quando se lembrar de nosso experimento: esta é a minha situação, não a sua. Minha batalha impossível para lutar contra uma história. Minha vida vai depender de quem é mais crível: eu ou o homem do bar. O homem que achei tão encantador, tão confiável, que fui para a cama com ele.

Sua história pode arruinar minha vida. Não entendo, a decisão deste homem de mentir. Eu posso fazer suposições educadas. Auto-ódio. Vergonha. Não é fácil para muitos de nós nos aceitarmos como gays. Acrescente a isso o tabu do que ele gosta na cama e, bem, posso dizer que não tinha planejado compartilhar minhas predileções com o público.

Temo que nunca saberei por que esse jovem danificado fez isso comigo. Minha única esperança é que a verdade venha à tona a tempo, mas minha introdução ao nosso sistema me deixou com pouca fé.

Um réu insatisfeito com sua prisão, pensou Rice. *Digno de notícia, de fato*. Outro réu que queria fingir que a polícia não tinha provas físicas. Eles tinham o dano que ele fez ao corpo de Nick. O sangue de Nick deixado para trás no motel.

As pessoas não acreditariam que Nick havia pedido isso, acreditariam? Ele arrastou a cadeira para mais perto de sua mesa e deu uma bicada no teclado para abrir a carta no computador da estação. Rice rolou para a seção de comentários da página. O comentário principal dizia:

Vergonha em Seaside para publicar este vitríolo.

Ótimo, pensou Rice.

Outra leitura:

Provavelmente é verdade. O lobo chorando do menino. Vamos desperdiçar o dinheiro do contribuinte resolvendo isso.

Mau.

Alguém havia respondido:

Deus odeia f*gs. Espero que isso acerte o garoto lol.

Repugnante. Rice copiou e colou o link em um e-mail para a ADA, Linda Davis, e escreveu:

Você vê isso?

Pelo menos a identidade de Nick foi escondida. Ainda assim, provavelmente doeu como o inferno, lendo isso. Alguém deveria explicar a Nick que isso era uma coisa boa. Rice pressionou o dedo nas migalhas de

donut em sua mesa, em seguida, raspou-as da ponta do dedo com os dentes. Principalmente uma coisa boa.

Seu celular tocou na mesa. Era Linda.

“Eu não posso acreditar,” ela disse.

“Feliz Natal”, disse Rice.

Ela riu. “Não fique arrogante.”

“Eu sei.”

“Recebi uma ligação de Eva Barr ontem.” A voz de Linda estava tingida de ansiedade que Rice tinha certeza de que pretendia se esconder.

“Mesmo.”

“Sim. Pelo menos sabemos com o que estamos lidando.”

Walker havia contratado Eva Barr, então. Melhor o diabo que você conhece, as pessoas costumavam dizer, mas Rice poderia ter se arriscado em outro lugar. Eva Barr era problema em um caso de estupro. Deveria ter sido uma tática óbvia, mas os jurados sempre pareciam dar crédito extra aos clientes de Eva apenas por terem uma mulher bonita defendendo-os. Eva era boa em parecer que acreditava na inocência de seus clientes. Ela tentou descaradamente casos feios e desagradáveis que alguns advogados teriam se esforçado para resolver, e geralmente conseguia uma absolvição na contagem mais alta ou pelo menos uma anulação do julgamento. O próprio Rice tinha visto isso em ação: Eva tinha um jeito encantador e conspiratório que fez os jurados se inclinarem para ela. Em suma, os júris a amavam e mostraram isso com seus veredictos. Isso também significava que suas ofertas de súplica eram melhores. Particularmente daqueles poucos promotores com medo de uma boa briga. Esta não era Linda como regra, mas Linda não gostava de perder, e ela perdeu muito para Eva cerca de um ano atrás.

“Quer que eu encaminhe a carta para ela também?”

Linda riu novamente. “Estou morrendo de vontade de saber se ela sabia que ele estava fazendo isso.”

“Dar-nos todas essas admissões? Eu duvido.”

“Mas está bem escrito”, disse Linda.

E ela estava certa. Se ele mesmo a tivesse escrito, o homem poderia escrever uma carta. Espero que Walker não fosse tão eloquente pessoalmente.

“Não é crível”, disse Rice.

“Não”, ela respondeu. “Ele foi estrangulado.”

“E o relatório SANE.”

“Certo, o trauma no reto dele.”

Apesar de si mesmo, o estômago de Rice se apertou. Muito do horror que ele encontrou tornou-se monótono e monótono com a repetição. Ouvir palavras como essas sempre parecia afiada.

“Sabíamos que isso ia acontecer”, continuou Linda. “Eu só não esperava isso tão cedo.”

“A lacuna na memória de Nick sempre iria prepará-lo. Você está preocupado?”

"Não mais do que eu já era", disse ela.

Esses casos sempre foram problemáticos no tribunal. O de Nick Hall não era perfeito. Ele estava bebendo. Ele não se lembrava do ataque em si. Mas eles tiveram seu testemunho de que Walker o atacou, o deixou inconsciente, e eles tinham evidências físicas para falar por ele a partir daí.

A carta de Walker trazia outra coisa para Rice, mas ele ainda não tinha certeza do que era. Walker parecia um narcisista. Mas claramente inteligente. Bem dito. Ele estava segurando um emprego. E ele tinha sido tão controlado em sua entrevista na delegacia, antes da prisão. Nenhum dos perfis de O'Malley parecia se encaixar nele.

"Você tem tempo para fazer um acompanhamento rápido hoje?" Linda perguntou.

"Certo."

"Você pode me dar mais informações sobre o namorado de Nick, ou o que quer que ele fosse?"

"O cara que ele deveria conhecer naquela noite?"

"Sim."

Uma luz piscando começou no telefone de Rice.

"Tenho alguém na outra linha. O que você quer saber sobre o namorado?"

"Tudo o que você pode me dar."

"Bastante fácil."

Rice apertou a segunda linha. “Britny Cressey”, disse a recepcionista, “ligando com informações sobre Raymond Walker.”

Quem? “Faça ela passar.”

A recepcionista o fez, e Rice se apresentou.

Sua voz soava jovem. “Oi, estou ligando por causa de Ray Walker?”

"E você é?"

"Uh, uma antiga namorada, mais ou menos."

Isso foi inesperado. "Tudo bem, e seu nome era Cressey?"

"Britny Cressey, desculpe." Ela riu alegremente.

"Tudo bem."

“Acabei de ver que Ray foi preso e acusado dessa coisa e queria ligar e falar com alguém.”

Seria este outro relatório? Talvez Walker não se apegasse aos homens quando se tratava de agressão. "Como posso ajudar?"

“Eu só queria contar um pouco sobre ele, já que parece que você está entendendo apenas um lado da história.”

Ah. Este não foi um segundo relatório. “Eu não sei se você viu o jornal, mas eu tenho o lado dele das coisas.”

“Ray foi meu melhor amigo durante todo o ensino médio”, disse Britny. Isso fez com que ela tivesse a idade de Walker: trinta e oito mais ou menos.

Sua voz soava por volta dos dezoito anos. “Nós namoramos por, tipo, um minuto antes de ele me dizer que nunca iria gostar de mim.”

Ela riu. Era estranho que ela se apresentasse como sua ex.

“Bem, eu aprecio a informação histórica, mas—”

“Ray sempre foi um cara tão legal. Tão inteligente e inteligente. Realmente maduro. Eu gostaria que tivéssemos ficado próximos depois da formatura, mas ele foi para a faculdade, e foi mais ou menos isso.”

“OK.”

“Eu entrei em contato com ele novamente quando vi o que estava acontecendo no Facebook da mãe dele – que vocês o prenderam. Ray e eu conversamos. Ele é realmente o mesmo cara que costumava ser – ele não teria feito isso.”

Isso foi uma perda de tempo. Ela parecia não saber, mas com quem ela realmente queria falar era o advogado de Walker. Não é trabalho de Rice ajudá-la a descobrir isso. “Eu aprecio ter sua opinião, Sra. Cressey. Obrigado por compartilhar.”

“Se eu pudesse apenas explicar”, disse ela.

“Explicar o quê?”

“Como eu o conheço bem, como sei que ele não teria feito o que aquele cara diz que fez.”

“Eu não quero ser rude, mas não há como você saber o que aconteceu naquele quarto de motel.”

“Não, mas estive na casa dele todos os dias durante quatro anos. Passei cada segundo que pude na casa de Ray — eles tinham TV a cabo e ele era filho único. Minha irmã era tão irritante na época, eu não conseguia tirar uma folga dela se estivesse em casa. A única coisa ruim na casa de Ray eram seus pais. A mãe dele é louca. Tipo sufocante e meio estranho, não sei como explicar. Ela me odiava. Achei que eu era um lixo, e tipo, eu era, mas eu tinha dezesseis anos.” Ela riu novamente. “Ela pensou que nós estávamos, *você sabe* , não como se ele estivesse remotamente interessado nisso. Seus pais não sabiam então. Seu pai provavelmente teria batido nele. Seu pai era um idiota. E nojento – ele também me achava uma lixeira, e gostou, se você entende o que quero dizer?”

O estômago de Rice se apertou de desgosto. “Ajude-me a ver como isso está relacionado ao ataque.”

“Ray não é violento,” ela disse claramente. “Ele simplesmente não é. Houve um milhão de vezes que eu gostaria de socar seu pai por ser um idiota, sua mãe por ser *tão* irritante. Ele nunca gritou com eles. Não me lembro dele ter um único colapso adolescente *em quatro anos* . Eu costumava gritar com minha mãe sem motivo, não é?”

“Não posso dizer que sim, mas aprecio seu ponto.” Rice nunca havia gritado com sua mãe, mas ele e sua própria filha, Liz, ficaram cara a cara em várias ocasiões em seus anos de ensino médio. “Vou registrar sua ligação, Sra. Cressey. Eu tenho um prato cheio hoje, então eu preciso assinar, tudo bem?”

Ela repetiu um pouco do que já havia dito enquanto Rice a tirava da conversa e eles desligaram. Ele apostaria sua casa que Walker a tinha feito isso. Walker realmente achava que algum velho amigo alegando que Walker era um adolescente paciente faria um pingão de diferença para Rice? Mesmo que ela fosse crível, suas observações tinham vinte anos. E ela mesma disse: eles não estavam dormindo juntos.

Rice pegou seu casaco. Havia questões mais importantes para perseguir.

JULIA H ALL, 2015

Julia vinha querendo falar com Charlie Lee há meses.

A principal razão pela qual Julia deixou seu escritório de advocacia depois que eles tiveram os filhos foi para ganhar estabilidade, que seu trabalho de julgamento nunca lhe deu. Quando Chloe nasceu, Julia decidiu sair da montanha-russa designada pelo tribunal, pelo menos temporariamente, e encontrar dinheiro mais estável e menos horas. Ela levou cerca de um ano para entender a estupidez em sua decisão de entrar em um trabalho de política financiado por doações. Ela adorava o que fazia, adorava estudar problemas e recomendar soluções. E assim como quando ela era advogada de defesa, ela acreditava que seu trabalho era importante. Grandes pontos de bônus que trabalhar em casa significava que eles não precisavam pagar pela creche. Mas uma marca registrada do trabalho com doações era a instabilidade recorrente. Seu trabalho era sempre finito: quando o dinheiro acabava, o trabalho acabava. Ela estava sempre solicitando uma nova bolsa, sempre pensando no que viria a seguir. Ao longo dos anos, ela se tornou excelente em deixar um pensamento fervendo em segundo plano em sua mente enquanto trabalhava em outra coisa em primeiro plano. Era a única maneira de fazer seu trabalho.

Seu projeto atual era escrever um relatório sobre como os registros juvenis funcionavam no Maine. Que registros foram criados quando uma criança foi acusada de um crime. Que registro foi deixado para trás, dependendo do resultado do caso. Quem poderia acessar os registros. Até que ponto os registros criados iriam reter as crianças mais tarde na vida.

Na primavera, Julia começou sua pesquisa. Naquele verão, Julia começou a entrevistar profissionais do sistema. Agora, ela entraria em contato com ex-acusados juvenis e pediria que respondessem anonimamente a perguntas sobre como seus registros afetaram suas vidas. Alguns seriam seus próprios ex-clientes. Alguns ela conseguiria de outros advogados. Meses atrás, quando Julia expôs seus planos, o instituto com o qual ela trabalhava aprovou um orçamento modesto para um investigador particular para ajudar a localizar os ex-clientes, que já tinham crescido. Havia apenas um investigador particular que ela estava interessada em contratar, se pudesse tê-lo: seu favorito, Charlie Lee.

Um dia atrás, enquanto Tony estava na emergência, ela pensou em Charlie por outro motivo.

Os sons daquele momento — o barulho que Tony fez, como um cachorro rugindo um aviso antes de atacar; o vidro se estilhaçando; O lamento de Seb — ela não podia excluir a memória disto. Mas não adiantava mais pensar nisso. Ela pensou até a morte durante toda a noite, e nenhuma obsessão lhe deu uma ideia melhor do que pedir a Charlie Lee para

investigar Raymond Walker. Tony não gostaria disso - quando ele estava chateado com alguma coisa, ele queria consertar ele mesmo. Então ela não diria a ele. Não, a menos que Charlie encontrasse algo que fosse útil para o caso de Nick, e então como ele poderia estar bravo?

Agora que sua família se foi, Julia entrou em seu escritório e colocou sua xícara de chá matinal no parapeito da janela. Ela normalmente perseguia seu café com algo de ervas, mas naquela manhã ela tinha ido com Earl Grey; ela precisava de cafeína extra depois de sua noite agitada. Havia uma porta no fundo direito de seu pequeno escritório, e atrás da porta um estreito lance de escadas se estendia até o sótão. Ao lado da porta, Tony havia pendurado prateleiras para ela. Ela puxou um arquivo sanfonado onde guardava artigos e outros recados relacionados ao relatório. A partir dele, ela recuperou sua antiga lista de clientes. Ela se sentou no banquinho em sua mesa e folheou as páginas, marcando com um lápis os nomes marcados *JV*.

Para o relatório, ela queria entrevistar pessoas cujos registros variavam, de essencialmente nenhum registro a um registro criminal público. Ela examinou a lista, mas só conseguia se lembrar do resultado preciso em três casos. Jin Chen: não competente, sem registro. Kasey Hartwell: caso hilário, registro de condução. E Mathis Lariviere — esse era um nome que ela nunca esqueceria. Ele acabou com um registro juvenil privado, contra todas as probabilidades. O resto dos nomes trazia alguma familiaridade, mas os detalhes eram confusos, então ela esvaziou o chá, pegou suas coisas e foi até o sótão.



Julia verificou seu telefone — 1h45. Não é à toa que ela estava faminta.

Mesmo no final de outubro, o ar no sótão era espesso e quente em comparação com o resto da casa. Ela enxugou a testa, mas não encontrou suor. Ela simplesmente *se sentiu* úmida. Ela colocou o arquivo de Mathis de volta na gaveta marcada *L-Q*. Fechou o armário de metal onde guardava seus arquivos antigos. Ela havia reduzido sua lista para quatorze nomes que ela queria que Charlie Lee tentasse encontrar. Ela anotou cada uma de suas últimas informações de contato conhecidas para dar a ele um ponto de partida.

Ela subiu as escadas de volta para seu escritório, o ar mais frio beijando sua testa. Ela largou suas coisas e puxou o contato de Charlie em seu telefone. Ele não respondeu, então ela deixou uma mensagem.

Ela pegou sua lista de clientes para guardá-la, mas fez uma pausa. Sua mente estava presa no nome no centro da página: *Mathis Lariviere*. Seu nome e o de sua mãe.

Cerca de um mês depois de trabalhar no caso de Mathis, Julia encontrou-se com a jovem de dezessete anos em seu escritório uma noite. Sua licença foi suspensa por causa de suas acusações, e sua mãe, Elisa, o

levou ao escritório de Julia. Quando a reunião terminou, Julia enviou Mathis pelo corredor. Ela assumiu que ele e sua mãe tinham ido embora até que ela viu Elisa na porta.

"Você tem um momento, Julia?"

"Por favor, sente-se."

Elisa fechou a porta atrás de si e sentou-se em frente a Julia.

"Você sabe que Mathis está aqui com meu visto."

"Sim. Eu tenho trabalhado com um advogado de imigração, fazendo todo o possível para proteger seu status aqui".

"Mathis não pode retornar à França."

"Por que não?"

"Deve ser suficiente que eu diga que ele não pode."

Julia puxou um bloco de notas debaixo do arquivo de Mathis.

"Sem anotações", disse Elisa. Sua postura estava relaxada. Ela se recostou na cadeira, os dedos entrelaçados no colo.

"Há algo que eu possa fazer por você?"

"Eu tenho uma pergunta. O que acontece com o caso do meu filho se o policial que o prende não testemunhar?"

"Os policiais não perdem julgamentos. Isso só acontece na justiça de trânsito."

"Faça humor comigo."

Julia pensou por um momento. "Eu não sei como a ADA poderia provar que as drogas e a arma eram de Mathis sem o testemunho do primeiro oficial. Mas não sei, teria que pesquisar. É uma hipótese estranha."

Júlia sorriu. Elisa não.

"Porque perguntas?"

"Apenas curioso. Eu não sei muito sobre tribunal, provas."

Isso não era verdade, não de acordo com Mathis. Mathis havia dito a Julia que sua mãe era bem versada em casos criminais. Que toda a sua família era.

Oh Deus. Essa mulher estava falando. . . ela estava falando sobre pagar esse homem? Algo pior?

"Eu não gosto do que você está insinuando."

"Não estou insinuando nada."

A voz de Julia ficou estridente. "Eu acho que você é."

Elisa levantou a mão. "Relaxar. Temos o mesmo objetivo aqui".

"Eu não trabalho com pessoas que infringem a lei."

Elisa estreitou os olhos um pouco. — Você tem tanta certeza disso?

"Sim, eu sou."

Elisa deu de ombros e se levantou.

Quando chegou à porta, Julia falou novamente. "Elisa. Vou desistir do caso do seu filho se eu achar que você fez alguma coisa.

"Não há necessidade de arquibancada", disse Elisa. "Você fez o seu ponto."

Julia ouviu o baque distante da porta da frente se fechando e foi até a janela. Ela abriu a cortina e observou Mathis e sua mãe atravessarem a rua até o carro. Sua mão tremeu contra a renda.

Até onde Julia sabia, a mãe de Mathis nunca se intrometeu no caso dele. Ela foi a todas as datas do tribunal, mas nunca mais falou com Julia assim. E depois de mais de um ano de terapia, duzentas horas de trabalho voluntário e um relatório limpo de seu agente penitenciário da comunidade juvenil, Mathis obteve um excelente resultado. Até mesmo alguns elogios do juiz em seu último dia no tribunal.

No corredor após a audiência, Elisa pousou a mão manicurada suavemente abaixo do cotovelo de Julia. Eles caminharam para um banco de janelas longe dos outros do lado de fora do tribunal.

“Muito bem”, disse Elisa.

“Foi um esforço de equipe.”

“Eu gosto de você, Júlia.” Ela sorriu, os cantos dos olhos enrugando sob a sombra cinza. “Não estou tão orgulhoso a ponto de desejar-lhe o mal. Mas se você estivesse no meu lugar, com seu próprio filho, você entenderia como me senti naquela noite em que conversamos em seu escritório.”

Essa mulher, Julia percebeu, estava incomodada com a possibilidade de ter perdido o respeito de Julia.

“Eu sei que não foi fácil para você confiar em mim,” Julia disse.

“É mais difícil seguir as regras quando se trata de sua própria família. E espero de todo o coração que você nunca, jamais, tenha que entender isso.”

Isso era verdade, Julia supôs. Ela não sabia o que Elisa havia sentido, tendo seu filho enfrentando acusações tão sérias. Mesmo a possibilidade de deportação, de volta a um lugar onde ela acreditava que ele não estava seguro.

Mas Julia nunca teria sido como Elisa, mesmo que estivesse com os chiques sapatos pretos da mulher.

“Sei que você não vê como eu”, disse Elisa, “mas sinto que você salvou a vida do meu filho. Se eu puder retribuir a você...”

Julia a interrompeu. “Basta pagar sua conta.”

Elisa olhou para Julia secamente, depois soltou uma gargalhada.

Julia fechou a lista de clientes. Seria bom, pensou ela, que a mãe de Mathis a visse agora. Veja que ela estava errada sobre Julia. Assim como havia para Elisa, havia um jovem que Julia amava muito cuja vida estava, de certa forma, nas mãos do tribunal criminal. E Julia estava de cabeça baixa e confiando no sistema. Não perseguindo seus antigos colegas por fofocas ou favores.

Mas Julia estava sendo tão boa quanto pensava, ou simplesmente não estava se incomodando em bater a cabeça contra a parede? Porque, na verdade, não havia nada a fazer a não ser esperar que o caso de Nick terminasse, de uma forma ou de outra.

Abaixo da janela de seu escritório, Julia podia ouvir o som revelador do carteiro pisando na varanda. Ela arrumou a mesa, então desceu para a

cozinha.

Ela colocou a chaleira para o chá e pegou um pouco de pão na despensa. Ela ouviu o carteiro voltar para a varanda. Agora ele estava batendo na porta. Oh Deus, a porta. Talvez ele fosse perguntar sobre a janela quebrada; ela diria a ele que Tony não conseguiu, como Tony havia dito à equipe de atendimento de urgência. Isso era mesmo crível? Julia abriu a porta e descobriu que não tinha tempo para avaliar a qualidade de sua mentira, porque afinal não era o carteiro. De pé em sua varanda estava a detetive Rice.

JOHN RICE, 2015

Rice estacionou na estrada em frente à casa de Hall e verificou seu celular. Era pouco depois das duas. Ele ainda não tinha notícias de Nick, embora pudesse estar na aula. À medida que as horas passavam, ele começou a se sentir impaciente. A carta de Walker era tão invasiva. Não era incomum que uma vítima em um caso de violência doméstica ou agressão sexual simplesmente desistisse da noite para o dia, sem vontade de processar. Aquela carta — teria feito muita gente pensar em desistir. Ele se sentiria melhor se pudesse falar com Nick. Assegure-lhe que a carta ajudou em seu caso. Certifique-se de que ele estava bem e sabia que isso era apenas parte do processo. E pergunte sobre Chris.

Alguém estava em casa: havia um Subaru Baja vermelho — um veículo distintamente horrível — na entrada da garagem. Mas Nick estava lá? Enquanto Rice subia os degraus da frente para a varanda, ocorreu-lhe que não sabia se Nick ainda estava com o irmão ou se havia voltado para seu apartamento. Ele poderia ter tentado Tony ou Julia quando Nick não ligou de volta. Em vez disso, ele dirigiu para Orange sem pensar muito.

Alguma coisa estava errada na porta da frente. . . o vidro estava quebrado. E a tela inferior foi rasgada. Rice abriu a porta lentamente, examinando-a. Havia sangue seco do lado de dentro da fina porta de metal. Ele bateu com força na sólida porta interna. Ele ouviu passos abafados se aproximando.

A porta se abriu no rosto de Julia. "Detetive!"

"Boa tarde senhorita. Eu estava no seu bairro e tinha alguns minutos de sobra, então pensei em passar por aqui, caso você estivesse em casa.

"Claro, sem problemas, você queria entrar ou . . ."

"Eu vou entrar em um minuto, se você não se importa. Não quero refrescar sua casa falando com a porta aberta."

Julia sorriu e se afastou da porta para que ele pudesse entrar. "Não é muito mais quente aqui, eu temo."

Rice arrastou os sapatos no tapete do lado de fora. "Diga, o que aconteceu com a sua porta aqui?"

"Ah, ah, acidente", disse ela enquanto o conduzia. "Tivemos um acidente no fim de semana, só não tive a chance de limpá-lo ainda."

"O que aconteceu?" ele perguntou novamente.

Uma chaleira na cozinha começou a assobiar e Julia se afastou dele. "Tony caiu na porta ontem, subindo na varanda." Ela removeu a chaleira e desligou o queimador com um estalo. "Ele passou duas horas de seu domingo em cuidados urgentes e agora ele está com essa coisa de gesso."

Arroz gemeu. "Foi limpo através do vidro? Ele está bem?"

“Ah sim, tenho certeza que parece muito mais dramático do que era. Ele quebrou um dedo, mas parece que deve cicatrizar bem.” Ela se virou para ele diretamente e perguntou: “Chá?”

“Ah, eu não sou muito de chá, mas obrigado por oferecer.”

“Eu poderia colocar um bule de café para você, se você quiser?”

“Não, querida, eu não quero incomodá-la. Estarei aqui um minuto.”

Julia colocou o que parecia ser folhas de chá soltas de uma lata em um pequeno bule de barro.

“Como posso ajudar, detetive?”

“Bem, suponho que você tenha visto a carta no jornal.”

Julia assentiu e deu um triste sim.

“Eu sinto muito por isso. É uma coisa terrível ter lançado assim.”

Ela balançou a cabeça. “Eu me sinto tão triste por Nick. O . . . coisa em si já era uma invasão, e agora isso.”

“Ele está bem?”

“Eu acho. Acabamos indo vê-lo ontem à noite. Ele não estava nos respondendo, então nós apenas aparecemos.” Ela fez uma pausa. “Ele parecia meio fora de si, mas continuava dizendo que estava bem.”

Rice sentiu algum alívio por não serem apenas suas ligações que Nick estava ignorando. E que a família de Nick estava no topo das coisas, cuidando dele.

“Bem, tenho certeza que você sabe que a carta é boa para o caso de Nick.”

Julia não falou; parecia que ela estava tentando descobrir como isso poderia ser.

“Ele admitiu que temos o cara certo”, disse Rice, “e agora conhecemos a defesa. É tudo uma questão de consentimento.”

“Huh,” Julia disse com surpresa. “Você está certo. É engraçado, eu nem tinha pensado nisso. Nós dois estávamos tão focados em como isso faria Nick se sentir agora que ainda não tínhamos esperado. Mas você está certo.”

Arroz assentiu.

“Estas são admissões”, disse Julia. “E ele está ferrado, você não acha? Ninguém vai acreditar que alguém consentiria com o que aconteceu com Nick, certo?”

Arroz assentiu. “Certamente espero que não. Você conhece o horário de aula de Nick? Eu preciso entrar em contato, mas ele não voltou para mim, mas claramente eu não deveria levar isso para o lado pessoal.”

“Não, eu acho que ele está apenas sobrecarregado. Não é você. Não sei de cabeça, mas...”

Julia fez uma pausa quando seu telefone no balcão começou a vibrar e tocar.

Rice olhou para a tela, esperando que pudesse dizer o nome de Nick. Em vez disso, leu

Charlie Lee.

Charlie Lee? O PI?

"Oh, desculpe, isso é trabalho. Você se importa se eu tomar rapidamente?"

"Seja meu convidado."

Julia se afastou pelo corredor enquanto atendia o telefone. "Oi, Charlie. Na verdade, tenho companhia agora, talvez sim, ok, deixe-me ler a lista rapidamente. Sua voz ficou mais calma enquanto ela subia as escadas.

Rice estava na cozinha, ouvindo a voz abafada de Julia acima dele, mas não conseguiu decifrar uma palavra. Por que ela estaria trabalhando com um investigador, se na verdade era *Charlie Lee? O Charlie* que Rice conhecia tinha uma reputação muito boa, pelo menos para um investigador que nunca tinha sido policial. Ele veio do seguro. Eles estiveram em lados opostos de alguns casos; Charlie era geralmente contratado pelos réus.

Rice desistiu de tentar ouvir e encostou-se no balcão em frente ao fogão. Checou seu e-mail até que ouviu uma porta se fechar em algum lugar acima dele e passos na escada.

"Desculpe por isso", disse Julia quando reapareceu no final do corredor.

"Tudo bem, eu interrompi enquanto você está no relógio."

Ela acenou com a mão.

"Eu tenho que perguntar, aquele era Charlie Lee o detetive particular?"

"Sim." Julia olhou para ele brilhantemente e cruzou os braços. "Sim, eu costumava contratar Charlie quando era advogado de defesa, então o procurei em um projeto recentemente."

"Achei que você trabalhasse mais na política agora."

Julia colocou o telefone de volta no balcão. "Eu preciso, eu preciso que ele rastreie alguns clientes antigos para entrevistas."

"Eu vejo. Interessante."

Ela assentiu.

"Então, a agenda de Nick", disse Julia. "Acho que ele terminou as aulas às três ou quatro todos os dias. Eu sei que ele não tem aulas noturnas neste semestre. Ela pegou o bule e o girou suavemente, então o despejou em uma caneca no balcão.

O fluxo de líquido enchendo a xícara soou como música, e Rice lamentou ter recusado a oferta de uma bebida.

— Sobre o que você precisa falar com ele?

"Eu só queria tocar a base após a carta. E bem." Rice ajustou-se ao balcão. "Já que estou aqui, Nick lhe contou alguma coisa sobre o cara que ele deveria conhecer naquela noite?"

Júlia pareceu surpresa. "Cris?"

"Sim."

Ela considerou seu nome. — Acho que não sei nada sobre ele, na verdade.

"Ele e Nick estão em um relacionamento?"

"Não. Nick gostou dele por um tempo, ele o mencionou durante o verão, eu me lembro.

"Tudo bem", disse Rice.

Ela franziu a testa. "O que isso tem a ver com alguma coisa?"

"Provavelmente nada. Só estou me certificando de que fiz minha lição de casa. Certificando-se de que temos todas as informações."

"Entendo," ela disse lentamente. "Você vai ter que perguntar a ele."



Rice ficou sentado em seu carro por um minuto antes de seguir em frente.

Ele havia esclarecido o assunto com aquela vaga conversa sobre diligência. Talvez Julia percebesse aonde ele queria chegar. Ela tinha sido uma advogada de defesa.

Walker sabia contar uma boa história. Eles sabiam disso agora, pela carta. Ele fez admissões, mas também revidou contra as acusações. E, como Linda temia, o fato de Nick ser uma vítima do sexo masculino parecia fazer a mídia pensar que este caso era mais interessante. Walker havia contratado Eva Barr, que contrataria seu próprio detetive particular. Seria apenas uma questão de tempo até que a defesa soubesse sobre Chris, e Chris era um problema. Chris deu a Nick um motivo para mentir sobre a natureza de seu encontro com Walker. Chris era outro fio para a defesa puxar.

25

NICK HALL, 2015

O estômago de Nick se revirou com o som de seu telefone . A vibração curta significava uma mensagem de texto, não um telefonema. Ele pausou o show em seu computador e rolou em direção a sua mesa de cabeceira.

Tony:

Você está bem?

Nick gemeu. Era apenas o check-in diário.

Como sempre fazia, ele respondeu:

Sim.

Graças a Deus ele não estava mais com Tony. Pelo menos Nick não teve que lidar com ele pessoalmente. Tony estava mandando mensagens de texto e enviando snaps para Nick o tempo todo agora, mais na última semana do que nunca. Foi exaustivo, tranquilizando Tony de que ele estava bem. E toda vez que Tony estendeu a mão, antes que Nick visse seu nome na tela, Nick não podia deixar de se preocupar que fosse *outro* colega de classe enviando uma mensagem para ele porque eles ouviram sobre o caso. Ou pior: mandar uma mensagem para ele porque algo novo surgiu naquela noite. Mas isso não podia acontecer — só ele e Ray sabiam o que havia acontecido naquela sala, e os dois já haviam conversado.

Houve uma batida na porta e Johnny enfiou a cabeça para dentro.

"O detetive está aqui. O cara."

"Por que?"

"Ele não disse."

O telefone de Nick tocou em sua mão.

Tony:

Precisa de alguma coisa?

Ele digitou rapidamente.

Sim. Ouça quando eu digo que estou bem.



A detetive Rice estava parada ao pé da escada, na entrada bagunçada.

"Você tem algum lugar privado para conversar?"

"Na verdade não", disse Nick. Ele não queria que este homem visse seu quarto.

"Ir caminhar?"

Nick pegou uma jaqueta e um gorro e o seguiu para fora.

Desceram a Spring Street em direção ao campus. O detetive trouxe a carta primeiro.

Ele estava bem, Nick disse a ele.

Foi útil para sua equipe, disse o detetive. Agora eles conhecem a defesa, então podem se preparar, continuou. E eles podem usar a carta contra Walker no tribunal.

Tudo bem, disse Nick.

A detetive Rice se moveu rapidamente.

"Ei, eu queria te perguntar, qual é a situação com você e Chris?"

"Nada", disse Nick com um encolher de ombros.

"Vocês não estão juntos?"

"Não." Nick nunca respondeu a nenhuma das mensagens de Chris desde a noite em que aconteceu. Ele era provavelmente a última pessoa no planeta com quem Nick queria falar sobre isso.

— Você estava naquela noite?

"Não", disse Nick. "Ele me levantou."

O detetive balançou a cabeça como se Nick não o estivesse entendendo. "Vocês estavam em um relacionamento um com o outro naquela noite?"

"Não", disse Nick. Ele tinha que soletrar? "Ele não queria namorar comigo."

O detetive assentiu. "Seria importante para ele por algum motivo se você dormisse com outra pessoa?"

Mas eu não, pensou Nick. Seus olhos devem ter traído seu choque com a pergunta, porque o detetive falou novamente.

"Eu sei que você não *dormiu com Walker*. O que eu quero dizer é . . ." Ele fez uma pausa. "A ADA só queria saber mais sobre seu relacionamento, achando que isso iria aparecer no tribunal. Você viu o que Walker está dizendo. Ele e seu advogado provavelmente tentarão fazer parecer que você não queria que Chris descobrisse. Como se você o tivesse traído."

"Como eles saberiam sobre Chris?"

"Bem, ele é parte da sua história. O nome dele está no meu relatório, no seu depoimento, em outros lugares. Eles vão conseguir tudo isso."

"Espere", disse Nick. "As pessoas vão falar com ele?"

"Eu não sei," a detetive Rice disse. "Provavelmente. Eles podem entrevistá-lo. Talvez eu precise."

"Ele não tem nada a ver com o que aconteceu."

"Eu sei que é confuso de onde você está. Só não quero adoçar. Court pode acabar alcançando todos os tipos de lugares que você não esperaria."

Nick pensou novamente em algo que seu terapeuta disse durante a primeira sessão. Jeff estava falando sobre confidencialidade, quase passando por uma lista de verificação mental, e disse algo sobre como um tribunal poderia ordenar a um terapeuta que entregasse os registros.

"Como ele me estuprou ou não pode ter algo a ver com Chris?"

"Porque se ele não conseguir encontrar uma boa razão para você mentir, ele está fodido."

Ouvir a Detetive Rice falar tão grosseiramente foi chocante. O homem parecia rude — era grande e velho e usava uma arma sob o paletó. Seu

rosto estava marcado e enrugado. Mas ele nunca tinha falado com Nick assim.

“Ele vai fazer tudo o que puder para fazer você parecer um mentiroso, Nick. Ele está enfrentando anos, décadas até. E registro vitalício como agressor sexual.”

A respiração de Nick ficou superficial. Ele sentiu como se eles estivessem brigando, mas sobre o que ele não tinha certeza.

O detetive ainda estava falando. “Ele vai vir para você, com força. Alguém já lhe disse isso?”

"Você poderia ter", disse Nick.

Os olhos do detetive Rice se abriram surpresos. Ele baixou a voz. “Você estava sofrendo.”

Ou seja, eu não queria te machucar mais. O detetive estava cuidando de Nick. Assim como Tony. Assim como todos que falaram com ele sobre esse maldito caso. Eles o tratavam como se ele fosse uma criança. E estava funcionando. Cada vez que tinha que falar sobre o caso, sentia-se afundar para trás, mais longe do homem que tinha sido antes daquela noite.

O detetive o observava enquanto caminhavam.

“Nós não estávamos namorando. Eu queria; ele não. Ele não teria se importado se eu dormisse com outra pessoa. É isso. Não há nada aqui.”

A voz do detetive Rice estava calma. "OK. Se há algo que você não está me contando sobre você e Chris, você deveria fazê-lo agora.

"Por que?"

“Porque não parece bom quando você muda sua história mais tarde.”

Algo estava acontecendo. No fundo de seus olhos, ele podia sentir as lágrimas ameaçando brotar no ar frio.

"Eu não consigo guardar seus segredos", disse o detetive. “Você me diz, a ADA diz a ele. Tudo é jogo justo para ele, é assim que o devido processo funciona.”

Mas ele não pode ter o que a polícia não tem, Nick pensou consigo mesmo. *Você sabe disso. Ray não pode tê-lo se você não der a ninguém.*

A vontade de chorar sumiu.

"Eu não sei o que você quer de mim", disse Nick.

"Apenas a verdade."

Nick deu de ombros. "Você já tem."

T ONY H ALL, 2015

Havia um buraco no tênis de Tony, onde o dedão do pé roçava na malha. Os sapatos eram cinza com detalhes brancos, originalmente, mas agora estavam manchados de grama e sujos de lama. Ele os usava principalmente para brincar com as crianças e cortar a grama. Ele não conseguia se lembrar da última vez que tinha ido correr. Ele se amarrou e saiu de casa. No final da entrada ele foi para a direita, para longe do centro da cidade. Ele daria meia-volta, pensou, na pequena ponte cerca de três quilômetros adiante. O ar estava frio e seco em suas narinas, e uma dor surda latejava em suas canelas a cada passo.

A primeira vez que Tony saiu para correr ao ar livre foi no verão depois de se formar na faculdade. Tinha sido um verão de mudanças, e ele se lembrava bem. No verão passado, ele deu um soco. Com uma exceção, no último verão ele tomou uma bebida. Estava tudo conectado.

Beber era onde ele estava fraco: mais do que um par e era como se o interruptor de “restrição” em seu cérebro tivesse desligado. Os membros de Tony se soltaram, e sua risada era muito alta e ele era engraçado e divertido, geralmente, sem medo de cantar ou dançar ou dar em cima de uma garota bonita. Mas às vezes ele não era engraçado; suas piadas ficaram muito afiadas. E às vezes ele não era divertido. Às vezes, um cara olhava para ele errado, como se ele pensasse que ele era um merda e queria que Tony concordasse. Houve algumas brigas de bêbados na faculdade, sempre estimuladas por esse tipo de coisa, a postura, um “O que você está olhando?” Por duas vezes houve brigas. Seus amigos contaram esses incidentes com alegria dramática, como se Tony fosse Rocky. Tony tentou se ver como eles se viam: um fodão. O que ele se lembrava das brigas, porém, era a sensação de que seus braços estavam se debatendo, quase sem controle. Como se ele e o outro cara fossem fantoches lutando um contra o outro.

Sua última luta aconteceu no verão depois da faculdade. Que sua então namorada chamou isso de briga mal era preciso, na verdade, mas sua memória havia registrado como uma por causa dela. Ele e o cara ficaram juntos por segundos, na verdade. O cara o agarrou pela camisa; ele empurrou o cara. Era isso.

Na manhã seguinte, ela ainda estava brava. “Você está velho demais para isso.”

“Ele me agarrou”, disse Tony em descrença.

“Você estava gritando com ele.”

“Se você acha que isso foi gritar—”

“Você podia ver que ele era um babaca bêbado.”

“Ele chamou aquele cara de bicha.”

“Aquele cara não o ouviu.”

"Assim?"

“Você não pode policiar todo mundo. E se você tivesse sido preso por brigar? E se ele enlouqueceu e machucou você, ou a mim? Você não pensa no que está arriscando, apenas pula em algum modo de herói de merda para pessoas que não estão pedindo sua ajuda. Não gosto de sair com você, imaginando quem pode te provocar. Você não é assim quando não bebe.”

"Você não acha que eu teria dito algo para ele se tivesse ouvido isso sóbrio?"

“Eu não acho que você teria entrado em uma briga por causa disso, não.”

Pela briga e outros motivos, eles se separaram. Ela enviou um e-mail de despedida para sua mãe, aparentemente. Tony nunca chegou a lê-lo, mas nele ela falou sobre sua bebida. Ele sabia porque sua mãe tocou no assunto na próxima vez que ele a viu.

“Você sabe que seu pai tem um pavio rápido quando bebe.”

"Você está seriamente me comparando a ele?"

"Não, querido. Eu sei que você não está apenas andando por aí provocando brigas. Talvez você até tenha boas razões. Mas o raciocínio pode ficar escorregadio quando o álcool está envolvido.”

Tony passou a vida vendo seu pai se irritar com algo que uma pessoa sóbria poderia não ter notado, muito menos atribuído significado. Olhares que Ron percebeu como desrespeitosos ou infiéis. Com cada aba estourada vinha o potencial de ciúme, raiva, desconfiança.

Tony suavizou a voz. “Eu não sou um idiota como ele, mãe.”

“Eu sei que você não é.” Eles estavam sentados à mesa da cozinha dela, comendo a lasanha que ela preparou para a visita dele. “Sóbrio, você é o melhor homem que eu já conheci. Às vezes eu não posso acreditar que você acabou como você fez. Especialmente com seu irmão, meu Deus, você é bom para ele. Fiquei com seu pai tanto quanto fiquei porque temia que um divórcio arruinasse sua vida. Acho que estava bebendo o Kool-Aid do 'lar desfeito'. Se eu pudesse ver o homem incrível que você se tornou, não teria me preocupado. Eu teria colocado você no carro e saído anos antes. Você não é nada como ele.” Ela fez uma pausa. “Você não é nada como ele sóbrio. Mas a bebida. . . nada vai de zero a sessenta. É um slide. Quando conheci seu pai, ele era encantador. Uma dançarina tão boa. Ele não era perfeito, sempre um pouco cabeça quente, mas ele era diferente. Houve um deslizamento. E acho que o álcool tornou mais íngreme e rápido.”

Naquele mês, Tony foi ver um conselheiro de drogas e álcool.

“Você acha que tem um problema com a bebida?” ela perguntou.

"Não", disse ele. “Mas é possível ser um problema de *pré* - beber?”

"Como se você estivesse no precipício de um problema, você quer dizer?"

"Sim."

"Absolutamente." Ela não disse nada. Ela queria mais dele.

“Acho que é isso que minha mãe pensa. Ela não é uma mãe dramática. Ela não faz helicóptero. Ou viagem de culpa. E ela viu isso, alcoolismo sério no meu pai. Então o fato de ela pensar... As palavras eram muito dolorosas. Ele exalou bruscamente, e a vontade de chorar passou. “A última coisa que eu queria era ser como ele. Ela não merece isso. E meu irmãozinho, ele já me admira. E eu quero isso, isso me faz sentir que sou importante. Não quero que ele pense que nosso pai é normal. Eu quero ser isso para ele. E se eu passar por cima da borda. . .”

Ela assentiu. “Então dê um passo para trás.”

Ele decidiu parar de beber, só pelo resto do verão, para ver o que achava. O conselheiro lhe deu uma lista de reuniões locais de AA, mas ele nunca foi. Ela também disse a ele para encontrar um hobby que o deixasse processar o que estava sentindo. Ele começou a correr naquele verão. Era sua hora de queimar a energia nervosa e os pensamentos inúteis. O verão acabou, mas ele continuou correndo. Suas corridas ficaram mais longas e seus altos ficaram mais fortes.

Ele parou alguns meses para namorar Julia. Ele perdeu o hábito tão rapidamente – de repente ele não saía há um mês. Não que correr tivesse sido ruim; não era ruim agora. A rigidez em seus tornozelos estava diminuindo, e seus passos ficaram mais longos. Ele se lembrou disso, as torções trabalhando enquanto suas pernas esquentavam.

Talvez ele tenha parado de precisar da corrida. Até então ele estava acostumado a não beber. Feliz com a pessoa que ele estava se tornando. E quem precisa de um runner's high quando você tem uma nova namorada? Ele ficou mais alto com Julia do que qualquer outra coisa. Ela o fez se sentir feliz e seguro de si. Calmo e forte. Não que ele tenha se tornado impecável. Na verdade, ele havia esmurrado uma janela com raiva dez dias atrás. Quebrou o dedo mindinho. Parecia um insulto cósmico: *acha que você é um cara durão, homem grande, esmurrando vidro? Agora seu dedo mindinho está quebrado.*

Ele passou pela casa de um vizinho. Eles tinham um celeiro e um antigo silo de grãos que estava caindo aos pedaços, grandes pedaços de metal faltando nas laterais e no topo. Seus pulmões começaram a doer no ar frio. Era novembro agora, graças a Deus. Outubro tinha sido miserável o tempo todo. Por mais que quisesse Nick sob seu teto, a longa visita o havia esgotado, e então a carta de Walker o arrebatou. Tony estava indo tão bem por tanto tempo. Quinze anos — estava certo? Era. Quinze anos desde que ele fez todas essas mudanças. E eles tinham funcionado, ele pensou.

Certa vez, em uma corrida, ele passou por uma árvore caída e isso o lembrou de uma fábula que sua mãe costumava ler para ele quando criança, sobre um carvalho e um junco. A árvore, com seu tronco grosso, parecia indiscutivelmente mais forte do que o junco ralo na margem do rio, mas quando veio um forte vendaval, a árvore foi arrancada pelas raízes e caiu, enquanto o junco sobreviveu porque podia dobrar. E de repente ele entendeu – o ponto que sua mãe estava fazendo. Seu pai achava que ele era

tão durão quanto eles, e ele queria que todos soubessem disso, mas na verdade ele era a pessoa mais fraca que Tony conhecia. Ron Hall não poderia funcionar de manhã sem uma lata fresca de Bud. Ele quebrou coisas para assustar sua esposa. Ele bateu nos filhos. Ele era patético. A mãe de Tony, em comparação, era externamente suave e gentil, mas sua força interior era abundante. Naquele dia fugindo, ele conseguiu. Ele aprendeu a lição. E ele continuou por mais quinze anos trabalhando para si mesmo. Trabalhando para aprender a dobrar.

Mas, apesar de tudo, a raiva poderia apressá-lo tão facilmente. Ele leu a carta de Walker, leu aquelas palavras doentias e ficou cego. Tinha certeza de que bater em alguma coisa, qualquer coisa, aliviaria a dor excruciante que estava sentindo. O método de enfrentamento de seu pai sempre estaria lá, oferecendo-se a ele. “Não seja um bichano; seja um homem. Revidar. Não tome isso.” Quinze anos e ainda estava lá. E o que tinha dado a ele? Um dedo mindinho quebrado, orgulho danificado e o pior de tudo, duas crianças aterrorizadas. Seb chorou primeiro, então Chloe. A vergonha que sentiu naquele momento o atormentava.

E, no entanto, apesar de sua vergonha, ele permaneceu com raiva. Afinal, Walker era a causa de seu comportamento. Tony ficou até um pouco bravo com Julia, pelo choque dela. Sim, o que ele tinha feito não era racional. Foi assustador. Violento. Tudo bem, eram todas as coisas que ele normalmente não era. Mas ela não poderia perdoá-lo, depois de ler o que ele tinha? Não só este homem agrediu Nick, mas agora ele os alcançou em suas casas. Empurrou suas mentiras em seus rostos. Inventei uma história de merda e desviei tudo para Nick.

Tony correu mais rápido, seus pés batendo no chão. A dor em seus pulmões engrossou, e sua boca começou a salivar. Foda-se Raymond Walker. Foda-se ele e suas mentiras e sua carta presunçosa e arrogante sobre verdade e justiça. Foda-se ele por fazer isso com Nick.

Usuario.

Uma pontada começou a esfaquear a parte de baixo de suas costelas, e ele diminuiu o passo, ofegando e tentando sentir a dor na lateral do corpo. Nick disse a ele para deixá-lo ir. Nick estava bem. Ele não acreditou a princípio; não parecia possível que Nick se importasse tão pouco com a carta. Mas ele disse que estava bem, e parecia ser verdade. Ele respondeu as mensagens de Tony. Enviado snaps de Tony no Snapchat. Houve uma selfie entediada enviada da aula um dia. Outro dia, uma foto da TV, seu colega de quarto ao lado assistindo com ele. Sua vida continuava como antes. Se alguma coisa, a única coisa que parecia incomodá-lo era a constante verificação de Tony sobre ele.

Tony não estava fazendo nada melhor; ele só estava ficando doente. Ele se virou e começou a caminhar para casa. Ele não tinha alcançado a ponte, mas não se importava.

JULIA H ALL, 2015

Em meados de novembro, quando o nome de Charlie Lee iluminou a tela de seu telefone, Julia correu para seu escritório para atender a ligação de Tony.

Charlie remexeu na lista de nomes de seus ex-clientes, parando tempo suficiente para Julia registrar o endereço ou número de telefone que ele havia confirmado. Quando terminaram, Charlie baixou a voz de brincadeira.

“Então, o projeto paralelo.” A maneira como ele disse cheirava a segredo. E para ser justo, era um segredo. Ela não queria que ninguém soubesse que ela contratou Charlie para investigar Raymond Walker, para ver se ele poderia angariar alguma coisa para ajudar a garantir uma condenação. Nem mesmo Tony.

Charlie só disse a ela duas coisas que ela ainda não tinha ouvido de Nick ou do detetive.

A primeira foi que não foi Raymond Walker quem alugou o quarto no motel onde levou Nick. O homem que trabalhava na recepção disse a Charlie que reservou o quarto para uma mulher que pagou em dinheiro. O Motel 4 não obrigava os clientes a colocar um cartão de crédito, desde que pagassem pelo quarto e tivessem carteira de motorista para tirar fotocópias. Charlie não tinha localizado a mulher que pagou pelo quarto de Walker, mas com base nos resultados de pesquisa que surgiram para seu nome, ela provavelmente era passageira. Walker provavelmente havia oferecido dinheiro para ela reservar o quarto. "Acontece com mais frequência do que você imagina", disse Charlie.

Julia não sabia se a polícia sabia que Walker havia pago a alguém para reservar o quarto com um nome diferente, mas ela suspeitava que sim. Eles devem ter checado na mesa quando ainda estavam tentando localizá-lo. Era difícil pensar em uma razão inocente para fazer algo assim. O termo *malícia premeditada* flutuou em sua mente. Era um termo que os advogados não usavam muito no Maine, mas ela aprendera na faculdade de direito. Representava algo como o reconhecimento interno do mal que você cometeria mais tarde. Reservar um quarto com o nome de outra pessoa antes de trazer alguém para lá . . . isso soava como se Walker tivesse planejado fazer isso com alguém. Era estranho pensar que a detetive Rice sabia de algo assim sem compartilhar com eles – ou pelo menos com Nick. Mas essa era uma maneira tola de ver isso. Não era seu trabalho dizer-lhes coisas.

A segunda surpresa que Charlie deu foi que Raymond Walker não tinha nenhum histórico criminal ou PFA em suas buscas no banco de dados.

“Não é o que eu esperava,” Charlie disse, “mas acho que estamos lidando com um crime que as pessoas são menos propensas a denunciar. Vou ligar para fora do estado, já que ele viaja a trabalho.

"De jeito nenhum eu paguei o suficiente por mais do seu tempo."

“Não mencione isso, sério. Tem sido lento. E estou interessado. Ninguém é tão limpo quanto esse cara parece agora.” Ele riu. “Exceto talvez você.”

NICK HALL, 2015

Da janela do quarto, Nick viu Tony parar na rua.

Nick parou em seu espelho uma última vez. Camisa azul-clara, calça bege de Tony, sapatos marrons gastos. Ele parecia respeitável e adulto, embora chato. Todos os três pareciam certos para testemunhar em um grande júri.

Lá fora, estava frio o suficiente para nevar, mas o céu estava claro.

Nick subiu no SUV de Tony. "Obrigado pela carona."

"Sem problemas", disse Tony. "Eu queria trazer você."

"Eu não te avisei muito."

Tony desviou o olhar e começou a dirigir. "Está bem. Eu sei que fui um pouco demais."

"Não", disse Nick.

Isso era uma mentira — Tony *tinha* sido um pouco demais. Depois que Walker enviou a carta ao jornal, Tony começou a enviar mensagens de texto para ele quase diariamente.

Como você está aguentando, apenas verificando só checando, checando, era exaustivo. Então Nick havia lidado com Tony como havia feito antes: Nick lhe deu respostas rápidas e superficiais.

Multar; Boa; Não consigo falar, ocupado; Em aula.

Basicamente, ele dizia o suficiente para tranquilizar seu irmão, e retinha o suficiente para abafar a conversa. Funcionou e, eventualmente, Tony recuou. Agora Nick se sentia culpado. Tony só queria que ele ficasse bem. Isso foi tão ruim?

Quando ele estava cansado da preocupação de Tony, ele disse a Tony que queria ir ao grande júri ele mesmo. Tony perguntou algumas vezes, mas Nick disse que não, e Tony desistiu. Então, naquela manhã, Nick acordou com falta de ar, arranhando sua garganta, e levou segundos, longos segundos, para ele perceber que estava seguro em sua própria cama. Para o som da risada desaparecer de sua cabeça. Ele estava seguro. Seguro, mas sozinho. Ele mandou uma mensagem para Tony. Perguntado se ele queria vir depois de tudo.

Quando chegaram ao tribunal, Nick usou o banheiro pela quarta vez naquela manhã. Seu estômago o estava matando. Ele comeu algumas torradas, mas mesmo isso não estava bem.

Um marechal lhes disse para onde ir, no segundo andar do tribunal. Linda saiu para o corredor e encontrou Tony. Disse-lhes que podiam sentar-se no banco encostado à parede. Disse que demoraria um pouco enquanto ela voltava para a sala no corredor.

Eles se sentaram juntos falando sobre televisão, as aulas de Nick, uma história engraçada sobre sua sobrinha, qualquer coisa menos por que eles

estavam lá. Tony estava tentando distraí-lo, e agora, Nick não se importava.

A torrada e o ácido no estômago de Nick estavam causando tumulto, e o barulho estava ficando óbvio. Algumas vezes, ele notou que os olhos de Tony se voltaram para seu estômago e voltaram para cima novamente.

Finalmente, Tony disse: "Parece um barril de cobras ali".

Nick caiu na gargalhada, chocado e encantado com o absurdo disso.

Tony riu também, claramente satisfeito consigo mesmo. "Você deve ter cagado seus miolos mais cedo."

"Estou nervoso," Nick gemeu, ainda sorrindo. E ele estava nervoso, mas a risada estava acalmando seu estômago.

A porta se abriu. Era Linda novamente. "Preparar?"

De repente, Nick sentiu a mão de Tony se fechar sobre a sua. Três apertos: *eu te amo*, como quando Nick era pequeno. Nick devolveu quatro apertos. Ele amava Tony. Ele poderia tê-lo amado mais do que qualquer outra pessoa. Seu irmão era um pé no saco, mas ele cuidou de Nick como ninguém mais fez.

Quando ele entrou na sala, primeiro ele notou as pessoas. Sherie, a defensora do caso, ligou para ele na semana passada para falar sobre o grande júri e disse que provavelmente haveria 23 deles. Vinte e três jurados que votariam se Linda tinha provas suficientes para acusar Ray de estuprar Nick. Vinte e três estranhos que decidiriam o que pensavam de Nick.

Havia painéis de madeira e bandeiras do Maine e dos Estados Unidos no canto, mas a sala também era um pouco diferente de um tribunal. Não havia juiz, nem assentos para uma platéia. Ele se sentou em uma pequena cabine, como já tinha visto em filmes de tribunal antes. Linda ficou ao lado dele, e ele enfrentou os grandes jurados.

Linda começou fácil. Seu nome, sua idade, onde morava, o que estudava.

"Agora eu tenho algumas perguntas sobre o dia 2 de outubro deste ano."

O *thud-thud-thud* no peito de Nick acelerou. Ele assentiu.

Por que ele saiu? Quem foi com ele? Chris apareceu? Ele estava namorando Chris? O que ele e Elle fizeram no bar? Quantas bebidas ele tomou? Quão rápido? Mas em quanto tempo? Então ele não estava bêbado, certo? Quando ele notou o homem que se apresentou como Josh?

"Quando eu fui até o bar. Elle queria outra rodada.

"Que horas foi isso?"

Ele não conseguia se lembrar. Isso foi ruim? O suor brotou em seu couro cabeludo. "Não me lembro."

"Você se lembraria se olhasse para sua declaração?"

Nick assentiu.

Linda puxou um conjunto de páginas grampeadas de uma pasta na mesa ao lado dela. Ela dobrou uma página e sublinhou algo com um lápis da mesa. Ela o entregou a Nick.

Era um boletim de ocorrência policial. Dizia *DETETIVE JOHN RICE* no topo. Uma frase estava sublinhada a lápis: *Nick me disse que foi em*

algum momento depois das 22h30 e antes das 23h que ele conheceu o homem que mais tarde identificaria como RAYMOND WALKER no Jimmy's Pub.

"Você se lembra agora?" Linda perguntou.

"Sim", disse ele. "Era algum tempo depois das dez e meia e antes das onze."

"OK. Ele estava no bar quando você subiu?"

Os olhos de Nick foram para o tapete. Ele imaginou. "Não", disse ele. "Ele se sentou ao meu lado quando eu já estava lá."

"Quem iniciou a conversa?"

Ele não tinha que pensar sobre isso. "Ele fez", disse Nick rapidamente. Nick não queria pensar naquela noite, ele queria deixar a memória murchar e morrer no escuro. Mas Ray tinha escrito aquela carta, e ele fez parecer que Nick o estava perseguindo. Nick não pôde deixar de lembrar, comparando sua versão com a de Walker. Essa parte simplesmente não era verdade.

As perguntas de Linda continuaram. Que nome o homem deu a Nick? Sobre o que eles falaram? Quanto tempo eles conversaram? Quantas bebidas Nick tomou? Quantos "Josh" tinha? Quem convidou quem foi embora?

"Ele fez", disse Nick. Ele podia ouvir: "Quer sair daqui?" Deveria ter sido brega, mas Josh—Ray—tinha a voz perfeita para a fala.

"Como você decidiu para onde ir?"

"Ele disse que tinha um quarto, então fomos lá."

"Onde era o quarto?"

"Motel 4."

"Como você chegou lá?"

"Nós pegamos um táxi?"

"O que aconteceu no táxi?"

Nick sentiu o rosto corar.

Ele tinha gostado tanto de Josh. Ele se sentiu solto e flexível com o licor, a rejeição de Chris. Josh era tão bonito, maduro, com rugas nos olhos claros. Josh estava tão relaxado consigo mesmo. Eles entraram no táxi, um taxista masculino na frente, Josh disse, "Motel 4", e ele se inclinou para Nick. Josh não se importava com o que o taxista pensava e, naquele momento, Nick também não se importava.

"Nós saímos."

Ele estava realmente entrando nisso agora. Não apenas que ele era gay – isso por si só provavelmente era um problema para algumas das pessoas na sala – mas que ele estava disposto. *A princípio*, ele se lembrou. *Você só estava disposto no início.*

Ele olhou para o grupo deles e acidentalmente cruzou os olhos com um homem na primeira fila. O homem desviou o olhar rapidamente.

"Apenas beijando?" Linda perguntou.

As mãos de Nick estavam no colo e ele começou a esfregar o antebraço direito. Estava escuro no táxi, a respiração deles estava rápida e Josh levou a mão à virilha de Nick. Nick ainda não havia contado esse detalhe a ninguém.

"Sim", disse Nick.

Ele levantou o polegar sob a manga.



Quando Nick saiu pelas portas duplas, Tony estava parado no final do corredor.

"Ei", disse ele, e caminhou de volta para Nick rapidamente.

"Linda disse que posso ir embora se quiser", disse Nick.

"Como foi?"

"OK." Lento e rápido ao mesmo tempo. Exaustivo, estressante, mas melhor do que ele se preocupou que seria. Ele se apegou à sua história. Não fodeu nada. "Acho que me saí bem", disse ele.

"Ele é indiciado?"

"Ela não acabou."

Tony olhou por cima do ombro de Nick, para a porta atrás dele. "Você não quer esperar, apenas no caso?"

Nick balançou a cabeça. A adrenalina que o apressou enquanto ele testemunhou estava drenando. "Eu quero ir para casa."

No estacionamento, Tony se ofereceu para levá-lo para almoçar primeiro, mas Nick estava cansado demais.

Ele subiu no banco da frente e afundou contra ele. Ele pode adormecer no caminho, pensou. Quando ele colocou o cinto de segurança sobre o torso, a carne macia interna de seu antebraço ardeu onde roçou a parte interna de sua manga. Ele clicou a fivela em sua fechadura, então virou o pulso para cima. Ele olhou para baixo, tão sutilmente quanto pôde. Uma alfinetada de sangue tinha encharcado sua manga.

JOHN R ICE, 2019

Julia não disse nada em resposta. Ela continuou bebendo seu chá. Mesmo agora, Rice não podia deixar de se lembrar de Irene quando ele olhava para ela. Irene tinha sido sólida como uma rocha. Julia também parecia sólida, mas hoje suas mãos estavam tremendo.

“Você nunca foi a um grande júri”, disse Rice.

“Não.”

“Geralmente bem chato, mas o de Nick foi interessante.”

“Por que?”

“Bem, por um lado, a vítima nem sempre testemunha, mas você sabe disso. Linda queria dar um treino para ele, ver como ele se saía.”

“Sim”, disse ela.

“Você sabia que ele cometeu um erro?”

“Não.”

Era sutil o suficiente para que Linda Davis, a ADA, nem tivesse notado, e ela tinha uma atenção muito boa aos detalhes. Algo sobre isso, porém, incomodou Rice. O menino havia chegado à parte de sua história em que ele e Raymond Walker entraram no quarto do hotel. Ele testemunhou que fechou a porta e Walker bateu na cabeça dele. Ele disse que caiu no chão, então Walker acendeu a luz, e foi aí que a visão e a memória de Nick desapareceram. Rice lembrou-se de olhar para o rosto do menino enquanto dizia isso. Nick estava olhando para baixo, o que não era anormal; não era fácil falar sobre isso, muito menos para uma sala cheia de estranhos. Mas, de repente, Rice sentiu uma coceira sob o colarinho e como se precisasse se levantar. Rice esperou até que o menino saiu e Linda começou a falar com os jurados, então ele se recostou na cadeira o mais casualmente que pôde e abriu sua pasta. Ele pegou suas anotações de sua entrevista com Nick, mas teria que ouvir a gravação para ter certeza.

De volta à delegacia, ele se sentou à mesa, colocou fones de ouvido e puxou sua entrevista de Nick. Curvado para frente, com as mãos no colo, ele escutou a coisa toda. Sim, era pequeno, mas lá estava. Nick nunca havia mencionado Walker acendendo a luz antes.

Na entrevista, Nick havia dito que estava escuro quando Walker o acertou, e essa foi a última coisa que ele se lembrou. Agora ele disse que caiu no chão e Walker acendeu a luz. Que detalhe sensorial. O tipo de coisa que você não pode deixar de imaginar: o buraco negro de um quarto de motel escuro inundado de luz amarela. Então, por que Nick não mencionou isso antes?

“Ele mudou alguma coisa”, disse Rice.

“No grande júri?”

"Sim. E por mais louco que pareça, esse foi o momento. Foi quando o caso escapou de mim."

Um caso nunca estava totalmente sob o controle do estado do início ao fim — isso era impossível. Não foi isso que Rice quis dizer. Ele entrou no grande júri sentindo-se tão bem quanto podia sobre um caso como o de Nick. A história tinha sido consistente. A evidência física estava do lado deles. Até Chris Gosling parecia ser um problema menor do que eles se preocuparam — Chris disse a O'Malley a mesma coisa que Nick disse a Rice: eles não estavam namorando. Até onde Rice sabia, Nick não tinha nenhum motivo no mundo para inventar uma agressão sexual.

E então, no grande júri, Nick se atrapalhou no ponto mais estranho.

"O que você quer dizer com isso escapou de você?"

Arroz deu de ombros. "Eu sabia que algo estava errado, e eu me sentei sobre isso."

Julia olhou para ele, de olhos arregalados e miserável.

Não havia como expiar os pecados que ele havia cometido. Mas pelo menos ele poderia confessar.

"Você sabe por que eu te chamei aqui, não é?"

JULIA H ALL, 2015

Na semana passada, Raymond Walker foi indiciado. Eles não tinham conseguido muitos detalhes sobre o procedimento do grande júri: apenas que tinha sido bem sucedido. Esta boa notícia foi seguida rapidamente pelo que parecia ser uma má notícia: a cobertura da imprensa.

Linda foi esperta em tornar o nome de Nick privado, porque a imprensa parecia viciada no caso de estupro com a vítima do sexo masculino. Até um jornal do norte publicou um artigo sobre o caso após a acusação. Julia não conseguia se lembrar de nenhum de seus casos sendo notícia assim, com cobertura em todo o estado ou atualizações regulares.

Os artigos discutiam o procedimento até agora — a prisão, a fiança de Walker, a acusação — e continham algumas citações da advogada de Walker, Eva Barr. As citações eram as mesmas em todos os artigos — ela deve tê-los enviado por e-mail. “Não estamos surpresos com a acusação, já que o grande júri só ouve a versão dos eventos da promotoria. Estamos confiantes de que quando um júri tiver a chance de ouvir de Ray, ele será absolvido”. O artigo então recapitulou a carta de Walker: segundo ele, “a suposta vítima estava bebendo, perseguiu Walker no bar e, em seguida, os dois se envolveram consensualmente em sexo 'bruto”.

Isso já era difícil de ler, mas a ansiedade primária de Julia, por mais infundada que fosse, era que a identidade de Nick de alguma forma ficaria ligada ao caso, destruindo a pouca privacidade que ele tinha nessa bagunça. Julia não era fã de repórteres, por si só, mas confiava neles para não publicar o nome de Nick, já que o juiz havia decidido que deveria ser confidencial no processo judicial. Eram as seções de comentários ativos dos artigos que a preocupavam. Por alguma razão, as pessoas se sentiram compelidas a acessar a internet e dar sua opinião sobre o caso. As únicas pessoas que conheciam “a vítima” nesses artigos era Nick Hall, eram outros Halls e alguns dos melhores amigos de Nick, exceto os profissionais. Que alguém pudesse denunciá-lo online parecia improvável, mas até a possibilidade a incomodava. No dia seguinte à acusação, ela passou os olhos pelas seções de comentários de cada artigo que conseguiu encontrar. Ela tentou procurar apenas por *N* e *H* maiúsculos, mas foi impossível resistir à leitura. Muitos dos comentários eram anti-Walker. Alguns não foram.

Havia o machismo:

Eu poderia engolir isso se a “vítima” fosse uma mulher menor, mas um homem de 20 anos fica inconsciente com um único golpe? Só é muito difícil comprar.

E o fanático:

Não é assim que dois caras caem?

Principalmente, os comentaristas negativos questionaram a história de Nick.

TBH isso soa como uma conexão bizarra?

Nós realmente queremos juízes, ou seja, contribuintes, classificando os níveis de consentimento quando tanto álcool estava envolvido e dois adultos foram para um quarto de hotel?

Então, podemos esclarecer que esse cara desmaiou, não foi atingido na cabeça ou qualquer bobagem. . . só não quer admitir que ele se embebedou muito. Se ele não se lembra do que aconteceu, isso não significa que ele não estava consentindo com isso.

Os comentários incomodaram Julia por horas depois que ela os leu. Eles incomodaram Tony por dias. Ele continuou tentando mostrar a ela novos. Novas granadas de ódio foram lançadas contra qualquer um que as lesse.

"Eu terminei com essas coisas", disse ela.

"Por que?"

"É muito doloroso. Não é nada novo e é só – as pessoas são uma merda. Eu não preciso continuar lendo todas as maneiras que as pessoas são ruins."

"E se Nick estiver vendo essa merda?"

Eles estavam na cama, Tony em seu telefone, Julia pousando o livro que ele a estava distraíndo.

"Ele pode estar vendo", disse ela.

Tony olhou para ela como, *exatamente*. Como se ela pudesse fazer algo sobre a seção de comentários do *Seaside News*. Ele estava todo animado com os usuários sem rosto que deixaram os comentários, e a única pessoa que ele conseguiu falar foi Julia. Ela conseguiu isso. Mas estava começando a irritá-la.

"É terrível", disse ela enfaticamente. "Mas não sei mais o que fazer."

"Eu quero matar todas essas pessoas."

Ela se aconchegou contra ele. "Isso é *super* razoável."

Ele riu baixinho.

Ela acrescentou: "Poderíamos colocar alguns corpos nos fundos".

Tony pareceu se acalmar por alguns dias, mas aparentemente não o suficiente para parar de procurar notícias online. Julia estava tomando banho quando Tony entrou.

"Ele fez isso de novo."

Ela empurrou a cortina. "Quem fez o quê?"

"Andador." Tony empurrou o telefone na cara dela.

Era uma página do Facebook. Ela leu em voz alta. “Confirmado: o acusador do meu filho tem namorado.’ Oh, Cristo,” ela gemeu. “Essa é a mãe dele?”

"Sim", disse Tony. "Continue lendo."

"Estou no banho." A declaração mais auto-evidente que ela já fez. “Pode esperar?”

Tony continue lendo. “Alguém pensa em uma razão para ele não querer admitir o sexo?”

Julia desligou a água. "Isso é horrível."

“Ele deve ter dito a ela para postar.”

“Você pode me passar uma toalha?” Julia espremeu a água do cabelo.

Tony entregou-lhe um através da cortina. “Eles podem usar isso contra ele no tribunal?”

Ela enrolou a toalha ao redor de seu torso e a prendeu. “Uma declaração de sua mãe? Eles podem perguntar a ela sobre isso, mas não sei que bem isso fará.”

"Por que você não parece mais chateado?"

Ela puxou a cortina. “Acho que porque sabíamos que isso ia acontecer. Sabíamos que eles tentariam fazer algo de Chris.”

“O juiz não pode fazê-lo parar de falar?”

“Não é o posto dele.”

“Mas isso não é uma coisa que um juiz pode fazer?”

Ela suspirou. “Uma ordem de mordança?”

A boca de Tony se contraiu em uma linha apertada. “Estou te incomodando.”

"Tipo de. Estou tentando me preparar; Eu preciso ir para a loja."

Ação de Graças era aquela próxima quinta-feira. A mercearia seria uma cena de máfia.

"Eu posso ir", disse Tony.

“Não,” ela disse rapidamente. “Eu sei que isso é difícil. Ele é seu irmão. É uma merda. Eu cuido da loja.”

Na verdade, ela queria uma desculpa para sair de casa e respirar fundo.



A lista de Julia era longa, abrangendo uma semana normal de refeições e um jantar para dez, já que Nick estava trazendo sua colega de quarto Elle. Em poucos dias eles seriam os anfitriões do Dia de Ação de Graças, como faziam há anos. Julia considerava a unidade deles — ela, Tony e as crianças — como o centro da família. Sua mãe viúva, os pais divorciados de Tony e Jeannie e Nick eram os raios que eles conectavam. Um ano Nick teria um namorado sério, e ele poderia ir ao jantar de outra família, mas ela esperava que uma vez que ele se casasse, e se tivesse filhos, ele continuasse a comemorar o feriado com eles. Ela amava Nick. Houve momentos naquele outono em que Tony agiu como se não acreditasse que ela o fizesse. Ela

ficou de coração partido quando ele foi agredido. Ela se sentia infeliz por ele com cada nova invasão que o processo trazia. Seus sentimentos simplesmente não tinham o mesmo poder de permanência que os de Tony. Tudo isso era muito mais pessoal para Tony. Talvez ela tivesse entendido se Nick fosse seu irmão, mas parecia ser mais do que isso. O relacionamento deles era diferente da maioria dos irmãos que ela conhecia. Tony se sentia responsável por Nick.

Esperançosamente Tony se refrescaria nas horas que ela e Seb estivessem no Shop 'n Save. Deus o abençoe, Seb era obcecado pelo supermercado, e enquanto Chloe normalmente passava o caos de uma viagem de compras de fim de semana, Seb teria um ataque antes de ser deixado em casa. Embora estivesse apenas adivinhando, Julia presumia que as pessoas que tropeçavam em ácido se pareciam com seu filho quando ele passava pelas portas automáticas de sua loja local. Toda semana, Seb ficava visivelmente maravilhado com as cores, cheiros e sons agitados que o inundavam na chegada.

A vitrine do Shop 'n Save in Orange não usava esse nome há mais de uma década. Uma grande corporação comprou e mudou o nome muito antes de Julia se mudar para Orange, mas seus vizinhos ainda o chamavam pelo nome antigo. Os produtos e os preços da loja atendiam mais aos habitantes do centro da cidade — principalmente liberais, principalmente ricos, principalmente aquela mistura de bougie e hippie do sul do Maine. Às vezes, os vizinhos de Julia no campo reclamavam sobre o que a loja havia se tornado, e Julia se sentia uma fraude por fingir que concordava com eles. Com sua casa de fazenda decrépita e trabalho de dona de casa, eles não sabiam que ela vinha de uma família abastada por meio de seus pais em Yarmouth. Eles não sabiam o quanto ela gostava de comprar pães de alecrim por seis dólares, óleos faciais de ervas e tudo orgânico, até os feijões enlatados. “Compre e pague a mais”, seu vizinho Willie chamou a loja. Julia acalmou sua culpa comprando ovos de Willie toda semana. Ela sempre notou a ironia de que eles eram muito caros.

Este fim de semana a loja estava um hospício, e Seb estava no céu. Ele embalou batatas-doces em seus braços, deixando cair uma com um baque enquanto Julia tentava interceptá-lo a caminho do carrinho. Ele selecionou uma cebola roxa e a inspecionou com um olhar severo em seu rosto antes de segurá-la para um senhor mais velho vasculhando a pilha à sua esquerda.

“Boa escolha,” o homem disse com um aceno de cabeça, e Sebastian sorriu. Enquanto caminhavam pela loja, seu filho tagarela cumprimentou vizinhos e estranhos. No corredor de cereais, Julia estava agachada para pegar uma lata de mingau de aveia quando ouviu o filho exclamar: “Detetive!”

Ela se virou para encontrar o detetive Rice de pé sobre ela. Ela deve ter parecido assustada, porque ele abriu com um pedido de desculpas por se aproximar dela.

“Está tudo bem,” ela disse enquanto se levantava. “Oi.”

“Oi,” ele disse com um sorriso.

Uma mulher veio ao lado do detetive com seu carrinho, e ele saiu do caminho dela no corredor apertado.

“Eu não sabia que você morava aqui também,” Julia ofereceu.

“Oh, eu não, mas minha cunhada e seus filhos sim. Devo almoçar lá e estava parando para pegar pão. Ele segurava uma única bocha fresca na mão. Era da seção de padaria do outro lado da loja — ele a seguiu?”

“Você está fazendo sanduíches?” Sebastian perguntou brilhantemente.

“Acho que sim, homenzinho.”

— Sua esposa também está aqui? Júlia perguntou.

“Minha esposa faleceu, na verdade, há pouco mais de cinco anos.”

Julia estremeceu; ele continuou antes que ela pudesse falar.

“Está tudo bem, realmente.”

“Isso é tão triste”, disse Sebastian. “Voce sente falta dela?”

Julia colocou a mão no ombro de Seb; ela sentiu vontade de silenciá-lo, mas havia uma doçura em sua preocupação inocente que não merecia ser silenciada.

“Muito”, disse o detetive.

“Como fez—” Seb começou.

“Querida, o detetive Rice precisa chegar na casa da família dele.”

A detetive Rice entendeu a dica e assentiu. “Acabei de ver você e queria checar você rápido. Muitos negócios nos noticiários ultimamente.” Ele falou em código pelo bem de Seb. “Espero que você e sua família estejam bem.”

A fadiga rastejou sobre seus ombros. “Nós somos.” Ela deixou os olhos dele segurarem os dela por um instante. O que ele esperava que ela dissesse? Não havia nada a fazer a não ser sobreviver. As rodas da justiça moviam-se lentamente, e não havia como a detetive Rice ou qualquer outra pessoa interromper a conversa pública nesse meio tempo.

A detetive Rice partiu com um adeus tranquilo para Julia e um aceno para Sebastian, que havia perambulado até o final do corredor, entediado com os adultos falando sobre as novidades. Julia observou o detetive se afastar, ligeiramente encurvado, parecendo mais velho e talvez menor agora. Era seu novo conhecimento de que ele era viúvo e que ainda usava a aliança de casamento? Ou era a imagem dele, apenas um homem no fim de semana, fora do horário, preocupado com o que sua família estava passando? Julia já se sentira assim mil vezes antes em seu antigo emprego — como se não pudesse fazer nada real por pessoas que precisavam desesperadamente de ajuda. Ela presumira que um homem com a experiência do detetive Rice seria imune a tais sentimentos de fracasso, mas agora suspeitava que não o conhecia tão bem quanto pensava.

TONY HALL, 2015

Pelo menos vinte minutos se passaram desde que ele ouviu a mudança na respiração de Julia e soube que ela estava dormindo. Tony, por outro lado, podia sentir sua mente acelerando em vez de se contentar com a noite. Faltavam algumas horas para o Dia de Ação de Graças e havia muito o que fazer pela manhã. Tony cuidaria do forno: o peru, purê de batatas e torta; Julia levaria a salada, os hors d'oeuvres e a mesa. As crianças iriam “ajudar”, o que significava que eles duplicariam o tempo que levavam para fazer tudo. As pessoas começariam a chegar ao meio-dia. Suas mães chegariam na hora; Nick não o faria; Ron e Jeannie eram um jogo de dados. A primeira vez que Tony e Julia receberam toda a família para o Dia de Ação de Graças, Ron apareceu com um zumbido. Ron acabou com um pacote de seis enquanto comiam, e Tony acabou pedindo para ele sair mais cedo. Ele e Jeannie saíram com menos barulho do que Tony esperava, mas não apareceram nos dois anos seguintes.

Era discutível se o relacionamento de Tony e Ron havia melhorado ou se deteriorado com o tempo. Para Ron, ele suspeitava, Tony se tornara um homem desrespeitoso que adotara uma visão de mente mole de que seu pai havia sido abusivo. Para Tony, ele finalmente se tornou forte demais para seu pai controlar com as mãos ou com as palavras. Com o tempo, Ron recuou, e eventualmente ele se tornou tolerável o suficiente para que Tony não se importasse que ele estivesse perto de Chloe e Seb, desde que Tony ou Julia estivessem lá. Sempre havia uma tensão entre os dois, fervilhando sob a superfície de sua trégua inquieta. Nenhum respeitava, ou mesmo gostava muito, do outro.

Se Nick não existisse, Tony provavelmente já teria terminado com Ron Hall. Mas Nick existia, e isso manteve Ron no circuito. Por mais difícil que Jeannie fosse uma pessoa, Nick a amava, e ela e Ron vieram juntos. Nick provavelmente também amava Ron. Ele tinha uma versão ligeiramente modificada dele – ele ainda era um pai de merda, mas ele teria sido pior se Tony não tivesse intervindo.

Aconteceu no mesmo verão em que Tony parou de beber. No mesmo verão ele deu seu último soco.

Nick tinha cinco anos na época. Tony tinha acabado de se formar na faculdade. Ele voltou a morar com sua mãe enquanto pensava no que fazer a seguir. Ele conseguiu um emprego como garçom, geralmente trabalhando em turnos de jantar. Às vezes ele ia ver Nick durante o dia.

Um dia, ele apareceu para encontrar Nick brincando lá fora sozinho. Nick estava sentado na frente da casa térrea, esmagando bonecos de ação na grama. Quando viu Tony, Nick correu até o carro e abriu a porta. “Tony, Tony, Tony!”

Ele desceu do carro de sua mãe e levantou Nick, enganchando um braço sob seu traseiro.

Simultaneamente, Tony sentiu um odor fétido e sentiu algo contra seu braço. Tony o colocou no chão. Nick tinha se sujado.

Agachando-se ao seu nível, Tony perguntou baixinho: "Você sofreu um acidente?"

Nick sorriu para Tony, colocou a mão em seu ombro e ignorou a pergunta.

"Posso olhar?" Tony girou Nick e percebeu que ele estava de fralda. *Que porra?*

Tony pegou sua mão e o trouxe para dentro de casa.

Ron e Jeannie estavam no sofá, cada um segurando uma cerveja, algumas garrafas vazias a seus pés. A TV estava tocando.

"Nick precisa de uma troca de fralda", disse Tony.

"Ok," Jeannie disse.

Tony os observou por um instante. Obviamente eles sabiam que Nick estava usando fraldas, não como se Nick tivesse roubado isso por eles. Tony não tinha certeza do que estava esperando. Uma explicação.

Ele trouxe Nick para seu quarto e o trocou.

"Você sabe fazer queijo?" perguntou Nick. Isso significava macarrão com queijo.

Era fim de tarde. "É muito cedo para o jantar", disse Tony.

Nick fez beicinho.

"O que você comeu no almoço?"

"Hum, nada."

"Você já almoçou?"

Nick balançou a cabeça.

O que estava acontecendo?

Tony saiu para a sala de estar. "Ele almoçou?"

"Ainda não", disse Jeannie.

"São quase três."

Jeannie olhou para Tony pela primeira vez. "Eu tentei ao meio-dia, mas ele não estava com fome."

"Então você simplesmente pula uma refeição?"

"Ele tem idade suficiente para decidir quando está com fome, Tony."

Rony falou. "Apenas alimente-o se ele estiver com fome."

Tony queria deitar em ambos - *ainda de fraldas, mas com idade suficiente para pular refeições?* — mas Nick estava bem ao lado dele. Ele mastigou o interior de sua bochecha e foi para a cozinha para colocar a água para o macarrão. Ele encontrou uma caixa de Kraft e uma lata de feijão verde.

Tony sentou-se com Nick enquanto ele comia. Nick acabou com a massa, mas deixou o feijão intocado.

"Posso ter mais?"

Ron se levantou para pegar uma cerveja na geladeira.

"Uma vez que você come seus vegetais", disse Tony.

Ron riu atrás dele. Abriu a aba com uma *rachadura*. "Não é tão fácil, né?"

"Muito mais fácil do que você faz parecer", disse Tony.

"O que você disse?"

"Eu não gosto deles," Nick disse, empurrando seu prato para longe dele.

Ron deu um passo à frente, dizendo: "Cale a boca e coma eles", enquanto dava um tapinha na orelha de Nick.

Tony nem se sentiu em pé, ele fez isso tão rápido. Suas mãos estavam na camisa de Ron e *bam*, ele levou Ron para trás e o jogou na geladeira. A lata de cerveja de Ron caiu no chão, e um líquido frio espirrou nas pernas de Tony. A memória ficou embaçada a partir daí – Jeannie estava gritando: "Pare com isso, pare com isso"; Ron estava dizendo alguma coisa; As mãos de Ron estavam para cima, e Tony o socou. Não foi um golpe certo, mas ele sabia que havia feito contato porque os dentes de Ron arranharam seus dedos. Mais gritos, mais barulho, Tony deu um passo para trás, e Ron o deixou.

"Foda-se da minha casa."

Na mesa, Nick estava chorando.

"Está tudo bem", disse Jeannie. "Está tudo bem, está tudo bem."

Tony tentou se aproximar de Nick.

Ron deu um passo em direção a ele, sua mão agarrando onde Tony o havia atingido. "Pegar. Porra. Fora."

Tony voltou para casa do pai no dia seguinte. Ele estacionou, e Ron saiu.

"Você terminou aqui," Ron disse quando Tony saiu.

Tony caminhou parcialmente pela passarela.

"Vá embora ou eu vou fazer você", disse Ron.

"Eu só quero vê-lo."

"Que pena."

"Eu não preciso ver você ou Jeannie. Eu só quero ver Nick."

Ron deu de ombros. "Lide com isso."

"Vou ligar para o DHS."

As palavras pairaram no ar entre eles.

"Para que?"

"Ele não é treinado no penico; ele está com fome; você *bateu* nele."

"Você me agrediu; Eu poderia chamar a polícia para você."

"Faça. Eu não me importo. Eles ainda vão tirá-lo de você."

"Ok," Ron disse com um sorriso feio. "Chamar. Deixe-o colocá-lo em um orfanato".

"Sabe o que eu aprendi?" Tony sentiu seu rosto se espalhar no mesmo sorriso. "Eles vão checar a família primeiro."

"Eles não o dariam para você."

"Talvez não, mas eles o dariam para minha mãe."

O rosto de Ron ficou sombrio. "Ela não é sua família."

“Ela é a mãe do irmão dele. E ela o levaria. Ele não havia discutido nada disso com Cynthia, mas Ron não sabia disso.

“Ela sabe melhor do que foder comigo.”

“Ela *odeia* você.” Ele sussurrou a palavra entre os dentes cerrados. “Você sabe o quanto eu tive que trabalhar *duro* para poder vê-lo depois que ela deixou sua bunda?”

“Você queria me ver.” Ron disse isso como se fosse um insulto. Um traço patético de Tony, querer estar perto de seu próprio pai.

“Eu não sabia melhor. Eu faço agora.”

“Então, para que você continua voltando?”

“Dele.” Tony apontou para a casa. “Eu sei o quanto ele precisa de mim porque eu também precisava. Eu estava tão desesperado por isso que me contentei com um pedaço de merda como você.”

“Você está me irritando”, disse Ron.

“Você toca nele de novo e eu chamo. Eu apareço e ele está com fome ou frio ou sentado em sua própria merda, eu chamo. Você faz certo, eu não.”

A mudança não tinha sido dia e noite, mas Ron devia saber que havia verdade na ameaça. Tony nunca mais viu Ron bater em Nick novamente.

Tony verificou a hora em seu telefone. Quase meia-noite, e ele estava conectado. Ele precisava desligar seu cérebro e ir dormir ou ele seria inútil pela manhã. Ver Nick o faria se sentir melhor. Eles mandaram mensagens de texto desde o grande júri na semana passada, mas seria bom vê-lo pessoalmente. Certifique-se de que ele realmente estava indo tão bem quanto Nick disse que estava. E então, Tony pensou na postagem de Darlene Walker no Facebook e decidiu verificar a página dela em seu telefone.

Tony inclinou o telefone para evitar que a luz caísse sobre Julia ao lado dele. Ele puxou a página de Darlene. Isso foi um erro.

“Lição para todos”, ela havia escrito em sua parede na terça-feira daquela semana. “Faça sexo com um kink, certifique-se de filmar, caso eles chamem de estupro mais tarde.”

O sangue de Tony ferveu. Ele rastejou para fora da cama. Atravessou o corredor escuro até o banheiro. Fechou a porta e leu as palavras novamente.

Não havia razão para pensar que Nick tinha visto qualquer uma das postagens dela, mas isso preocupou Tony. Nick se sentiria atacado se os visse. E mesmo que não o fizesse, Walker estava envenenando as pessoas contra ele. Tony estava no banheiro, olhando para a frase em seu telefone. Pior de tudo, arranhou algo problemático.

Toda a defesa de Walker foi inacreditável, mas era 2015, e ainda havia pessoas por aí que achavam que homens gays eram loucos por sexo. Havia pessoas que acreditavam que Nick havia sido cúmplice do que Walker fez com ele. Pessoas que acreditavam que era mais provável que Nick quisesse ser espancado, estrangulado, sangrado, do que ter sido estuproado.

E se uma dessas pessoas acabasse no júri? E se Walker incitasse as pessoas o suficiente para que a ADA ficasse com medo; e se terminasse em

um acordo de delação premiada? Court não podia mudar o que tinha acontecido com Nick, Tony sabia disso, mas o nome de Nick precisava sair dessa situação limpa. E Ray Walker merecia sofrer pelo que fez.

Em seu telefone, ele foi ao Google. Ele digitou as palavras que tinha pensado há mais de um mês — uma busca que não se deu ao trabalho de fazer. Ele clicou no link. Havia outra barra de pesquisa. Um menu suspenso. “Pesquisar por proprietário.” Houve um rangido no corredor e Tony sobressaltou-se. Ele enfiou a cabeça para fora do banheiro. Ninguém estava lá - apenas um som de casa. Ele sentiu, por um segundo, como se estivesse prestes a ser pego fazendo algo errado. E talvez ele fosse. Ele estava ficando todo agitado de novo sobre algo que todos os outros, incluindo Nick, pareciam ter aceitado. Walker ia culpar Nick para tentar se salvar. Nick teria que esperar, talvez um ano, para que o barulho do caso acabasse. E a identidade de Nick era privada, pelo menos por enquanto. Tony fechou o navegador em seu telefone. Ele precisava dormir um pouco.



“Posso ser dispensado?”

Bolhas de purê de batatas e molho grudavam nos cantos da boca de Seb.

“Santo amor,” Tony disse, gesticulando para Seb usar seu guardanapo.

Tony tinha acordado naquela manhã com uma energia nervosa que ele só abasteceu bebendo duas xícaras de café e jejuando até que eles se sentaram para comer por volta de uma. À medida que a refeição volumosa se instalava em seu estômago, ele finalmente começou a sentir o quão cansado estava. Cansado e mais calmo. Tudo estava indo bem. A comida estava ótima — seu melhor peru, disse Julia — e todos estavam se dando bem. A mãe de Julia, Marjorie, trouxe à tona o lado divertido de sua própria mãe, e os dois riram juntos a tarde toda. Ron e Jeannie apareceram sóbrios e amigáveis. Nick parecia estar bem. Ele trouxe sua colega de quarto Elle. Aquele que esteve lá naquela noite. Tony estava ansioso para vê-la por algum motivo, mas quando Nick perguntou se ela poderia vir, é claro que ele disse que sim.

"Eu também?" Chloe perguntou. Todos estavam à mesa há quase uma hora.

“Primeiro”, disse a mãe de Tony, “podemos dar uma volta e compartilhar o que somos gratos?” Cynthia estava segurando seu crachá escrito à mão em uma mão, claramente agradecida por seus netos. Julia tinha feito as crianças fazerem cartões de lugar para os convidados. Depois que Julia colocou a mesa de cartas dobrável contra a mesa da sala de jantar e as cobriu com um pano comprido, Tony notou que ela havia colocado as cartas de seus pais o mais longe possível.

Ele olhou para Julia, que ergueu o copo. “Vá em frente.”

“Bem, eu só queria dizer o quanto sou grata por ter todos vocês na minha vida. Eu simplesmente amo muito todos vocês.” Ela estendeu a mão

para a direita e apertou a bochecha de Chloe. Chloe sorriu e se afastou. “Tenho a melhor família do mundo e estou muito feliz por podermos estar juntos. Todos nós.” Ela fez questão de olhar para Ron e Jeannie naquele momento. Foi realmente muito doce.

A mãe de Julia foi a próxima, e então Elle enquanto se moviam no sentido horário ao redor da mesa. Tony não pôde deixar de notar que Nick parecia um pouco magoado quando sua vez de falar se aproximava – ele estava torcendo as mãos debaixo da mesa.

Ainda mais magoado estava Seb, que já estava entediado por estar na mesa. Ele começou a deslizar, em câmera lenta, para fora de sua cadeira.

“Bud, fique em seu lugar,” Tony sussurrou, mas Seb continuou deslizando.

Depois que Elle agradeceu aos Halls por deixá-la participar do evento familiar, ela passou para Nick. “Sou grato por você, Nick. Você é meu melhor amigo, e a melhor pessoa que conheço. Você foi tão corajoso.”

“Seb, querido, volte aqui,” Tony disse no volume máximo.

Uma voz abafada sob a mesa disse: “O que é isso?”

Nick bateu as mãos na parte de baixo da mesa, fazendo os talheres chacoalharem sobre sua superfície. Seu rosto estava branco.

“Querida, volte para o seu lugar,” Julia disse para Seb.

“O que é o quê?” Elle perguntou, levantando a toalha da mesa.

“O que tem no seu braço, tio Nick?” disse Seb.

Jeannie estava olhando para o filho agora — Nick estava puxando as mangas dele.

“O que *tem* no seu braço?” Ela estendeu a mão e puxou sua manga esquerda para cima.

De seu assento, Tony podia ver um longo ferimento vermelho manchado subindo pelo antebraço de Nick, continuando sob sua manga.

“Que porra é isso?” Tony disse involuntariamente.

“*Tony* .” Instantaneamente, Julia o repreendeu por xingar na frente das crianças.

“Oh meu Deus!” Jeannie puxou a manga de Nick, deixando os cortes em seu braço visíveis.

Nick arrancou o braço e se levantou, batendo no parapeito da janela atrás dele. “Mãe!” Ele puxou a manga de volta para baixo e passou pelos assentos de seus pais para correr pela sala de estar.

Tony empurrou para trás em sua cadeira e o seguiu.

“Tony!” ele ouviu Julia chamá-lo.

Ele subiu as escadas até a porta do banheiro bem a tempo de bater em seu rosto. O barulho o acordou para o que acabara de acontecer. Ele hesitou, então disse: — Nick?

“Vá embora, Tony.” A voz de Nick era afiada, pontuando cada palavra.

Tony lutou contra a vontade de girar a maçaneta – as portas da casa antiga não trancavam. Em vez disso, ele se inclinou para frente, descansando a testa na porta.

"Por favor", ele disse baixinho. "Por favor, deixe-me entrar. Estou com tanto medo." O alívio que veio de dizer essas palavras em voz alta quase o dominou.

Depois de uma pausa, ele sentiu Nick se movendo do outro lado, e a porta se abriu.

O rosto de Nick se dissolveu em lágrimas primeiro, e Tony o puxou para um abraço. Nick estremeceu e soluçou com o hálito úmido e quente no pescoço de Tony.

O que é que foi isso?

Tony cerrou os dentes em torno da pergunta. Ele sabia o que era. Ele começou a chorar e segurou Nick com mais força.



Eles ficaram de pé, abraçados, até que seus arredores voltaram. Eles estavam de pé no corredor, vozes excitadas lá embaixo na sala de jantar. A voz de Jeannie estava se elevando acima das outras.

Nick se mexeu para se libertar do abraço.

"Por favor, podemos conversar?"

Nick assentiu.

Eles se sentaram na cama no quarto de Tony e Julia, e Nick deu um suspiro trêmulo. Tony não queria ver as marcas novamente. Mas ele tinha a obrigação de olhar mais de perto? "Então isso é— Você— Quando você . . . começar a fazer isso?"

Nick deu de ombros. "Acho que não faz muito tempo."

Foi *Por quê?* uma pergunta idiota? Tony não sabia.

Uma afirmação óbvia seria mais fácil. "Você não está indo bem."

Nick deu de ombros. Seus braços estavam cruzados sobre o torso e suas pernas também. Ele parecia estar tentando encolher em uma pequena bola. Tony percebeu que estava inconscientemente fazendo a mesma coisa. Ele soltou as pernas para se sentar.

"Seu conselheiro sabe?"

"Ainda não."

"Eu preciso que você diga a ele."

"Eu vou", disse Nick rapidamente.

Isso era difícil de confiar, já que Nick estava em aconselhamento durante todo esse tempo. Mas como ele deveria explicar isso para Nick?

"Eu não quero dizer a coisa errada", disse Tony.

Nick olhou para ele. "Apenas diga."

— Temo que você não conte a ele.

"Eu prometo."

Tony olhou para os braços cobertos de Nick. "Sinto como se você estivesse mentindo para mim."

Nick franziu a testa e desviou o olhar.

"Você está se cortando?"

"Não", disse Nick. "Somente . . . Eu não estou cortando."

"Então o que é isso?"

Depois de uma longa pausa, Nick disse: "É mais como coçar".

— Nick — sussurrou Tony. Nick *estava* com dor. Ainda mais do que Tony se preocupara.

Em voz baixa, Nick disse: "Eu estive mentindo para você".

Sobre se machucar, ou algo mais? Tony não disse nada. Esperou que ele falasse.

"Todo mundo sabe que sou eu."

Tony estava confuso. O que ele quis dizer? "Que você é a vítima? Dentro do estojo?"

Nick assentiu. Lágrimas frescas começaram a correr por suas bochechas.

"Quão?"

"Não importa."

"Quem sabe?"

"Todo mundo no campus."

"Foda-se," Tony assobiou.

"Sim", disse Nick. Ele arrastou as mãos pelo rosto e as deixou cair em seu colo.

"O que eu faço? Porra, Nick. O que eu faço por você?"

Nick olhou para o chão na frente deles. Tony pegou a mão de Nick. Apertou três vezes.

Nick suspirou. "Você pode me pegar um lenço?"

"OK. Posso chamar Julia também?"

"Sim."



Talvez uma hora depois, Tony, Nick e Julia voltaram para junto de Marjorie e Elle, que estavam com as crianças na sala. Julia havia dito a eles no andar de cima que o resto estava indo para casa, para lhes dar privacidade. Tony tinha ouvido Jeannie mais cedo. Ela saiu com raiva. Julia provavelmente tinha dito a ela para ficar lá embaixo, para não sobrecarregar Nick.

"Desculpe por isso," Nick disse sem jeito para a mãe de Julia.

Marjorie balançou a cabeça e puxou Nick para um abraço. Ela sussurrou algo inaudível para ele.

Ele estava no sofá, ladeada pelas crianças, que estavam quase sentadas em seu colo. Ela se virou para os adultos, sua silhueta sobre *O Livro da Selva passando* na tela atrás dela. Ela não disse nada, e Nick não olhou para ela.

No andar de cima, Julia havia abordado a situação com a calma de um paramédico. Ela se ajoelhou, abaixo da linha dos olhos de Nick, e disse que precisava que ele ligasse para uma linha direta de crise com ela. Nick

resistiu no início, explicando que ele não era suicida, que ele não estava realmente se cortando, mas Julia se cansou dele e ele acabou concordando em ligar. A mulher da linha direta marcou uma sessão de aconselhamento de emergência para Nick para a manhã seguinte, já que seu próprio conselheiro estava de férias até segunda-feira.

Nick recusou a oferta de ficar, e Tony ficou envergonhado com o alívio que sentiu quando Nick disse a Elle: “Estou pronto quando você estiver”.

Tony ficou na janela e viu a dupla entrar em um carro desconhecido e se afastar.

"Pai, você disse a palavra com f", disse Chloe atrás dele.

Tony se virou. Os olhos de Seb estavam grudados no filme, mas os de Chloe estavam nele.

“Sinto muito, querida. Eu não deveria ter dito isso.”

"Porque você disse isso?"

"Eu fiquei assustado."

“Assustado como?”

Uma fadiga exausta o invadiu. Ele não sabia o que dizer a ela. Julia poderia levar este.

"Apenas com medo", disse ele. "Eu preciso ir limpar, podemos falar sobre isso mais tarde."

Ele a deixou para encontrar Julia e Marjorie na cozinha, lavando e secando pratos.

“Você não precisa fazer isso,” ele disse para a mãe de Julia. “Nós podemos fazer tudo isso.”

"Bobagem", disse Marjorie. “Fiquei para ajudar.”

Julia deu um passo em direção a ele. "Você está bem, querida?"

“Honestamente, acho que poderia ir dormir.”

"Ah, sim," ela disse. "Mesmo. Nós temos isso. Isso foi muito."

"Vou ajudar por um minuto", disse ele, apesar de si mesmo.

Tony atravessou a cozinha e entrou na sala de jantar, onde os pratos e talheres haviam sido retirados; guardanapos de pano estavam amarrotados na mesa e nas cadeiras, e copos de vinho e água estavam espalhados por toda parte.

Ele empilhou os copos de água em uma torre, então começou a segurar dois copos de vinho com uma mão. Um deles — o de Julia — era um terceiro cheio. Ele derramaria se ele tomasse com outro copo. Obscurecido pelas portas francesas e pela parede, Tony olhou ao redor da sala e esvaziou o copo em sua garganta.



O quarto estava escuro.

“Por quanto tempo podemos fazer isso?” Tony disse com uma voz sonolenta.

Julia estava se deitando ao lado dele, e ele a sentiu parar. "O que?"

Ele se sentiu acordar mais, seus olhos registrando sua mesa de cabeceira, o relógio, o abajur no escuro. "Hmm?"

"Você disse alguma coisa."

"Desculpe, estava sonhando." Ele tentou segurar seu sono, mas ele estava escapando dele. "Que horas são?"

"Depois das onze. Minha mãe finalmente foi embora", disse ela com uma risada. "Eu tentei te acordar mais cedo, mas você estava fora."

Ele subiu as escadas e caiu na cama por volta das quatro da tarde. Ele não conseguia nem se lembrar de adormecer.

Julia se aconchegou em sua nuca e beijou sua orelha. "Você está bem?"

Sem conversa, não agora. Eu estou tão cansado.

"Eu quero continuar dormindo", disse ele enquanto se afastava. "Amo você."

Ela esfregou uma mão sobre a parte de trás de sua cabeça. "Amo você também."

Ele tentou afundar, gentilmente, sem forçar o sono a vir.

O braço machucado de Nick passou por sua mente.

Shh, vá embora.

O rosto encharcado de lágrimas de Nick em seu pescoço.

Pare. Ele tentou respirar profundamente. O ar que ele inalou assobiou em sua garganta, perturbando algo como o gosto do álcool. Ele tinha bebido um copo de vinho antes de ir para a cama. Ou isso foi um sonho? Ele realmente tinha feito isso?

Tudo isso estava demorando muito. Alguém tinha que fazer alguma coisa. Um ano disso? Um ano de artigos e comentários e cartas e Facebook e todos que importavam para Nick, todos que o viam todos os dias, sabendo que era ele? Seu corpo, sua história, sua reputação? Um ano de Nick tentando sobreviver a isso? Não. Ele não podia. Algo tinha que ser feito.

Nick estava recebendo ajuda pela manhã. Isso seria bom.

Mas Nick *estava* recebendo ajuda, e ainda estava arrancando sua própria pele.

Logo Tony estava pulsando com adrenalina. Ele não podia continuar tentando.

Lentamente, ele empurrou os pés da cama e encontrou o chão. Ele deslizou de debaixo das cobertas para ficar de pé. *Apenas caminhe, como se estivesse indo ao banheiro.* Tony saiu da sala decididamente, e Julia não disse nada.

Ele desceu as escadas, atravessou o corredor até a sala de estar. Não estava lá. Ele circulou o andar de baixo até encontrá-lo na cozinha, seu telefone. Ele se inclinou contra o balcão e abriu o navegador. Ele terminaria o que começou uma noite atrás. Gabinete do Assessor da Cidade de Salisbury. Banco de dados on-line. Pesquise por Proprietário. Andador. E lá estava. Endereço de Raymond Walker.

JULIA H ALL, 2015

Julia acordou com o rosto de Chloe a centímetros do seu.

“Ai, caramba!”

“Seb está nos biscoitos e ele ainda não tomou café da manhã.” Chloe franziu a testa amargamente.

Julia limpou a areia dos olhos. "Que horas são?" Ela se virou e viu que Tony já estava fora da cama. De acordo com o telefone dela, eram 8:23. Como ela tinha dormido tão tarde?

“Querida,” ela disse. “Nós não fofocamos. Só quando alguém está sendo inseguro.”

“Mas você disse que não é saudável comer sobremesa antes do café da manhã.” Chloe ergueu as sobrancelhas e olhou para Julia como se elas estivessem em lados opostos de um tribunal.

Maldita criança inteligente. Ela não estava acordada há tempo suficiente para enunciar uma definição melhor de fofoca. Era como SCOTUS na pornografia: você só sabe quando vê.

"Por que você está me abençoando com essa informação em vez de papai?"

“Papai se foi,” Chloe disse.

Outra corrida, pensou Julia, *finalmente*. Talvez ele suasse com a ressaca emocional com a qual, sem dúvida, acordou. Só de lembrar do dia anterior, Julia sentiu um novo nó na garganta. Pobre Nick.

"Venha me aconchegar", disse ela.

Chloe subiu na cama, e Julia a abraçou, escondeu o rosto no cabelo.

A voz de Chloe estava abafada. — Posso comer um biscoito também, então?

Julia apertou Chloe com mais força. “Sim, vamos comer biscoitos no café da manhã.”

Eles saíram da cama, e Julia seguiu Chloe para fora do quarto.

Lá embaixo na cozinha, seus olhos deslizaram sobre os tênis de Tony em sua posição habitual, sentados no canto perto da porta do banheiro. Se ela tivesse parado para registrar o que estava vendo, que Tony não estava fugindo, tudo poderia ter sido diferente.

TONY HALL, 2015

Tony estava sentado na rua em frente à casa de Raymond Walker há horas, esperando para ver o que aconteceria. Em algum momento, ele se decidiria, ou Walker forçaria uma decisão saindo da casa.

Tony havia verificado o site novamente para ter certeza, mas não havia dúvida de que era isso. Era um bangalô cinza em uma rua tranquila em Salisbury, longe do apartamento de Nick, do outro lado da cidade do bar onde eles se conheceram. A casa parecia errada, não do jeito que Tony teria imaginado. Havia flores na frente: flores roxas altas; globos brancos de pétalas em hastes finas; rajadas de laranja e amarelo. A entrada estava vazia e a porta estava abaixada na garagem individual.

Tony sabia o que queria dizer: sua esposa era advogada, e se Walker e sua mãe não parassem de postar coisas sobre Nick online, eles o processariam por invasão de privacidade ou difamação. Julia já havia dito que provavelmente não poderiam processá-lo, mas Walker não precisava saber disso. Tony ficava de pé, olhava nos olhos dele e dizia que tinha acabado de intimidar Nick. Diga-lhe que ele teve sorte que o tribunal estava cuidando da situação em vez de Tony.

Mas agora que ele estava lá, algo o impedia de sair do carro. Assim que ele bateu na porta daquela casa, não havia como voltar atrás. À medida que o sol da manhã subia em seu pára-brisa, o pensamento ficou mais forte de que era inútil ameaçar com uma ação judicial. Walker não tinha vergonha. Ele tinha prazer em machucar os outros — Tony estaria apenas mostrando a Walker que estava funcionando. E o que aconteceria se Tony o irritasse?

Então, a porta lateral se abriu. Raymond Walker, claro como o dia, saiu da porta. Raimundo Walker. O homem que fez Nick se machucar tanto que continuou se machucando. Walker virou-se para fechar a porta. Voltou para a calçada. Começou a caminhar até a garagem. Espere, ele estava indo embora.

Tony abriu a porta e saiu para a rua. "Ei!" ele gritou.

No topo da entrada, a porta da garagem estava subindo; Walker estava parado na frente da garagem, esperando a porta se abrir. Ele se virou para a voz de Tony.

"Raymond Walker," Tony disse enquanto atravessava a rua. Sua voz era forte, dominante.

Raymond Walker inclinou a cabeça gradualmente. "Sim?"

Tony estava na garagem agora. Suas pernas o carregaram mais rápido do que ele podia pensar. Ele estava se aproximando de Walker, que deu um passo para trás em direção à caminhonete na garagem.

"Ei, ei, ei", Walker gritou.

Tony o agarrou pela jaqueta e o jogou contra a caçamba da caminhonete.

— Fique longe de Nick Hall, seu merda . Sua voz estava trêmula.

Walker ergueu as mãos e fechou os olhos com força. "Feito", disse ele. "Feito."

A saliva havia saído da boca de Tony e brilhava na testa de Walker. Ele podia ver os poros em seu nariz, ele estava tão perto dele.

Tony soltou as lapelas da jaqueta de Walker e se afastou dele. Ele se virou e caminhou pela calçada. O que ele fez? O que ele acabou de fazer?

Ele chegou à rua enquanto Walker falava.

"Ei, para referência futura, você é o irmão ou o namorado?"

Walker o estava provocando; Tony precisava entrar no carro e sair. Mas seus pés pararam. Ele balançou na rua. Ele não se virou. *Apenas caminhe para a frente. Basta entrar no carro.*

"Ele falou sobre seu irmão mais velho." A voz de Walker estava afiada com uma alegria tensa. "Você certamente parece grande."

Basta dar um passo à frente e o outro o seguirá. Entre no carro.

"Talvez quando tudo isso acabar..."

"Abra a boca de novo e eu vou te *matar* ." Tony virou-se para Walker. Foi-se sua voz forte ou mesmo a trêmula. Lágrimas quentes brotaram enquanto ele falava, e sua voz se transformou em um sussurro. "Eu vou *matar* você. Você o deixa em paz."

Walker sorriu, feio e satisfeito.

Tony voltou para o carro, caminhou até ele, entrou, bateu a porta, deu partida, se afastou, enquanto Walker se levantava e observava.

JOHN RICE, 2015

Detetive, ligue para você.

Rice mal havia passado pela porta da unidade quando o policial Thompson o chamou.

“Leve uma mensagem.”

“Desculpe, senhor”, disse Thompson. Ele era novo, dolorosamente jovem e um pouco ignorante sobre a etiqueta da estação. Rice fora chamada às quatro da manhã por roubo e agressão agravada e estava chegando à delegacia; ele não precisava ser atacado no segundo em que entrou pela porta.

Rice continuou pelo bullpen, em direção à sala de descanso, devagar o suficiente para ouvir Thompson dizer:

“Ei!” Rice girou e acenou com a mão livre para Thompson, o café espirrando na tampa de seu copo de isopor. “Eu vou levá-lo”, ele murmurou.

“Oh”, disse Thompson enquanto observava Rice. “Ora, aí está ele. Vou colocá-lo na linha dele.”

Rice colocou seu café na mesa na beirada do bullpen e optou por pressionar Speaker para que ele pudesse ficar de pé. A unidade estava relativamente quieta e suas costas doíam — ele havia esquecido de tomar um Aleve antes de sair de casa naquela manhã.

“Detetive Rice aqui.”

“Boa tarde, detetive. Estou tão feliz por ter conseguido te pegar.” A voz de doninha de merda de Raymond Walker quase soou sarcástica, ele estava tentando soar encantador.

Rice combinava com seu tom. “O que posso fazer por você, Ray?”

“Eu só queria fazer um relatório de que o irmão de Nick Hall acabou de chegar na minha casa e ameaçou me matar.”

Rice pegou o fone. “Ele fez, não é?”

“Sim senhor. Eu entendo que isso deve ser difícil para ele, não sabendo que seu irmãozinho está mentindo sobre todo o encontro.”

Rice mordeu a língua; Ray poderia facilmente estar gravando a chamada. Nos dias de hoje, nunca diga nada no telefone que você não gostaria de ouvir no tribunal.

Ray continuou. “Eu realmente simpatizo com a família. Mas não posso ter alguém vindo à minha casa, colocando as mãos em mim, me jogando ao redor.”

Arroz fez uma careta; Tony Hall era tão estúpido?

“Eu tenho que traçar a linha em algum lugar, não é? A compaixão deve ter seus limites.”

Quanto Rice se importaria de ouvir “compassion my ass” tocada no tribunal? Em vez disso, ele disse: "Você tem certeza que este era o irmão de Nick Hall?"

“Ah, sim, muitas das mesmas características. E tenho certeza que você sabe que ele dirige um Ford Explorer cinza.

Merda. O que Tony estava pensando? A adulteração de uma testemunha era um crime, sem mencionar as acusações de agressão e terror. Isso só complicaria as coisas. Julia seria um desastre. Rice sentiu-se quase tonto e balançou a cabeça como se quisesse dispersar os pensamentos.

“Tudo bem, Ray. Você pode entrar para dar sua declaração?”

"Oh, eu não estou prestando queixa."

Que?

Ray continuou quando Rice não falou. “Eu vou se algo assim acontecer novamente, mas por hoje eu só queria fazer o relatório. Ele me assustou, detetive. Ele disse que me mataria. Mas sou um homem razoável. Eu sei que ele está de luto. E ele não tem motivos para acreditar em mim sobre seu irmãozinho. . . ainda.”

Qual era o jogo dele? Rice tirou uma caneta do bolso do paletó e encontrou um lençol limpo em sua mesa. Escreveu: *11-27-15 Chamada de RW. TH ameaçou matar RW. RW não pressionando, apenas relatando, sabe que está de luto.* Rice fez uma pausa e depois adicionou *aspas apenas para relatar .*

"Bem, vou deixar a escolha com você, prestar queixa ou não."

“E eu estou escolhendo não.”

“A que horas isso aconteceu?”

Uma pausa. “Esta manhã, por volta das nove e cinquenta.”

“Bem”, Rice olhou para o relógio, “são quase duas. Por que você esperou até agora para ligar?”

“Fui ao brunch primeiro. Eu estava saindo pela porta quando ele me surpreendeu. Ele estava esperando na rua.”

"Milímetros. E onde você foi para o brunch?"

"Por que?"

“Para o seu relatório. Melhor se eu perguntar os detalhes agora para que você não precise se lembrar deles mais tarde se mudar de ideia. A coisa toda cheirava a segundas intenções. Rice rabiscou as horas em sua folha.

"Garfo e guardanapo", disse Ray rapidamente, então: "Eu preciso ir." Havia algo em sua voz. Ele só queria que Rice escrevesse exatamente o que ele queria. . . e ele não queria ficar no restaurante.

“Em Ogunquit? Ótimo pequeno jantar. Sem problemas, Ray, você vai cuidar de seus negócios hoje. Vou registrar seu relatório e fechá-lo.

"Obrigado", disse Ray sem rodeios, e desligou.

Rice desligou o fone lentamente. O que ele estava procurando?

Quando Rice ligou para Fork & Napkin, uma voz jovem disse a ele que eles tiveram uma manhã bastante ocupada, o dia seguinte ao Dia de Ação de Graças geralmente era. Ela se lembrava de um homem entrando, porém,

cujo nome ela não sabia. Ele tinha cerca de trinta anos, talvez mais velho, talvez mais novo, ela era terrível com a idade. Mas este homem se destacou para ela.

“Ele disse que estava atrasado para as dez horas, e ele disse alguns sobrenomes diferentes para verificar, e eu encontrei a reserva, mas ninguém apareceu. Além dele, quero dizer. Ela disse a Rice o nome sob o qual a reserva estava — não fazia sentido — e continuou. “Ele parecia triste quando eu disse que não havia mais ninguém lá. Acho que ele se levantou”.

Rice agradeceu à garota e desligou. Assim, pelo menos alguns dos amigos de Ray Walker tiveram o bom senso de se distanciar. Se ao menos os idiotas que concordam com ele online tivessem feito o mesmo.

Tony Hall precisava ser corrigido. Se alguma parte da história de Walker fosse verdade. . . como ele poderia ter sido tão tolo? Rice sabia que Tony e Nick eram próximos. Tony era uma figura paterna, de certa forma, para Nick. Claramente tudo isso estava deixando Tony louco. Mas ele simplesmente dera munição a Walker: viu ? *Os Salões são instáveis* . Ele estava machucando a mesma pessoa que ele estava tentando proteger. Sem mencionar o risco do que poderia acontecer com Tony — como isso prejudicaria seus filhos, sua esposa?

Sua mente parou por um momento na esposa de Tony. Sempre que o rosto de Julia vinha em sua mente, ele o afastava, mas hoje ele o deixou demorar. Seu cabelo banhado pela luz do sol, como a primeira vez que ele a viu na pia da cozinha. Quanto mais ele a imaginava, mais a semelhança dela com sua falecida esposa se dava conta dele. O cabelo estava errado, o nariz e o corpo, mas os olhos, o sorriso, o calor. Era isso: exatamente como Irene. Eles traziam as marcas de mulheres extremamente *boas* . Boas mulheres que se casaram com homens que tinham que trabalhar para serem boas.

JULIA H ALL, 2015

O celular de Tony tocou na cozinha. Julia ligou a TV e deixou as crianças no sofá, caminhando rapidamente para atender Tony enquanto ele atendia a ligação. Tony tinha chegado em casa tarde naquela manhã e contou a ela o que tinha feito: encontrou o endereço residencial de Walker no registro de Salisbury, foi até a casa de Walker, o empurrou, o ameaçou. Julia se atirou nele, ele chorou, ela se escondeu com as crianças na sala de estar, ignorando-o enquanto tentava processar a insanidade que ele acabara de confessar.

Então nada aconteceu por horas. Ela tinha certeza que o silêncio não duraria.

E ela estava certa. Era o detetive ao telefone.

"Acabei de receber uma ligação de Ray Walker", disse a detetive Rice.

O coração de Julia caiu em seu estômago. Tony ia ser preso.

Tony abriu a boca para falar, e Julia levantou a mão. O que quer que Tony fosse dizer, ela não queria que a polícia ouvisse. Sem admissões.

Depois de uma batida, a detetive Rice disse: "Você está aí?"

Julia acenou para ele.

"Sim", disse Tony.

"E Júlia?"

"Estou aqui", disse Julia.

"Tudo bem", disse o detetive. "Tony, Ray Walker disse que você o agrediu na casa dele esta manhã."

O olhar de Julia passou do telefone para o rosto do marido. Suas pálpebras inchadas estavam fechadas e sua testa franzida de preocupação.

"Diz que você ameaçou matá-lo."

Um calafrio percorreu sua espinha e ela estremeceu.

"Então é assalto, aterrorizando, adulterando uma testemunha."

Julia levou as mãos ao rosto. Toda a confusão que eles já viviam ia começar de novo, desta vez com Tony como réu. Seu cérebro começou a listar possíveis resultados: liberdade condicional, prisão, um recorde. O escritório de Tony descobriria — os advogados eram os maiores fofoqueiros. A *mídia* descobriria. Eles já estavam em todo o caso de Nick. Todos saberiam.

Depois de uma longa pausa, a detetive Rice disse: — É disso que você pode ter sido acusado.

Julia levantou o rosto de suas mãos. Tony olhou para ela confuso.

"Ele não está prestando queixa", disse o detetive.

"O que?" Júlia perguntou.

"Sim. Não tenho certeza de como você teve tanta sorte."

Tony entregou o telefone a Julia e se deitou no chão da cozinha.

"Assim . . . é isso?" ela perguntou.

"Por enquanto", disse ele. "Tony. Eu não sei o que você estava pensando. Mas isso não vai ajudar ninguém. Você me escuta?"

No chão, Tony assentiu. Sua cabeça pendia sobre as telhas, os braços para baixo ao lado do corpo.

"Eu não sou um grande fã do *Boondock Saints*, você ouviu?" disse arroz. "Você nos deixou cuidar disso."

"Obrigada", disse Júlia.

"Não me agradeça," ele disse. "Esta teria sido uma conversa diferente se Walker quisesse apresentar queixa."

Eles desligaram.

"Não sei o que estava pensando." Tony olhou para o teto. "Não sei."

Júlia fez.

Tony sempre foi um reparador. Ele gostava de resolver problemas: principalmente os de outras pessoas.

Demorou um pouco para Julia perceber, mas quando percebeu, isso a incomodou. A luz da varanda do apartamento dela queimou: ele apareceu com uma lâmpada, uma chave de fenda e uma escada. Ela pegou um resfriado: ele trouxe sopa para viagem e a encorajou a tirar uma soneca. Ela estava mal-humorada: ele queria falar sobre isso. Sua melhor amiga, Margot, disse a ela que era romântico. Julia se sentiu desrespeitada, como se ele pensasse que ela não podia cuidar de si mesma. Julia pode ter tido a infância perfeita, com toda a segurança financeira e emocional que uma criança poderia pedir, mas ela foi mais dura na faculdade. Seu pai murchou e morreu no espaço de um mês. Sua mãe teve que desistir de seu negócio. Julia começou a trabalhar como bartender para ajudar a pagar a escola. Quando ela conheceu Tony, ela cresceu confiante em sua auto-suficiência e orgulhosa disso.

Então, uma noite, durante o primeiro namoro de inverno, um dos colegas de trabalho de Julia foi assaltado. A mulher estava indo para o carro depois de fechar o Ruby, o bar onde ela e Julia trabalhavam em Portland, quando um cara branco de chapéu e cachecol lhe mostrou um canivete e exigiu sua bolsa. Ela não estava ferida, disse a Julia depois, apenas abalada. Julia contou a Tony a caminho do trabalho. Ela se arrependeu instantaneamente. No intervalo de cinco minutos ao telefone, ele disse a ela para não entrar, perguntou se ela conseguiria um emprego diferente, ficou com raiva e disse que ela deveria se demitir. Ela desligou na cara dele. Ela nunca tinha ouvido falar de um assalto em Portland antes. As chances de isso acontecer com ela pareciam baixas, seu colega de trabalho estava bem e Julia não tinha muito valor para roubar. Perto do final de seu turno, Tony apareceu no bar. Ele começou pedindo desculpas por ser tão louco ao telefone. Ela quase acreditou nele, até que percebeu que ele estava lá para acompanhá-la até o carro.

Quando as últimas moscas zumbiram na hora de fechar, ela trancou a porta e se virou para Tony. Todas as coisas que ela não disse vieram à tona

de uma vez, como se ela estivesse mantendo uma lista para atirar nele. Ela podia ver o que ele estava fazendo. Ele não confiava nela para cuidar de si mesma. Ele não respeitou suas decisões. E então ela aumentou a aposta.

“Você é possessivo.”

Tony balançou a cabeça em confusão. “*Possessivo?*”

“Sim.”

“Você está sendo louco. A garota que faz o mesmo trabalho que você foi assaltada ontem à noite. Ele poderia ter feito muito mais do que lhe mostrar uma faca.

“Não é só isso, é tudo! Você acha que eu não posso trocar uma lâmpada! Você me sufoca! Eu não sou seu filho!”

“Que porra é essa, meu *filho*? Você é minha namorada, e eu te amo, por que isso é tão difícil para você?”

“Por que é tão difícil para *you* me deixar cuidar de mim mesma?”

“É o que eu faço!” Tony empurrou a banquetta para trás e se levantou. “Eu cuido das pessoas que amo.” Ele estava respirando pesadamente, como se tivesse acabado de correr. “Meu amor te sufoca?”

Julia cruzou os braços, tentou se recompor. Em vez disso, uma sensação de terror a invadiu. Isso pode não ser uma luta. Este pode ser o fim.

“Há tanta coisa que eu amo sobre as maneiras como você me ama”, disse ela. “Mas se você precisa salvar alguém o tempo todo. . . isso não funciona para mim. Não preciso disso, não quero. E espero que você também não, espero que não precise estar com uma mulher fraca para se sentir um homem.

Ele abriu a boca, e ela levantou a mão.

“Acho que não”, disse ela, “pelo menos conscientemente, mas você precisa ouvir o que estou dizendo. Como você está agindo agora, não é como eu quero que meu namorado seja. Eu preciso que você mude.” Ela inalou. Exalado. Porra, suas lágrimas se acumularam e se derramaram de qualquer maneira. “Ou eu preciso que você vá.”

Ela disse o que tinha que dizer, e ela encontrou seu olhar agora, o desafiou a chamá-la de errada. Seu cabelo escuro ficou preto com pouca luz como esta, e ele veio em direção a ela, feições afiadas em um rosto pálido. Ele enrolou seus braços ao redor de sua cintura, descansou seu rosto contra seu pescoço. Ele beijou a cavidade de sua clavícula e a soltou.

“Ok”, ele sussurrou.

Ele estendeu a mão atrás dela, girou o ferrolho, deu a volta nela, empurrou a porta e saiu para a rua.

Ele estava indo embora. Ele a estava deixando.

Ele se virou. “Não sou eu que vou embora,” ele disse, como se pudesse ouvir a voz em sua cabeça. Ele estreitou os olhos, zangado, mas brincalhão. “Estou deixando você caminhar até o seu carro.” Ele balançou a cabeça, então se virou e saiu.

Ela estava certa em tomar uma posição naquela noite, mas errada também. Tanto amor era contradição. Para Tony, amar Julia era deixá-la ser

sua própria heroína, mesmo que sua autoestima parecesse estar baseada no que ele podia fazer pelas pessoas que mais amava. Para Julia, amar Tony era deixá-lo cuidar dela, por mais que a assustasse começar a precisar do que poderia perder.

E agora, Tony queria cuidar de Nick. Seu irmãozinho, o menino que ele salvou de novo e de novo. Ele não tinha onde colocar toda aquela raiva e desespero.

Julia se deitou no azulejo frio da cozinha ao lado de Tony e pegou a mão dele.



Na tarde seguinte, eles se viram jogando um jogo que parecia futebol no pátio lateral. A versão de Chloe do esporte incluía jogar a bola Nerf nos participantes e touchdowns de qualquer time na mesma macieira. Era confuso para dizer o mínimo, mas cada vez que Chloe anunciava uma nova regra à medida que o jogo avançava, Julia a achava charmosa demais para raciocinar, e então eles obedeciam. As crianças fizeram Julia rir tanto que seu humor melhorou, e Tony parecia estar dando o seu melhor. Ele correu pelo pátio, discutiu brincando sobre as regras, olhou para ela com olhos que pareciam medir se ela estava se divertindo. Ele estava se desculpando.

“Espere, Seb,” Chloe disse para seu irmão.

Seb parou no meio da corrida para a macieira, apertando a bola entre suas duas pequenas mãos.

“A árvore é ghouls agora.”

Tony balançou a cabeça. “O que?”

“Ghouls, pai,” Chloe disse, como se Tony fosse um idiota.

“Por que teríamos ghouls no futebol?” Júlia riu. Tony estendeu a mão para ela em um gesto que dizia *Obrigado!* Ela sorriu para Tony e segurou seus olhos. Mesmo quando era contra seus próprios filhos, era bom se unirem.

“Não é futebol, é pega-futebol-dodgeball”, disse Chloe.

“Dodgeball,” Seb gargalhou enquanto jogava a bola em sua irmã.

O celular de Julia vibrou em seu bolso. Havia apenas um punhado de pessoas de quem ela atenderia uma ligação agora – Charlie Lee era uma delas.

“Eu tenho que pegar isso, mas já volto,” Julia disse enquanto corria em direção à casa e fora do alcance da voz. Ela parou no degrau da frente e sentou-se ao lado dos jack-o'-lanterns que eles deixaram mofando lá desde o Halloween.

Charlie se desculpou por ligar no fim de semana.

“Você está de brincadeira? Estou morrendo de vontade de ouvir de você.”

“Ah,” ele suspirou.

E assim, ela desejou não ter respondido. “O que? Nada?”

“Sinto muito, Júlia. Se ele fez isso com mais alguém, eu não os encontrei.”

Merda. "Tudo bem."

“Eu pensei que estava em algo em um ponto, mas. . .” Ele fez uma pausa.

"O que você quer dizer?"

“Ah, era um beco sem saída. Um barman em Providence pensou que era possível que ele tivesse visto Ray Walker um fim de semana em seu bar, há *dois anos* .

“Providência, Rhode Island?”

“Sim, a empresa de Walker vende em toda a Nova Inglaterra. Então eu entrei em contato com um monte de bares gays em algumas das cidades maiores.”

O coração de Julia batia forte em seu ouvido contra o telefone. "E?"

“E nada, realmente. Ele se lembra de um cara muito bonito chegando duas noites seguidas, conversando com um jovem tímido regular. Na segunda noite, o garoto saiu com o cara. O barman estava planejando perguntar ao cliente regular sobre isso no próximo fim de semana, mas o garoto nunca voltou.

Um grito de Chloe atraiu os olhos de Julia para o quintal. Tony estava perseguindo-a com a bola.

“Muito tempo depois disso, o barman viu o garoto em um mercado de fazendeiros com uma garota. Ele a chamou de 'barba' — acho que eles estavam agindo como namorado, namorada. Bartender acha que ela ficou sábia com as coisas. Ele nunca pensou que algo ruim tivesse acontecido. Até que ele recebeu meu e-mail.”

“Ele se lembra do nome do regular?”

"Não, não o sobrenome dele, de qualquer maneira."

"Assim . . ." Então realmente não era nada.

Julia estudou suas botas. Rolou os tornozelos para ver o fundo. Seus passos estavam cheios de lama e fios de grama.

"Estou muito desapontado", disse Charlie. “O que ele fez com seu cunhado, deve haver outros por aí. Apenas difícil encontrá-los.”

“Foi um amor de sua parte me procurar, de verdade.”

“Ainda posso ouvir de alguns outros bares. Se eu fizer-”

"Sim, é só me ligar, mas não gaste mais tempo com isso."

Charlie fez uma pausa. “Eu sei que você está preocupado com a corte, mas tente não ficar.”

Julia puxou a manga do casaco para enxugar o nariz na flanela por baixo. Ela estava começando a sentir vontade de chorar.

"Eles têm muito para prendê-lo", disse Charlie. “Se eu tivesse que votar, diria que Raymond Walker é um homem cuja vida de boa sorte finalmente acabou.”

Depois que desligaram, Julia sentou-se ao lado das abóboras e virou o telefone nas mãos. Uma vida inteira de boa sorte, isso poderia explicar.

Charlie era bom, mas se ninguém tivesse denunciado Walker, se ninguém tivesse fotos dele ou amostras de DNA, ela estremeceu. Uma vida inteira de boa sorte. Ela olhou para o gramado. Tony estava balançando Chloe pela cintura enquanto Seb saltava para ela, tentando pegar a bola Nerf de suas mãos. As crianças estavam tagarelando e gritando. Tony riu, colocou Chloe no chão, revirou os ombros, deixou cair o sorriso. Observou as crianças correrem para a árvore, algum tipo de olhar melancólico em seu rosto. E quanto ao longo prazo de felicidade? Acabou também?

JULIA HALL, 2019

nevado no último dia de novembro daquele ano. Eles acordaram uma manhã para descobrir que a queda havia acabado. O inverno que se seguiu os enterrou.

Esse foi o inverno em que Julia aprendeu que você pode se perder na neve. Você poderia perder de vista onde estava se não mantivesse seu juízo sobre você. Você estava mais perto da primavera do que no outono, mas a luz fraca, a neve crescente, cegava você para a promessa da primavera. Assim como as plantas lá fora, você tinha que se despir e endurecer para sobreviver.

Ela olhou de lado para o detetive Rice.

Se ela nunca tivesse visto este homem novamente, ela poderia ter morrido feliz.

"Você sabe por que eu te chamei aqui, não é?"

sim.

"Não," ela disse.

Ele podia ver o suor na linha do cabelo dela?

"Eu olho para trás no caso de Nick", disse o detetive, "e vejo todos os erros que cometi. O que eu sentei. E o que eu perdi. Quando Walker me ligou e me contou o que Tony tinha feito. . . Eu olho para trás naquele dia e gostaria de ter visto o que estava por vir."

O detetive Rice estava tomando seu tempo, oferecendo suas memórias como se fossem maçãs que ele estava colhendo das árvores em um passeio preguiçoso por um pomar. Como se eles estivessem apenas ocorrendo com ele e ela gostaria de vê-los. Mas ele estava se movendo cronologicamente — metodicamente. Ele a acompanhou durante o outono, e o inverno viria a seguir.

Por um momento, Julia cedeu à voz de sua vítima interior. *Eu não deveria ter que me lembrar de tudo isso. Não é justo.* Então ela silenciou a voz. A voz era falsa. Na verdade, ela pensava naquele inverno com frequência, com ou sem detetives chamando-a para seus aparentes leitos de morte. Ela aprendera a controlar os fortes sentimentos ligados àquela época — as lembranças ainda existiam, mas ela as via com o distanciamento frio de um pesquisador, talvez, observando as ações de pessoas desconhecidas. Não eram eles, Tony e Julia. Esse era outro casal. É quando sua mente se voltou para aquele casal — nas noites de inverno; ou nos primeiros momentos em que ela acordou de um pesadelo; ou, por algum motivo que ela não conseguia se lembrar, sempre que Tony fazia BLTs — ela observava aquele casal estranho por um momento e depois os soltava.

Hoje, uma emoção há muito sedada tinha despertado na boca do estômago enquanto ela se sentava de frente para o detetive, a personificação

do processo de justiça criminal. Sua pele flácida e a coloração doentia eram uma distração; um artil fortuito de sua parte, mas ela sabia o que ele era. Um policial sempre foi um policial: aposentado ou não, morrendo ou não. E a história sempre exigiu justiça, não é?

Porque ela sabia por que ela estava aqui. Ela sabia o que viria a seguir. O detetive havia demorado, mas eles estavam se aproximando agora: o inverno em que Raymond Walker desapareceria.

III. DEZEMBRO



“Estamos mais perto da Primavera
do que estávamos em setembro”,
Eu ouvi um pássaro cantar
No escuro de dezembro.

O FÍGADO HERFORD, “Eu OUVIR UM PÁSSARO CANTAR ” _

NICK HALL, 2015

escritório de Jeff era pequeno e aconchegante. A parede atrás do assento de Nick no sofá era de tijolos, e a janela lançava a luz brilhante do início do inverno no rosto moreno quente do conselheiro. Como de costume, Jeff estava vestindo um suéter e calças. De vez em quando, ele enganchava um dedo sob a pulseira de seu relógio de pulso de prata e o esticava enquanto ouvia Nick. Nick havia tirado as botas na porta e esfregava as meias para frente e para trás no tapete macio enquanto conversavam.

“Então parece um alívio”, disse Jeff.

“Sim.” Eles estavam falando sobre o que Nick estava fazendo consigo mesmo. A colheita, ou o que quer que seja.

Ele já havia falado sobre isso na sessão de aconselhamento de emergência que teve com uma mulher depois do Dia de Ação de Graças. Falar sobre as mesmas coisas com Jeff não ia ajudar. Ele sabia por que estava fazendo isso, cutucando sua pele. Era uma distração da verdade. Ele quase disse a Jeff uma vez antes. Quase disse a Tony, no Dia de Ação de Graças. Ele pensou que poderia mudar a verdade se dissesse a si mesmo a história falsa repetidamente, mas estava ficando cada vez mais difícil.

Jeff estava dizendo algo, e Nick o interrompeu.

“Você pode explicar novamente como funciona conosco, como com o tribunal?”

“O que você quer dizer?”

“Como eu sei que você pode dizer a alguém se eu vou me machucar ou outra pessoa, mas você disse algo sobre o tribunal uma vez.”

“Eu fiz?”

Nick assentiu. “A primeira vez que nos encontramos, você disse que um juiz poderia fazer você dar a ele meus registros.”

“Oh. Bem, isso é possível. Acho que dependeria — gosto de dizer aos clientes de antemão que existem alguns limites de confidencialidade. Por mais que eu queira que você saiba que vou guardar seus segredos, também quero que você saiba que há algumas vezes em que não posso. Eu acho que é muito importante que eu diga isso *antes que* algo aconteça.”

Nick levou a mão à cabeça. A crosta ainda estava lá. Mais seco e menor, mas ele ainda estava mexendo nele com muita frequência para deixá-lo curar todo o caminho.

“Nick,” Jeff disse, e acenou em sua direção.

Nick baixou a mão.

“Não consigo ver um cenário em que Ray consiga seus registros, se é isso que o preocupa.” Eles o chamavam de Ray no escritório de Jeff. Nick

não gostava de chamá-lo de “Walker”, como o promotor ou Tony faziam.
— Sobre o que você quer falar comigo?

O braço de Nick começou a coçar, e ele o esfregou.

"Usuário."

Nick juntou as mãos no colo. Ele não era forte o suficiente para manter o segredo mais. Ele tentou reprimi-lo, bloqueá-lo, mas ele estava muito fraco. Se ele não contasse a alguém, ele não sabia o que faria.

“Quero contar o que realmente aconteceu.”



Nick ouviu o Volvo enferrujado de Johnny antes de vê-lo. Johnny tinha chegado cedo e estava esperando por ele, assim como vinha depois de cada sessão desde que Nick saiu da casa de Tony.

Nick esticou o braço para ver o carro parado na rua atrás do novo banco de neve, cortesia da tempestade do dia anterior. Seu rosto estava inchado de tanto passar a última hora chorando; quando ele pisou na calçada, o ar frio ardia em seus olhos. Havia um inchaço de esperança em seu peito diferente de tudo que ele já sentiu. De volta ao escritório de Jeff, ele finalmente fez o que fingiu fazer tantas vezes naquele outono. Ele deu a alguém toda a verdade, e nada mais. Quando terminou, Jeff se inclinou para frente em sua cadeira e disse o nome de Nick. Nick levantou a cabeça e encontrou o olhar de Jeff, e então, Jeff disse as três palavras mais inesperadas.

"Eu perdô você."

Jeff falou muito depois disso, mas esses três se repetiram na mente de Nick quando ele chegou ao carro de Johnny.

"Eu perdô você."

Ele poderia ser perdoado pelo que tinha feito.

Nick abriu a porta e deslizou ao lado de Johnny. O Volvo parecia uma merda do lado de fora e rugia a mais de sessenta quilômetros por hora, mas estava quente e limpo e cheirava a morangos. Johnny estava sempre trocando purificadores de ar, e o mais recente era uma coisa de gelatina rosa que se encaixava na ventilação do aquecimento do passageiro. Sempre fazia Nick desejar torradas amanteigadas com geléia.

"Como foi?"

"Multar. Bom, na verdade." Nick puxou o cinto de segurança sobre o colo e sorriu para Johnny. “Obrigado por me buscar.”

Johnny sorriu de volta enquanto dirigia. “Você não precisa dizer isso toda vez.” Então o sorriso caiu de seu rosto. "Pelo menos não enquanto você estiver me dando dinheiro para a gasolina."

Nick exalou uma risada suave. Como o único com um carro, Johnny estava preso como motorista de seus colegas de quarto regularmente. Depois das duas primeiras semanas morando juntos, ele começou a ficar irritado, mas depois começaram a pagar o dinheiro da gasolina e isso se tornou um problema menor. A essa altura, o sistema era simples: sem

pagamento, sem Taxi Maserati — Nick havia inventado esse nome em setembro. Ele não chamava o Volvo por esse nome há meses.

Em casa, Nick deu a Johnny uma nota de cinco e subiu direto as escadas mofadas para seu quarto, fechando a porta atrás de si.

Ele se sentou na cama e pegou o telefone para procurar o número do escritório do promotor. Jeff dissera que Nick deveria tentar falar com a defensora das vítimas, Sherie. Sherie provavelmente seria a melhor para lidar com isso. Nick pressionou o número na página da promotoria. Se não ligasse agora, enquanto estava cambaleando com a confiança de que era a coisa certa a fazer, talvez nunca atendesse o telefone.

Nick abriu caminho através de um menu para alcançar um humano.

“Escritório do procurador distrital, aqui é Jodi falando.”

“Oi, hum, estou ligando para falar com Sherie. O advogado, por favor.

“Sherie está fora esta semana. Você é uma vítima em um caso aberto?”

Lá estava aquela palavra novamente. “Sim, eu- Sim, eu estou, sim.”

A voz suavizou. “Sherie teve uma morte na família, ela deve estar de volta na próxima segunda-feira. Você gostaria de falar com o advogado designado para o seu caso?”

Ele iria? Não. Ela era intimidante. Todo o trabalho de Sherie era estar lá para Nick. Seria mais fácil conversar com ela.

“O advogado é a pessoa certa para conversar sobre sua história ou seu testemunho? Quero dizer, se eu precisasse. . . E se . . .”

O que eu estou fazendo?

“Não importa, eu ligo de volta na próxima semana, obrigado.”

“Eu posso-”

Nick desligou. Ele precisava falar com Sherie. Ninguém mais, ainda não. Ele poderia fazer isso uma semana. Não era mais seu segredo sozinho — ele havia contado a Jeff, e isso contava para alguma coisa.

Nick gentilmente empurrou as mangas para cima uma após a outra, tomando cuidado para não arranhá-las contra as feridas escamosas. Eles corriam por toda a parte inferior de seus antebraços, secos, marrom-avermelhados e rosados. Eles coçaram para serem escolhidos. Em vez disso, ele apenas os observou. Pareciam ilhas. Imaginou o rosto de Tony quando viu o que tinha feito a si mesmo. Nick puxou as mangas para baixo e se levantou da cama. *Chega disso*, pensou. *Redirecione-se, como Jeff disse.*

Nick desceu as escadas e tirou um cubo de gelo da bandeja do freezer. Ele o segurou na mão esquerda, apertando-o com força. O frio doía contra sua palma. Ele estendeu a mão latejante e deixou o derretimento pingar na pia. A dor em sua mão era tudo o que ele podia sentir, exatamente como ele queria.

JULIA H ALL, 2015

Julia podia ouvir a cozinha do fundo da escada. O chiar do bacon, o barulho da cafeteira, as vozes familiares de personalidades do noticiário local na televisão. Os âncoras do canal oito apresentavam um programa insano chamado *Saturdays with Michelle and Miguel*, que Tony às vezes ligava enquanto preparava o café da manhã. Era o modelo de programa matinal de recortes de biscoitos de notícias locais supercobertas divididas por segmentos sobre receitas e animais de estimação do abrigo. Ela nunca iria bater muito no show, no entanto, toda vez que ela ouvia, significava que o café da manhã estava em andamento.

Julia parou na porta da sala, onde as crianças brincavam. No final do corredor, na cozinha, uma terceira voz soou entre a de Michelle e a de Miguel. Julia não reconheceu a voz, mas soube imediatamente o que estavam discutindo.

“O que torna este caso tão interessante é que temos uma vítima adulta do sexo masculino”, disse a voz. “Eu não quero chamar isso de inédito, mas praticamente é.”

Julia correu para a cozinha, onde Tony estava imóvel em seu moletom. Um homem pesado de terno estava na tela diante dele.

Julia foi para o lado de Tony. "O que é isso?"

“Shh!” Tony assobiou.

Na tela, o homem estava sentado em uma cadeira em frente a Michelle e Miguel. “Será fascinante ver como um júri responde à situação.”

Julia deu um passo à frente em direção à TV. “Por que você está assistindo isso?” Ela estendeu a mão para desligá-lo.

Tony empurrou a mão dela para baixo. “Deixa pra lá, estou tentando assistir.”

“Por que você está fazendo isso com você mesmo?”

Ele arregalou os olhos em aborrecimento, mas os manteve na tela. “Você pode parar de falar?”

Julia se acomodou sobre os calcanhares e cruzou os braços.

Miguel inclinou-se para o homem. “E qual é a situação, como a conhecemos?”

“Os dois homens se conheceram em um bar, o Jimmy's Pub, em Salisbury. De alguma forma eles determinaram que estavam mutuamente interessados, e eles deixaram o bar juntos e foram para o quarto de hotel do Sr. Walker. O Estado procurará provar que o Sr. Walker essencialmente espancou a vítima no hotel e que a agressão sexual ocorreu enquanto o homem estava inconsciente”.

“Agora, por que importa que a vítima seja do sexo masculino?” perguntou Michele.

“Isso realmente importará mais em termos das histórias que a defesa e a acusação contam, e pode afetar o que os jurados acreditam que aconteceu. Poderia ir de qualquer jeito. Um júri acreditará que um homem forte e saudável foi essencialmente nocauteado e não tem memória do evento? Há muita especulação sobre quanto álcool a vítima consumiu, mas como homem, sua tolerância é maior, é claro. E provavelmente não haverá perguntas sobre o que ele estava vestindo,” o homem disse com um sorriso nojento.

Julia estendeu a mão e desligou a TV. Tony ficou imóvel, olhando para a tela preta. Ela estendeu a mão para ele quando ele se afastou, e sua mão passou pelo ar onde ele estava.

Sem dizer uma palavra, ele caminhou da cozinha para a sala de lama. Depois de uma pausa, a porta bateu. Ela ouviu o barulho de sapatos no cascalho, e Tony se foi.



Tony estava sentado na cama com um livro no colo, olhando para a janela à sua frente. Ele estava lendo o mesmo livro por um mês. Mal lendo, na verdade, Julia continuava o vendo assim, segurando o livro, mas fora de sua cabeça em algum lugar. Ela subiu no outro lado da cama. Ela pegou o livro ao lado da cama, mas ele falou.

“Esse filho da puta precisa ser preso.”

Ele estava falando sobre Walker. Ele estava sempre falando sobre Walker. “Ele provavelmente vai ser.” Ela tinha mais a dizer, mas Tony a cortou.

“Provavelmente?”

“Você nunca sabe. Mas mesmo que ele vá para a prisão, isso não vai fazer Nick parar de se machucar.”

“Pode.”

“Acho que você está simplificando demais o que Nick está passando.”

“Significado?”

“Walker indo para a prisão não vai ajudar Nick a aceitar o que aconteceu naquela noite.”

Um pequeno sorriso surgiu no rosto de Tony. Era um sorriso feio – como se ele tivesse pensado consigo mesmo: “Aí está”. Como se ela tivesse acabado de provar que ele estava certo sobre alguma coisa.

“O que?”

Tony abriu seu livro. “Nada.”

“Isso não é passivo-agressivo.”

“Multar.” Ele fechou o livro. “Às vezes eu sinto que você não acredita em Nick.”

“O que? Onde você conseguiu aquilo?”

“Eu apenas sinto isso, o jeito que você fala sobre ele.”

“Como posso falar sobre ele?”

"Agora, como se ele não soubesse o que aconteceu com ele."

"Estou dizendo onde ele desmaiou, não sabemos—"

"Pare." Ele virou o edredom e saiu da cama.

"Uau!" Claramente isso tinha sido um erro.

Ele estava na cômoda agora. "Antes que você diga o que eu acho que você vai dizer, eu quero que você se lembre de como ele era no hospital. Em nossa casa. O que a enfermeira disse. Quer saber, eu não quero saber o que você pensa."

"Tony—"

"Eu não serei capaz de olhar para você se você pensar—"

"Tony—"

"Não, apenas pare, eu terminei com isso."

Eles estavam falando um sobre o outro.

Ela não queria levantar a voz com as crianças no corredor. "Tony. *Tony*. Escute-me. Estou lhe dizendo que acho que Nick está dizendo a verdade, mas *ele disse* que não sabe o que aconteceu. Você não acha estranho não haver mais ninguém com quem Walker tenha feito isso?"

Tony a olhou significativamente. "Há uma primeira vez para tudo."

"O que, nós discordando?"

"Não sabemos se não há outras pessoas por aí."

"E se nós soubermos disso?"

"Como faríamos? A polícia não tem tempo para procurar outros."

"Não a polícia."

"O que você está falando?"

Ela queria contar a ele sobre Charlie Lee? Ela pensou que queria mantê-lo privado – evitar que ele ficasse desapontado por Charlie não ter encontrado nada para ajudar a garantir uma condenação. Mas claramente ela queria dizer a ele, ela o levou direto a isso.

"Pedi a Charlie Lee para investigar as coisas para nós."

"Quem é Charlie Lee?"

"Aquele investigador com quem eu costumava trabalhar."

Tony a encarou por um instante. "Você contratou um detetive particular?"

Não era muito dinheiro, mas ela deixaria isso inteiramente de fora. "Eu já o estava usando para o relatório de registros juvenil."

— Quando você falou com ele?

"Que horas?"

"Então você está *trabalhando com* um investigador e não me contou."

"Eu não acho que *deveria* te dizer - eu liguei para ele logo depois que você colocou o punho em uma porta na frente das crianças."

Tony franziu a testa e de repente seu rosto era todo Sebastian, oscilando à beira das lágrimas. Isso foi duro; ela não deveria ter dito isso.

Ela suavizou a voz. "Eu sinto Muito. Mas acho que precisamos ser realistas sobre o que o tribunal pode dar a Nick. Eu sei que há alguma outra evidência, mas realmente vai ser a palavra de Nick contra a de Walker, e

Nick vai dizer que não se lembra do que aconteceu. Isso não é ótimo. Então eu pedi a Charlie para ver se ele conseguia encontrar mais alguém, e ele não conseguiu, e ele é muito bom nisso.”

“E daí, ele ligou para *todos os homens do mundo* e perguntou: 'Ei, você já...’”

“Obviamente não,” Julia interrompeu. “Mas ele tentou um monte de bares gays na Nova Inglaterra, onde Walker poderia ter ido em viagens de trabalho. Apenas um deles pensou que era possível que ele estivesse lá.”

O rosto de Tony se iluminou. “Alguém o reconheceu?”

“Não, talvez, ele não tinha certeza. Só que ele parecia um cara que foi para casa com um frequentador mais jovem uma vez, mas era isso. Charlie não consegue descobrir quem era o cliente regular, então, literalmente, tudo o que sabemos é que alguém que se parece com Walker foi para casa com um cara jovem e tímido, e o barman nunca soube o que aconteceu.”

“Você está ouvindo a si mesmo? Ele tem um tipo. Ele tem um MO. Isso precisa ir para o DA para o tribunal.”

“Deus não, absolutamente não! Se eu fosse o advogado de Walker, teria um dia de campo com isso. — De onde veio essa informação? — A família de Nick Hall contratou um investigador particular. — E *tudo* o que ele encontrou foi que alguém que se parece com meu cliente foi para casa com um cara em um bar há dois anos? É pior do que não ter olhado.”

"Bem ali", disse Tony enquanto apontava para ela. “Isso é problema seu.”

"O que?"

“Se você fosse o advogado dele.' Você já foi advogado dele antes, Julia. Você defendeu canalhas como ele.

"E daí?"

“Você está olhando do ponto de vista dele quando deveria estar olhando do ponto de vista de Nick.”

“Isso é *tão* insultante. Isso era trabalho. Isso é pessoal — isso é *família* . Eu só quero que você seja realista sobre como essa parte da coisa toda pode terminar. Walker pode ir a julgamento e, se for, Nick terá que testemunhar, e Walker pode vencer.

Tony ergueu a mão. “Eu preciso de uma caminhada.”

"Agora mesmo?" A janela do outro lado da sala era um espelho preto. "Está escuro; Está congelando."

“Vou usar uma jaqueta.”

Estava muito frio para sair a pé. E ele andaria, ou ele entraria em seu carro e dirigiria? E aonde um carro poderia levá-lo senão de volta ao Walker's?

“Por favor, não saia agora.” Se ela dissesse o que estava pensando, ela apenas os entrincheiraria ainda mais *nessa* , nessa luta, seja lá o que for. Mas ela tinha que saber que ele não faria outra coisa de que se arrependeria. “Por favor, não vá de novo.”

Talvez ele temesse a mesma coisa que ela, porque ele cedeu. "Multar." Ele pegou o travesseiro ao lado dela e pegou o livro debaixo das cobertas. Ele não olhou para ela.

"Tudo bem", disse ela.

Ele parou na porta. "Posso apenas salientar, apesar de toda a sua conversa sobre o que você acha que eu não estou dizendo, esse foi um grande segredo que você manteve, contratar aquele cara."

Ela estendeu a mão para um pedido de desculpas, mas não veio. Ela não estava arrependida.

"Boa noite", disse ela, e estendeu a mão para o abajur ao lado da cama. Ela desligou, enviando Tony para a escuridão.

JOHN RICE, 2019

Eles terminaram o chá e o tempo estava passando. Parecia estranho para Rice que Julia o tivesse deixado arrastá-la do outono para o inverno — *aquele* inverno — sem reclamar. Sem perguntar para onde ele a estava levando. O rosto dela parecia tão pálido quanto o dele toda vez que ele pegava seu reflexo na caixa de pão (ele havia removido os espelhos semanas atrás). Era a conformidade civil padrão que ele desfrutava quando fazia perguntas em seu território? Normalmente, território doméstico significava a estação — esse era seu primeiro interrogatório na Maple Street. Pode ser isso. Ou pode ser que Julia não precisasse perguntar para onde ele a estava levando; talvez ela já soubesse.

“Aqui estou falando sobre o que eu estava sentindo, mas não tinha ideia do que seu cunhado estava passando.”

Júlia assentiu. “Eu também não, realmente.”

“Você já aprendeu por que ele . . .” Arroz fez uma pausa.


A voz de Julia era sem remorso. “Tentei overdose.”

“Que.”

“Acho que foram muitas coisas, todas se empilhando umas sobre as outras.” Ela virou a cabeça e pensou. “Lembro que ele teve uma semana muito difícil.”


NICK HALL, 2015

A semana foi assim.




Na noite de sábado, Nick bebeu sozinho. Ele terminou o Stoli de Mary Jo e uma velha jarra de suco de cranberry do fundo da geladeira. Ele se perguntou se Mary Jo iria perguntar a ele sobre isso quando ela percebesse a garrafa vazia, ou se ela evitaria o assunto como se tivesse sido agredida, já que seu namorado deu a notícia para todo o campus. Nick ainda pegava as pessoas olhando para ele, até mesmo sussurrando, porque Mary Jo não tinha sido esperta o suficiente para ver que seu namorado era um babaca.

Nick terminou a noite no banheiro. Ele se ajoelhou no chão e se obrigou a vomitar no vaso manchado, na esperança de evitar uma ressaca. Então ele se levantou, enxaguou a boca e fixou os olhos no reflexo acima da pia. Essa pessoa era realmente ele? As linhas de seu rosto eram duras, seus olhos úmidos e vazios. A imagem era nítida, mas sua mente estava derretendo, embaçada. Ele desejou poder se dissolver na água fria e lavar o ralo.



No domingo, ele estava de ressaca de qualquer maneira.



Sherie ligou na segunda-feira. A princípio, ele pensou que ela sabia, de alguma forma, que foi ele quem ligou procurando por ela na semana anterior. Mas ela imediatamente começou a falar sobre a corte, e Nick percebeu que era apenas uma coincidência. Ela disse a Nick que haveria uma audiência na próxima terça-feira. Ela disse que o estava lembrando da data, mas ele não se lembrava de tê-la dado.

“A conferência disposicional”, disse ela, “é como chamamos quando o promotor e o advogado de defesa se encontram no tribunal, conversam sobre o caso e tentam chegar a um acordo para resolvê-lo”.

“Então, tudo pode acabar na próxima terça?”

“Pode ser, mas por favor, não crie esperanças.”

Certo. Nick se lembrou da reunião no escritório do promotor. Se o caso fosse resolvido, provavelmente aconteceria mais perto do julgamento. Dois meses pareciam uma vida inteira para Nick, mas aparentemente eles ainda estavam no início do caso.

"Como funciona?"

"Na corte? O réu vai, e há um juiz para parte disso, mas muito disso são apenas os advogados falando sozinhos. Linda dirá a Eva — essa é a advogada de defesa — Linda dirá a ela por que acha que ganharia no julgamento e qual seria uma sentença justa. Eva dirá a Linda por que ela acha que Linda vai perder e que sentença eles aceitariam para fazer o caso ir embora."

"Que tipo de sentença seria?"

"Linda queria saber o que você achou dele cumprir quatro anos de prisão, com um total de dez anos que ele poderia cumprir se violar a condicional."

Nick não sabia o que dizer. Quatro anos de prisão parecia muito tempo. Mas talvez não. Se eles resolvessem o caso agora, sem Nick contar a verdade a Sherie, isso significaria que todos veriam os quatro anos como o pagamento de Ray pelo que Nick disse que Ray fez: convidou Nick para um hotel, nocauteou e o agrediu enquanto ele estava indefeso. . Quatro anos não parecia tão longo, então.

"Isso é apenas uma oferta para fazer com que ele se acomode", Sherie continuou. "Se ele não se conformar, se Linda vencer no julgamento, ela argumentaria por muito mais tempo."

"Então, seriam quatro anos se pulássemos o julgamento."

"Exatamente", disse Sherie.

Se não houvesse julgamento, não havia razão para contar a história ao promotor — a história real. Estava lá? Seria ele mais livre, de verdade, só por tê-lo dito, se dizer seria inútil?

"Isso soa bem", disse Nick para Sherie. E ele não contou a ela.



Na terça-feira, ele fez terapia. Ele entrou na sessão pronto para contar a Jeff o que havia decidido enquanto falava com Sherie: que esperaria até depois da próxima data do tribunal para contar a qualquer outra pessoa o que havia dito a Jeff uma semana antes. Mas quando ele viu Jeff pessoalmente, percebeu o quanto ele gostava de Jeff. Jeff havia mostrado a ele, nos últimos dois meses, como era ser um homem que também havia sido vítima. Provou para ele que você poderia ser uma vítima sem que isso o definisse. Jeff era casado. Ele era engraçado, mas também gentil. Ele estava seguro de si. Ele era o tipo de homem que Nick queria ser. E esse homem poderia perder o respeito por ele se soubesse que Nick queria esperar e ver se o caso ia embora. Pode achá-lo covarde – pode até pensar, *acho que ele não é tão corajoso quanto eu pensava que era* . Então Nick mudou de ideia e decidiu mentir.

— Você já falou com o advogado?

"Liguei na semana passada, mas ela se foi para uma emergência familiar." *Nem mesmo uma mentira* , pensou, mas ainda se sentia culpado.

"Oh. Você falou com o promotor, então?"

"Não. Vou esperar e contar ao advogado esta semana." *Definitivamente uma mentira.* "Vou tentar de novo quando sair daqui."

Jeff enganchou um dedo sob a pulseira de seu relógio.

"Você não precisa se você não se sentir pronto", disse ele. "Você toma as decisões. Ninguém mais."

Nick podia ouvir o suave *tic-tic-tic* do relógio na parede atrás dele.

"E como eu disse na semana passada, estou mais do que feliz por estar lá quando você ligar."

Quando ele contasse a Sherie — se fosse preciso, se o caso não fosse resolvido na próxima semana — seria bom. Familiar.

"Talvez", disse Nick. Talvez fosse bom, ou talvez parecesse mais do mesmo. Como se ele fosse uma criança que derramou um copo de leite, e ele estava assistindo alguém limpá-lo.

Nick deixou o escritório de Jeff ainda pior do que quando chegou lá. Enquanto Johnny o levava para casa, ele desejou um acidente. Ele imaginou um carro batendo no deles, atingindo o lado do passageiro do Volvo e tirando-o da consciência e entrando em coma. Isso deixaria Johnny ileso, de alguma forma, e ninguém chateado — todo mundo poderia saber que o coma não duraria. Sua mãe, Tony, Johnny e Elle — nenhum deles teria que se preocupar. E Nick poderia dormir com tudo isso. Ele poderia acordar depois que o caso estivesse concluído, depois que todos tivessem esquecido que estavam tão interessados em sua vida.



Como acontecia às vezes depois de um dia ruim, quarta-feira estava tudo bem.



Na quinta-feira, ele sonhou que Elle estava batendo à sua porta, pedindo para entrar, perguntando se ele tinha visto as notícias. Ela lhe entregou um telefone, mas as palavras estavam embaçadas.

"Você mentiu," Elle estava dizendo. "Você mentiu. Você me deixou acreditar em você. Você me deixou ver o que eu queria ver. Todo mundo sabe agora. Todo mundo sabe o que você é." Ela estava soluçando. Nick estava soluçando. E então ele acordou.

Ele pegou seu telefone. Pesquisei seu nome no Google. Nada de novo. Pesquisei no Google o nome de Walker. Nada de novo. Ele deveria ter parado ali, mas não parou. Ele estava doente de culpa. Ele não iria pegar em si mesmo. Em vez disso, ele iria ler.

Ele rolou até o final do artigo mais recente sobre *Seaside*. Não houve novos comentários, então ele releu o que estava lá.

Eu poderia engolir isso se a “vítima” fosse uma mulher menor, mas um homem de 20 anos fica inconsciente com um único golpe? Só é muito difícil comprar.

Então, podemos esclarecer que esse cara desmaiou, não foi atingido na cabeça ou qualquer bobagem. . . só não quer admitir que ele se embebedou mudo. Se ele não se lembra do que aconteceu, isso não significa que ele não estava consentindo com isso.

Nick estava certo em não contar a Sherie. Não se ele pudesse evitar. As pessoas já achavam que ele era um mentiroso. Já achava que era menos homem pela história que contava. Ele não queria saber o que as pessoas diriam, o que pensariam dele, se soubessem a verdade.

Ele poderia esperar uma semana — menos de uma semana — para saber se, por algum milagre, o caso iria embora por conta própria. Só se não fosse, ele precisaria tomar uma decisão. Será que ele diria a verdade e veria o caso dobrar e sua reputação desmoronar? Ou ele se dividiria em dois: o verdadeiro Nick que só Jeff podia ver, e o falso Nick que apareceu no carro a caminho do hospital e contou a história que ninguém parecia acreditar?

Sherie ligou novamente na sexta-feira. A corte foi adiada, ela disse, até 12 de janeiro.

Esperar. 12 de janeiro. Faltava um mês para isso.

"Por que?"

"O advogado dele tem um conflito de agenda na próxima semana."

E daí? Por que isso custou a Nick mais um mês de sua vida?

"Assim . . ." O que ele poderia dizer? O que ela poderia fazer?

"Certo," ela disse. "Então, não há realmente nada a fazer no momento. Ligarei para você depois do tribunal em janeiro para informar onde desembarcamos. E agora," ela disse como se fosse uma boa notícia, "você pode se concentrar apenas nos feriados. Algum plano especial?"

A única coisa que Nick havia pensado sobre as férias até agora era que talvez, apenas talvez, tudo isso estivesse acabado até então.

No sábado, ele estava bebendo sozinho novamente quando Elle bateu em sua porta.

Seu estômago revirou quando ele se lembrou de seu sonho.

Ela abriu a porta e enfiou a cabeça para dentro.

"Uau!" ela gritou. "Nós bebemos?"

JOHN RICE, 2015

Rice saiu da missa sentindo-se calmo e centrado. Ele sugou o ar frio pelas narinas e deixou sair pela boca, enviando uma nuvem branca de respiração congelada diante dele.

Seu ritual matinal de domingo consistia em missa às oito em ponto e café da manhã com os meninos no centro da cidade às dez e quinze. Bob Lucre e Jim Allen estariam esperando por ele em seu estande de sempre no Dorothy's Diner em Cape. Café quente, uma pilha pequena e uma recapitulação da semana. A maioria das pessoas parecia se sentir preenchida por sua adoração. Rice geralmente se sentia vazio, como se todos os fardos que carregava, todos os pensamentos negativos, tivessem sido arrancados de sua cabeça e entregues a Deus. Todos os seus erros e más escolhas, grandes e pequenas, foram deixados para trás nas vigas da igreja. Por mais libertador que fosse sentir-se tão leve, seu café da manhã de domingo o deixou de castigo novamente.

Rice desceu os degraus salgados da catedral e foi até o carro. Tinha nevado no início daquela semana, o suficiente para que o terreno tivesse sido arado. Rice havia estacionado bem perto de um banco baixo de neve, já sujo de areia.

Ele se sentou no carro e pegou seu telefone. Esta manhã ele tinha duas chamadas perdidas da estação, uma caixa postal e uma mensagem de texto de Brendan Merlo.

Nick Hall no YCMC. Tentativa de suicídio. Indo para lá agora

A mensagem foi carimbada às 8h03

Rice leu a mensagem novamente.

Ele disparou uma mensagem de sua autoria – ele não estaria fazendo o café da manhã – então foi para o hospital.



Brendan Merlo estava chegando ao seu veículo de patrulha quando Rice parou no estacionamento ao lado do departamento de emergência, dando dois toques rápidos na buzina. Merlo parou e esperou que ele estacionasse.

Ele assobiou quando Rice fechou a porta. "Você não parece afiada."

"Missa", disse Rice. "O que está acontecendo?"

Merlo moveu-se vagorosamente para o lado de Rice. "Não queria que você viesse, estamos prontos."

"O que aconteceu?"

"A colega de quarto do garoto, Ellen, ligou, por volta das três da manhã." Merlo pescou um pequeno caderno de sua jaqueta enquanto falava.

“Ele, quero dizer. Disseram que estavam em seu apartamento, bebendo ontem à noite até esta manhã, achavam que estavam se divertindo, desabafando. Elle disse que ele disse a ela que estava indo ao banheiro e ele se foi o suficiente para que ela o procurasse. Encontrei-o desmaiado no chão com um frasco vazio de seus remédios psiquiátricos. Difícil dizer se foi uma tentativa genuína ou não.”

“O que *isso* significa?”

"Apenas meu fraseado", disse Merlo. "Nick diz que não consegue se lembrar de ter feito tudo isso, e ele não se sente suicida agora. Obviamente, engolir um frasco inteiro de comprimidos parece suicídio, só quis dizer que não sei se ele *realmente* queria morrer.”

“Que pílulas ele usa?”

“Foda-se se eu puder pronunciá-lo; é o Zoloft genérico. Ele diz que não quer se machucar agora. Merlo deu de ombros. "Eu acredito nele.”

O arroz não. Em vez disso, ele sentiu uma frustração em pânico crescendo. "Eles não estão deixando ele ir para casa, estão?"

“Não precisa. Sua cunhada realmente trabalhou para ele ficar em um programa do tipo hospital. Ele está indo para Goodspring em Belfast.

Ele precisava entrar. "Obrigado, Brendan", disse Rice, dando um tapinha no ombro de Merlo quando ele passou por ele.

“Sem problemas,” Merlo chamou atrás dele.

Rice acenou com a mão no ar sem se virar.

Pela terceira vez, Rice se viu andando por um corredor estéril no Centro Médico do Condado de York em direção ao quarto de Nick Hall. Desta vez, seus passos foram impulsionados por uma urgência que não estava presente em suas duas primeiras visitas.

Entrar no pronto-socorro foi como acordar. Ele estava no pronto-socorro. Fora de serviço. Para ver um menino que tentou se matar.

Uma enfermeira atrás da grande mesa no centro da unidade ergueu os olhos do prontuário em suas mãos. "Posso ajudar?"

Estava tudo errado. A intromissão era clara: ninguém havia chamado sua ajuda. Ninguém o havia convidado.

"Não", disse Rice. "Não, eu—"

“Detetive Arroz?” Julia Hall estava parada na porta do que deve ter sido um banheiro do outro lado da unidade.

Merda.

“Júlia, oi.”

Ela veio em direção a ele, não muito sorridente. "Você está aqui por Nick?" Ela olhou para suas roupas de igreja. "Ou . . . algo privado?"

“Bem, eu estava aqui por um assunto pessoal, e encontrei o oficial Merlo agora mesmo. Pensei em parar apenas no caso. . .” Ele sumiu. *Apenas no caso de quê? O que ele poderia fazer por eles?*

Por um segundo, Julia parecia estar pensando o mesmo. Então ela deu um meio sorriso e disse: "Isso foi gentil de sua parte, mas acho que estamos bem."

“Bem, ótimo. Estou feliz. Ouvi dizer que ele está indo para Goodspring?”

Ela franziu a testa. “Uh, ainda não está definido, mas parece que vai dar certo. Por que?”

“Ah, sem motivo.”

Julia cruzou os braços sobre o peito e assentiu. “Se isso afeta o caso, afeta o caso, acho que é como eu vejo.”

“Julia eu... eu nem estava pensando nisso. Eu quero que Nick cuide de si mesmo, de verdade.”

Seu rosto suavizou, mas seus braços permaneceram cruzados. “Eu também. Obrigado por ter vindo, detetive.”

“Sem problemas”, disse Rice, e ele se virou antes que ela pudesse vencê-lo.

T O N Y H A L L, 2015

House Hunters é bom,” disse Tony.

“Talvez quando você for velho,” Nick respondeu.

Tony ficou na ponta dos pés, passando pelos canais da TV montada no alto do canto da sala.

Uma mulher em um vestido de noiva apareceu na tela.

“Passar.”

“Ah, que tal uma exposição de cães?” Tony perguntou com entusiasmo genuíno.

Nick virou o controle remoto morto em suas mãos e assentiu. “Isso poderia funcionar.”

“Nós não temos que—”

“Não, mantenha-o aqui.”

Tony revirou os ombros enquanto voltava para a cadeira ao lado da cama de Nick.

Antes que aquele silêncio terrível pudesse se aproximar deles, Tony perguntou: “Devemos ter um cachorro?” Era uma pergunta que ele poderia ter feito a Chloe ou Seb; não era real. Era apenas um jogo.

Nick olhou para ele, depois para a tela. “Sim”, disse Nick. “Você deveria pegar. . . Aquele.” Algum tipo de coisa parecida com um Doberman em miniatura estava sendo maltratada em uma mesa.

“Cristo. Provavelmente mais perigoso do que a versão grande.”

Nick riu baixinho. “Por que vocês *não têm um cachorro?*”

“Julia é alérgica.”

“Ah, sim, eu sabia disso.” Nick girou o controle remoto várias vezes. “Literalmente, seu único defeito.”

Isso não era bem verdade. Para a maioria das pessoas, Julia parecia perfeita. Ela era bonita e gentil e infinitamente pensativa. Ela nunca aparecia de mãos vazias, sempre se lembrava de aniversários e datas comemorativas, sempre perguntava como você estava e falava sério. Mas ela podia ser teimosa e crítica quando achava que sabia melhor do que outra pessoa. Especialmente quando se tratava de Tony. Às vezes ela simplesmente não o entendia – não confiava que ele sabia o que estava fazendo. Até estar na faculdade ela tinha sido rica, pelo menos comparada com a família de Tony, e então, abruptamente, ela não era. Seu pai morreu e o chão caiu debaixo dela e de sua mãe. Quando Tony conheceu Julia, foi apenas alguns anos depois disso, e ela estava *obcecada* em cuidar de si mesma. Toda vez que Tony tentava fazer algo por ela, ela o questionava, criticava e o afastava. Era partes iguais de enfurecer e excitar, descobrir como fazer com que ela o deixasse entrar. Mesmo agora, às vezes eles tinham um impasse.

“Falando no diabo,” Nick disse com um leve sorriso quando Julia apareceu na porta.

“Vocês estão falando de mim?”

“Apenas suas alergias”, disse Nick.

Ela apertou os olhos. “Cintilante. Vou descer para o refeitório, acabei de voltar para anotar pedidos.

“Sim!” Nick disse com o maior entusiasmo que tinha reunido desde que chegaram mais cedo naquela manhã para vê-lo. “Um café, com creme e açúcar.”

Júlia estremeceu. “Você sabe, a cafeína pode ser algo para cortar agora, pode alimentar sentimentos de ansiedade.”

“Oh-”

“Cristo, Júlia. Deixe-o tomar um café.” Tony pressionou os dedos nas têmporas. Ele podia sentir uma dor de cabeça se aproximando.

Sua voz estava vazia. “Sim, desculpe, isso foi estúpido.”

“Não, não foi”, disse Nick. “Eu poderia tomar chá em vez disso.”

“Não, você pode tomar um café.” Tony apontou a mão para Nick.

“Bem, se eu deveria—”

“Um café não fará absolutamente nenhuma diferença,” Julia disse enquanto entrava na sala. “Eu nem sei por que eu disse isso. Você quer algo para lanchar com ele?”

Nick fez uma pausa. “Um biscoito, se eles tiverem algum. Ou outra coisa doce.”

“Nele. Tony?”

“Eu poderia ir com você”, disse ele enquanto se levantava. “Podemos descobrir qual é o plano hoje, com as crianças.”

Julia saiu do caminho de Tony quando ele passou pela porta. Ela tinha essa energia impaciente ao redor dele, como se estivesse com medo de ficar muito perto dele. Foi exaustivo.

“Estamos correndo para o refeitório”, disse ela para a enfermeira na mesa.

O homem assentiu. “Você é bom; Eu estou de olho nele,” ele disse baixinho enquanto eles passavam.

Eles caminharam em silêncio a maior parte do caminho pelo corredor. Tony se perguntou se Julia estava preparando um pedido de desculpas. Isso seria como ela, se desculpar quando ele foi mal-humorado. Ela foi muito rápida com suas desculpas, traindo que ela nem sempre quis dizer isso.

Em vez disso, ela disse: “O detetive Rice veio”.

“Onde, a casa?”

“Aqui, no pronto-socorro.”

“Quando?”

“Ainda agora, eu encontrei com ele no meu caminho de volta do banheiro. Foi meio estranho.”

“Espere, ele estava no pronto-socorro para si mesmo ou-”

“Não, para ver Nick.”

Tony considerou isso enquanto cruzavam o átrio, suas botas esmagando o sal e a sujeira arrastada do lado de fora. “Mas ele não entrou.”

“Eu disse a ele que estávamos prontos. Eu não acho que havia qualquer utilidade em Nick falar com *outro* policial sobre isso. E não é como se os dois tivessem um relacionamento fora do motivo pelo qual ele está aqui em primeiro lugar.”

Tony assentiu.

Ela continuou. “Eu simplesmente não sabia dizer se ele estava aqui por preocupação ou se era mais sobre, tipo, checar uma testemunha importante, sabe?”

Isso foi perfeito. Apenas foddidamente perfeito. Ele provavelmente *estava* aqui para checar sua testemunha principal, ter certeza que ele não estava ficando muito *instável* para testemunhar. A ADA provavelmente passaria em seguida.

"Foda-se ele se fosse", disse Tony.

Julia não disse nada por um instante, e então: “Estou tão feliz que ele concordou em ir para Goodspring.”

“Você sabe alguma coisa sobre como é lá?” Tony pensou que ela poderia ter, de seu antigo emprego.

“Não Goodspring especificamente, apenas o suficiente para saber que ele é melhor lá do que em casa.”

“Nem mesmo nossa casa?”

Julia parou de andar e agarrou seu braço. “Querida, não podemos cuidar disso nós mesmos. Precisamos de ajuda de verdade. Ele precisa ser. . . ficou de olho agora.”

“Nós poderíamos fazer isso. Você já está em casa, e eu poderia tirar uma semana de folga.

“Não,” ela disse. “Desculpe, mas não, eu não quero assumir isso, e com as crianças.”

“As crianças? Ele nunca faria nada na frente deles, ele os ama”.

"Eu sei disso, mas claramente isso está fora de seu controle."

“Ele nem quer se machucar, isso nunca teria acontecido se ele não estivesse bebendo seus remédios! E ele sabe que nunca mais fará isso.”

Julia começou a andar novamente. “Não estou tendo essa conversa agora.”

Tony a seguiu. "Ele vai perder o Natal se estiver preso lá, você sequer pensou nisso?"

"Natal?" Ela quase gritou a palavra quando se virou para ele, e ele involuntariamente deu um passo para trás. “Tony, ele quase perdeu *todos* os Natais! O que você quer mesmo, ele poderia ter morrido ontem à noite.

"O médico disse-"

“Não é disso que estou falando. Ele poderia ter feito diferente. Eu não me importo com o que ele teria feito sóbrio. Ele não estava sóbrio. Ele estava bêbado e tentou se matar.”

Ela estava certa, mas continuou.

“Estou *tão* cansado de você agir como se soubesse melhor do que todo mundo. Cristo! Nick precisa estar com profissionais, *quer* estar com eles, e por algum motivo você não suporta isso. Você não é o único que pode cuidar dele.

O peito de Tony estava apertado, e ele podia sentir seu rosto corar com o calor. Seus olhos começaram a arder.

"Eu sei que."

O rosto de Julia suavizou, mas ela não se moveu em direção a ele. "Você?"

Um homem passou por eles no corredor e Julia ficou em silêncio e sorriu para ele. Não pode ter um estranho sabendo que eles estão lutando. Outra coisa sobre Julia: ela estava envergonhada pela aparência de conflito.

Quando ele se foi, ela disse: “Eu sei que você está apavorado”. Ela levou a mão ao peito e sua voz engasgou. “ *Eu* mal aguento. Eu não posso acreditar que poderíamos tê-lo perdido.”

Ele ia chorar se ela não parasse de falar. Ele enxugou os olhos, parando as lágrimas antes que elas comessem.

“Eu odeio ser impotente tanto quanto você, mas a única coisa que podemos fazer por ele é levá-lo para Goodspring.”

Ele não sabia o que dizer, então não disse nada.

Eles caminharam o resto do caminho até o refeitório em silêncio. As palavras de Julia se repetiram em sua mente como uma música triste.

Nick quase morreu. Ele quase o perdeu.

Eles estavam em um novo lugar agora: um lugar onde a vida de Nick estava em risco. Não apenas o que as pessoas pensavam dele na escola. Não apenas o que resultaria do processo judicial. A vida dele.

Julia não gostava de se sentir impotente, nem Tony. Mas Tony se perguntou se ele era tão impotente quanto ela pensava.



A viagem até Goodspring foi longa e tranquila. Tony tentou fazer Nick conversar algumas vezes, mas não conseguiu mantê-lo distraído do que quer que o fizesse ficar em silêncio. Nick continuou olhando para o GPS, como se estivesse vendo os minutos rasparem o tempo que restava no carro com Tony. Eventualmente, Tony parou de tentar bater papo e eles dirigiram em silêncio.

Como eles chegaram aqui? Dois meses atrás, Nick era como qualquer outro júnior. Notas sólidas, morando com os amigos, engraçado demais para seu próprio bem. Ele nasceu ótimo, e Tony conseguiu mantê-lo assim. Parecia estúpido, mas era verdade: tinha sido Tony. De que outra forma você explicou que ele era tão funcional depois de ser criado por *dois* alcoólatras? Tony estava lá desde o início. Quando ele era pequeno. Quando ele estava sofrendo com o horror que é a puberdade masculina. Tony foi o primeiro a quem Nick saiu. Quando Nick tinha dezesseis anos, Tony e Julia

o levaram para sua casa por semanas – com um filho de três anos e um bebê em casa! – depois que Ron pegou Nick beijando um menino na sala e o expulsou. Mais tarde, Tony mediou entre seu pai e seu irmão para trazer Nick de volta para casa para que ele pudesse terminar o ensino médio sem transferir escolas.

Ele realmente conseguiu levar Nick para fora da casa de seu pai e para a vida adulta bem ajustada, apenas para tê-lo destruído por outra pessoa?

Quando saíram da estrada e entraram na Rota 3, uma placa apontando para Belfast, Tony sentiu Nick ficar tenso. Foi uma mudança no ar, como uma onda de umidade. Pelo canto do olho, ele viu Nick mexer nas mangas, tocar a linha do cabelo e se impedir de fazer mais do que isso.

Goodspring era um prédio plano, de aparência industrial, no final de uma longa entrada na floresta. Havia trilhas para caminhada ao redor, de acordo com uma enfermeira do hospital. Nick fazia caminhadas enquanto estivesse lá durante o mês. Tony pensou em dizer algo sobre isso, qualquer coisa, enquanto estacionava em um espaço no estacionamento.

"Eu preciso te dizer uma coisa", disse Nick.

Tony estacionou o carro. "OK."

Nick esfregou as mangas, depois enfiou as mãos sob as coxas.

"Você pode me dizer qualquer coisa", disse Tony.

"Eu não. . ." Nick parou. Ele respirou.

O coração de Tony começou a bater tão forte que parecia mover todo o seu torso para frente e para trás em seu assento. "O que é isso?"

Nick respirou pela boca em um fluxo fino, como uma criança aprendendo a assobiar. "Eu não fui honesto com você", disse ele. "Sobre aquela noite."

Arrepios percorreram sua espinha quando alguma parte do cérebro de Tony o avisou que algo terrível estava para acontecer.

"E eu sei que essa não é a única razão pela qual estou tendo dificuldades. Eu sei disso. Ele parecia estar tentando se convencer de alguma coisa. "Mas a mentira, a mentira tornou tudo muito pior."

A mentira. O que isso significava?

Deus o perdoe, Tony pensou em Julia e no que ela disse sobre Nick.

E só por um segundo, Tony se perguntou se Nick tinha inventado a coisa toda.

NICK HALL, 2015

Tony estava olhando para ele como se pudesse ver na cabeça de Nick – como se pudesse ler as palavras que Nick estava prestes a dizer em uma marquise atrás da testa de Nick. Então ele disse as palavras em voz alta.

"Lembro-me de tudo."

Tony balançou a cabeça como se não entendesse.

"Eu inventei o apagão."

Nick levou as mãos ao rosto e soluçou. Foi o mesmo de quando ele contou a Jeff — a dor disso o atacou imediatamente, oprimindo-o. O que Ray tinha feito com ele. O que ele tinha feito para si mesmo. A vergonha que ele sentiu, e a raiva que ele sentiu qualquer vergonha.

"Lembro-me de tudo o que ele fez." Sua própria voz era um lamento na caverna entre suas mãos. "Achei que ia morrer".

"Usuario!" Tony estava dizendo seu nome como se Nick não pudesse ouvi-lo, como se Tony não pudesse alcançá-lo. "Usuario!"

As mãos de Tony estavam em seus ombros, pressionando, apertando, puxando-o contra o peito de Tony.

"Eu sinto muito," Nick soluçou. O ranho escorreu do nariz para a camisa de Tony. "Sinto muito, Tony."

"De que é que estás arrependido?"

"Mentindo, fodendo tudo."

Nick se afastou para olhar o rosto de Tony. "Você não estragou nada", disse Tony.

"Eu fiz", disse Nick. "Eu menti tanto. Eu menti *sob juramento*. Quando eles descobrirem, todos vão me odiar. Até o promotor e os detetives. Todos eles vão me odiar."

Tony balançou a cabeça. "Eles vão entender. Você estava em choque."

"Sim e passou. Eu continuei mentindo. Continuei fingindo que não me lembrava do que aconteceu no meio. O que aconteceu no quarto com ele."

Tony franziu a testa. Reteve algo. Nick sabia o que era. Tony queria perguntar o óbvio: por *que* ele mentiu? Nick decidiu não obrigá-lo a dizer isso.

"Decidi ir para o hospital", disse Nick. "Tudo estava acontecendo tão rápido, eu fiquei tão chateado, eu não conseguia respirar – eu não conseguia pensar. E então fiquei muito calmo, e pensei, vou dizer a eles que ele me nocauteou. Ele me bateu".

"Eu sei", disse Tony.

"Foi uma mentira tão fácil. E dizer que era fácil — era fácil dizer que não me lembrava. Eu não queria."

"Está tudo bem", disse Tony.

“No momento em que você veio. . .” Nick parou para limpar o nariz na manga. “Eu já menti para a polícia. E eu pensei: *Ok, eu não vou contar a ninguém, nunca, e eventualmente não vai parecer uma mentira .*”

Tony estendeu a mão pelo console e esfregou o braço de Nick. “Por que você... você só não queria ter que falar sobre . . . o que ele fez?”

“Não. EU . . .” Nick fez uma pausa. “Eu estava sangrando.”

Lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Tony.

“As pessoas iam saber que ele me estuprou. Eu não acho que eu poderia esconder isso. Eu só não queria que mais ninguém soubesse o que aconteceu antes disso.”

“O que?”

“Eu estava tão envergonhado”, disse Nick. “Foi tão confuso. Com Rai. Num minuto era uma coisa e no outro. . . Eu mal tive tempo para pensar. Eu não queria.”

“Não é sua culpa,” Tony disse rapidamente. “Tudo o que você fez ou deixou de fazer. Isso não significa...”

“Não é isso que estou dizendo”, disse Nick. “Eu disse a ele para parar. Eu tentei fazê-lo. Mas eu não. . .” Nick fez uma pausa. E ele se permitiu lembrar.

Entraram no quarto. Ele estava nervoso, mas ansioso, suas mãos trêmulas e inquietas. Josh — Ray — feche a porta. Nick sentou-se na cama e as molas saltaram sob ele. Ray sorriu, veio em sua direção, levantou-o. Beijei-o. Foi bom, um pouco estranho, um beijo mais áspero do que no táxi. Ray afastou o rosto do de Nick. E então ele bateu em Nick.

Não como Nick disse à polícia. Era estranho, não havia outra palavra para isso. Era de palmas abertas, em câmera lenta, não dura, mas chocante em seu erro.

“Você gosta disso?” perguntou Ray.

Nick disse algo estúpido, ele não conseguia lembrar o quê. Algo como “não sei”.

Os olhos de Ray eram brincalhões. “Menino mau”, disse ele.

O estômago de Nick ficou quente.

Ray o esbofeteou novamente, desta vez com força.

Os olhos de Nick lacrimejaram e seus ouvidos zumbiram. Era horrível e terrivelmente familiar. Uma velha humilhação.

“Não”, disse Nick. Sua voz era baixa, infantil, e sua respiração engatou. Ele havia cometido um erro. Isso foi um erro.

“Não?” Ray se inclinou e beijou seu pescoço. “Desculpe amor.”

Nick ficou parado. Ele queria ir embora. Ele queria empurrar Ray para trás e sair pela porta, mas ficou parado. Ele não sabia por que tinha ficado parado. Mas ele fez.

Ray começou a empurrá-lo de volta para a cama.

Nick plantou os pés, lentamente levou as mãos aos ombros de Ray.

Ele começou a dizer alguma coisa. Ele não conseguia se lembrar o que era. Talvez se ele tivesse contado à polícia imediatamente, ele se lembrasse

agora. Ele não sabia. Tudo o que ele sabia era que aconteceu rapidamente depois disso. Ray bateu nele novamente; Nick revidou. Ray o forçou a descer; Nick arranhou os braços de Ray, gritou, tentou dar uma cabeçada nele, mas Ray venceu. E Ray o estuprou.

“Eu não esperava,” ele disse a Tony. “Quero dizer, eu senti, eu senti no segundo em que ele me bateu – que ele queria me machucar, mas meu corpo, foi como se eu tivesse congelado.” Lágrimas quentes escorriam pelo rosto de Nick, encharcando seu colarinho. “Mas aí eu lutei, lutei, tentei detê-lo, mas não consegui me livrar dele. Achei que ele ia me matar”. Nick levou a mão à garganta. Ray havia pressionado seu pescoço com tanta força que parecia que a garganta de Nick iria desabar. “Eu não era forte o suficiente. Lutei e perdi”.

Quando Tony falou, sua voz estava dura. "Eu vou mata-lo."

Nick balançou a cabeça. “Quando eu contar à promotora o que aconteceu, ela tem que contar a Ray e seu advogado. Vai mudar tudo. Ele vai usar que eu menti contra mim. Estará nos jornais. Todo mundo vai saber.”

"Eu vou matá-lo", disse Tony novamente.

“Não seja estúpido, Tony,” Nick disse. “Não fale assim. Eu só preciso decidir se devo contar a eles.”

Tony se mexeu um pouco em seu assento. “O que mais você faria?”

Nick deu de ombros. “Desista do caso. Eu não sei se alguma vez me importei para começar.”

“Não faça isso. Você disse à polícia a parte que eles precisavam saber, que ele tinha feito isso.

“Eu não disse a eles, no entanto. Elle fez. Já estava feito quando me perguntaram o que eu queria fazer.”

"Não o deixe vencer", disse Tony.

“Você não está ouvindo. Não importa o que aconteça, eu perco.”

Eles ficaram em silêncio por um minuto. Pelo para-brisa, Nick viu uma mulher sair do prédio e entrar em um carro estacionado.

“Eu gostaria que você não tivesse escondido isso de mim.”

A culpa atravessou a barriga de Nick. "Eu sinto Muito."

“Não, eu não estou culpando você. Quero dizer, eu gostaria de ter estado lá para você.

"Você esteve", disse Nick. "Eu só . . . Eu deveria ter dito a você, mas eu não queria.

"Por que?"

"Não sei." Havia emoções ligadas a isso, sentimentos avassaladores que ele podia categorizar vagamente. Orgulho, vergonha, medo, proteção. Ele só não sabia como falar sobre isso ainda.

— Por que você me contou agora?

Nick deu de ombros. “Honestamente, estou cansado de esconder isso de você.”

"É por isso que você tomou todos os seus remédios, certo?"

“Ainda não sei por que fiz isso. Eu não estava pensando direito.”

"Usuario." Os olhos de Tony estavam secos agora. “Você sabe que não há nada que eu não faria se isso significasse salvar sua vida, certo?”

JULIA H ALL, 2015

Eu estava usando isso!” gritou Sebastião.

“Não tão alto, Seb!” Chloe disse ainda mais alto.

Julia enfiou a cabeça na sala de jantar. Chloe estava segurando a caixa de cereal à distância de um braço de seu irmãozinho, que estava se esticando sobre a mesa.

“Não,” Julia disse enquanto pegava a caixa das mãos de Chloe. “Se você ainda estiver com fome, há mingau de aveia extra na cozinha. Sem segundos no cereal.” Um deles deve tê-lo tirado do armário enquanto Julia estava ocupada.

“Seb já tem alguns,” Chloe lamentou.

Julia se inclinou até o nível dos olhos de Chloe. “Querida, eu não gosto de fofoca.” Ela beijou a testa de Chloe para mostrar que estava perdoada. “E, Seb, se você não pode seguir as regras, nós não vamos comer cereal no café da manhã.”

O rosto de Seb explodiu com choque. “O que!”

Era tudo o que ela podia fazer para não rir em seu rosto adorável. “Algum de vocês quer aveia?”

Cada um resmungou um não.

“Mochilas,” Julia pediu, e ela atravessou a sala para as escadas. Ela levaria as crianças ao ponto de ônibus em um minuto, mas primeiro ela queria trocar a calça do pijama por calças mais quentes. O vento estava empurrando as janelas naquela manhã, e parecia frio lá fora.

No topo da escada, ela ouviu a voz de Tony em seu escritório. Ele usava o espaço de vez em quando, principalmente para chamadas telefônicas quando queria bloquear o ruído de fundo das crianças. Ele tinha usado ontem à noite, também. Algo para o trabalho, mas Julia não sabia o quê.

“Eu só acho que você deve esperar até depois disso”, disse ele. “Sim.”

Ela parou na porta do quarto, curiosa para saber com quem ele estava falando tão cedo pela manhã.

“Certo”, disse ele. “Se você contar a eles antes, não... Exatamente. OK. Acabei de acordar pensando nisso e queria perguntar. Você está tomando a decisão certa.”

Ela não tinha a menor ideia de quem poderia ser até que ele desligou. “Eu também te amo, cara.”

Era Nick. Isso foi estranho. O que eles estavam falando?

Ela abriu a porta do armário do quarto e fez uma pausa. O lado de dentro da porta do armário estava coberto com pedaços da carta de amor que eles escreviam há mais tempo do que estavam casados. Havia notas dela para Tony, notas de Tony para ela, uma nota ocasional das crianças. Um punhado de fotos e ingressos para shows estavam espalhados pela

mistura, e o porta-gravatas de Tony estava pendurado no meio. Ao longo dos anos, a colagem quase ultrapassou a porta.

Seus jeans forrados de lã estavam dobrados na prateleira de cima. Julia deixou cair a calça do pijama e vestiu as calças. Ao abotoá-los – um pouco mais apertado a cada inverno, parecia – ela observou a colagem de sua vida com Tony.

A namorada de Julia, Margot, tinha visto isso uma noite depois que ela veio para o jantar. Ela perguntou o que Julia usaria no casamento de um amigo em comum, então Julia a trouxe para cima e abriu a porta do armário.

Margot deu um passo à frente e suspirou. "Você está brincando comigo? Vocês dois poderiam ser mais fofos?"

"Ignore isso", disse Julia com um sorriso enquanto procurava o vestido.

"Impossível." Os olhos de Margot examinaram a coleção e sua voz ficou melosa. "Ah, você é tão romântica, Julia." Margot a empurrou com uma mão suave.

Na verdade, porém, era a coleção de Tony. Ela acrescentou a peça perdida aqui e ali, mas ele era o verdadeiro curador. Ele era o único com um rolo de fita adesiva na gaveta de meias. Algumas manhãs ela encontrava Tony parado no armário, meio vestido para o trabalho, olhando para a porta. Ela poderia observá-lo por um minuto inteiro antes que ele se virasse para ela, seus olhos um pouco enevoados.

A suavidade de Tony era uma de suas maiores qualidades. Ele era tão bonito, seu corpo tão forte, que mesmo depois de mais de uma década juntos, ela ainda podia ser pega de surpresa por sua ternura. A maneira como ele tocava suas costas tão gentilmente quando passava por ela na cozinha enquanto cozinhavam. A maneira como ele bicou as crianças na cabeça. A voz paternal que ele usava com seu irmão mais novo.

Tony estava fechando a porta do escritório quando ela saiu do quarto.

"Aquele era Nick?"

Ele parecia surpreso, como se tivesse sido pego. "Sim."

"O que está acontecendo?"

"Nada," ele disse rapidamente. "Só... estávamos falando sobre o tribunal ontem no caminho."

Tony tinha levado Nick para Goodspring um dia atrás. Ele disse que Nick estava quieto. Eles não tinham falado sobre a overdose ou qualquer outra coisa.

"Ah, você estava?"

"Só por um segundo. Por muito pouco. Ele está apenas nervoso para testemunhar. Você sabe."

Júlia assentiu. Seria horrível. A chance de que isso se resolvesse em janeiro parecia fugaz, mas às vezes a possibilidade era a única coisa que lhe dava alguma paz sobre o que Nick passaria de outra forma.

"Você estava dizendo a ele para não dizer à ADA que ele está nervoso? Ela vai entender."

"Não que ele não possa dizer a ela, só que ele não precisa pensar sobre isso realmente." Havia um tom defensivo em sua voz. "Até a próxima data do tribunal. Já que pode resolver. Isso é tudo."

Júlia assentiu. Isso fazia sentido. Tony deve ter ficado tão chateado com tudo isso – Nick tentando ter uma overdose, indo ao programa. Ela lembrou a briga deles - foi uma briga? - no hospital e lamentou o quão duramente ela havia falado com Tony. Mas ele precisava entender a gravidade da situação com a saúde mental de Nick. Que eles mesmos não poderiam mantê-lo seguro.

E agora os dois, Nick e Tony, já estavam de volta à quadra. Embora fossem prematuros, os temores de Nick não eram equivocados. Se houvesse um julgamento no próximo outono, seria horrível. Eva Barr tentaria fazer Nick parecer que estava bêbado e disposto. Fotos do corpo de Nick seriam mostradas no tribunal. Eva argumentaria que o gráfico das ações de Nick só tinha um ponto de chegada lógico: um encontro sexual consensual com seu cliente.

E no final do julgamento, um júri de Mainers decidiria como a situação parecia para eles. O tribunal tentaria controlar o preconceito – tentaria remover do júri qualquer um que tivesse preconceito contra gays ou vítimas do sexo masculino. Mas certamente eles se espremeriam: inclinações não ditas e crenças não realizadas. Pessoas que assistiriam às provas para provar suas crenças preconcebidas sobre como seria um homem como Nick ou Walker, e o que deve ter acontecido entre eles.

Era muito cedo para se preocupar com isso. Ela deu um passo à frente e deu um beijo na bochecha de Tony. Ela estava feliz que ele pensasse assim também.

T ONY H ALL, 2015

Tony foi recebido com calor ao abrir a porta da frente da Biblioteca Pública de Portland. Seu rosto estava rígido de frio em sua caminhada do escritório. Seus ouvidos começaram a doer quando ele cruzou o átrio com a fonte borbulhante.

Ele subiu as escadas para o nível inferior e foi até a seção de não-ficção, mantendo o rosto virado para longe da mesa de circulação. Ele se lembrou dos últimos dois dias que estava procurando o intervalo geral de 363-364. Eventualmente, ele passaria para a seção farmacêutica, mas ia abordar um tópico de cada vez.

Parecia que as chances eram maiores de ele encontrar alguém que conhecia em Portland, mas ele estava cansado de usar a maior parte de seu horário de almoço dirigindo de e para bibliotecas mais distantes. Além disso, ele havia ensaiado para a possibilidade no início da semana nessas mesmas viagens.

“Ah, isso?” (Risada tímida.) “Estou tentando escrever um mistério de assassinato – quão embaraçoso é isso?”

Talvez fosse estúpido usar a biblioteca assim, mas usar seu telefone ou um computador para planejar qualquer coisa parecia uma ideia perigosa. Ele havia deletado o histórico do computador de Julia no início daquela semana, mas não conseguia se livrar da vaga ideia que tinha para a polícia de que tudo eletrônico era rastreável.

Tony caminhou ao redor da sala, lendo os números nas laterais das prateleiras até encontrar o intervalo certo. Com alívio, ele rapidamente localizou a lombada de um livro promissor que havia encontrado em uma viagem anterior. *Agora pegue e vá sentar.*

“Tony?”

Tony sacudiu a mão e jogou o livro para a frente da prateleira. Ele o pegou desajeitadamente, abrindo as páginas entre as mãos.

“Uau, desculpe!” a voz disse.

Ele se virou para ver que era Walt Abraham, um colega de classe de seu primeiro ano na faculdade de direito.

“Walt, ei!” Eles se encontraram no meio do corredor e apertaram as mãos. “Como você esteve?” Tony cruzou os braços sobre o livro contra o peito.

Walt começou a mesma conversa que Tony ouvia toda vez que encontrava um ex-colega de classe. Há quanto tempo? O que ele estava fazendo? Ele foi esperto para não ser advogado, que trabalho árduo. (Como se os recursos humanos *de um escritório de advocacia* fossem melhores.) Que tal Julia? Quantos anos tinham as crianças agora? Tony apertou o livro contra o peito e manteve suas respostas curtas. Apesar da decisão de Tony

de deixar a faculdade de direito após o primeiro ano, sua carreira e escolhas conjugais deixaram um pé firmemente plantado no mundo dos advogados. Ele geralmente não se importava de encontrar um cara como Walt, mas no momento não queria nada com ele.

“Bem,” Walt disse finalmente. “Eu tenho que me mexer, mas eu só tive que parar quando vi você. Fico muito feliz em saber que você e Julia estão bem. Você sabe,” ele disse, aproximando-se de Tony e baixando a voz, “muitos caras que eu encontro depois de sete anos, eu não esperava que eles ainda estivessem casados com a mesma mulher. Mas olhe para isso - você até parece feliz!”

Walt se divorciou um ano depois que Tony deixou a faculdade de direito, e se casou novamente alguns anos depois da formatura, Tony soube. A julgar por sua mão esquerda nua, aquela também não tinha ido bem.

"Como vocês dois fazem isso?"

"Oh, apenas sorte, eu acho", disse Tony.

"Foi ótimo encontrar você," Walt disse enquanto se afastava.

"Você também", disse Tony. Seu batimento cardíaco batia contra o livro. Walt nem tinha notado. E por que ele teria?

Ele olhou para o livro, aninhado em seu peito; havia um borrifo de café ou chá espalhado na borda superior das páginas. *Basta sentar e ler. Parado aqui, olhando para ele é muito mais óbvio do que sentar e ler.* Ele atravessou a sala de coleta, sentou-se em uma poltrona estofada e leu.



Enquanto caminhava de volta para o escritório, Tony provavelmente deveria ter refletido sobre tudo o que havia lido nos últimos quarenta minutos, mas em vez disso ele não conseguiu se distrair da pergunta de Walt. Como eles permaneceram felizes – exceto pelo presente – por tanto tempo?

Em seu primeiro e único ano na faculdade de direito, Tony tinha notado Julia Clark, claro, mas também notou outras colegas bonitas. Ela era reservada nas aulas, como muitos deles eram naquele primeiro ano, e ele não tinha pensado muito nela. Ele estava muito ocupado bombardeando suas aulas. No final do primeiro ano, ele desistiu. Então, uma noite naquele verão, ele entrou em um bar com um amigo e encontrou Julia lá, servindo bebidas.

O bar se chamava Ruby, e Julia parecia diferente ali. Seu cabelo selvagem e encaracolado estava preso em um rabo de cavalo. Ele balançou contra seu pescoço enquanto ela limpava os óculos com um pano. Ela estava vestindo uma blusa apertada e shorts jeans de cintura alta que faziam sua bunda parecer ampla - não era, ele dava olhares rápidos durante o ano letivo, mas a ilusão ainda o excitava.

Impressionado com o quão *legal* ela parecia atrás do bar, ele se preocupou com o que ela pensaria dele pedindo algo sem álcool. Quando

ela os cumprimentou e anotou seus pedidos, Tony pediu algo do quadro-negro atrás dela. Não tinha gosto de álcool – em vez de baunilha e algo picante – e ele bebeu rápido demais.

Ela ficou atrás do bar rindo e conversando com ele por uma hora antes de seu amigo ver que ele se tornou o terceiro volante e sair. Eles cobriram seus colegas de classe, o abandono de Tony, e começaram na televisão quando ela perguntou se poderia fazer outro para Tony.

O que parecia ser o calor da paixão de repente ficou dormente.

Que número foi esse?

"Espere", disse ele.

Ela se virou para ele, de pé contra um pano de fundo de garrafas de licor azul, verde, âmbar. Um cacho solto caiu em sua clavícula e, na penumbra, suas feições eram pronunciadas e bonitas.

"Eu não bebo."

"Oh." Ela olhou para o copo limpo em sua mão. "Mas você acabou de beber."

"Quero dizer, eu faço - não, eu *posso* ." Ele sentiu seu rosto corar. "Eu só não gosto muito." Esta era a parte em que ela perguntava por que - ele era um alcoólatra, ou apenas com medo de se tornar um?

"Ok", disse ela com ceticismo. "Posso pegar uma água para você?"

E assim, tudo mudou. Eles pararam de flertar e começaram a conversar. Ao longo das próximas três horas, eles se desnudaram um para o outro, sabendo que se um deles se afastasse depois disso, não contaria como uma rejeição real, porque não tinha sido um encontro para começar. Tony contou a Julia, o melhor que pôde, por que não bebia. Sobre seu pai que o fez e o irmão que ainda morava com ele. O quanto Tony queria brigar sempre que bebia, por mais estúpido que isso fosse.

"As questões do papai são sexy em um cara?" perguntou Tony.

Júlia ergueu uma sobrancelha. "Quer ouvir o meu?"

Tony se inclinou para frente. "Por favor."

Ela se inclinou sobre os cotovelos para que seu rosto ficasse a centímetros do dele. "Meu pai era perfeito."

Tony riu e se recostou.

Ela sorriu. "Perfeito para os primeiros vinte anos da minha vida. Então, um dia, fui jantar na casa dos meus pais e meu pai me disse que tinha câncer de pâncreas, estágio quatro, e um mês depois minha mãe estava dando seu elogio.

"Porra."

"Sim. Foi uma merda, grande momento. E a pior parte?"

Tony balançou a cabeça.

"Ele recusou o tratamento."

"Por que?"

"Ele não queria gastar todo o dinheiro, não queria tomar remédios que o deixariam ainda mais doente. Eu nunca tive certeza de quais motivos eram

reais e quais eram besteiras, porque nenhum deles era bom o suficiente para não tentar ficar conosco.”

Tony não sabia o que dizer sobre isso.

“Para que conste”, disse Julia, “nunca me casarei com um homem que não seja um lutador.”

Tony se inclinou para o bar novamente. “Como você sabe, eu luto demais para confiar em mim mesma bebendo.”

Ela sorriu e assentiu. “Percebi.”

Enquanto a memória se desenrolava em sua mente, Tony sentiu uma determinação crescer em seu peito. Ele e Julia compararam sua bagagem emocional naquela noite e acharam compatível. Ele a deixou louca algumas vezes ao longo dos anos, e ela a ele, mas eles trabalhavam juntos *por causa* de seus passados. Julia sempre quis um lutador.

E isso, Tony era.

JOHN RICE, 2015

Rice e O'Malley estavam na sala de descanso fazendo seus cafés da manhã quando Merlo enfiou a cabeça e disse a Rice que tinha uma visita.

"Britny Cressey?" disse Merlo.

Arroz gemeu.

"Britny quem?" O'Malley perguntou.

"Ela me ligou alguns meses atrás – o velho amigo de Ray Walker. Ou namorada, mas não." Ele encolheu os ombros.

"Certo," O'Malley disse enquanto Rice seguia Merlo para fora. "'Ele não é um cara violento, eu só quero que você saiba disso', etc."

"Sim", disse Rice. Ele tinha um trabalho real para fazer hoje. Ela só iria desperdiçar seu tempo.

Ele colocou seu café em sua mesa, então encontrou a mulher com a voz de menina no saguão.

"A que devo o prazer?"

"Eu nem sei por onde começar", disse Britny. Apesar de sua voz, ela parecia ter sua idade. Final dos trinta.

"Por que você não dá o seu melhor?"

Seu cabelo comprido estava tingido de um vermelho não natural, e ela puxou um punhado dele na frente de seu ombro. "Eu disse a você que Ray e eu éramos amigos no ensino médio, mas perdemos o contato."

"Sim."

"Eu entrei em contato com ele quando soube de tudo isso e, no início, apenas conversamos um pouco, mas não muito, mas começamos a nos aproximar novamente. Acho que ele está perdendo amigos por causa de tudo, ficando solitário." Ela empurrou o cabelo de seu ombro e alisou sua parte.

"Tudo bem", disse Rice.

"Nós bebemos algumas vezes e conversamos muito ao telefone, e no começo eu realmente me senti mal por ele, mas comecei a sentir que ele estava escondendo alguma coisa."

"Sobre isso?"

Britny assentiu e ergueu as sobrancelhas. Ela ergueu as duas mãos e alisou o cabelo novamente, depois o balançou sobre os ombros. "Tipo, acho que talvez ele tenha machucado aquele garoto."

Arrepios se espalharam pela nuca de Rice. Walker havia confessado a seu amigo?

"Ele disse alguma coisa para você sobre Nick ou aquela noite?"

"Não, mas acho que ele faria se eu perguntasse do jeito certo. Ele falou sobre quase tudo comigo. Ele está tão estressado com dinheiro e corte. Ele me conta tudo sobre seu advogado. Ela só quer que ele faça um acordo

judicial e vá para o registro de criminosos sexuais. Ele emprestou *tanto* dinheiro para pagar por ela, e ele briga com ela constantemente e não pode se dar ao luxo de conseguir alguém novo. Acho que ele queria testemunhar que você não prenderia alguém que o agrediu?

Claro. A ligação sobre Tony Hall, onde Walker disse que não queria apresentar queixa. “Ele está dizendo que eu não prenderia alguém?”

Ela assentiu presunçosamente. “Ele me *disse que* lhe disse para *não* prendê-lo, mas ele iria testemunhar diferente. Ele ia dizer que era apenas mais uma prova de que vocês decidiram que ele era culpado. Para mostrar que você estava errado sobre o estupro também. Mas seu advogado não o deixa mentir no tribunal. Ele está todo chateado com isso. Eu acho que eles estão tendo grandes problemas, e ela afastou a quadra por causa disso.”

“Pare”, disse Rice, e levantou a mão. “Eu... eu estaria mentindo se dissesse que não estou interessado em tudo isso, mas não acho que você deveria estar falando comigo. Quero dizer, acho que ele renunciou a qualquer privilégio sobre essas conversas contando a você, mas... Sua mente estava correndo. O que Walker e seu advogado falaram deveria ser privilegiado, confidencial. Mas se Walker contasse a Britny, Rice poderia deixar Britny falar, não poderia? Mas por que ela estava fazendo isso? “Você não é amigo dele?”

Seus olhos cinza se arregalaram. “Não se ele for um estuprador, o que agora eu acho que ele é.”

“OK bem-”

“Acho que posso te ajudar.”

“Quão?”

“Ele está me dizendo tanto. Ele está tão estressado. Até a mãe dele está deixando ele maluco. Eu sou o único amigo que ele deixou. Acho que posso fazer com que ele me diga tudo o que você precisa saber.

“Eu não quero que você faça nada por mim.”

Ela deixou cair as mãos ao seu lado. “O que?”

“Espere, deixe-me ser claro, Sra. Cressey - eu nunca lhe pedi para fazer nada por mim.”

“Eu sei disso, eu-”

“Deixe-me explicar algo para você. Ele tem um advogado. Ele fez valer seus direitos. Eu não posso e não tentaria obter uma declaração dele trabalhando em torno de seu advogado, através de você. Você entendeu?”

Seu lábio tremeu. “Sim.”

“Eu sei que você está tentando ser útil. Mas não seja útil para mim.” Era mais do que prestatividade — ela era uma dessas pessoas. O povo do centro das atenções. Ela queria testemunhar. Provavelmente foi por isso que ela procurou Walker em primeiro lugar - para se infiltrar nas notícias ou algo assim. E ela não se importava de que lado ela estava, contanto que alguns dos holofotes a atingissem.

“Eu acho que você deveria ir.” Rice acenou para as portas da frente. “Eu não quero fazer parte disso.”

Rice se virou e caminhou para as escadas.

Sua voz infantil era um gemido atrás dele. "Você não quer uma confissão?"

"Assim não." Rice deixou a porta bater no saguão sem esperar para ver se ela estava saindo também.

Seu café ainda estava quente em sua mesa. Sua caneca dizia: "Se você correr, você vai para a cadeia cansado". Foi um presente de despedida do último administrador a se aposentar de Salisbury. Algo sobre encher aquela caneca com café, segurá-la na mão, beber dela, até mesmo vê-la em sua estação de trabalho — isso o fez se sentir bem. Mais competente, de alguma forma. O'Malley estava ao telefone do outro lado da sala, mas assim que ela desligasse estaria perguntando sobre Britny Cressey. Que víbora de um amigo. Rice não precisava ser acusado de transformar um civil em seu agente, tentando obter uma confissão de Walker. Eles não precisavam de um.

Mas isso era verdade? Ele tomou um gole de café e observou O'Malley distraidamente. Sua mesa era muito mais bagunçada do que a de Rice, mas ela nunca parecia perder as coisas no monte de arquivos e papéis soltos em cima dela. Ela riu ao telefone e cruzou uma perna sobre a outra. Alguma coisa estava acontecendo com Nick Hall. A tentativa de suicídio. Isso pode ter a ver com trauma, sim. Mas também poderia falar com outra coisa que o corroía? Uma tentativa de escapar de algo além de uma noite que ele não conseguia se lembrar? Uma fuga de algo *que ele tinha* feito?

A essa altura, não cabia a ele questionar se acreditava em Nick Hall. O caso agora era de Linda Davis. O sistema teria que fazer o seu melhor para resolver isso.

JOHN RICE, 2019

Esse foi outro arrependimento que tive”, disse Rice. “Eu não facilitei para Nick me dizer a verdade.”

Júlia pareceu surpresa. “Eu não acho que foi sua culpa.”

“Eu faço”, disse ele. “Um detetive melhor teria feito diferente. Teria sabido como fazê-lo sentir-se seguro. Eu deveria ter dito a ele desde o início que nunca era tarde demais para me dar novas informações.”

“Fazendo um trabalho como o seu, você comete erros com as pessoas. É horrível, mas não há nada que você possa fazer.”

“Eu poderia ter feito melhor. Eu não deveria estar tão preocupado em colocar tudo na frente e permanecer o mesmo.”

Júlia balançou a cabeça. “Eu não sei o que aconteceu entre vocês dois. O que exatamente você fez ou não disse. Mas eu sei que você é um bom homem, e ele sabia que você estava fazendo o seu melhor por ele. E seu trabalho é colocar a história na frente. Você tem que esperar por declarações consistentes, porque essas declarações são examinadas. A imprensa os reproduz repetidamente. É assim que nosso sistema funciona. Não foi projetado para casos de agressão sexual”.

“Nós nunca chegamos a descobrir, no entanto.”

“O que?”

“No caso de Nick. Nunca conseguimos descobrir se o sistema teria feito o certo por ele.”

Ele estudou o rosto dela. Ela olhou para sua caneca na mesa entre eles.

“Porque o réu desapareceu”, disse Rice. “*Estranho*, certo?”

Sua boca se contraiu: um sorriso ameaçava surgir.

Era incrível a frequência com que as pessoas sorriam enquanto eram interrogadas. Em seus primeiros anos na polícia, ele presumia que fosse uma tentativa de indiferença — uma ideia simplista de que alguém culpado não estaria sorrindo. Mais tarde, ele se perguntou se era algum tipo de solução psicológico — o cérebro sorrindo com a estranheza de ser interrogado, como na TV. Ele acabou aprendendo outra explicação possível em um treinamento de linguagem corporal: um resquício evolucionário onde sorrimos por medo.

“Sim”, disse Julia, e ela limpou a garganta. “Nós apenas assumimos desde o início que ele fugiu da cidade.”

Ele segurou seu olho.

Sua voz era suave. “Você fez.”

JULIA H ALL, 2015

Julia estava em seu escritório, tentando trabalhar no relatório de registros. Tornou-se muito complexo para discutir em uma única narrativa legível. Sua perplexidade com o projeto estava sangrando, e ela continuou escorregando para outras preocupações.

Nas últimas semanas, uma ansiedade de baixo nível subiu em seu peito, sem relação com o relatório. Tony tinha saído recentemente. A causa parecia bastante óbvia: a overdose de Nick o abalou. Ela não culpou Tony por estar chateado, mas algo mais do que isso estava acontecendo. Por um lado, ele mentiu sobre ir visitar Nick no sábado.

No final da primeira semana de Nick na Goodspring, Nick estava se sentindo solitário. Tony subiu para vê-lo no sábado. Tony contou tudo isso a Julia, e ela acreditou até um dia atrás. Um dia atrás, ela ligou para Nick para saber como funcionaria o horário de visita no dia de Natal, que estava se aproximando rapidamente.

Nick parecia ansioso por eles trazerem as crianças para vê-lo em Goodspring.

"Você não quer que nós os tragamos?"

Houve uma longa pausa. "Acho que não sei. Não quero que pensem que sou louco."

"Você não é, querida. Poderíamos abordá-lo de muitas maneiras, incluindo apenas dizer a eles que você está lá para se sentir melhor. Poderíamos até dizer que era uma escola em que você estava ou algo assim, se preferir. Mas faremos o que for bom para você. Acho que só quero que você saiba que não temos nenhum pensamento sobre esconder você deles.

"Obrigado," Nick disse calmamente. "Seria bom ver todos vocês."

"Eu quero ver você também. E as crianças vão ficar malucas por você, você sabe disso.

"Mas não Tony?"

Júlia riu. "Obviamente ele vai querer ver você, mas ele só precisa."

"Ah", disse Nick. "Eu acho. Esta semana parece um mês."

"Vai explodir sua mente se eu disser que foi ontem?"

"O que era?"

"Que você viu Tony."

Houve uma pausa. "Eu não vi Tony ontem."

Naquela noite, ela tentou derrubar Tony. Ela esperou até que ele estivesse se despindo para dormir e perguntou, o mais casualmente possível, se Nick mencionou alguma coisa que ele queria para o Natal na visita deles. Não, disse Tony, não o fez.

"Você perguntou?"

Tony não disse nada.

"Porque ele mencionou hoje que você não estava lá ontem."

Tony gaguejou um segundo, então disse a ela que ela o pegou.

"Compras de Natal", disse ele. Uma explicação de duas palavras que estava além do interrogatório.

Mesmo que ela acreditasse que ele estava ocupado com alguma surpresa de Natal para ela durante todo o sábado, isso não explicava o comportamento dele nos outros dias que se passaram desde a tentativa de suicídio de Nick. Todos os dias, Tony saía cedo para o escritório e chegava tarde em casa. Quando ele estava em casa, ele parecia ausente, distraído-se enquanto as crianças conversavam com ele. Não era nada como ele.

Havia outras coisas que a incomodavam também, coisas mais difíceis de nomear. A qualidade ensaiada de sua voz, por exemplo, quando ele respondeu a uma pergunta sobre seu dia. Era a mesma voz que ela o ouviu usar quando fez um brinde no casamento de um amigo. O tom de sua voz era diferente quando era material que ele havia praticado.

Ela mal conseguia se concentrar no trabalho à sua frente, e ficou aliviada quando sentiu o telefone tocar em sua mesa. Era Charlie Lee.

Ela tinha esquecido completamente que Charlie ainda estava olhando para Walker por ela.

Ela respondeu rapidamente, ansiando por algum tipo de boa notícia sobre o caso.

Sua saudação foi de derrota: "Não há nada que eu queira fazer mais do que dizer a você que encontrei algo."

"Oh, Charlie, tudo bem. Eu nem me lembrava que você ainda estava procurando.

"Eu só queria voltar. Ouvi de volta do último dos bares que entrei em contato. Nada útil. Ele foi cuidadoso antes, esse é o meu palpite. Cuidado e sorte. E agora, ele está em seu melhor comportamento, até onde eu posso dizer."

Ela pensou em contar a Charlie o que havia acontecido com Nick — sobre a overdose e a hospitalização. Mas qual era o ponto? Provavelmente só iria frustrá-lo ouvir, já que ele não tinha encontrado nada. "Obrigado por tentar, Charlie."

"Eu sei que ele tem sido um verdadeiro idiota em público, com as notícias e outras coisas, mas pelo menos ele não é um confronto. Com seu marido, quero dizer.

"Sim", disse Julia enquanto tentava processar o que ele poderia dizer.

"Ele não é, é? Ele ainda não estaria sob fiança se estivesse sendo ameaçador ou qualquer coisa na academia."

"Que academia?"

"A academia que eles frequentam, ele e seu marido."

Tony não foi ao ginásio. "Aquele em Orange?"

"Não, a sala de musculação em Salisbury."

"Tony não vai lá."

Charlie fez uma pausa. “Eu o vi em seu carro no estacionamento lá. Passei por lá na semana passada quando estava por ali.”

Os cabelos do pescoço de Julia se arrepiaram.

“Certamente parecia com ele”, disse Charlie. “Eu me lembro dele pela foto em seu antigo escritório. Ele estava em um SUV cinza no estacionamento lateral da academia.

“Que dia?”

“Teria sido quinta-feira.”

O frio em seu pescoço ficou quente. “Deve ser apenas alguém que se parece com ele”, disse Julia. “Tony realmente não vai à academia, e Salisbury fica muito longe.”

“Deve ser, isso faz mais sentido. Achei que você teria mencionado se eles estivessem se encontrando.

“Muito obrigado por tentar, Charlie. Você pode parar de procurar agora, sério.

“As coisas ainda estão lentas, fico feliz em continuar um pouco—”

“Por favor pare. Por favor, deixe-o.”

“Tudo bem.”

“Prometa que não vai mais olhar para Walker.”

“Tudo bem, eu prometo.” Fez-se silêncio, e Charlie disse: — Ele fará justiça, Julia. Eu sei que é difícil esperar, mas chegará a tempo.”

Tony tinha chegado em casa na quinta-feira. Disse que teve uma emergência no trabalho. Quais eram as chances de ser seu sócia em um SUV cinza na academia de Raymond Walker em Salisbury?

Não havia como dizer a Charlie o quanto ele estava errado — como ela sentia que o tempo de espera havia acabado.



Foi só quando viu a recepcionista através das portas de vidro do escritório de Tony que Julia percebeu que poderia parecer um pouco maluco da parte dela aparecer com ele no meio do dia de trabalho. Ela poderia dar a mínima para o que Tony pensava sobre isso, mas havia outras pessoas em seu escritório. Shirley, a recepcionista, por exemplo.

Se ela soubesse os pensamentos que passavam pela cabeça de Julia naquele momento, Shirley teria desmaiado.

Shirley viu Julia e colocou a pasta em sua mão sobre a mesa. “Julia Hall,” ela cantou. “Que surpresa! O que você está fazendo aqui?”

Julia se sentiu imediatamente chamada. Ela parecia arrogante. Ela sorriu, mas podia sentir que era um coxo. “Eu só preciso ver Tony rápido.”

Shirley franziu a testa. “Ele veio hoje?”

“O que?”

“Ele tirou o dia de folga, ou eu perdi minhas bolas de gude?” Shirley sentou-se e começou a clicar no computador. “Eu sempre verifico a agenda de todo mundo quando chego, e ele está de folga hoje e toda semana que

vem. A menos que ele apareceu para algo e eu não o vi. Lá está ele, sim, ele está fora hoje.”

Julia deu um nó na borda da mesa de Shirley. "Você pode ligar e ter certeza de que ele não está?"

“Claro, querida.” Shirley bicou um número e deixou tocar no viva-voz. Tocou e tocou e tocou até que o correio de voz de Tony atendeu.

“Eu devo ter entendido errado,” Julia disse calmamente.

“Ah, droga,” Shirley sibilou. “Eu provavelmente acabei de estragar algum tipo de surpresa de Natal.”

"Talvez", disse Júlia. "Desculpe correr, mas eu tenho que ir."

O rosto de Shirley caiu com decepção amigável. "Oh tudo bem. Teremos que nos recuperar da próxima vez!"

Julia assentiu ao sair. Shirley pode nem ter visto o aceno de cabeça, mas Julia não podia oferecer nada mais educado – ela não podia falar.

Ela chegou ao elevador. O ar ao redor dela parecia estar pressionando de todos os lados. Ela apertou o botão e acendeu. Calor subiu por seu estômago, peito, pescoço, rosto. Ela continuou andando pelo corredor, encontrou a escada e entrou quando ouviu o barulho do elevador atrás dela. Ela caminhou até o próximo patamar e sentou-se em um degrau. Coloque a cabeça entre as pernas. Respirou pelo nariz. O cheiro de seu jeans, como produtos químicos. Expirou pela boca. Outra rodada, e outra. O ar diminuiu e sua pele começou a esfriar.

Julia pegou o telefone. Apertou o número do celular de Tony. Em dois toques ele atendeu.

"E aí?" Sua voz estava cortada. Ele parecia interrompido.

"Onde você está?"

"No trabalho?"

“Perfeito, estou na frente. Encontre-me no saguão.”

Ela apreciou a pausa.

"Você está no meu escritório?"

“Sim, estou subindo.”

"Esperar."

Houve silêncio. Se ele mentiu de novo...

“Estou indo para uma reunião, não posso vê-lo agora.”

"Besteira", ela sussurrou. “*Bobagem*. Eu já subi. Você não está aqui."

"O que você está fazendo no meu escritório?"

“*Ótima* pergunta. Eu apareço no trabalho do meu marido esperando que ele esteja lá na terça-feira depois que ele me dá um beijo de despedida pela manhã e me diz que vai trabalhar. *Ótima* pergunta. *Sou eu que devo* uma explicação? Mas eu tenho um, Tony, e já que você *não está* no trabalho, encontre-me em casa em uma hora e eu lhe direi por que vim procurá-lo.

Tony ficou em silêncio por um tempo. Ela realmente desencadeou lá.

“Você quer fazer isso em casa?”

“Estamos sem tempo para fazer isso em qualquer outro lugar. Eu tenho que pegar Seb no ponto de ônibus.”

“E Chloé?”

“Minha mãe está indo buscá-la para a hora das garotas, nós conversamos sobre isso na última—”

“Certo, certo, eu esqueci. Eu vou pegar Seb.”

“Eu posso pegá-lo.”

“Por favor. Deixe-me chamar Seb, e nos encontraremos em casa.”

Ela queria dizer não. Não até que ele disse a ela onde ele esteve, o que ele estava fazendo, o que diabos estava acontecendo. Mas isso não tinha nada a ver com Seb. Isso não iria sangrar sobre as crianças.

"Multar."

Ela desligou sem esperar para ver se ele diria mais alguma coisa. Ela lhe deu tempo para se preparar agora. Ele ia dar alguma explicação para jogar prostituta, então ela manteria o que sabia sobre a academia para si mesma até que estivesse de olho nele. Quando isso aconteceu? Quando ele começou — o que quer que fosse isso, tramando? — pelas costas dela? E onde ele estava agora?

TONY **H**ALL, 2015

Julia tinha dito que ele poderia pegar Seb. Precisava ver seu filho. Desarrume o cabelo dele, aperte-o com força. Porque o que quer que estivesse por vir - uma briga, uma tempestade conjugal completa - seria um grande problema. Julia parecia pronta para subir por um lado dele e descer pelo outro.

Tony fez algumas contas rápidas e determinou que poderia, de fato, vencer o ônibus para casa desde que partisse agora. Ele estava feliz, chamá-la de volta para admitir o contrário teria sido brutal.

Ele deu uma última olhada na casa de Walker e colocou o carro em movimento.



Tony podia ver Julia através da janela da sala de estar quando ele e Seb entraram na garagem. Ele se perguntou, inutilmente, se ela poderia ter esfriado desde que descobriu que ele não estava no trabalho. Duvidoso.

Seb entrou correndo na casa na frente de Tony. Ele já estava conversando com Julia quando Tony entrou. Ele podia ouvi-los na cozinha enquanto tirava as botas no banheiro.

"Papai disse que eu poderia jogar com o Wii," Seb anunciou.

"Ele fez isso", disse Julia.

Tony entrou na cozinha. "Pensei que poderíamos conversar enquanto ele falava."

Julia assentiu, liberando o sorriso que ela colocou para Seb.

"Apenas enquanto embrulhamos alguns presentes extras," Julia disse para Seb. O Natal era em questão de dias. "Isso significa que você fica lá embaixo, entendeu?"

Seb assentiu, de olhos arregalados e sorrindo como um maníaco. As crianças tinham esquecido o Wii até uma semana atrás, quando viram um anúncio de um novo jogo, e agora estavam obcecados com aquela coisa estúpida de novo.

Tony armou para Seb seu jogo. Ele se abaixou para beijar o topo de sua cabeça através de seus cachos macios. Quando ele se endireitou, Julia estava olhando para ele da escada. Ela acenou para ele com um aceno impaciente.

Ele sabia o que estava por vir, e eles mal chegaram ao topo da escada antes que ela começasse.

"Então, o que há com o seu dia de folga?" Ela parou no patamar e se virou para ele.

“Um homem não pode ter um pouco de privacidade na época do Natal?” Ele sorriu enquanto passava por ela e em direção ao quarto. Poderia ter sido alegre, mas ele praticou muito.

Julia fechou a porta do quarto e respirou fundo. Ela parecia cansada. “Você pode, por favor, por favor, não minta para mim? Aparentemente, não posso esperar que você apenas me ofereça a verdade, mas não me minta descaradamente. E não me olhe assim.”

“Como o quê?”

“Como se eu estivesse ferindo seus sentimentos.”

“Como devo me sentir quando você me chama de mentiroso?”

“Como devo ligar para você quando você coloca uma gravata e me diz que vai trabalhar quando tiver o dia de folga?”

Tudo o que ele não disse estava brotando em sua garganta. Ele se virou para o armário e lutou para evitar olhar para a porta enquanto pegava o último dos presentes desembrulhados. Suas notas de todos os anos juntos inundaram sua visão periférica à esquerda, lembrando-o de todas as coisas que eles disseram antes. “Podemos apenas fazer o que precisamos fazer antes que Seb fique inquieto e venha até aqui?”

“Não, isso ” – ela apontou para os dois – “é o que precisamos fazer agora. Você se vestiu para o trabalho esta manhã. Você carregou sua bolsa para fora. Você foi para a academia dele.”

Tony se assustou com tanta violência que deixou cair uma caixa de plástico no chão. Ele despejou o resto dos presentes em sua cama.

“Sim”, disse ela.

Ele se virou para ela. Ela não parecia brava. Parecia que ela o odiava. Por um segundo, ele pensou que ela sabia de tudo.

“Você tem me seguido?”

“Foda-se”, ela sussurrou. “Como eu poderia saber que seguir Walker significava seguir você?”

“Você está seguindo ele?”

“Não,” ela disse. “Charlie estava apenas dando a ele um último olhar.”

Charlie Lee novamente. “Quando ele me viu?”

— Então você esteve lá mais de uma vez. Ela não parecia zangada. Ela parecia cansada.

Ela o encarou com olhos que deslizavam para a esquerda e para a direita, examinando a paisagem de seu rosto. Procurando por algo. Sim, ele era culpado disso. Mas ele era culpado de mais também, e isso precisava manter sua culpa em paz. Ele não disse nada.

“Você está me assustando. Você *precisa* começar a falar comigo. Não posso, estou perdendo a cabeça. Sua voz falhou. “Não sei o que fazer comigo mesmo.” Lágrimas transbordaram em seus olhos e se derramaram. “Eu não posso ter *você* me assustando assim em cima de tudo.”

Ela passou os braços em volta de si mesma e abaixou a cabeça.

Ele a estava torturando. Tony estendeu a mão para puxá-la em seu peito. Ele beijou o topo de sua cabeça e a silenciou em silêncio. A vontade de

confortá-la com a verdade, toda ela, era esmagadora. Mas não a confortaria, esse era o problema. Isso só a colocaria em risco. Se algo desse errado, era melhor que ela não soubesse de nada.

“Eu estou seguindo ele também,” ele disse finalmente.

Ela puxou a cabeça para trás de seu peito e olhou para seu rosto. "Por que?"

“Eu...” ele começou, e parou. “Eu pensei que poderia pegá-lo fazendo algo para colocá-lo em apuros. Para fazê-los mandá-lo de volta para a prisão.”

Julia se soltou de seu abraço. "Xingar."

"O que?"

“Juro que é tudo isso.”

"Eu faço", disse Tony rapidamente. Ele nunca mentiu para ela assim antes. Nunca jurou em uma mentira. Ele não conseguia se lembrar dela pedindo para ele jurar que estava sendo sincero. Tudo isso era novo. E ele precisava vendê-lo, mantê-la inocente. "Eu juro", disse ele. “Só estou de olho nele.”

“Eu quero que você pare,” ela disse. "Eu disse a Charlie para parar, e eu quero que você também."

"Ok", disse ele.

“Não pode sair que estávamos perseguindo ele.”

"Não vai", disse Tony. "Foram realizadas. Foram realizadas."

"Prometa que não vamos guardar segredos", disse ela.

"Eu prometo", disse ele. O que ele realmente estava prometendo era mantê-la protegida, mas ela não tinha como saber disso. E para si mesmo, ele fez uma segunda promessa: depois disso, ele nunca mais esconderia um segredo dela.

JOHN RICE, 2019

O arroz havia atingido um nervo, isso era óbvio. Julia estava sentada em sua poltrona reclinável, apertando as mãos. Sua mente provavelmente indo a mil por hora, tentando decidir o que dizer em seguida.

“Acho que estou confusa sobre onde tudo isso vai dar”, disse Julia. “Por que não achamos que ele fugiu?”

A pergunta dela ficou no ar.

Rice não podia dizer nada, e o silêncio dele a obrigaria a dizer tudo. Ela falaria contra si mesma, tentando explicar tudo o que ela achava que ele sabia, e ao fazer isso ela revelaria tudo a ele.

“Sinto que estou perdendo alguma coisa”, disse ela.

Já estava começando. A parte inteira se desdobrou na frente dele agora. Ele podia ver, tão claro quanto podia vê-la. Ela estava totalmente apavorada, e ela iria aonde quer que ele a levasse. Estava tudo acabado, se ele quisesse.

Ele cantarolou baixinho antes de falar. — Sentiu falta então?

Sua voz estava rouca. “Perde o quê?”

Arroz suspirou. *O suficiente.*

“ *Eu sei o que aconteceu*”, disse ele. “Sempre me perguntei se você também sabia.”

51

NICK HALL, 2015

A sala de visitas em Goodspring era ampla e iluminada. As paredes duras eram pintadas de branco e cobertas de arte paciente. Isso lembrou Nick de um refeitório escolar. Havia agrupamentos de mesas e cadeiras ao redor da sala, para os pacientes visitarem quem os visitasse. Era Natal. O feriado parecia perder mais de sua magia a cada ano que ele envelheceu, mas este ano foi diferente. Este ano, Tony e Julia tinham empacotado as crianças na manhã de Natal e dirigido duas horas para ver Nick. Este ano foi especial novamente.

"Eu vou ao banheiro," Tony disse enquanto se levantava da mesa deles.

Julia virou-se para Chloe. "Por que você não escolhe um jogo para nós jogarmos?"

"Eu quero escolher," Seb lamentou.

"Não há necessidade disso," Julia disse enquanto o olhava com uma sobrancelha erguida. "Cada um pode escolher um, mas sem choramingar. Principalmente no Natal!" ela acrescentou enquanto as crianças cruzavam para o outro lado da sala.

Ela sorriu para Nick e se apoiou em um punho. "Você está aguentando bem aí?"

Ele era um fim de semana tímido de duas semanas no programa agora. "Sim", disse ele. "No começo, depois que contei a Tony, me senti melhor do que em meses. Era como se tudo fosse ficar bem novamente e eu me senti como o meu antigo eu. Mas depois passou e foi horrível – estou tão feliz por estar aqui."

Júlia parecia confusa.

"Meu terapeuta aqui disse que eu provavelmente estava finalmente começando a processar as coisas. Eu contei a Jeff sobre a mentira geral, você sabe, no início do mês, mas ainda não tínhamos falado sobre o que aconteceu em detalhes. Nós íamos fazer isso lentamente ao longo do tempo, mas tudo começou a surgir de qualquer maneira. Você sabe o que eu quero dizer?"

Ela balançou a cabeça. "Que mentira?"

Tony não contou a ela? "O que eu disse a Tony."

"Quando?"

"Quando ele me trouxe aqui."

"Ele não me disse nada."

Tony apareceu na porta do outro lado da sala.

Nick começou a sussurrar. "Por favor, não pergunte a ele."

Julia sussurrou de volta. "O que ele não me disse?"

"Por favor, Julia, por favor, não hoje."

Eles ficaram em silêncio quando Tony chegou à mesa. "O que está acontecendo?"

Julia olhou para Nick. Ele implorou com os olhos.

Sua voz era cautelosa. "As crianças estão escolhendo jogos."

Tony sentou-se. "Frio."

Julia estava olhando para ele. O que ele estava pensando, não dizendo a ela?

Duas caixas de jogos bateram na mesa.

"Ea-sy," Tony advertiu com uma carranca.

"Conecte quatro", leu Nick. "Adoro."

Chloe sorriu com a aprovação dele.

"Mil— Não, Seb, isso é o que você escolheu? Um quebra-cabeça de mil peças?"

Sebastian sorriu tanto para Tony que Nick se perguntou se ele pretendia que fosse uma piada.

"Ele gostou da foto na frente," Chloe disse com um encolher de ombros.

Nick continuou olhando para Julia, cujos olhos não deixaram o rosto de Tony.

TONY **H**ALL, 2015

Eu não posso acreditar. Julia estava deitada de lado na cama, virada para Tony. “Ele se lembrava de tudo.”

Tony assentiu.

“Ele esteve tão sozinho, todo esse tempo.”

“Eu sei.”

A neve estava caindo do lado de fora da janela em frente à cama. Julia estava fazendo o que qualquer um faria – ela estava processando o que acabara de descobrir sobre Nick. Tony estava apenas esperando o outro sapato cair: por que ele não contou a ela?

“Não sei se entendi o que ele disse sobre a luta”, disse ela.

“Ele não queria dizer a ninguém que não poderia detê-lo.”

“Mas não é isso. . . óbvio? Mesmo na versão que ele contou pela primeira vez?”

“Sim mas . . . foi diferente. No começo, ele disse, tipo, único tiro barato, ele está fora. O que realmente aconteceu o fez se sentir impotente.” As lágrimas começaram a brotar. “Ele estava acordado por tudo isso – no momento ele foi dominado. Você entendeu?”

Júlia assentiu. E talvez ela fez, até certo ponto. Mas Tony não sabia como explicar o que significava para Nick — o que teria significado para Tony — ser dominado por outro homem, apesar de estar consciente quando aconteceu. Como era passar a vida inteira ouvindo que você deveria vencer lutas, ser forte. E se você não podia fazer essas coisas, você não era um homem.

“O que você vai fazer sobre isso?”

Lá estava. Os olhos dela estavam fixos no rosto dele.

“Nada.”

“Você sempre faz alguma coisa. Você não pode ajudar a si mesmo. O que você vai fazer sobre isso?”

Tony descansou a mão em seu ombro. “Nada.”

JULIA H ALL, 2015

Dois dias depois do Natal, Julia se encontrou com Margot. Eles se tornaram amigos durante a faculdade de direito e se aproximaram ao longo dos anos. No papel, eles sempre pareciam bem diferentes. Margot estava noiva quando as aulas começaram; Julia era ferozmente solteira. Margot era franca e confiante; Julia geralmente tinha que ser forçada a dar uma resposta na aula. Eles tinham compartimentos de estudo na biblioteca perto um do outro, e eles se uniram por causa de seu amor por café e programas de TV que os mantinham acordados à noite. Mais de uma década depois, Margot estava divorciada e sem filhos e Julia era casada e com filhos, mas as coisas importantes ficaram. Eles ainda se encontravam para tomar café pelo menos uma vez por mês, ainda mandavam mensagens sobre *Criminal Minds* depois de cada episódio e ainda se amavam.

“Ei, eu sempre esqueço”, disse Margot, “envie-me aquela receita de arroz de couve-flor.”

“Oh Deus, eu não faço isso há tanto tempo.”

“Tentei inventar e foi horrível.”

“Quero dizer, é couve-flor”, disse Julia.

“Mas foi tão bom o tempo que passei com você. Você pode me enviar por e-mail o que você costumava fazer?”

Julia entrou no escritório e sacudiu o mouse para acordar o computador. “Sim, eu vou encontrá-lo para você.”

“Você é o melhor.”

Eles desligaram e Julia abriu o Google. Arroz tipo *couve-flor*. Havia tantos resultados e nenhum dos hiperlinks estava roxo. Ela rolou, mas não conseguiu dizer qual receita era a que ela estava usando na primavera.

Ela abriu o histórico da internet. *Couve-flor* digitada. Sem resultados. Isso não fazia sentido. Ela provavelmente tinha ido àquela página dez vezes.

Ela clicou de volta para a página principal da história. Rolado. A lista de páginas que ela visitou terminou em 14 de dezembro. Não havia resultados antes dessa data.

Havia buscas e títulos de páginas do dia 14 — o trabalho que ela fizera naquela manhã. Tudo antes disso se foi. A história tinha sido apurada no dia 13. No mesmo dia, ela agora sabia, que Nick disse a Tony o que Ray Walker realmente fez com ele.

Ela fechou o histórico e voltou ao Google. Digitado *Como restaurar o histórico*. A página cheia de links para artigos. Ela clicou no primeiro. Ela poderia executar uma “restauração do sistema”, aparentemente, e deveria recuperar o histórico perdido. Ela salvou todos os seus trabalhos mais recentes em uma unidade flash, por precaução, e então seguiu as instruções

do artigo. Ela selecionou 13/12/2015 como a data de restauração e sentou-se no banco para assistir e esperar.

Ela estava sendo louca. Mas por que Tony teria deletado a história? Ele voltou para casa depois de deixar Nick em Goodspring e ficou no escritório por um longo tempo - pelo menos uma hora. Ele disse naquela noite que estava trabalhando, mas não teria apagado coisas de trabalho do computador. Ela provavelmente ia ver onde ele havia comprado seus presentes de Natal. Oh Deus, ou pornografia. Ela riu baixinho. Seu estômago estava tão preocupado com a preocupação que ela tinha certeza que ficaria feliz em ver que ele estava assistindo pornô naquela noite, mesmo que ela estivesse lendo no quarto ao lado.

Após alguns minutos, o computador reiniciou. Ela abriu o navegador e clicou em histórico. A entrada mais recente foi uma página intitulada “Como excluir seu histórico da Internet”.

Antes disso, era uma pesquisa no Google: “Excluir histórico”.

Antes disso, uma postagem no blog intitulada “Facas de gelo e frutas de caroço”. O que diabos isso significava?

Antes disso, uma página que congelou Julia no lugar.

Uma página chamada “Fórum: Como você cometeria seu assassinato perfeito?”

E antes disso, “Fórum: Quais são as principais causas de assassinatos não resolvidos?”

E antes disso, uma reportagem: “Por que tantos assassinatos não são resolvidos”.

E antes disso, uma busca no Google: “Causas de assassinato não resolvidas”.

Ele ia matá-lo.

Tony ia matar Ray Walker.

T ONY H ALL, 2015

Ele encontrou Julia no quarto. Era pouco depois das quatro, e ela estava debaixo das cobertas.

"Mel?"

Ela não se mexeu. O que estava acontecendo? Ela recebeu um telefonema de Margot e subiu. Mais de uma hora se passou antes que Tony percebesse que ela não tinha voltado.

Algo estava errado.

Ele se sentou na cama gentilmente. "Mel?"

Sem abrir os olhos, ela disse: "Eu vi o computador".

"O que?"

"Eu sei o que você está fazendo."

O pavor se derramou em seu estômago. "O que você está falando?"

Ela se sentou com os olhos bem fechados, uma mão na cabeça como se estivesse tonta. Então ela abriu os olhos, manteve-os na colcha. "Apenas me diga que estou errado."

Não. Não, por favor, ela não sabe.

"Sobre o que?"

"Que porra você está pensando?" ela sussurrou violentamente enquanto o empurrava.

"Ei!"

"Eu vi o que você estava olhando. Assassinato. *Assassinato?* Ela bateu as palmas das mãos contra o peito dele novamente, e ele levantou as mãos para pegar seus pulsos.

Porra. Ah, foda-se.

"Como você viu?"

"Foi fácil. Nada do *que* você faz no computador desaparece." Ela arrancou as mãos de seu aperto.

"Eu vou te dar um novo."

"Então, quando você o matar e eles pegarem nosso computador, eles não vão suspeitar que é novinho em folha?"

"Shh", ele assobiou. "Fale baixo."

"Diga-me o que você está fazendo."

"Eu não posso te dizer."

"Por que?"

"Eu não quero que ninguém saiba nada sobre isso, nem você ou Nick ou ninguém."

"Então você vai me dar um novo computador." Ela assentiu, de olhos arregalados e lábios apertados. "E nós vamos ficar bem."

"Isso foi único. Eu não fiz nada assim de novo."

"Tudo é rastreável, Tony."

“Não, eu fui cuidadoso.”

“Além disso, além de usar o computador em nossa casa.”

“Sim. Juro.”

“Então você vai fazer isso.”

Tony quebrou o olhar dela.

“Explique-me. Explique por que você acha que tem o direito de fazer isso.”

“Intitulado?”

“Sim. Nick está fazendo tudo o que deveria. Ele disse à polícia, ele está disposto a testemunhar, ele está se matando para passar pelo tribunal. Por que você acha que consegue – apenas – fazer essa porra insana?”

“Ele não pode continuar assim. Você sabe disso, ele tentou se matar.”

“Ele está seguro. Ele está recebendo ajuda. Você está fingindo que isso é sobre ele, mas na verdade é sobre você.”

“Se você não consegue ver como isso ajudaria Nick, não sei o que dizer. Ele é nossa família.”

“Você quer falar sobre nossa *família* ? Você está falando em matar alguém e a porra do nosso filho está lá embaixo.”

Uma consciência o atingiu, de repente, do que Julia estava perdendo. Uma simplicidade de como ele poderia ajudá-la a ver.

“Um dos nossos filhos está lá embaixo”, disse ele calmamente. “Mas meu primeiro filho está em um hospital em Belfast.”

Ela olhou para ele com os olhos arregalados, depois para a cama.

“Se fosse Seb ou Chloe, talvez você entendesse. Ele é como meu filho.”

Julia se deitou e rolou para longe dele.

“Ele sempre foi meu filho para mim.” Tony deu a volta na cama e se ajoelhou diante dela. “Você não vê isso?”

Ela não se moveu. Seus olhos pareciam estranhamente distantes, mas seu olhar descansou em algum lugar perto de seu pé traseiro.

“Ele tentou se matar.” A voz de Tony falhou e ele deu de ombros. “Se ele contar o resto. . . se o caso não for resolvido, ele vai contar a eles o que Walker fez com ele. Quando isso sair, tudo vai ficar muito pior.” Ele esperou um pouco para continuar. “Quase o perdemos. Você disse aquilo; você sabe. Ele também faz parte da sua família.”

Ela olhou para ele então. “Eu sei que.”

“Então deixe-me salvá-lo”, disse Tony.

Julia baixou os olhos de volta para o chão. Tony se levantou. Nenhum deles falou. Ele deu a volta na cama e alcançou a porta quando ouviu a voz dela.

“Prometa-me,” ela disse baixinho atrás dele.

Ele se virou.

“Prometa que vai esperar para ver se resolve em janeiro.”

Ele assentiu. Isso foi bom. Janeiro foi um bom mês para isso.

JOHN RICE, 2015

Deprimente, a semana depois do Natal era sempre movimentada na estação. O crime geralmente aumentava em torno dos feriados de dezembro: problemas de dinheiro, álcool, muito tempo com a família. Rice estava se preparando para sair em um caso de violência doméstica quando a recepcionista chamou seu telefone de mesa. Julia Hall estava chamando por ele.

— Desculpe incomodá-lo — disse Julia. "Tenho certeza que você está ocupado."

"Está bem. Está tudo bem?"

"Oh sim. Só estou ligando para perguntar, ah." Sua voz era toda derrota. "Algo que eu acho que já sei a resposta."

"OK?"

"Existe alguma maneira de, hum, a fiança de Ray Walker ser revogada por causa de qualquer coisa que aconteceu?"

"O que, com Nick?"

"Bem, sim. Com ele e sua mãe entrando em contato tanto com a imprensa, e tudo isso tendo um efeito tão negativo na saúde mental de Nick".

Ele iria falhar com eles novamente.

"Não, eu não penso assim. Ele não violou a fiança, não teve contato com Nick. Nada do que ele fez foi criminoso. É terrível o que Nick está passando, mas nenhum juiz nos deixaria segurá-lo só porque Nick está lutando. Falei com Linda, e ela acha que vamos entrar em uma briga, perdoe meu francês, se tentarmos fazer alguma coisa para impedir que ele ou a imprensa falem mal. Tecnicamente, eles não lançaram nada que não tivessem permissão para fazer. Provavelmente acabará chamando ainda mais atenção para o caso."

Julia fez uma pausa longa o suficiente para que Rice pensasse que a ligação havia caído.

"Sim, eu imaginei. Eu apenas senti que tinha que perguntar."

"Vocês estão bem aí?"

Era uma pergunta estúpida. Ele duvidava que ela estivesse ligando se tudo estivesse dando certo.

"Enlouquecendo um pouco," ela disse suavemente.

"Sinto muito, Julia. Eu gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer, mas a menos que ele viole sua fiança, estamos esperando um apelo ou um julgamento."

"Eles disseram a Nick que achavam que poderia ser um ano. Isso foi justo. . . você sabe, eles gerenciando suas expectativas? Poderia ser mais cedo, certo?"

"Qualquer coisa é possível. Mas, quero dizer, estou pronto para ser julgado no próximo mês em um caso que encerrei há três anos."

Júlia ficou em silêncio. Por que ela estava tão surpresa? Ela tinha sido uma advogada de defesa.

"Você sabe como é. O tribunal recuou, a promotoria recuou e o tempo prejudica um caso como o de Nick, então Eva vai levar isso o mais longe que puder.

"E se ele não puder esperar tanto tempo?"

"Nick tem que apenas viver sua vida, tentar esquecer o caso."

Houve outra longa pausa.

Ele começou de novo. "Olha, ah." Ela era uma profissional, de certa forma, mesmo que não estivesse neste caso. "Entre nós, Julia?"

"Sim?"

"Não tenho certeza se haverá um julgamento."

"Mesmo?"

"Acabei de ouvir de um falso amigo de Walker que ele sabe que seu ganso está cozido. Acho que ele vai aceitar um apelo. Provavelmente não até a véspera do julgamento, você sabe como é, mas depois aposto que ele vai aceitar. Eu acho que parte de sua bravura é para mostrar. Ele está morrendo de medo."

"Mesmo? Parecia que seria em breve?"

"Bem, não, ele parece do tipo que não rola até a hora do show. Mas Nick pode não ter que testemunhar. Não diga isso a ele, não crie esperanças, mas acho que você não precisa se preocupar tanto com o resultado final. Acho que vai resolver. É sobre a espera que não podemos fazer nada."

Ela fez uma pausa. "OK." Sua voz era alta e calma. Ela parecia estar tentando não chorar. "Obrigado pelo seu tempo, detetive."

"Lamento não poder ser mais útil, Julia." Ela já tinha desligado, mas ele precisava dizer as palavras de qualquer maneira.

JULIA H ALL, 2015

Julia não tinha dormido nas últimas duas noites. Houve momentos em que parecia que ela havia caído em um sono leve, mas o tempo todo ela estava sonhando que estava acordada. Acordada e obcecada com o que o marido ia fazer.

Ela perguntou como ele faria isso. Ele não diria. Quando ele faria isso, e onde. Ele não diria. Como ele garantiria que estava livre de suspeitas. Ele teria certeza, ele disse. Ele continuou repetindo seu mantra: “É mais seguro se você não souber”.

Julia não se sentia segura. Ela se sentiu frenética. Ele prometeu que esperaria até a conferência disposicional, quando o caso poderia ser resolvido. Se Walker concordasse em se declarar culpado, Nick não contaria a verdade ao promotor, e talvez Tony deixasse isso para lá. Então ela tinha até 12 de janeiro. Duas semanas. Mais duas semanas para tentar descobrir alguma coisa.

Ela poderia ir direto para Nick — tentar fazê-lo desistir do caso — mas isso resolveria o problema? Ou Tony faria isso de qualquer maneira, porque desistir do caso significava que Walker ficaria impune? E se algo acontecesse com Walker depois que Nick abandonasse o caso, eles suspeitariam ainda mais de Tony? Pareceria que Nick havia desistido do caso para que Tony pudesse fazer sua própria justiça?

Ela já havia tentado ligar para o detetive Rice no dia anterior. Era inútil, assim como ela esperava. Walker não tinha feito nada para ser jogado de volta na cadeia, fora do alcance de Tony.

Ela tentou argumentar com Tony: E as crianças? E o Nick? E *ela*? Era como se ele não pudesse ouvi-la. Ele achava que tinha a moral elevada — ele estava tão longe que tinha mal da altitude.

E moral — ela ficou surpresa com quão pouco de seu desespero para detê-lo vinha da imoralidade disso.

Muito de sua identidade, como advogada, como mãe, como esposa, amiga, pessoa, tinha sido focada em *ser boa*. Era um objetivo tão vago, mas ela nunca o questionou, talvez porque fosse fácil para ela. Faça a coisa Certa. Trate bem as pessoas. O que era *certo* geralmente era fácil para ela identificar. A primeira vez que ela se encontrou com Mathis Lariviere e sua mãe, ela teve que convencer os dois, não apenas o menino, que ele deveria fazer uma avaliação de abuso de substâncias e iniciar a terapia imediatamente, muito antes de ser sentenciado.

“Quanto melhor ele for”, disse Julia, “melhor será seu resultado no caso.”

“Você quer dizer que quanto melhor ele *parecer*, melhor será o resultado,” sua mãe, Elisa, disse friamente.

“Não”, disse Júlia. “Ele não pode ficar sentado durante um ano de terapia com seus fones de ouvido. Ele vai precisar se trocar. O juiz vai ver através disso, caso contrário.”

“Não tenho tanta certeza”, respondeu Elisa. “Alguns de nós são bons em ter uma boa aparência.”

Na época, Julia desconsiderou o comentário da mulher. Eles não tinham visto muito nos olhos, ela e Elisa Lariviere, cujo filho havia contado a Julia coisas sobre sua família que lhe causavam calafrios. Para Elisa insinuar que a moralidade de Julia era um ato tinha sido risível.

Mas agora ela se perguntava. Talvez Julia só tivesse sido boa em *parecer* boa. Agindo como se ela acreditasse em fazer coisas morais. Porque neste momento, ela se importava muito mais em parecer boa do que em ser boa. Tudo o que a mantinha acordada e espremia o suor de seu couro cabeludo tinha a ver com Tony sendo pego. Não o que ele queria fazer em primeiro lugar.

Se Tony fosse pego, ela o perderia. As *crianças* iriam perdê-lo. Ele era um bom homem. Isso parecia impossível, dado o que ele estava fazendo agora, mas Tony Hall era um bom homem e um ótimo pai, e seus filhos iriam perdê-lo se ele não tomasse cuidado. E ela disse a ele desde o início - desde a primeira noite em que conversaram, ela disse a ele que nunca se casaria com um homem que não levasse a sério o que isso significava para ela. Quem não lutaria como se fosse vida ou morte para manter o que eles fizeram juntos. Ela tinha tanta certeza que ele era aquele homem. Como ele pôde fazer isso com ela?

Havia apenas uma coisa que ela pensou que poderia funcionar.

Ela mandou uma mensagem para Charlie Lee.

Eu preciso de uma última coisa

ela escreveu.

E Charlie respondeu:

Nada.

JULIA H ALL, 2015

Julia se inclinou sobre a cômoda enquanto passava rímel nos cílios superiores do olho esquerdo. Nina Simone cantarolou baixinho de seu celular. Ela deu um passo para trás para examinar seu trabalho – tudo o que restava era batom. Ela selecionou um tubo de tijolo vermelho. Não era o favorito dela, mas Tony adorava, e daria um up em seu vestido preto liso. Ela aplicou a cor na boca aberta e puxou o cabelo para trás. Os tons de cinza no topo de sua cabeça refletiam a luz fraca do abajur em sua cômoda; ela precisava de um retoque. Ela torceu os dedos em suas raízes e voltou a se concentrar na música. Nina não se preocuparia com cabelos grisalhos e provavelmente os chamaria de prata. Julia balançou um pouco ao som de “Feeling Good” quando os metais entraram, deixando a música seduzi-la. Algum tempo depois de terem filhos, ela passou a sentir que o ato de *se preparar* para um encontro com o marido era a primeira oportunidade da noite para as preliminares. Ela estava forçando a magia esta noite.

Se eles não tivessem feito uma reserva com meses de antecedência, provavelmente teriam ficado em casa. Um dos efeitos colaterais de sua decisão de se casar na véspera de Ano Novo, nove anos atrás, foi que as reservas eram uma necessidade se eles quisessem comer fora. seu aniversário. Julia havia reservado a mesa muito antes de saber que passaria todo o seu tempo livre imaginando se seu marido realmente era capaz de matar um homem.

Julia pegou a pequena bolsa que havia abandonado na cama mais cedo. Ela abriu o fecho, e o envelope de seu cartão apareceu. As palavras lá dentro eram imperfeitas, e principalmente roubadas, mas ela estava satisfeita por ter capturado o que estava sentindo no fundo do poço, abaixo de todas as outras emoções. Este cartão pode ir para a colagem no armário, ou não. Algum deles gostaria de se lembrar desta vez?

Ela sabia o que suas anotações significavam para ele, mas este ano ela não sabia o que colocar no papel. Mais cedo naquela noite, o cartão ainda estava em branco em seu escritório quando ela entrou no chuveiro. Foi lá que ela pensou em sua primeira música dançante: “You're the First, the Last, My Everything” de Barry White. Ela colocou uma toalha em volta de si mesma e correu pelo corredor para escrever suas linhas favoritas no cartão. Ele era o sol e a lua, ela escreveu. “Meu primeiro, meu último, meu tudo.”

Nove anos atrás, eles dançaram essa música. Tudo parecia tão simples então. Ela imaginou que seus votos seriam testados ao longo de uma longa vida juntos, mas não assim. Ela leu as linhas novamente. As palavras pareciam vazias diante de onde estavam. Mas ela tinha que dizer alguma coisa, e ainda havia verdade na música. Ele ainda era tudo para ela. Por isso doeu tanto.

Agora, ela empurrou o tubo de batom em sua bolsa, ao lado do cartão.

"Uau", disse Tony da porta. Ela teve um vislumbre dele no espelho quando se virou — linhas limpas e cabelos escuros.

"Uau você mesmo", disse ela. "Eu amo esse blazer."

"Eu sei que você quer", disse ele, e ele girou lentamente para ela ao som da música. "Observe qualquer coisa. . . novo?" ele perguntou enquanto estendia o braço no ritmo do som de uma trombeta. Seu novo relógio saltou de sua manga, e Julia riu apesar de si mesma. Ela estava segurando algo raivoso, triste; era palpável. Ela iria deixá-lo ir. Pelo menos por esta noite, ela iria deixá-lo ir.

Ela se inclinou para calçar os saltos e, quando se levantou, ele veio até ela. Eles estavam mais perto do nível dos olhos agora com seus centímetros adicionados. Ele colocou as mãos em volta da cintura dela e se inclinou para beijá-la suavemente; ela afundou nele com um suspiro suave. Quando seu marido se afastou, seus lábios estavam manchados de vermelho derretido. Ela riu e os enxugou com o polegar, os dedos sob o queixo barbeado dele.

"Talvez quando minha mãe vier buscar as crianças devêssemos pular o jantar," ele murmurou, segurando-a perto de sua cintura.

"Ela está olhando para eles aqui - eles estarão dormindo quando chegarmos em casa." Ela beijou sua bochecha e deu um passo para trás.

"Fique um minuto," ele disse com um sorriso de lobo, e a puxou de volta para ele.

"Não," ela disse categoricamente enquanto afastava as mãos dele e recuava. Ele parecia surpreso, confuso. Ela também estava. Algo sobre ele dizendo a ela para ficar – segurando-a tão firmemente contra ele – a enfureceu, apenas por uma fração de segundo. Ela atravessou a sala e parou na porta. Ela estava sendo tão fria com ele ultimamente; às vezes por escolha, outras por impulso.

"A vovó está aqui!" Chloe gritou da sala.

Julia subiu as escadas rapidamente, deixando Tony para trás.



Julia arrastou os pés ao entrar no calor de Buona Cucina, moendo lama e sal no tapete de boas-vindas.

"Feliz Ano Novo", disse a anfitriã enquanto coletava os menus de seu posto. "Coatrack está atrás de você."

Buona Cucina era um restaurante italiano pequeno e caro no centro de Orange, onde eles comemoraram alguns aniversários e aniversários ao longo dos anos. Com seus tijolos expostos, pisos de madeira e decoração, lembrou Julia de vários lugares em Portland, incluindo o Ruby, o bar que ela costumava atender. Parte do motivo pelo qual ela preferia Buona Cucina para noites românticas era porque parecia muito com os lugares que ela e Tony foram em seus primeiros encontros.

Atravessaram um patamar para a menor das duas áreas de jantar. Enquanto caminhavam, Julia estendeu a mão e apertou a mão de Tony: um pedido de desculpas tácito por afastá-lo mais cedo. Tony apertou de volta.

Pediram uma garrafa de água com gás para a mesa e um copo de pinot noir para Julia.

"Você vai pelo menos me dizer como você vai fazer isso?"

Tony pareceu surpreso. "O que?"

Julia baixou a voz. "Você sabe o que."

Ele suspirou. "Por que você quer falar sobre isso no nosso aniversário?"

"Eu não posso tirá-lo do meu sistema porque você não vai me dizer nada. Apenas me diga como."

"Eu quero que você esteja seguro. Eu preciso que vocês sejam, as crianças, acho que não contar a vocês é o que tenho que fazer.

"Mas você não pode planejar algo assim sozinho. Você continua dizendo que está sendo cuidadoso, mas como posso saber disso se você não me deixar fazer perguntas, teste seu plano.

"Eles nem vão saber que foi tudo além de um acidente."

"Ok, então—" Ela balançou a cabeça. "Ali. Isso soa como uma ilusão."

"Não é." Ele ajustou o garfo ao lado de seu prato.

"Você realmente vai fazer isso?"

Ele pareceu surpreso. — Achei que você estava bem com isso.

"Quando eu *já* disse isso?"

Tony franziu a testa. "Bem, eu preciso que você *fique* bem com isso."

"Ou o que?"

"Ou, nada, eu acho," ele disse enquanto se endireitava na cadeira. "Já lhe disse o que estou fazendo."

"Onde isso me deixa?"

"Apoiando-me, pensei."

"Encurralado", disse ela. "Você me encurralou."

"Eu não sei como fazer você entender."

Ela balançou a cabeça. "Eu entendo sobre você e Nick. Eu não cresci cuidando de outra pessoa. Mas eu tenho você, e nós temos as crianças. Então e nós?"

Seu rosto ficou suave à luz das velas. "Eu prometo a você que ficaremos bem. Eu *sei* disso. Como se eu soubesse tanto sobre você e eu."

Ele colocou a mão sobre a dela e continuou. "Eu sabia que me casaria com você no dia em que fomos pescar no gelo com Margot e seu ex, lembra? E você deixou cair o frasco no buraco, depois o pegou e tomou um gole? Ele riu baixinho. "Eu soube então, de uma forma estranhamente calma, quase psíquica, que nos casaríamos e tudo ficaria bem. Eu sinto o mesmo agora. Serei cuidadoso e ficaremos bem."

Julia queria se afastar dele, mas deixou a mão na dele.

O garçom apareceu em sua visão periférica, se esgueirando até a mesa como se soubesse que estava interrompendo alguma coisa. Ele anotou seus

pedidos e foi embora. Eles se sentaram por um momento em silêncio, sem saber onde pegar.

Tony colocou o guardanapo de volta no prato. "Eu vou bater no banheiro."

Júlia estava sozinha. Ela observou as chamas bruxulearem nos copos foscos no centro da mesa. Entre as duas velas havia uma única flor em um copo fino. Era laranja, com pétalas finas se desdobrando do centro.

Ela havia perdido. Não havia mais nada a fazer a não ser admitir que ela não era, de fato, tão boa quanto pensava. Toda a conversa de Tony sobre deixá-la de fora era sem sentido. Quando isso acabasse, ela seria cúmplice do que aconteceu com Ray Walker.

Tony falou sobre o momento em que soube que se casaria com ela. O dela não tinha sido um momento, mas um dia: um dia em que fizeram um piquenique com Nick. Ela conheceu Nick antes, mas ela estava namorando Tony por tempo suficiente neste dia que todos eles abandonaram a pretensão de impressionar um ao outro. Em vez disso, eles estavam apenas ficando juntos. Ela observou como Tony falava com o menino. Ela ouviu o forte calor em sua voz. Vi-o colocar um braço em volta de Nick em um ponto e apertá-lo para perto. Ela viu tudo isso e pensou, este é o homem com quem eu quero fazer bebês. Meus filhos terão este homem como seu pai. Ela havia perdido que ele já era pai, de certa forma.

E por mais que Tony a deixasse louca às vezes no começo, sempre tentando fazer coisas por ela, ela gostava de como ele era um reparador e um lutador. Ele não assistiria de braços cruzados se o casamento deles ficasse obsoleto. Ele faria qualquer coisa por sua família. E se ele ficasse doente um dia, ele lutaria como o diabo para ficar com eles. Por mais que ela amasse Nick, o amasse tanto, ela tinha perdido o quanto ele era parte de sua família, por meio de Tony. Tony era tudo para ela, mas isso não significava que ela não amasse as crianças. Talvez até mais do que ela o amava. A alma tem espaço para amores concorrentes. Ela tinha três. Tony tinha quatro.

Ela olhou pela janela ao lado da mesa deles. Ela podia distinguir a forma de neve no chão, mas fora isso não era nada além de escuridão. Se eles pudessem chegar à primavera, talvez tudo parecesse diferente. O sol e os açafrões iluminariam o coração de Tony. Ele veria que o mundo não tinha, de fato, ficado escuro como breu. Mas a primavera estava a meses de distância, e entre aqui e ali, Nick contaria sua história à ADA, e a ADA seria forçada a contar a Walker. Haveria mídia novamente, mais conversa, mais opinião pública sobre coisas que as pessoas não sabiam. E esse era o relógio contra o qual Tony estava correndo. Tudo terminaria muito antes da primavera chegar. Quando a luz voltasse, eles seriam capazes de enfrentar o que fizeram no escuro?

Julia estendeu a mão por cima da mesa e passou as pontas dos dedos sobre o rosto largo da flor de laranjeira. Ela inclinou a flor na chama e observou as pétalas chamuscando.

T ONY H ALL, 2016

As coisas ficaram mais fáceis depois do aniversário deles. Depois que ela encontrou sua busca estúpida no computador, Julia continuou surpreendendo Tony com perguntas e argumentos ad nauseam, toda vez que eles estavam longe das crianças. Ele podia sentir os olhos dela nele quando olhava para o telefone ou até mesmo se movia pela casa. Tony desejou que ela não soubesse nada sobre Walker — ele a queria no escuro, só para estar segura. Se algo desse errado, ela *não* seria cúmplice dele. Mas ainda assim, ela não sabia quase nada. Ele se manteve firme diante de suas perguntas e, finalmente, após o aniversário de casamento, ela parou de perguntar.

Às vezes ele se perguntava se ela estava do seu lado, mas a tempestade realmente parecia ter passado. Um dia atrás, o telefone de Julia tocou e o nome de Charlie Lee iluminou sua tela. Tony a encarou pelo telefone, então ela atendeu no viva-voz e perguntou a Charlie o que estava acontecendo. Ele disse que tinha as informações de contato que ela precisava para o relatório de registros. Ela deu a Tony um olhar fulminante, e ele ergueu as mãos em sinal de rendição enquanto ela levava o telefone para o escritório. Então era verdade — ela não estava mais usando Charlie Lee para investigar Raymond Walker. Ainda assim, havia algo nisso tudo que Tony queria analisar. Ele tirou os primeiros dois dias de janeiro de folga e as crianças estavam de férias. Ele esperava passar os dias com ela e as crianças, mas em vez disso ela estava trabalhando em seu relatório de registros a maior parte do tempo. Era como se ela o estivesse punindo sutilmente por mentir sobre ir trabalhar enquanto eles deveriam estar juntos como uma família.

No momento, porém, os quatro estavam juntos, sentados na sala. Tony e Seb estavam deitados juntos na poltrona reclinável, o corpo minúsculo de Seb apertado contra o dele. Julia sentou-se no sofá; Chloe se empoleirou atrás dela no braço do sofá, suas pernas saindo de cada lado de Julia. Tony estava lendo em voz alta *Andorinhas e Amazonas*, um presente da mãe de Julia naquele ano. A inscrição mostrava que tinha sido de Julia quando menina: *Papai costumava ler isso para você*, a mãe de Julia escrevera. *A C&S também vai adorar*. Tony desejava, em momentos como esses, ter conhecido o pai de Julia. Ele tinha sido um pai maravilhoso, Julia disse a ele. Ela desejava desesperadamente que ele tivesse feito escolhas diferentes no final de sua vida, mas até aquele momento, ele tinha sido perfeito para ela.

Chloe trançava o cabelo de Julia enquanto Tony lia o velho livro de aventuras, e ele ocasionalmente olhava para o progresso deles. Primeiro foram duas tranças, a esquerda grossa e reta, a direita fina e irregular. Então as tranças saíram e Chloe começou uma única nas costas de Julia. Desta

vez, quando ele olhou para cima, Julia estava enxugando os olhos. Ela segurou seu olhar, então suspirou e balançou a cabeça.

"Eu preciso fazer um telefonema", disse ela enquanto se levantava.

Tony parou de ler. "Agora mesmo?"

"Mãe, sua trança caiu!" Chloe gemeu.

"Desculpe, querido," ela disse para Chloe, então ela se virou na direção de Tony. "Não vai demorar muito, e eu vou trazer um prendedor de cabelo de volta quando eu terminar."

Chloe assentiu com satisfação e deslizou para o lugar de Julia no sofá.

Julia pegou o celular na mesa de centro e desapareceu escada acima.



Tony estava fazendo sanduíches quando Julia voltou para baixo.

"BLTs", disse ele com uma voz dramática, acenando com a mão sobre a colcha como se fosse um truque de mágica. Os sanduíches foram abertos com alface e fatias gordas de tomate maduro; ao lado deles havia um recipiente de bacon que sobrara do café da manhã.

"Eles cheiram deliciosos", disse ela. "Um para mim?"

"Claro, minha jóia", ele sussurrou, balançando uma tira de bacon para ela.

Ela sorriu distraidamente. "Chá?" ela perguntou.

"Não, obrigado." Ele sentiu um aborrecimento borbulhar; ela ainda estava segurando ele, empurrando sua brincadeira. Isso foi injusto da parte dele, no entanto. Ele teve mais tempo para processar tudo isso. "Para quem você estava ligando?"

Ele ouviu o bico de gás estalar atrás dele e a onda de chamas pegando.

"Apenas pessoas para o relatório."

"Mas hoje?"

"Só mensagens de voz hoje." Ela voltou à vista e se inclinou no balcão ao lado dele.

Ele entregou a ela um sanduíche chapeado. "Você vai comer com a gente?"

"Sim." Ela verificou seu telefone, em seguida, empurrou-o no bolso de sua calça de moletom. Ele imediatamente vibrou. Ela o desenterrou e olhou para seu rosto.

"Eu tenho que levar isso", disse ela enquanto saía da cozinha. "Eu vou voltar para o meu chá", ela chamou enquanto descia o corredor. "Tire quando ferver, por favor, mas eu volto para pegá-lo!"

Sua voz se acalmou quando ela disse: "Oi, Elisa."

Tony ouviu a porta do escritório fechar, silenciando a voz de Julia. A coceira de uma memória incompleta zumbiu em seu cérebro quando ouviu o nome, mas quem quer que fosse Elisa havia desaparecido nos recessos de sua memória.

NICK HALL, 2016

O que vale isso de novo?” Nick inclinou a mão para revelar quatro espadas para o homem do outro lado da mesa.

“Quatro”, respondeu David.

Nick largou suas cartas. "Merda", ele sussurrou. Isso estava certo. Essa era a mão que parecia valer mais. E ele não conseguiu fazer quinze com nenhum deles. Ele marcou quatro no tabuleiro de cribbage. “Acho que você vai me fumar de novo.”

“Skunk,” David disse quando ele marcou doze. Ele empurrou os óculos para cima do nariz poroso e sorriu. "Provavelmente."

David estava lá há apenas uma semana e meia. Nick tinha um dia a menos de um mês. Sua conselheira em Goodspring, Anne Marie, havia escrito uma carta pedindo permissão para que ele permanecesse no programa por mais algum tempo. Ela convenceu o seguro ou quem quer que fosse a dar-lhe tempo extra para que ele pudesse ficar aqui por um tempo depois do próximo dia de julgamento, que, aliás, era hoje.

Nick estava feliz por ter David. Ele tinha quarenta e poucos anos, seco e engraçado, e adorava jogar como Nick. Antes de David aparecer, Nick não tinha contato com ninguém além da equipe. Havia um cara lá chamado Kedar que poderia ser fofo se cortasse o cabelo e parecesse ter dormido no ano passado. Mas bonitinho provavelmente não faria bem a Nick agora. Cute tinha colocado Nick nisso, de certa forma. Ele não deveria se culpar, seus conselheiros tinham sido firmes nisso e estavam certos. Mas ele tinha ido para casa com um estranho. Mas ele tinha feito isso antes. Ele queria um namorado, mas em vez disso ele estava pegando o que podia. Ele estava a um milhão de milhas de estar pronto para o sexo novamente, e ainda assim, se esse cara bonito do programa queria ir lá, ele não tinha tanta certeza de que não o seguiria. Então ele continuaria a dar a Kedar um amplo espaço.

A maioria das pessoas em Goodspring não queria estar lá. Eles admitiram isso em voz alta ou suas ações disseram isso por eles. Alguns achavam que não precisavam de ajuda; alguns odiavam as camas arrombadas, as luzes brilhantes, a comida cheia de vegetais, as janelas nas portas dos quartos para os funcionários fazerem verificações de segurança a noite toda. Mas Nick gostava de estar em Goodspring. Era tão estranho, tão estranho a qualquer coisa que ele tinha experimentado antes que o fez esquecer sua vida fora do lugar. Não havia AD aqui. Nenhum caso criminal. Ele estava em uma bolha.

Pelo menos, normalmente parecia assim. Hoje, mesmo da segurança da bolha, ele sentiu a presença do mundo exterior pressionando as paredes. Lá fora, a vida continuava. Tony estava estressado por causa dele. Seus pais

provavelmente estavam brigando. O semestre de inverno havia começado. A ADA estava no tribunal, agora, com Walker e seu advogado. A vida real estaria esperando por ele quando deixasse Goodspring. Ele estaria de volta onde começou – de pé no meio da bagunça que ele tinha feito. Seus antebraços começaram a coçar sob as mangas.

"Usuario?"

Ele olhou para cima, e sua conselheira Anne Marie estava parada na porta da sala comunal.

"Você tem uma ligação."



Era Sherie.

"Então não há acordo", disse ela. "Eu sinto Muito."

Era o que ele esperava, mas seu coração afundou de qualquer maneira. "Você tem permissão para me dizer o que aconteceu?"

"Ah, claro. Os advogados estavam muito distantes para chegar a um acordo. Eu lhe disse o que ela ia oferecer a ele, certo?"

"Sim", disse Nick. "Quatro anos de prisão, mas ele pode acabar cumprindo dez?"

"Certo. Seria prisão, não cadeia, mas isso é mais uma coisa técnica. E Linda se ofereceu para mudar de agressão sexual grosseira para agressão agravada".

Estas eram palavras que ele tinha ouvido antes, mas ainda parecia que ele estava correndo para acompanhá-la.

"Então o réu e seu advogado não gostaram disso", disse Sherie. "Eles queriam agressão simples e seis meses de prisão. Seu advogado estava agindo como se fosse impossível levá-lo a considerar seis meses, mas é sempre assim que os advogados agem quando negociam. Ela e Linda não conseguiram chegar lá. Pelo menos não hoje."

Agressão simples, o que quer que isso significasse, e seis meses de prisão. Ele se perguntou se seria aí que o caso terminaria, uma vez que ele disse a eles que estava mentindo. Que era pior do que ele disse, mas ele mentiu sobre isso. Ele falaria com Anne Marie e faria um plano para contar a verdade.

"E agora?" perguntou Nick.

"Tecnicamente, a seleção do júri é o próximo."

"Já!" Não ia demorar tanto quanto eles fizeram soar.

"Então, seu caso será agendado para a seleção do júri em março. Mas o réu provavelmente apresentará uma moção para afastá-lo mais do que isso. E quando a próxima data do tribunal acontecer, é apenas um dia de agendamento em que o juiz tenta resolver quais casos podem ter julgamentos naquele mês."

Ela fez uma pausa. "Tudo é possível, eu acho, mas você ainda deve estar preparado para o longo prazo. OK?"

"OK."

Eles desligaram e Nick ficou sentado por um momento. Anne Marie o deixou sozinho em seu escritório para atender o telefonema. Ele queria apenas pular essa parte - dizer a sua família que não havia acordo. Ele queria ir para a cama. Mas todos estavam esperando a notícia. E ir para o quarto dele e dormir não mudaria o fato de que o caso ainda existia.

Nick se levantou e enfiou a cabeça no corredor. Anne Marie estava por perto, conversando com Kedar.

"Sim?" ela perguntou quando o viu.

"Você pode me dar o número do celular da minha cunhada?" Ele não tinha permissão para ficar com seu celular a maior parte do dia aqui, e ele não tinha o número de Julia memorizado. Ele ligaria para ela. Ela poderia passar a notícia para Tony e seus pais. Seria muito mais fácil falar com ela do que com Tony.

JULIA H ALL, 2016

Julia e as crianças estavam fazendo um quebra-cabeça da Patrulha Canina na mesa de centro quando seu telefone tocou. Era Nick. Ela gemeu enquanto se levantava de seu assento no chão.

"Ei, só me dê um minuto." Ela saiu do quarto e subiu as escadas rapidamente. "O que aconteceu na audiência?"

"Não há acordo."

"Merda", ela sussurrou, e ela quis dizer isso mais do que Nick sabia. "Isso realmente é uma merda."

"Sim."

Ela fechou a porta de seu escritório. Checou suas anotações. "Uh, você está bem?"

"Sim, apenas decepcionado. Você se importaria de contar a Tony?"

"Certo." Nenhum acordo significava que Tony seguia em frente com seu próprio plano. "Na realidade. Isso me lembra. Ele estava dizendo que quer vir ver você."

"Ele faz?"

"Sim. Sexta-feira. Ele quer vir na sexta-feira desta semana."

"Tudo bem", disse Nick. "Você sabe por quê?"

Ela suspirou e se encostou na porta fechada. "Acho que ele sente sua falta."

TONY HALL, 2016

T aqui estava um grande envelope encravado na caixa de correio quando Tony chegou em casa. Estava endereçado a Julia *Clark* e tinha um endereço de remetente em Michigan. Ele teria adivinhado que era lixo eletrônico se não tivesse sido escrito à mão.

Ele podia ouvir Julia descendo as escadas enquanto as crianças o cercavam na cozinha.

“Alguém não sabe que você é casado,” Tony disse enquanto lhe entregava o pacote.

Julia olhou para o envelope e sorriu. “Ela sabe que sou casado. Só não respeita que eu mudei meu nome.”

“A sério?”

Júlia revirou os olhos. “Eu sou positivo.”

“Quem é ela?”

“Uma senhora com quem estou trabalhando no relatório de registros.” Ela começou a andar de volta para a escada e parou. “Antes que eu esqueça: Nick quer que você vá vê-lo na sexta-feira.”

Tony franziu a testa. “Esta sexta?”

“Sim. A audiência sobre um acordo foi adiada por mais uma semana. Ele quer ver você antes disso.”

Tony acenou, e eles começaram a subir as escadas juntos.

“Pareceu importante?”

“Importante para ele, sim.”

“Merda,” Tony disse baixinho. Eles chegaram ao patamar. Julia levantou um dedo, caminhou pelo corredor e colocou o envelope em seu escritório. Eles se mudaram para o quarto.

“O que há de errado?”

“Nada”, disse ele. “Eu só estava esperando ir vê-lo e ter algo. . . *bom* contar a ele, finalmente.”

Os olhos de Julia se arregalaram. “Aquele Walker está morto?”

“*Shhh* .”

“Não me cale, ninguém pode me ouvir. Você estava esperando que você tivesse. . . cuidou de Walker antes que você visse Nick novamente.”

“Tudo bem, sim.”

“Nick quer ver você e a corte em uma semana. Você só vai ter que ir.”

“Eu acho.”

Júlia cruzou os braços. “Uma vez que eles tenham a audiência, se não houver acordo, em quanto tempo você fará isso?”

“Você pararia?”

“Eu vou se você me der *algo* . Nada. Diga-me quando. Nem mesmo um encontro... que hora do dia?”

RAYMOND **W ALKER** , 2016

NO dia 15 de janeiro de 2016, às 18h, vestido com um roupão de banho e coçando a barba por fazer, Raymond Walker desceu as escadas e se perguntou, distraidamente, por que as luzes estavam apagadas na sala abaixo. Ele apertou o interruptor à sua direita quando saiu da escada. A lâmpada da sala de estar ganhou vida. Da mesma forma que a visão periférica de alguém pode registrar a forma vaga de uma aranha na parede, deslocada e ameaçadora, Ray viu a figura de um homem parado no escuro de sua cozinha.

JOHN RICE, 2016

bicando um relatório em seu computador quando a recepcionista o chamou.

"Detetive, há uma Darlene Walker ligando sobre o filho dela, Ray Walker, eu pensei que você ou Megan iriam querer atender."

"Sim," Rice disse rapidamente.

"Este é o detetive John Rice."

"Sim, olá, Sr. Rice – detetive Rice – esta é Darlene Walker. Estou ligando a respeito do meu filho, Raymond. Sua voz estava cheia de energia nervosa.

"Sim, senhora."

"Bem, algo aconteceu com ele, e alguém precisa vir aqui imediatamente."

Arroz endireitou. "O que aconteceu com ele?"

"Não sei, mas não consigo encontrá-lo! Eu estou na casa dele, ele me deu uma chave, e eu entrei quando ele não atendeu minhas ligações ou veio à minha casa hoje – nós deveríamos almoçar esta tarde, e ele não apareceu, não não liguei, não atendi quando liguei..."

"Senhora, você pode desacelerar um minuto? Você é-"

"Não, *você* precisa se apressar e vir aqui, você não pode tratá-lo diferente só porque você decidiu que ele é um criminoso, o que será inocentado nos tribunais, a propósito, eu estou confiante disso. Tentei ligar para a polícia onde moro, mas eles disseram que eu tinha que ligar para a polícia da cidade de Raymond, embora pareça um óbvio conflito de interesses."

"Tudo bem, senhora - *senhora* ." Rice fez uma pausa até que finalmente parou de falar. "Vou terminar em breve."



Rice parou do lado de fora da pequena casa cinzenta de número 47 . Então esta era a casa de Raymond Walker. Eles nunca tiveram uma causa provável para obter um mandado de busca por qualquer coisa além do DNA de Ray, que é claro que combinava com o kit de agressão sexual. Eles também conseguiram fazer uma busca no inventário do carro de Ray, depois de rebocá-lo do estacionamento da estação depois que ele foi preso. A busca não rendeu nada de valor aparente para a investigação envolvendo Nick Hall.

Rice podia ver uma luz acesa lá dentro enquanto subia a curta entrada de carros até a porta dos fundos — os degraus da frente estavam despojados

e não havia passagem discernível até eles. O carro de Ray estava estacionado na garagem.

Rice não tinha alcançado a porta antes que ela abrisse.

Uma mulher em torno de sua idade, mais ou menos algumas noites difíceis, inclinou-se para ele, imediatamente estremeando de frio. — Você é o detetive com quem falei?

"Sim." Ele ofereceu sua mão enluvada para apertar. "Devemos entrar?"

"Não estou consentindo com uma busca na casa." Ela apertou os lábios e olhou para ele como uma centena de pessoas tinha feito antes: como se ela pensasse que era uma professora de direito.

"Entendido. Apenas frio." Ele sorriu.

Darlene Walker voltou para dentro da casa, e Rice a seguiu.

O mudroom era pequeno, mas bem organizado. Prateleiras altas abrigavam sapatos e uma caixa de lenços; casacos pesados pendurados em um suporte. As botas de Rice rangeram no chão enquanto se moviam para a cozinha.

"Em. Walker, você disse ao telefone que não pode falar com Ray e esperava vê-lo hoje.

"Sim, eu estava esperando—"

"Desculpe cortar você, mas se eu pudesse fazer algumas perguntas específicas. Quando foi a última vez que você falou com Ray?"

"Sexta-feira de manhã, no telefone."

"Sexta-feira como ontem, ou sexta-feira como há uma semana?"

"Ontem."

Rice anotou *sexta-feira, 15 de janeiro*, em seu bloco.

"Fizemos planos *ontem* para almoçar *hoje*. Ele deveria me pegar".

"E ele não o fez."

"Não."

"Você está com seu telefone?"

Ela estreitou os olhos em suspeita, como se ele pudesse arrancá-la dela. "Por que?"

"Alguns horários específicos seriam úteis. Como a que horas você falou ao telefone, a que horas você tentou falar com ele e não conseguiu."

Ela se levantou e puxou o celular da bolsa no balcão. "Conversamos às dez e dezesseis ontem."

"De manhã", disse Rice enquanto escrevia.

"Sim", ela disse como se ele fosse estúpido. Claro que parecia uma pergunta óbvia, mas as pessoas estavam sempre pulando enquanto falavam com ele. Melhor acertar e trancá-la do que desejar que mais tarde ele tivesse sido mais metuculoso.

"Algum contato desde então?"

"Não. Eu tentei, mas ele não respondeu."

"Quando você tentou?"

"Ontem à noite eu mandei uma mensagem para ele sobre outra coisa, e então mandei uma mensagem para ele esta manhã sobre o almoço."

“Tempos?”

Ela suspirou. “Ontem à noite às oito e vinte e sete eu mandei uma mensagem para ele. Nada. Então, esta manhã, às onze e quinze, mandei uma mensagem para ele sobre a que horas ele chegaria na minha casa. Nada. Aí eu comecei a ligar.”

"Tudo bem", disse Rice. “Ele geralmente manda uma mensagem de volta? Minha filha não é exatamente confiável quando se trata de responder minhas mensagens, é tudo.

– O mesmo – disse Darlene baixinho.

"Que horas ele deveria pegar você hoje?"

"Meio-dia."

“Quantas vezes você ligou esta manhã?” Isso ele perguntou mais por curiosidade do que qualquer outra coisa.

Ela olhou para o telefone. "Treze."

Parecia certo. “E que horas você vem aqui hoje?”

Ela continuou a estudar seu telefone. “Não posso dirigir agora, então chamei um táxi aqui às doze e meia, e devo ter chegado antes de uma.”

“Por que você não pode dirigir?”

Ela olhou para ele então e disse concisamente: "Isso é particular."

"Tudo bem", disse Rice com um encolher de ombros e um sorriso. “Você me acompanha pela casa?”

Mais uma vez, a suspeita caiu sobre seu rosto. “Eu disse que não concordo com uma busca na casa. Não há nada fora do lugar.”

“Não preciso abrir nenhuma gaveta ou tocar no computador dele.” *Isso virá mais tarde*, pensou com feia satisfação. “Este é o meu trabalho. Eu posso ver algo que você não pode. Se você realmente acha que algo aconteceu com ele.

Darlene o encarou. Ela parecia que ia chorar - por um momento ele realmente sentiu por ela. Ela não sabia o que fazer, se devia confiar nele. Ray pode ter sido culpa dela; seu erro desencadeou no mundo, em pessoas como os Halls. Mas ele ainda era seu filho, e Rice não podia deixar de ter pena dela por isso.

Ele usou a pena para suavizar o rosto. "Dou-lhe minha palavra", disse ele. “Eu não estou brincando com você.”

A mãe de Raymond Walker acompanhou Rice pela casa. O primeiro andar era em grande parte um espaço aberto que não parava de retroceder: a cozinha desembocava em uma sala de estar com uma pequena área de jantar, que se estendia até uma sala que parecia uma marquise que havia sido aberta e melhor isolada. Havia um banheiro, um quarto extra e alguns armários no primeiro andar também. Tudo estava limpo e em ordem; não havia sinais de uma briga ou uma partida abrupta.

Darlene levou Rice escada acima até o quarto principal e o banheiro. O segundo andar era menor que o primeiro, mas a suíte era bem grande. Ocupava todo o andar. Tudo parecia quieto aqui também.

A pedido de Rice, Darlene abriu o armário para mostrar a mala do filho. Rice também notou o que parecia ser uma bolsa de ginástica no canto da sala, ao lado do cesto.

“Ele tem outras malas?”

“Não, eu comprei a mala para ele em seu aniversário há dois anos. Ele queria se livrar do seu antigo - tinha uma roda quebrada, ou estava rangendo ou algo assim. Acho que não rolaria. Então este é o único – é o que eu comprei para ele.” Não exatamente o que ele perguntou, e muito mais detalhes do que ele precisava, mas era difícil dizer se era suspeito. Parecia ser como a mulher falava em geral.

Ela estava ao lado da cama de seu filho com os braços cruzados, balançando do calcanhar aos pés. “Então agora você acredita em mim?” Seu rosto estava estranhamente presunçoso. Foi porque ela pensou que estava dando em cima dele, ou porque ela era o tipo de pessoa que teria alguma satisfação em provar que estava certa sobre qualquer coisa, incluindo o desaparecimento de seu filho?

Rice entrou no banheiro. Escova de dentes na pia. Darlene estava na porta atrás dele com as sobrancelhas levantadas, como se estivesse perguntando: *Bem?*

"Ele disse alguma coisa para você sobre ir embora?"

"Ele seguiu todas as suas pequenas regras."

“Alguém mais que possa saber onde ele está? Seu advogado?”

Darlene soltou uma risada como uma tosse. “Ele não contaria a ela.”

"Por que não?"

“Ela é parte de toda a raquete. Ela está nisso tanto quanto você. Pelo menos você não finge estar do lado dele.

Ele pensou no telefonema de Britny Cressey. Walker estava brigando com seu advogado, descontente com a forma como ela estava lidando com as coisas. Talvez ele tivesse fugido da cidade. Se tivesse, Rice precisava se mexer. Ele precisava congelar a casa e mandar uma equipe entrar — e Darlene precisava ir. "Vamos descer, eu preciso ligar para a estação."

Ele fez sinal para Darlene subir primeiro as escadas.

"O que você vai fazer?"

“Tente encontrar seu filho.” Ele acenou novamente.

“E você estará investigando todas as pessoas que o ameaçaram online, nos jornais e no rádio, e todos os criminosos sexuais reais que vivem por aqui, e aquele garoto que mentiu sobre o estupro em primeiro lugar. ?”

“Sim, vamos investigar todas essas coisas. Mas você precisa sair agora.”

“Vou esperar aqui caso ele volte para casa.”

Rice deu um passo em direção a ela, e ele se elevou sobre ela. Ela fedia a fumaça velha. “Não, Sra. Walker. Você precisa sair de casa”.

“Na verdade, detetive, você pode ir para o inferno.” Ela inexplicavelmente ergueu os dedos entre aspas enquanto dizia *Detetive*. Seu corpo estremeceu estranhamente enquanto ela batia na cama de seu

filho e se sentaya. “Você está apenas usando isso como uma desculpa para revistar a casa. É ilegal, e vou ligar para o seu supervisor.

“Você é mais que bem-vindo, mas você precisa se levantar dessa cama e sair desta casa imediatamente, ou eu vou prendê-lo por obstruir.” Não havia tempo para fazer isso suavemente. Se Walker tivesse corrido, cada minuto contaria. E se ele não tivesse. . .

Darlene o encarou, os olhos cheios de ódio.

“Você quer esperar por Ray, tudo bem. Você escolhe: faça isso da sua casa ou de uma cela de prisão.”

Ela se levantou da cama e passou por ele com uma enxurrada de ameaças de conseguir um advogado e processar seu departamento e pegar seu distintivo, sua voz rouca de lágrimas.

Rice chegou ao térreo no momento em que Darlene estava saindo. Ela segurava o casaco em uma mão e a bolsa na outra. Ela abriu mão da bolsa para Rice e gritou: “Você está tratando meu filho como um maldito criminoso!” Ela bateu a porta atrás dela.

Rice foi até a porta e a trancou. Da janela da cozinha, ele podia ver Darlene andando pela calçada, fazendo algo com as mãos. Na base da entrada ela se virou, um cigarro novo entre os lábios. Ela franziu a testa amargamente para a casa, disse alguma coisa, então começou a bicar seu telefone enquanto caminhava pela estrada. Ele tinha esquecido que ela precisava esperar por uma carona. Bem, havia um posto de gasolina e um café na rua principal, ela podia esperar lá. Ele se sentiu mal do estômago. Foi Darlene? Não. Era esta casa. Algo tinha acontecido aqui. Ray poderia ter fugido, mas ele era muito arrogante para fazer isso, não era? Sem mencionar que ele parecia ter deixado tudo para trás.

E, claro, havia o problema da ameaça. Alguém com todos os motivos para odiar Walker esteve nesta casa e ameaçou matá-lo. Tony Hall não parecia o tipo, mas quando realmente se tratava disso, ninguém nunca o fez.

JULIA H ALL, 2016

Desta vez, a detetive Rice veio sem avisar. Ele já tinha feito isso antes, Julia supôs enquanto o recebia, mas isso parecia diferente. A polícia devia saber que Walker estava desaparecido. Ele não queria dar-lhes tempo para colocar suas histórias em ordem.

O detetive chegou depois do café da manhã no domingo. Julia e Tony não tinham dormido nada na sexta-feira, e ela passou o sábado observando obsessivamente seu telefone e sobressaltando-se violentamente cada vez que tocava. Tony implorou que ela tentasse relaxar, mas era inútil. Então chegou o domingo de manhã, e o detetive deles estava na porta.

Ele rejeitou a oferta de café de Julia enquanto tirava suas pesadas botas de inverno. Tony pegou seu casaco e mandou as crianças para cima lerem em seus quartos. Os três estavam sentados na sala — Julia e Tony juntos no sofá, a detetive Rice em uma cadeira ao lado deles.

Ele se sentou, aparentemente pensando por um momento, então enfiou a mão no bolso da calça e tirou seu gravador de prata.

“Ray Walker está desaparecido.”

A franqueza de sua abordagem assustou Julia, e ela esperava que isso transparecesse em seu rosto. Ela olhou para Tony, que olhou de volta para ela. “O que?” ela perguntou, enquanto Tony disse: “Perdendo como?”

“Falta como falta.” Ele os estudou abertamente. “Preciso fazer algumas perguntas e gostaria de gravá-las.”

“Tudo bem”, disse Tony.

A detetive Rice tocou o gravador e o colocou sobre a mesa de centro.

“Como eu disse, Ray Walker está desaparecido. Gostaria que contasse seu paradeiro sexta e sábado desta semana. Ontem e anteontem.”

Julia olhou para o marido. Todos os três sabiam que Tony era o “você” que ele se dirigiu.

“Hum,” Tony disse com um aceno de cabeça, “Sexta-feira eu saí mais cedo do trabalho e fui ver Nick em Goodspring, e ontem nós estávamos em casa o dia todo. Além da biblioteca um pouco à tarde.”

“A que horas você estava no trabalho na sexta-feira?”

“Das oito às duas.” Tony olhou para Julia e ela assentiu. Um choque de adrenalina disparou através dela - ele a viu acenar com a cabeça? Eles pareciam ensaiados?

“E Goodspring?”

Suas veias zumbiram quando Tony respondeu. “Quatro a oito. Um pouco depois das oito, na verdade. Talvez oito e dez ou algo assim.

“E então?”

“Depois para casa.” Tony acenou para Julia. “Eu estava aqui um pouco depois das dez, certo?”

Ela limpou a garganta. Seu rosto estava dormente. “Sim, um pouco depois das dez.”

A detetive Rice olhou-a nos olhos e milagrosamente ela segurou firme. Ele assentiu e escreveu em seu bloco.

"Quanto a ontem", começou Tony, mas o detetive o interrompeu.

“Fazer alguma parada no caminho para casa?”

"Não", disse Tony. “Não, saí um pouco depois das oito e vim direto para casa. É como uma viagem de duas horas de volta de Belfast.”

"Goodspring faz você entrar para visitas?"

Tony fez uma pausa. "Sim, eles fazem."

“E trabalhar?”

Tony não disse nada. Ele estava olhando para a mesa de café.

Julia descansou a mão em sua coxa. "Mel?"

"Desculpe", disse Tony. "O que?"

"Você tem uma maneira de confirmar quando você estava no trabalho?"

“Eu não ligo nem nada”, disse Tony, “mas tenho certeza que a recepcionista pode garantir que estive lá até as duas. Ela rastreia nossos calendários.”

“E ontem eram só vocês dois e as crianças o dia todo?” Os olhos do detetive se voltaram para o teto, e Julia se perguntou se ele pediria para falar com eles.

"Eles foram para a casa da minha mãe para uma festa do pijama na sexta-feira", disse Julia. “Ela os deixou no sábado de manhã, não me lembro quando.”

"Talvez nove ou dez", disse Tony.

Ambos sabiam que eram 9h17 – eles estavam olhando o relógio obsessivamente naquela manhã. Mas saber algo muito específico soaria mal.

“Não podemos deixar tudo perfeito”, Julia havia sussurrado nas horas nebulosas entre sexta e sábado. Eles deitaram na cama, a cabeça de Tony em seu peito, sua camisa molhada com suas lágrimas. Sua voz estava tão calma então. “Eles vão ter que nos questionar porque sabem que você o ameaçou. Você tem Goodspring, no entanto.

Tony assentiu contra o peito dela.

“Levará tempo para eles decidirem que você deve ter estado com Nick. Antes disso, eles vão nos questionar. Não podemos parecer que sabíamos que isso ia acontecer. Precisamos agir inseguros das coisas, mas apenas nas menores maneiras. ”

O detetive Rice estava circulando algo em seu bloco de notas. Talvez ele ligasse para Marjorie para confirmar que Tony estava em casa quando ela deixou as crianças no sábado de manhã. Talvez a polícia ainda não soubesse que Walker já tinha ido embora pela manhã. Julia endireitou a postura para mascarar o tremor que percorreu sua espinha.

Estaria tudo bem. Estaria tudo bem. A ficha de inscrição na Goodspring colocaria Tony lá das 14h às 20h. A viagem de volta para o sul levava duas

horas. Por enquanto, isso deixava Julia como a única testemunha das horas de Tony no final da noite de sexta-feira e no início da manhã de sábado. Estava longe de ser hermético – ela mentiria por ele, qualquer um tinha que supor isso. Mas a polícia acabaria descobrindo: que Tony tinha um álibi para o tempo que importava.

“Júlia.” O detetive Rice virou o corpo com atenção. "Você estava em casa quando Tony chegou na sexta à noite?"

"Sim", disse ela. E ela tinha sido. Ela estava sentada na sala de jantar, com a televisão ligada na sala ao lado, e esperou. Mesmo agora seu estômago se apertou, lembrando o quão perto ela se sentiu de vomitar enquanto esperava que ele voltasse para casa.

“E quando você se lembra dele em casa?”

“Apenas alguns minutos depois das dez.” Ele segurou o olho dela por um instante. Ela deveria dizer mais? “Só sei disso porque estava assistindo a cabo normal. E um novo show tinha acabado de começar, então era provavelmente, tipo, dez oh três? Eu estava esperando que ele voltasse para casa. Para que eu pudesse ouvir sobre como foi com Nick.” Tony pegou a mão dela e a apertou. Ela estava falando demais.

“E desde quando ele chegou em casa até as crianças entrarem, algum de vocês saiu de casa em algum momento?”

“Não,” ela disse. “Acabamos de conversar sobre a visita dele com Nick e fomos para a cama.”

A detetive Rice pegou o gravador da mesa de centro e o parou. Ele embolsou a barra de prata, junto com seu caderninho e caneta.

Ela o acompanhou até a porta, onde ele calçou as botas e o casaco. Enquanto ela o observava marchar pela calçada da frente, ocorreu-lhe que ele não os havia separado, como ela esperava. Ele fez suas perguntas a ambos ao mesmo tempo, permitindo que ela ouvisse as respostas de Tony e simplesmente as confirmasse. Ele não tinha feito perguntas sobre ela.

Ele achava que eles eram inocentes. Ou talvez ele só quisesse que eles fossem.

TONY **H**ALL, 2016

Julia acompanhou o detetive até a porta. Do sofá, Tony podia ver o detetive Rice calçando as botas, amarrando os cadarços em silêncio.

Deixe sair deixe sair saia SAIA — estava enchendo a boca de Tony, forçando contra os dentes que ele estava tão perto de gritar.

A porta se fechou.

Tony se levantou. "Jesus Cristo. Ah, Cristo."

"Shh," Julia sibilou do corredor. "Fale baixo."

"Eu não acho que isso importe. Acho que nada importa."

Agora ela estava na porta da sala de estar. "O que você está falando?"

A boca de Tony estava correndo, tropeçando no hálito quente. "Eu fodi tudo."

"Você não estragou nada, você se saiu bem. Você está apenas chateado. Respire."

"Não, hoje não. Eu fodi tudo naquele dia."

"Quão?"

Tony atravessou a sala de jantar, esbarrando em uma cadeira. "Se eles acham que ele está morto, é isso. Eu sou isso. Eles estarão atrás de mim."

Julia o seguiu até a cozinha. "Respire fundo, eu mal consigo te entender."

Ele gemeu, passou as mãos pelo cabelo. "Para que serve um álibi se não há tempo ligado a ele?"

Alguém estava descendo as escadas. As crianças estavam gritando umas com as outras sobre os filmes que queriam assistir.

A voz de Julia era baixa, mas focada no laser. "O que você está dizendo?"

"Em Goodspring," Tony sussurrou enquanto as crianças corriam pelo corredor. "Esqueci de preencher o horário de saída."

JOHN RICE, 2016

Enquanto Rice se afastava da casa de Hall no final da manhã de domingo, ele ligou para a técnica de provas chefe da unidade, Tanya Smith, para uma atualização sobre a casa de Walker.

A voz de Smith traiu sua tendência de polir um maço de Marlboro Lights ao longo de um único turno. "Nós temos um telefone celular", disse ela. "O'Malley está conseguindo um mandado, mas duvido que isso importe. É um iPhone. Terá uma senha. A menos que seja o aniversário da mãe dele, duvido que possamos entrar.

Arroz grunhiu. Com o advento do smartphone veio todo um universo de provas suculentas, mas apenas se você pudesse chegar até ele. Nada convenceria a Apple a deixar a aplicação da lei passar uma senha, mandado ou não. Você provavelmente poderia ter alguém produzindo pornografia infantil com o próprio telefone e eles não cederiam. O telefone era um beco sem saída.

"Nós cobrimos o andar térreo da casa neste momento. Williams coletou algumas impressões; até agora estou seco com os fluidos." Ela riu da piada que ele a ouvira fazer pelo menos duas vezes antes.

Rice começou a assinar. Ele queria ligar para Goodspring. "Obrigado, Tânia."

Na linha, ele ouviu o raspar de um isqueiro. Smith falou em torno de um cigarro. "Eu digo que terminei?"

"Você está fumando em toda a minha cena do crime?"

Smith deu uma gargalhada de bruxa. "Foda-se, foda-se." Ele sabia que ela estaria na rua, longe da cena.

"Pode ser nada," ela disse, seu tom cauteloso. "Basak vasculhou a rua, e a senhora ao lado disse que viu dois homens andando pela rua na noite de sexta-feira."

"Realmente," Rice respirou.

"Sim, por volta das sete e meia. Descendo a rua, longe da direção da casa dela e da de Walker.

"Ela descobriu algum detalhe?"

"Altura e constituição médias, talvez um pouco mais volumosas. Não conseguia distinguir o tom da pele ou a cor do cabelo ou qualquer coisa assim. Já estava escuro, e acho que ela não prestou muita atenção neles.

"Mas ela acha que eram sete e meia?"

"Isso é o que ela disse."

Quando desligaram, Rice havia estacionado em um Dunkin' Donuts. Ele ligou para O'Malley, e ela o encaminhou para o correio de voz. Um minuto depois, seu telefone tocou: ela mandou uma mensagem,

Ligo para você em breve.

Ele passou pelo drive-thru e pediu um pequeno: dois cremes, dois açúcares.

Uma noite atrás, O'Malley enviou meticulosamente as informações de identificação de Walker e uma foto de identificação para todas as empresas de táxi, estações de ônibus, estações de trem e aeroportos na Nova Inglaterra, e agora ela estava acompanhando por telefone. Que Walker ficou nervoso e fugido da cidade era a explicação mais simples, mas Walker parecia incapaz de ver o quão culpado ele parecia. Ele vomitou confiança em todos os lugares que podia – no jornal, no rádio, nas mídias sociais. No último artigo que Rice leu sobre o caso, em algum momento nas últimas duas semanas, sua advogada parecia estar armada para o urso. Mas então, Britny Cressey disse que Walker estava em pânico. Alguém que fez o que Walker fez com Nick Hall — esse tipo de pessoa era bom em esconder suas verdadeiras intenções, não era? Pensando bem, a conversa incessante de Walker sobre sua inocência poderia ter sido uma distração. Um plano de longo prazo para decolar poderia até explicar por que ele relatou o incidente com Tony Hall, mas não prestou queixa - para turvar as águas de seu desaparecimento planejado.

Um garoto magricela passou o café para Rice pela janela. Ele deu a volta no prédio, voltou para o estacionamento e estacionou.

Dois homens, um um pouco maior e mais volumoso. Podem ser dois irmãos.

Mas os homens foram vistos às sete e meia. Tony Hall não poderia estar andando por uma rua em Salisbury, se ele realmente estava em Goodspring das quatro às oito. Mesmo que o vizinho estivesse um pouco atrasado, era algo como uma viagem de duas horas do programa de Nick até Salisbury. Rice encontrou on-line o número do Centro Psiquiátrico Goodspring e seu estômago revirou quando ele pressionou para ligar.

O homem que atendeu não estava trabalhando na sexta à noite, mas ficou feliz em verificar a folha.

"Tenho um Tony Hall aqui no dia 15 de janeiro às quatro da tarde em ponto."

"É o tempo de saída?"

"Não está preenchido."

"Não está *preenchido*," Rice repetiu.

"Correto, senhor."

"Então, não há como saber quando ele saiu." Um pequeno álibi puro evaporando no local.

"Você poderia falar com quem trabalhava na mesa. Acho que é Ida, mas vou me certificar. Ou você pode falar com o paciente que ele atendeu, se souber quem foi, mas não posso dar..."

"É normal ver o tempo de saída em branco?"

"Sim, ou pelo menos não *não é* normal. Eu digo às pessoas quando elas entram para assinar quando saem. No final do turno, percorro a lista e me certifico de que todos foram embora. Mas às vezes as pessoas esquecem. Eu

lembro as pessoas se eu notar que elas estão esquecendo quando estão saindo. É realmente apenas manutenção de registros e segurança, sabendo quem está no prédio.”

“Um visitante pode sair sem você ver?”

“Acho que tudo é possível, mas a menos que eu esteja na lata, estou na mesa. E se ele viesse de carro, precisaria de suas chaves de volta.

“Você tem as chaves?”

“Sim.”

Rice pediu ao homem que descobrisse quem estava trabalhando na sexta-feira e que essa pessoa ligasse para o celular dele. Ele perguntou sobre as imagens de segurança da entrada, mas o homem disse que deveria ligar de volta durante a semana para falar com a pessoa certa sobre isso.

Rice desligou e tomou um gole de seu café. A princípio, a conveniência do álibi de Tony o incomodou, mas não estava se tornando tão conveniente, afinal. Se o Walker simplesmente decolasse, todo esse negócio de despedidas não importaria muito. Mas se Walker aparecesse morto na floresta, bem, Tony Hall era um suspeito óbvio. Rice colocou o café no porta-copos. Estava lhe dando dor de estômago. Que tudo isso pudesse significar problemas para a família de Tony — Julia, seus filhos, Nick — não fazia a menor diferença. Esse era o trabalho do juiz: decidir como sentenciar um homem de família que havia se tornado maluco, feito algo monstruoso, mas talvez compreensível em algum nível. Essa não era a preocupação de Rice. Primeiro foi problema do juiz e, por fim, foi problema de Deus. O trabalho de Rice era mais fácil. Ele não teve que pesar o certo e o errado — não conseguiu. Ele só tinha que encontrar a verdade.

JULIA H ALL, 2016

O som fez Julia se levantar antes que ela reconhecesse que seu telefone estava tocando. Com ele veio uma onda de ácido na parte de trás de sua garganta. Ela bateu a mão no telefone sobre a mesa na frente dela. *Por favor*, ela pensou, *por favor, seja qualquer um, menos...*

Era Nick.

"Tony está aí?" ele perguntou.

"Não ele não é." Julia entrou na cozinha vindo da sala de jantar onde estava sentada. Tony estava no andar de cima tomando um banho frio, ainda tentando se acalmar depois da visita do detetive. Ela não queria que ele a ouvisse ao telefone quando saísse. Isso só iria estressá-lo mais.

"Está tudo bem?"

Não, ela pensou enquanto entrava no banheiro e fechava a porta atrás dela. Longe disso. "Por que, alguém ligou para você?"

"Eu tentei primeiro, mas ele não respondeu. Onde ele está?"

"Usuario. Diga-me por que você está perguntando."

"O cara da recepção disse que um detetive ligou perguntando sobre Tony."

Julia chutou os sapatos das crianças para fora do caminho enquanto começava a andar de um lado para o outro no banheiro. — Você já falou com eles?

"A polícia?"

"Sim," Julia respirou.

"Não, eles vão me ligar? O que está acontecendo?"

Não havia razão para não contar a ele, havia? Seria estranho ela não falar, se a polícia *falasse* com Nick e descobrissem que ele tinha falado com Julia, mas ela não tinha mencionado isso.

Nick falou novamente. "Está acontecendo alguma coisa com *ele*?" Era um "ele" reservado apenas para Raymond Walker.

"Pode ser." Ela empurrou um sapato contra a parede com o pé direito. "Ele está desaparecido."

A voz de Nick estava calma. "Ray está desaparecido?"

"Sim. A detetive Rice veio à casa esta manhã e nos contou. Eles não podem encontrá-lo."

Houve silêncio.

"Usuario?"

"Sim?"

Seu estômago revirou. Ela respirou fundo; o banheiro cheirava a borracha molhada e pés velhos. "Diga-me que Tony estava com você na sexta-feira."

"Ele era."

“Até as oito.”

Nick fez uma pausa. — Ele lhe contou sobre o que conversamos? sim. Ele contou tudo a ela. Tarde demais para ela fazer alguma coisa sobre isso, mas ele contou tudo a ela.

"Eu não sei o quanto devemos conversar agora", disse ela. A possibilidade de que o programa monitorasse os telefonemas dos moradores parecia pequena, mas não havia como ela arriscar. Eles não podiam falar detalhes. Mas havia uma coisa que ela *tinha* a dizer. Não era justo pedir uma única coisa a Nick. Não depois de tudo o que aconteceu com ele; depois de tudo que lhe foi tirado. Mas ela tinha que ter certeza que ele daria a resposta certa se ele fosse perguntado.

"Eles podem ligar para você", disse ela. "Perguntar se Tony estava lá até depois das oito da sexta-feira. Parece que eles estão checando ele, porque, você sabe. Mas como ele disse a eles, ele estava com você até pouco depois das oito da sexta-feira.

Houve uma batida. "Sim, ele era."

"Acho que ele não preencheu a folha de saída. Então eles podem perguntar a você quando ele foi embora.

"OK. Eu direi a eles."

Julia caiu contra a porta da cozinha; ficou legal nas costas dela. O que ela teria dado para desligar o telefone agora. Ser capaz de correr para o campo de trás e gritar. Desmoronar no chão com os sapatos sujos. Chorar. Por que ela não podia chorar? Sua barriga estava cheia de água salgada — todas as lágrimas que ela engoliu naquele fim de semana. Ela e Tony sempre foram bons em calibrar: quando um subia, o outro descia. Tony estava um desastre agora, então ela era a âncora. Ela nem precisou trabalhar para isso. Simplesmente aconteceu; ela simplesmente era. Ela não queria ser. Ela queria gritar e chorar e correr. Ela queria expulsar tudo o que estava dentro dela.

"Que confusão", disse ela.

"O que eu faço agora?"

O que Nick *deveria* fazer? Como eles poderiam sobrecarregá-lo com isso? Ele estava em uma instalação, pelo amor de Deus. Ele tentou overdose em seus antidepressivos. Ele estava se cortando. Manter um segredo quase o matou. O que diabos ele deveria fazer com isso?

E então ela pensou no que Tony disse a ela, sobre sua última conversa com Nick. As últimas coisas que disseram um ao outro antes de ele entrar no carro e dirigir para o sul. Nick estava cansado de ser mimado. Cansado de todo mundo lidando com ele com luvas de pelica, agindo como se o estupro provasse que ele era fraco. E ela sabia, talvez, como ele poderia sobreviver a mais um segredo.

“É a sua vez de proteger Tony.”

JOHN RICE, 2016

Rice parou na casa de Walker no final da manhã de segunda-feira. A entrada da garagem foi isolada, impedindo qualquer um de aumentar as pegadas na neve ali. A tripulação estava usando a porta da frente para entrar e sair. Procurar uma cena de crime em potencial sempre significava causar algum dano a essa cena. Como a calçada da frente estava totalmente livre de impressões no dia em que Rice conheceu Darlene Walker na casa, esse foi o caminho que eles escolheram para andar.

Mais cedo naquela manhã, Rice e O'Malley se encontraram na estação logo no início, e eles repassaram seus planos para o dia. Rice ia checar com a equipe de provas terminando na casa. O'Malley continuaria ligando para todos os pontos de viagem, tentando manter a pressão sobre eles para verificar seus sistemas de vigilância e listas de passageiros.

Antes que ele tivesse a chance de ligar para Tanya Smith para uma atualização, Smith mandou uma mensagem para Rice e pediu que ele a encontrasse em casa – havia algo que ele precisava ver. Smith gostou do drama de uma revelação pessoal, mas ela teria dito a ele se ele ligasse e perguntasse o que ela encontrou. Rice não queria ligar — ele não queria saber o que quer que fosse antes do necessário. Ele também não queria admitir para si mesmo como dormira mal na noite anterior, preocupado com o que Tony Hall poderia ter feito com Walker.

Quando Rice saiu do carro, o policial Mike Basak estava esperando por ele na porta da frente da casa. Ele era o uniforme que havia falado com a vizinha sobre os dois homens que ela pensou ter visto na área na sexta-feira. Agora, Basak acenou para Rice na passarela da frente.

“Eu coletei algumas pegadas de sapato na entrada e na porta lateral,” Basak disse, “então eu vou precisar pegar uma pegada de suas botas em algum momento, já que você estava aqui com a mãe. Ele tem muitos sapatos dentro, então todos podem ser dele, mas você nunca sabe até saber.” Ele deu de ombros e entregou a Rice um par de capas para seus sapatos para que ele pudesse entrar na casa. “Começando a parecer que poderíamos ter uma cena de crime, no entanto. Smith quer você no banheiro do andar de cima.

Dos degraus mais altos da escada para o quarto de Walker, Rice podia ver Tanya Smith no banheiro escuro do outro lado da sala. Smith havia bloqueado a janela sobre a banheira, deixando o espaço em sombras.

"Você ligou", disse Rice.

Smith se levantou e saiu de vista para pegar alguma coisa. Sua voz ecoou no teto alto quando ela disse: "Você sabe onde isso vai dar."

O estômago de Rice rolou lentamente, e ele imaginou uma banheira cheia do brilho de um corpo de luminol. Ele forçou a conversa de sempre.

“Trabalho de limpeza ruim?”

"Sim", disse Smith quando ela saiu do banheiro. Ela segurou a câmera na mão direita, a alça balançando. Eles se encontraram no centro do quarto, uma leve lufada de cigarros velhos em seu cabelo. Na tela LCD de sua câmera, ela apertou Play em um vídeo. Mostrava o banheiro escurecido com uma pitada de luminol brilhando na borda da banheira e uma mancha maior no chão embaixo.

"Fatal?"

"Não", disse Smith. O vídeo subiu para o interior da banheira para mostrá-la impecável. “Encontramos uma toalha ensanguentada na lixeira, então varri o banheiro, mas isso era tudo o que queimava. O esfregado é apenas do tamanho de uma toalha de mão, não uma quantidade fatal de perda de sangue aqui. É mais a localização que me pega – não parece exatamente uma lesão de barbear.”

“Não,” Rice concordou enquanto se movia para a beira do banheiro. O brilho do luminol havia desaparecido há muito tempo, mas ele queria ver a banheira. Era uma banheira antiquada com pés de garra, sozinha no meio da sala – havia um chuveiro separado no canto direito do banheiro. Pia no canto esquerdo. Então havia sangue na borda externa da banheira e no chão embaixo. Lesões comuns no banheiro eram se cortar ao se barbear, como Smith disse, talvez escorregar na banheira e bater na cabeça, mas não do lado de *fora* da banheira, deixando você sangrando no chão.

“Ele tem um porão com uma pia e uma lavadora/secadora”, disse Smith. “Achei que você gostaria de se juntar enquanto eu verifico o resto dos pontos quentes.”

O celular de Rice tocou e tocou no bolso do casaco. “Sim,” ele disse distraidamente enquanto pegava o telefone – código de área de Belfast. Ele acenou com a tela para Smith e disse: “Goodspring”.

Atravessou o quarto e desceu para a cozinha enquanto atendia a ligação.

Era Ida, disse ela, da recepção do Goodspring. Sua voz era amigável, embora um pouco ansiosa. “Eles disseram para ligar para você?”

Rice se apresentou. “Você estava trabalhando na mesa na sexta passada?”

"Sim."

“Um homem chamado Tony Hall veio ver seu irmão?”

“Eu não devo revelar quem é um paciente aqui—”

"Bem, eu só quis dizer-"

"Mas", disse ela, "Tony Hall veio na sexta-feira."

"OK. Ele lhe mostrou uma identidade?"

“Ele não precisava. Já o vi aqui antes. Não é um rosto que você esquece.” A mulher riu nervosamente.

“Ele não é feio”, disse Rice.

"Não. Ele está em apuros?"

"Você se lembra quando ele saiu na sexta-feira?"

“Eles disseram que você estava perguntando sobre o horário de saída. Ele estava aqui tão tarde que eu tinha feito as malas para ir embora; Acho que foi assim que me esqueci de deixá-lo sair.”

“Quão tarde era?”

“O horário de visita termina às oito, provavelmente alguns minutos depois disso.”

“Alguns minutos significando?”

“Oito e dez, talvez.”

Então Tony ficou em Goodspring até depois das oito. A duas horas de carro. *Talvez* ele pudesse cortar quinze minutos com um pé de chumbo.

Ida continuou. “Ele e sua, uh, a pessoa que ele estava visitando, eles estavam tendo uma conversa séria, eu não queria apressá-los, mas eventualmente tive que expulsá-lo.”

“O que eles estavam falando?”

“Não sei. O que está acontecendo?”

— Por que você diz que foi uma conversa séria? disse arroz.

Ela fez uma pausa. “O jeito que eles pareciam, eu acho. Eu podia vê-los da mesa. Parecia que eles estavam brigando, em um ponto.”

“Você segurou as chaves do carro dele quando ele entrou?”

“Sim, nós temos que fazer.”

“E você conseguiu vê-lo o tempo todo que ele estava lá?”

Ela fez uma pausa. “Bem, as visitas não são, tipo, supervisionadas. Então eu não estava assistindo eles o tempo todo.”

“Mas eles estão acontecendo perto de sua mesa?”

“A maioria das visitas são na sala de visitas, da qual consigo ver parte. Mas Tony Hall voltou com uma pessoa da equipe primeiro.”

Rice agradeceu a Ida e pediu que ela ligasse de volta se pensasse em mais alguma coisa. Alguém pode estar em contato com ela sobre uma declaração por escrito. Ela parecia desapontada por desligar com ele. Talvez ele tenha identificado erroneamente o tom de sua voz quando ela ligou pela primeira vez. Em vez de nervosismo, talvez fosse excitação em sua voz. Ela queria ter algo importante para dizer – queria que algo acontecesse, como ela ficava perguntando. Mas se Tony Hall estava em Goodspring até depois das oito, ele não poderia ter sido um dos homens na rua de Walker às sete e meia. Eles podem não ter nada a ver com isso, mas parecia *algo*. Fosse o que fosse, envolvia o sangue no banheiro?

“Smith,” ele gritou escada acima. “Pronto para o porão quando—”

Seu telefone ligou novamente e ele riu alto. Nunca acaba.

O nome de O'Malley estava na tela desta vez. “Espere”, ele gritou para Smith.

Rice voltou-se para o balcão da cozinha. Ele respondeu gravemente. “Eu tenho sangue no banheiro de Walker e nada além de perguntas.”

“Eles vão ter que esperar”, disse O'Malley. “Eu tenho Walker.”

JULIA H ALL, 2016

No banco de trás, a voz doce de Seb foi abafada pelo lenço de algodão que ele estava chupando. “Podemos brincar de pega-pega quando chegarmos em casa?”

Julia o olhou pelo retrovisor enquanto dirigia. Havia uma mancha molhada no centro do lenço, onde estava sua boca.

“Está nevando demais,” Chloe disse enquanto se aproximava e puxava o cachecol dele para baixo.

“Assim?” Respondeu Seb.

“Eu quero fazer um forte,” Chloe disse.

Seb gritou. “Você vai ajudar, mamãe?”

Julia fez uma careta para o espelho. “Eu não estou me sentindo muito bem, querida. Acho que preciso ficar”.

“O que há de errado?” Chloe perguntou.

“Só estou com dor de cabeça. Vou guardar as compras e descansar um pouco.” Julia torceu as mãos para frente e para trás no volante. “Vocês dois podem brincar lá fora, no entanto.” Ela queria dar às crianças alguma aparência de normalidade enquanto ela e Tony estavam tão chateados, mas não havia como ela brincar na neve hoje. Ela mal conseguiu vestir calças de verdade e ir ao supermercado antes de pegar as crianças no ponto de ônibus.

Julia entrou na garagem e estacionou. As crianças se soltaram quando ela pegou as duas sacolas de mantimentos no porta-malas.

Seb passou por ela, mas Chloe parou no portão. “Você vai nos assistir?”

“Por um minuto”, disse ela.

Chloe sorriu e correu atrás do irmão.

Julia parou na cerca e colocou as sacolas na neve. Chloe correu para a beira do quintal, para o local onde os açafreões explodiam da terra a cada primavera. Eles estavam enterrados agora, dormindo profundamente sob a neve. Julia sentiu, por um momento, que tinha esquecido que a fonte existia. Ela havia esquecido que tudo, até certo ponto, era finito. Mesmo o inverno sombrio que, há poucos dias, parecia interminável, terminaria.

Seb gritou enquanto corria atrás de Chloe, tentando acompanhar. Os dois rastrearam suas pegadas por todo o quintal. Atrás deles, os campos ondulantes de Orange se estendiam até tocar a linha das árvores nevadas.

A terra bocejaria e se esticaria na primavera, e tudo mudaria novamente. Tudo menos um: o que aconteceu nunca mudaria.

Cúmplice. Era uma palavra tão persistente. O sol nasceu naquela manhã, branco-amarelo e frio, e eles chegaram à segunda-feira, e agora ela seria cúmplice pelo resto de sua vida. Ela nunca seria *boa* novamente. As crianças caíram de joelhos e enterraram as mãos na neve.

Uma adaga de um pensamento cortou o centro do cérebro de Julia, e *cúmplice* era uma mentira. *Cúmplice* era muito suave, muito quieto, para isso. Seus ouvidos começaram a tocar, um zumbido eletrônico que ficou mais alto, o pátio à sua frente começou a escurecer. Julia agarrou o poste da cerca. Apertou o mais forte que pôde. Por um momento, a sensação de madeira contra sua palma foi a única coisa que ela pôde sentir. Seus joelhos fraquejaram, mas ela ficou de pé. Ela se pendurou no poste, e o mundo voltou, lento e quente em seus ouvidos. Quando sua cabeça se estabilizou, ela se endireitou e olhou de volta para o quintal. As crianças não tinham notado; eles estavam raspando a neve em um monte.

O coração de Julia batia forte, mas seu estômago estava se acalmando, sua visão estava clara e ela afrouxou o aperto na cerca. Seus filhos estavam seguros. Tony estava seguro. Eles estavam seguros. Eles estavam inteiros. Isso era tudo o que importava. O resto ficaria mais fácil. A primavera chegaria, e ela esqueceria quem se tornara no inverno.

Julia se virou para pegar suas sacolas de compras. Um deles tombou; ela se agachou para pegar as laranjas e o pão derramados de volta na sacola. Enquanto ela se levantava, um carro escuro passou pela casa e desceu a rua. Ela não deu importância e entrou na casa.

JOHN R ICE , 2019

Eu sei o que aconteceu”, disse Rice. Parecia que minutos se passaram desde que ele falou, mas provavelmente foi uma questão de segundos. “Sempre me perguntei se você também sabia.” *Bem, não mais* , ele pensou. O choque em seu rosto lhe disse tudo: por todos esses anos, ela nunca soube que ele tinha descoberto. Ela não tinha ideia de que o havia tornado cúmplice de seu crime. Ela foi responsável pelo pecado mais colossal que ele cometeu em seus dias na terra, e ela nem sabia disso. Pelo menos, não até este momento.

Julia estava sentada ao lado dele, o lábio inferior aberto, revelando uma fileira de dentes trêmulos.

O que ela deve estar sentindo? Uma pequena parte dele queria puni-la, deixá-la murchar sob suas palavras. Comparado com seus anos de conhecimento pesado, anos de oração por perdão por um pecado que era perpétuo, Rice pensou que um momento de sofrimento era realmente uma sentença curta.

"O suficiente." A palavra era dura, e ela começou. "Eu quero ouvi-lo."

"O que?" ela sussurrou.

"Eu quero ouvir isso de você. Diga-me o que eu já sei. Conte-me o que aconteceu no dia em que ele desapareceu.

4.

AFORTUNADO



Não tente fazer da vida um problema de matemática com você no centro e tudo saindo igual. Quando você está bem, coisas ruins ainda podem acontecer. E se você for ruim, ainda pode ter sorte.

BARBARA KINGSOLVER, A BÍBLIA DE POISONWOOD

TONY HALL, 2016

ÀS 16h do dia em que Raymond Walker desapareceria, Tony Hall chegou a Goodspring. A mulher bonita na recepção se animou quando ele entrou pela porta. Ela parecia estar na casa dos quarenta, com o cabelo louro espesso que ela tinha preso em um grampo cada vez que ele entrava. Sempre havia um ar sobre ela, como se ela soubesse tudo o que acontecia com Nick e ela queria Tony para conhecê-lo.

"Senhor. Salão, certo?"

"Sim", disse Tony enquanto batia suas botas no tatame.

"O funcionário principal do seu irmão disse para esperar você. Ela está aqui hoje."

"Ela não está normalmente?"

"Ah, não, ela é. Só quero dizer que ela está aqui para sua reunião com Nick.

O rosto da mulher implorava que ele perguntasse por quê. Em vez disso, ele disse: "Ah, tudo bem", e deslizou as chaves do carro pelo balcão em direção a ela.

Ela pegou as chaves e empurrou a folha de registro para ele. Provavelmente a fazia se sentir importante, trabalhando ali, mergulhando os pés no drama da vida de outras pessoas.

Ela puxou o lençol e disse: "Vou avisar Anne Marie que você está aqui".

Um casal entrou atrás dele, e Tony se afastou da mesa. Ele ficou de lado, fixo nas portas duplas para as quais a mulher apontou algumas vezes enquanto falavam.

Depois de um minuto, uma mulher apareceu naquelas portas. Ela parecia ter a idade de Nick; jovem demais para ser sua terapeuta, ou o que quer que ela fosse.

"Senhor. Salão?"

Tony foi até ela rapidamente.

"Eu sou Anne Marie." Eles apertaram as mãos, e a mulher se virou para começar a andar pelo corredor. "Eu sou o principal profissional de saúde mental de Nick aqui. Nick está ansioso para vê-lo.

"Está acontecendo alguma coisa?" Tony ainda não sabia por que Nick o convidara para visitá-lo.

"Bem, já que você estava chegando, Nick perguntou se poderíamos fazer uma pequena sessão de grupo. Ele quer falar com você sobre alguma coisa." Ela apontou para uma porta que eles estavam se aproximando rapidamente. "Estou realmente aqui apenas para dar apoio. Não vamos demorar muito, e então vocês dois podem se mudar para a área de visitação.

Ela abriu a porta sem parar. Nick estava sentado em uma pequena cadeira no lado oposto da sala, seu cabelo encaracolado brilhando ao sol

baixo do final da tarde.

Ele se levantou para abraçar Tony. Tony se acostumou com o novo e tenso abraço de Nick e começou a soltar os braços depois de um único aperto. Nick segurou firme, porém, e Tony olhou para o lado de seu rosto, colocou os braços de volta ao redor de seu irmãozinho, fechou os olhos e o abraçou profundamente pela primeira vez desde que se lembrava. Era o tipo de abraço que afundou em seu peito.

Quando eles se soltaram, Anne Marie estava sentada atrás de uma pequena mesa perto da porta e fez sinal para Tony se sentar ao lado de Nick.

"O que está acontecendo?" Tony disse a Nick.

Nick olhou para Anne Marie.

"Usuario?" ela disse.

"Acho que queria falar com você sobre algumas coisas."

"Sobre aquela noite?"

"Não. Sobre nós."

"Oh." O nó no estômago de Tony afrouxou. Ele olhou para Anne Marie.

"Ah, estamos fazendo terapia?"

Anne Marie riu e Nick sorriu nervosamente. "Se tudo bem?"

"Sim", disse Tony. "Certo."

"Eu só queria falar com você sobre algo, e eu sinto que sempre que eu tento, eu fico confuso na minha cabeça. Mas quando estou com Anne Marie, ou quando estou com Jeff, posso falar melhor sobre isso."

"Está muito bem. Sobre o que você quer falar comigo?"

"Estou com tanto medo de parecer que estou culpando você."

O nó voltou. "Para que?"

"Eu não sou, no entanto. Por favor, tente ouvir, por favor, tente me ouvir, porque eu não te culpo por nada. Você fez mais por mim do que papai ou minha mãe jamais fizeram. Mais do que eu acho que eles poderiam – eu não acho que eles são capazes de amar de uma maneira normal. Mas isso não é sobre eles ou o que há de errado com eles. Tenho tanta sorte de ter você, estaria fodido sem você."

"Tudo bem", disse Tony.

Nick olhou para Anne Marie, e ela acenou para ele.

"Às vezes, eu sinto que você me ama."

Oh. Isso não era notícia. Tony sentiu seus pelos se arrepiarem.

"Eu sei que você era jovem quando começou a cuidar de mim. Você era mais jovem do que eu sou agora. E eu *era* um bebê. Eu estava desamparado. Tudo o que um bebê pode fazer é confiar nas pessoas ao seu redor. Mas eu não sou mais um bebê."

"Eu sei que você não é."

"Tony," Anne Marie disse. "Se você pudesse deixar Nick terminar o que ele precisa dizer, isso seria muito útil."

"Desculpe."

"Está bem." Os olhos de Nick se encheram de lágrimas. "Por favor, não se desculpe por nada que você já fez por mim. Eu só preciso que você saiba

que eu preciso sentir que estou cuidando de mim agora. Quando Ray me estuprou, foi o momento mais impotente de toda a minha vida. Senti que todos os medos que já tive foram confirmados. eu era fraco. Eu não era um homem. Eu não conseguia parar as coisas ruins que as pessoas queriam fazer comigo – eu poderia ser usada. Eu poderia até ser morto, se ele quisesse fazer isso, e durante parte daquela noite, pensei que sim. Você se lembra de como papai falava sobre eu ser gay. Eu senti que tudo o que ele disse que eu era, Ray me fez naquele momento.

“E eu nunca vou melhorar se eu não começar a acreditar no que Jeff e Anne Marie e todos vocês continuam me dizendo. Que não *foi* minha culpa. Que não tinha nada a ver com quem eu sou.

“E quanto mais você diz coisas para mim como você gostaria de estar lá, você teria parado ele, você vai cuidar de mim – quanto mais você diz essas coisas, mais eu sinto que ainda sou uma vítima. . Como se eu não pudesse me salvar.”

“Nick,” Tony disse baixinho, e Nick assentiu. Tony podia falar agora.

“Eu sinto muito. Sinto muito pela forma como tratei você. Eu juro, eu sei que isso não muda o que eu fiz, mas eu juro que não combina com como eu vejo você.”

Enquanto Nick falava, Anne Marie se levantou para entregar um lenço de papel a Tony. Estava encharcado agora, mas ele continuou limpando o nariz mesmo assim.

“Você é o melhor homem que eu conheço. Estou ansioso por você.” Tony abaixou a cabeça. “Eu sou tão estúpido.”

“Não”, disse Anne Marie.

Tony a olhou surpreso. Como ela poderia não odiá-lo depois do que ela tinha acabado de ouvir?

“Nick e eu passamos muito tempo juntos”, disse ela. “Você quer saber o que eu acho?”

Tony olhou para Nick. Nick assentiu.

“Acho que você cresceu em um lar inseguro com um pai que era retido, cruel e imprevisivelmente violento, até que sua mãe o levou embora. E então, quando você era adolescente, e estava descobrindo quem você era, você viu aquele mesmo pai ter outro filho, e aquele filho não tinha uma mãe como a sua. E você decidiu ser o herói dele.”

Nick limpou a garganta. “Jeff estava falando sobre isso um dia comigo. Perguntei a ele sobre, tipo, o que aconteceria comigo mais tarde. Tipo, eu ficaria violento, por causa do que Ray fez. E Jeff estava dizendo que as pessoas que são feridas por outras pessoas, como abusadas, às vezes elas têm dificuldade em não se machucar repetidamente depois disso. E às vezes eles começam a machucar outras pessoas. Mas às vezes eles ficam meio obcecados em ajudar outras pessoas. E Jeff estava falando sobre mim e ele, mas acho que foi isso que você fez.

“Achei que estava ajudando”, disse Tony a Nick. “Eu só queria mantê-lo seguro.”

"Eu amo você por isso. Mas você não pode me proteger de tudo.
Isso era óbvio. Veja o que aconteceu.

"Quero que descubramos uma nova maneira de ser sem que eu sinta. . .
frágil toda vez que falo com você."

Tony assoou o nariz no lenço. "OK."

Nick pegou a mão de Tony e a apertou três vezes.

Tony apertou quatro de volta.

NICK HALL, 2016

ÀS 17h30 do dia em que Raymond Walker desapareceria, Tony e Nick entraram juntos na sala de visitas. Eles foram direto para o armário do canto e selecionaram uma pilha de jogos. Em seguida, eles se sentaram em uma mesa e jogaram damas, depois cribbage, depois guerra, depois Connect 4, depois damas novamente. Os jogos sempre foram sua maneira favorita de suspender a realidade quando Ron e Jeannie estavam bêbados ou brigando, ou quando a escola parecia demais para um deles. Desde aquela queda, *tudo* parecia muito, muito pesado, muito difícil de fazer juntos. Nick esperava que ficasse mais fácil.

“Decidi seguir em frente.” Nick pulou a peça de xadrez de Tony e a arrancou do tabuleiro. “Pelo menos por enquanto.”

“O caso?”

Nick assentiu.

“Tem certeza que quer fazer isso?”

Nick olhou para ele.

Tony ergueu as mãos. “Desculpe, desculpe. Sua escolha, e eu confio em você.”

“Se ficar muito difícil de novo, sempre posso dizer a eles que terminei.”

“Mas todo mundo vai saber.”

Isso era verdade. Nick tinha certeza de que sua ausência da escola não havia apagado a memória de todos de que era ele quem estava na história. E a nova história – a história real – estaria no noticiário novamente. Ele teria que lidar com o que as pessoas pensavam dele. O que eles achavam que dizia sobre ele, como homem, não ter conseguido parar Ray. O que eles achavam que dizia sobre ele como uma *pessoa* ter escondido a verdade. Se eles acreditavam nele.

“Eu sei”, disse Nick. “Mas é minha luta, se eu quiser. E eu faço.”

Tony esfregou um dedo em um verificador por um momento antes de falar. “Você realmente quer passar por tudo isso? Um ano inteiro disso? Um julgamento?”

“Sim”, disse Nick.

Tony moveu a peça para a frente. “Não é o que eu teria escolhido para você.”

Nick riu. “Você é um pai tão bom.”

O rosto de Tony se iluminou de surpresa, e ele riu também.

“Pode resolver”, disse Tony.

“Quero dizer, não, mas poderia mais tarde.”

“Eu pensei que a data do tribunal foi transferida para a próxima semana.”

“Não, foi há alguns dias. Julia não te contou?”

Do outro lado do quadro, Tony olhou para Nick como se isso fosse novidade para ele.

"Uau. Você deve ter sido *insuportável* sobre o meu caso.

Tony suspirou. "Você nem sabe."

Seu irmão não parecia zangado, então Nick sorriu. "Eu realmente queria que ela lhe contasse." Ele ligou para ela no mesmo dia. . . espere um minuto. No mesmo dia ela disse a ele que Tony queria ir vê-lo em Goodspring. "Por que você veio visitar hoje?"

"Você queria que eu fizesse", disse Tony.

Nick riu. "Sua esposa é *sorradeira* . Eu não pedi para você vir aqui. No segundo em que eu disse a ela que o caso não estava resolvido, ela disse que *você* queria vir *me ver* .

"Mesmo?"

"Acho que ela pensou que seria bom que eu mesma lhe contasse. Isso ou ela simplesmente não queria ter que fazer isso."

Tony recostou-se do quadro e cruzou os braços. "Eu não culpo nenhum de vocês. Eu não fui exatamente. . . sensato sobre tudo isso. Ela disse alguma coisa sobre mim, ou sobre o que conversamos hoje?"

"Não," Nick disse honestamente. "Eu queria fazer isso. Precisávamos conversar."

Tony encarou Nick por um minuto e então moveu uma peça para a frente no tabuleiro. "Então não há acordo, e você *realmente* quer fazer isso do seu jeito, com o tribunal."

"Sim. Você virá comigo na próxima vez que houver uma audiência?"

"Claro. Farei o que você quiser."

"Tem certeza que pode pegar? Sua cabeça está nivelada?"

"Sim", disse Tony. "Você me esclareceu."

"Graças a Deus," Nick disse enquanto pulava outro pedaço de Tony. "Eu estava começando a me preocupar que você faria algo estúpido."

JULIA H ALL, 2016

Às 18h do dia em que Raymond Walker desapareceria, Julia Hall estava na cozinha de um homem que ela não conhecia, uma única palma suada segurando seu balcão, quando o ouviu descer as escadas .

Ele saiu da escada e uma lâmpada se acendeu no canto da sala.

Ela só o viu por um segundo, provavelmente, antes que ele a visse, mas esse segundo se esticou como um puxão de caramelo quente. Lá estava ele: Raymond Walker. Assim como sua foto, mas viva e real. Vestindo uma túnica como Tony usava. Arrependimento caiu sobre ela, e se ela pudesse ter piscado e feito desaparecer, ela teria. Os olhos de Raymond Walker gaguejaram ao vê-la entrar, e ele deu um passo para trás, batendo os calcanhares no último degrau da escada que acabara de descer. Ele vacilou, então se sentou com um baque.

Sua voz era pura perplexidade. "Quem é Você?"

Ela não tinha desaparecido. Ele podia vê-la e ela precisava falar. Ela poderia fazer isso.

"Eu não estou aqui para te machucar," Julia disse, segurando suas mãos vazias na altura dos ombros. Ela pensou em trazer uma arma para assustá-lo para ouvi-la, mas ela estava preocupada que ela teria atirado nele antes que qualquer um deles dissesse uma palavra. Dado o tremor em suas mãos agora, ela estava feliz por não haver um gatilho sob seu dedo.

"Quem diabos é você", disse ele. "Você está..." Ele inclinou a cabeça, como se estivesse tentando ver o rosto dela melhor. Se a roupa dela estava fazendo seu trabalho, ele poderia até ter pensado que ela era um homem. Seu cabelo estava penteado para trás bem preso sob o chapéu, e ela usava uma parka masculina grande demais.

"Eu não vou te machucar," ela disse novamente. "Meu nome é Julia." Ela deu um passo incremental em direção a ele. "Salão."

Ele balançou sua cabeça. "A irmã de Nick Hall?"

"Cunhada", disse ela.

"Merda", ele assobiou enquanto se virava. Antes que Julia pudesse reagir, Walker se arrastou para ficar de pé e começou a subir as escadas.

"Espere, espere, espere!" Julia chamou enquanto corria pela cozinha.

Ela subiu as escadas de dois em dois; suas calças largas a teriam feito tropeçar se ela não tivesse pensado em usar um cinto. Ela imaginou Walker esperando no topo da escada, pronto para chutá-la de volta para baixo, mas quando ela dobrou a curva da escada estreita ele se foi.

Ela irrompeu no patamar. Walker estava do outro lado do quarto, ao lado da cama, de costas para ela.

Julia correu para ele, e ele começou a se mover em direção à porta do banheiro, mas o telefone que estava segurando estava conectado ao lado da

cama. Ela bateu em seus braços primeiro, levando-o para o batente da porta com um ganido. O telefone se soltou do fio e caiu no chão do banheiro.

Walker se inclinou em direção ao telefone, e Julia agarrou seus braços, mas ele os soltou. Ela subiu nas costas dele, um grito estranho emergindo de sua garganta.

"Sai fora!" ele gritou em confusão, empurrando seu corpo para a direita.

Ela apertou seus membros ao redor dele. "Eu só quero conversar!"

Ele se moveu em direção ao telefone novamente, e ela soltou uma perna para arrastar o pé pelo chão na frente dele. Ela sentiu o telefone sob os pés e, com um puxão milagroso, o jogou deslizando sob a banheira com pés de garra.

Walker a empurrou e ela caiu no chão.

"Pare," ela gemeu. Suas costelas vibraram onde ela caiu sobre o monte de papéis dobrados no bolso do casaco.

Ela se levantou e o viu lutando para o telefone em suas mãos e joelhos.

Ela correu em direção a ele e empurrou as mãos contra seus ombros, levando-o diretamente para o lado da banheira. Sua cabeça foi para a borda da banheira e bateu de volta contra seu pescoço. Uma *tanga* metálica soou e ele caiu no chão.

Julia Hall estava no banheiro de Raymond Walker, balançando, o coração batendo em seus ouvidos.

E Raymond Walker não se mexeu.

TONY **H**ALL, 2016

20h10 do dia em que Raymond Walker desapareceu, Tony ligou para Julia enquanto atravessava o estacionamento do lado de fora da Goodspring. Ela estava em cima dele sobre ele ligar para ela sempre que ele terminava de se encontrar com Nick. Por alguma razão, ela se aborreceu com essa visita. Ela não respondeu. Foi uma pena, ela ficaria feliz em ouvir a notícia.

Nick, e até certo ponto o terapeuta, convenceram Tony. Tony assumiu o controle da mão que Ron Hall lhe deu, tornando-se um herói: o herói de Nick primeiro, depois qualquer um que o quisesse. Isso era bom quando a pessoa realmente precisava ser salva, mas Nick não precisava ou queria ser salvo. E Tony o estava sufocando por muito, muito tempo. Era uma linha tênue, ao que parecia, entre ajudar alguém que você ama e machucá-lo. Uma linha que Tony nem estava procurando.

Ele entrou no carro e recitou uma mensagem – “Indo para casa, me ligue” – então ligou o motor.

Durante todo o caminho para casa, Julia nunca ligou. Os marcadores de milhas na 95, depois na 295 South marcaram como um borrão, enquanto Tony lamentava a morte de seus planos de matar Ray Walker.

JULIA H ALL, 2016

18h15 do dia em que Raymond Walker desapareceria, Julia Hall estendeu a mão para fora da escada no andar térreo da casa de Raymond Walker e sentiu cegamente a parede à sua direita. Havia o interruptor de luz sob seus dedos trêmulos, e ela o desligou com um suspiro pesado. Mais uma vez, a escuridão inundou a sala de estar.

"Tudo bem", disse ela. "Me siga."

Ela olhou para trás, então foi para a cozinha. Seus passos eram hesitantes, mas ele o seguiu.

Ela se virou. A abertura para a escada era preta e vazia.

"Vamos," ela disse com firmeza.

Sua voz ressoou na escada. "Você não vai me esfaquear com uma faca de cozinha?"

Ela exalou uma risada suave. "Você pode me ouvir do outro lado da sala, certo?"

Raymond Walker fundiu-se no quadrado preto que era a escada. Depois de uma batida, ele entrou na sala de estar e caminhou em direção a ela. Ele ainda segurava a toalha contra o couro cabeludo ensanguentado.

Ela tinha começado com sua velha rotina no banheiro. Quando ela queria conseguir o que queria com um cliente – ganhar sua confiança em algo muito importante – ela brincava com eles. Isso a fazia parecer à vontade, mesmo quando ela estava com medo, como agora. Ela ficou ao lado da geladeira na cozinha de Raymond Walker, mantendo seu olho nele enquanto abria o freezer e pegava um saco de vegetais misturados.

"Você pode realmente relaxar agora", disse ela enquanto fechava a porta. Ele estava na ilha, fora de alcance. "Se eu estivesse aqui para te matar, eu teria te afogado naquela banheira lá em cima."

Ele a olhou incrédulo. Ela deu um passo à frente para entregar-lhe a bolsa. Ele a pegou e deu um passo para trás. "Quem é você?" ele perguntou enquanto trocava o pano pelo saco congelado.

"Eu disse que sou do Tony..."

"Não, eu - eu entendi isso." Ele acenou com o pano em sua direção. "Mesmo estilo que ele, você 'vem para conversar' e eu apanhei."

"*Estou* aqui para conversar, você simplesmente não..."

"Você disse," ele suspirou, "como você limpou meu sangue do chão." Ele a olhou estranhamente, e ela percebeu que ele estava sendo engraçado. Ele estava apenas fazendo a mesma coisa que ela, ou seu velho truque estava funcionando?

"Sinto *muito* pela sua cabeça."

"Construiria confiança se você me devolvesse meu telefone."

Ela balançou a cabeça. Seu telefone estava molhado em sua palma suada. Ela estava fervendo de adrenalina. Ela desejou poder tirar o casaco de inverno, mas não queria correr o risco de ser vista sem ele. No banheiro, Walker disse a ela que achava que ela era um homem quando a viu pela primeira vez na cozinha. Ela sabia que a roupa estava trabalhando para disfarçá-la. Também a estava cozinhando até a morte.

"Vamos voltar lá para cima", disse ela. "Vou explicar tudo."

"Não, eu vou ficar aqui."

Ela deu um tapinha no bolso. "Vamos precisar de luz para ver tudo o que eu trouxe."

"Vou acender esta luz", disse ele enquanto se inclinava em direção à parede no final do balcão.

"Não!" Julia atravessou a ilha e agarrou seu pulso. "Alguém vai ver."

"O que?" ele disse enquanto sacudia o braço. "O que eles vão ver?"

Ela respirou fundo e soltou o ar. "Estou aqui para ajudá-lo a escapar."

JOHN R ICE, 2019

Bom, doce Julia. Deus o perdoe, ele a julgou no segundo em que cruzou o limiar daquela casa. Lavar a louça, observar as crianças, rosto redondo, uma imagem de feminilidade. Ele a julgou boa em nada além de suas próprias ideias do que uma mulher como ela deveria ser.

Ela estava sentada ao lado dele agora, parecendo exatamente como no dia em que ele veio questioná-los sobre o desaparecimento de Walker: olhos arregalados, rígidos como uma tábua com dedos trêmulos. Naquela primeira vez, ele confundiu com medo de Tony: medo do que seu marido poderia ter feito. Bem, ela o enganou. Isso o fez se sentir patético. Ela teria enganado O'Malley? Não. O'Malley teria visto. Todos receberam a mesma mensagem sobre homens e mulheres — como eles são, o que não são. Mas O'Malley era de uma geração mais jovem. Uma geração que via o mundo de forma diferente.

Eles estavam desesperados para encontrar Walker, e O'Malley estava ocupado fazendo ligações, então Rice foi para a casa de Hall sozinha. Se ele tivesse trazido O'Malley, ela teria visto o que Rice não viu. Julia não tinha medo do que seu marido poderia ter feito. Era culpa em seus olhos. Culpa e terror de autopreservação, assim como agora.

Rice se inclinou para ela. “Esta é a sua invocação?”

Júlia não disse nada.

“O que você está tentando invocar, Julia? Deus, ou seu direito de permanecer calado?”

Seus olhos se moveram em sua direção. Ela coçou a manga. O vento assobiou na janela atrás dela, e ela segurou a língua.

JULIA H ALL, 2016

ÀS 19 horas do dia em que Raymond Walker desapareceria, Julia sentou-se com ele no chão da sala, protegida da janela pelo sofá. Walker pegou o pequeno abajur e o colocou no chão, e seu brilho alaranjado caiu sobre as páginas que Julia trouxera.

Júlia já havia examinado cada folha e falado com ele durante sua jornada. Eles começariam andando várias ruas até onde ela estacionou o carro. Ela manteria o capuz erguido e a cabeça abaixada, e esperançosamente, como Walker fez, qualquer um que a visse pensaria que ela era um homem. Então Julia o deixaria no ônibus em Portland, que ele levaria para Boston usando uma passagem com o nome de Steven Sanford. Havia uma pequena quantia em dinheiro de táxi para ele chegar à estação de trem de lá, e ele pegaria o trem para oeste com uma passagem para Chicago, também comprada para Steven Sanford. Suas sobrancelhas se ergueram, impressionadas, quando ela explicou que ele sairia cedo do trem em Toledo, Ohio, e usaria uma terceira passagem comprada com um nome diferente para pegar um ônibus para Columbus.

"E seu amigo vai me pegar lá", disse ele enquanto conversavam novamente.

"Sim." Ela olhou para o telefone. Ainda nada de Tony; isso significava que ele ainda não tinha deixado Nick, mas estaria no carro dentro de uma hora.

"E o nome dela é?"

Julia ergueu os olhos do telefone. "Eu não tinha dito. Elisa."

"Elisa o quê?"

Ela balançou a cabeça. "Eu não estou te dando isso. Ou seu telefone de volta, em tudo.

Ray estava olhando o extrato bancário de novo agora. Mesmo quando ele olhou para trás através dos outros lençóis, ele manteve um aperto firme naquele.

"Com medo de mudar de ideia no meio do caminho para Toledo?"

— Então você vai? ela perguntou.

Seus olhos se estreitaram. "O que você vai fazer se eu disser não?"

Seu estômago se apertou, mas ela forçou um sorriso. "Nada."

"E quando eu chamar a polícia?"

"Ninguém vai acreditar que a família de sua vítima tentou ajudá-lo a se safar."

Ele sorriu. "Você acha que eu sou culpado."

"Eu sei que você é."

"Ninguém além de Nick ou eu podemos saber disso. Na verdade, nem mesmo Nick sabe, com seu *apagão*. Muito conveniente."

Julia não ia dignificar isso com uma resposta.

"Estou apenas curioso", disse ele. "Você acha que eu sou culpado. Então, como você se sente sobre isso?" Ele fez uma pausa. "Deixando-me fugir com isso?"

Ele estava mexendo nele – a crosta que se formou sobre as perguntas que ela continuava se perguntando. Se tudo corresse perfeitamente: se Walker fosse, se ela nunca fosse pega, se Tony e as crianças estivessem a salvo quando isso acabasse, o que isso significaria? O que ela teria feito, em uma escala maior? Ela estaria machucando Nick ainda mais do que Walker já havia feito? Mais do que ele ficaria magoado com a cobertura jornalística do caso, as opiniões de estranhos na internet, as fofocas de seus colegas, o sistema?

"Eu prefiro fazer alguma coisa do que nada," ela disse finalmente. "Você não faria?"

Agora Walker estava em silêncio.

"Você realmente quer ver se um júri acredita em você? Porque se não o fizerem, sua vida acabou. Eu sei que você sabe disso, porque você não consegue calar a boca sobre isso. Já pensou no que acontece se for absolvido? Você não está provado inocente, e ninguém pensa que você está. Eles só pensam que você se safou disso. Você sabia que Nick ainda pode processá-lo? Que você pode ser demitido por isso? Que toda vez que alguém pesquisar seu nome no Google, pelo resto de sua vida, a palavra *estupro* surgirá?"

Ele olhou de volta para o lençol em suas mãos.

"Você não está me enganando", disse ela. "Você se sente tão preso quanto eu."

Walker vasculhou os papéis entre eles para retirar a fotocópia do passaporte. Elisa enviara a fotocópia a Julia e guardava o passaporte verdadeiro. Pertencia, aparentemente, a um homem chamado Avery King.

"Então sua amiga *Elisa* vai me dar o passaporte de verdade quando ela me buscar em Columbus," ele disse.

Ele estava falando como se fosse ir. Como se ela estivesse certa. Ele só não queria dizer isso. Julia decidiu não pressioná-lo. "Certo," ela disse.

Walker estudou a foto. "Ele se parece muito comigo. Como ela conseguiu isso?"

"Não perguntei; não quero saber." Essa sempre foi sua abordagem com Elisa, inclusive quando Julia representava o filho de Elisa, Mathis. Julia sentiu, então e agora, que ela estava na ponta do iceberg com aquela família, e ela estava com medo de mergulhar na água e abrir os olhos.

"Seu amigo parece obscuro pra caralho", disse Walker. "Como você conhece alguém assim?"

Julia moveu a cruz de pernas. "Eu ajudei o filho dela, há muito tempo."

"Avery King. Eu poderia me acostumar com esse nome."

Júlia sorriu. "É um grande nome."

"Muito melhor do que *Steve Sanford*", disse ele com uma careta. Ele pegou a identidade falsa do chão. A foto era na verdade a foto de identificação de Walker de sua prisão. Você nunca adivinharia sem saber: ele parecia calmo, com um leve sorriso torto. Mas Julia o reconheceu instantaneamente pelo jornal, quando o pacote de Elisa chegou pelo correio.

"Quando você conhece Elisa, você se torna Avery. Steve é apenas um resquício até você chegar até ela.

"Ainda assim", disse Walker, e sorriu para ela. Ela descompactou em sua mente: era quente, provocante, genuíno. Ele *estava* começando a gostar dela. Algo dentro dela doía, e ela falou abruptamente para quebrar sua linha de pensamento.

"Você está comigo?"

Ele olhou de volta para os lençóis em suas mãos. Na nova vida que ela estava oferecendo a ele.

Ele suspirou. "Foda-se. Sim."

O alívio que ela sentiu com as palavras dele quase a dominou. "Ok", ela respirou. "A última coisa, então."

"Sim?"

"Espere para ligar para sua mãe."

Seu rosto ficou plano. Ele tinha pensado nisso; por que ele não teria? Ele poderia facilmente pegar emprestado o telefone de um estranho para fazer uma ligação.

"É do nosso melhor interesse que sua mãe esteja genuinamente insegura sobre o que aconteceu esta noite", disse Julia. "Sempre que descobrirem que você sumiu, vão questioná-la. Não deixe para as habilidades de atuação dela – você precisa chegar a Elisa antes que eles descubram que você saiu por conta própria."

Ray não disse nada por um tempo. Então ele disse: "Isso é realmente um bom ponto."

"Eu não gostaria de deixar minha mãe com medo de que algo tivesse acontecido comigo", disse Julia. "Mas eu também não gostaria de colocá-la em apuros. E, como eu disse, vai ajudar você a ganhar tempo para pegar seu dinheiro e chegar onde quiser, antes de dizer a ela que está tudo bem.

Ray assentiu pensativo, mas não disse mais nada.

Ele olhou ao redor da sala de estar. "Devemos estragar tudo aqui? Como uma briga aconteceu ou algo assim? Então eles vão na direção errada, primeiro?"

"Não," Julia disse rapidamente. "Se fizermos um trabalho ruim de encenar, o que acho que faríamos, eles suspeitarão ainda mais rápido que você está em movimento."

Ray assentiu lentamente. "Há quanto tempo você está planejando isso?"

Na verdade, ela não tinha certeza — tinha começado sutilmente, como algo que ela podia ver com o canto do olho que ela não queria virar e olhar muito de perto. O planejamento foi rápido, mas pensando em planejar. . . isso era mais difícil de dizer. "Eu não sei. Longo O suficiente."

"Você é natural", disse ele.

Ela fez uma careta para ele. "Mesmo?"

"É um elogio."

"Bem, isso me faz sentir uma pessoa terrível."

"Acho que me leve até o ônibus, então, e você não terá que pensar nisso novamente." Ele levou a mão ao peito. "Eu vou lembrar de você com carinho, no entanto."

Ela sorriu e apontou para o extrato bancário na mão dele. "Tenho certeza que você vai!"

Terrível ou não, Ray estava certo. Ela era boa nisso.

TONY **H**ALL, 2016

ÀS 22h do dia em que Raymond Walker desapareceu, Tony parou na garagem atrás do carro de Julia. Do lado de fora, ele podia ver a sala de estar banhada por aquela luz azul-branca bruxuleante. Talvez ela tivesse adormecido na frente da TV.

Ele tirou as botas no banheiro e caminhou em direção à sala de estar, passando pela cozinha e entrando na sala de jantar. Ele pulou quando a encontrou sentada na mesa ali, de frente para ele.

"Cristo, você me assustou."

O olhar em seus olhos era familiar, mas difícil de identificar. Seu rosto estava sem cor, e ela estremeceu, então cruzou os braços. Ela parecia congelada.

"Você estava lá fora?"

Ela balançou a cabeça.

"Você está bem?"

Ela não falou e manteve os olhos na mesa à sua frente.

"Querida," ele disse enquanto atravessava a sala até ela. "Você está me assustando."

Ela estremeceu novamente quando ele se ajoelhou ao lado dela. Ele colocou a mão em sua coxa e esfregou para cima e para baixo em sua perna.

Havia uma eletricidade palpável entre eles, e ele sabia que ela falaria se ele esperasse.

Finalmente, sem tirar os olhos da mesa, ela o fez.

"Antes de te contar o que fiz, prometa que vai me perdoar."

JOHN RICE, 2019

Até então, Julia não havia falado. Rice teria dado qualquer coisa para ver dentro de sua cabeça. Ela estava repassando o que ela sabia, o que ela achava seguro revelar? Ela estava planejando uma mentira? Pode ser. Doeria ouvi-la mentir para ele agora, mesmo que ele soubesse que ela estava fazendo isso por razões compreensíveis. Mas ela lhe devia a verdade. Ela lhe devia depois do que ele tinha feito.



A última vez que John Rice viu Julia Hall, ela estava em seu quintal, vestida com roupas de inverno, observando seus filhos brincarem.

Rice conseguia se lembrar de 18 de janeiro de 2016, mais vividamente do que ele conseguia se lembrar da hora do jantar de ontem, ao que parecia.

Era tarde e fazia muito frio. O céu estava saturado de cores — sol amarelo em azul brilhante. Ele dirigiu para os pastos de Orange e encontrou a casa de Hall deserta. Ele dirigiu mais adiante na pista e estacionou o carro sem identificação. A casa Hall era pequena em seu retrovisor; ele poderia tê-lo arrancado do espelho e esmigalhado entre os dedos. Por fim, ele viu o Subaru Baja vermelho de Julia — inesquecivelmente feio — crescer de uma mancha na estrada rural em seu retrovisor. O carro parou na entrada do Hall e estacionou.

Como seu coração batia forte enquanto observava aquele carro. Ele a reconheceu na filmagem granulada de segurança da estação de ônibus de Portland instantaneamente. Dois dias após o desaparecimento de Raymond Walker, Megan O'Malley ligou para Rice em Portland para ver uma gravação de Walker caminhando até o depósito às 20h11 de sexta-feira, um dia antes de sua mãe relatar seu desaparecimento. A qualidade do vídeo era ruim, mas ele tinha vindo direto para a beira do prédio, e seu rosto era inconfundível. Então ele embarcou no ônibus das oito e quinze para Boston e foi embora.

O'Malley havia instruído o funcionário do depósito a retirar a filmagem do estacionamento. O primeiro de seus pecados, Rice balançou a cabeça quando O'Malley perguntou se ele reconhecia “o caminhão” que deixou Walker na borda da tela. Apenas um indício do carro era visível, e a cama fazia com que parecesse um pequeno caminhão vermelho. Um veículo onipresente no Maine. Mas Rice sabia melhor. Não era um caminhão pequeno, era um Subaru Baja.

Os culpados estavam sempre tentando convencê-lo de que estranhas coincidências fizeram com que seu DNA estivesse na cena do crime, ou

propriedade roubada acabasse em sua garagem, ou sua marca e modelo fossem os mesmos do carro de fuga. Isso não foi coincidência: um Hall levou Walker até a estação de ônibus em Portland na noite em que ele desapareceu, e Tony Hall foi encontrado.

Observando sua entrada de carros três anos atrás, Rice olhou para aquele carro estúpido, esperando para ver seu rosto. Ele tinha certeza que ela tinha feito isso para impedir seu marido de matar Walker. Para evitar que sua vida perfeita desmoronasse com o crime de seu marido e a prisão inevitável. Rice se esticou em seu assento, o coração batendo em seu pescoço, e se esforçou para ver o rosto dela. O rosto que ele tinha uma vez comparado ao de Irene. Ela ficaria diferente para ele agora: egoísta e vaidosa, nada parecida com Irene. Nada como quem ele a fez parecer.

Depois de um momento, houve movimento no carro, e a garotinha desceu do lado do passageiro. Ela correu na frente, e então Julia apareceu na frente do carro, caminhando em direção à casa. Ela estava carregando duas grandes sacolas de mantimentos, o garotinho atrás dela. Rice estava longe demais para ter certeza, mas eles pareciam estar falando. Seu filho passou correndo por ela, seu sorriso largo o suficiente para ver da rua, em direção ao quintal atrás da casa. Julia o seguiu, fora de vista. Lentamente, Rice recuou até estar em frente à entrada de carros. Julia estava na cerca de cedro, de costas para a rua. Seus filhos corriam no quintal, e ela os observava. Ela colocou os mantimentos a seus pés, e um deles tombou, derramando mantimentos na neve. Ela não se importou. Ela só queria cuidar dos filhos.

Naquele momento, uma percepção o invadiu lenta e quente, como afundar na água do banho. Ele sabia o que ela tinha feito, mas ele estava errado sobre o porquê.

Ela salvou seus filhos de perder seu pai. Ela salvou seu marido de se tornar um assassino. E ela salvou a vida de Ray Walker. Talvez ela não se importasse tanto com isso, mas a pureza de tudo o estava sobrecarregando. Ela salvou a vida de Walker. Não é um bom homem, mas um homem, no entanto. Julia segurou a cerca agora e inclinou a cabeça para baixo. Rice imaginou como ela ficaria se ele estivesse de frente para ela do pátio. Uma única mecha de seu cabelo solto de seu chapéu. Lágrimas em seus olhos, lábios trêmulos em um sorriso. Superada de alegria, vendo seus filhos brincarem e sabendo que estariam seguros, sabendo que teriam seus pais. Sabendo que ela havia cometido um pecado menor apenas para impedir um maior.

Rice a observou por mais um momento, depois colocou o carro em movimento. Ele dirigiu pela estrada do interior até encontrar uma saída, através do centro da cidade, na estrada e de volta à estação. E então ele entrou, sentou-se à sua mesa e não disse nada.

Nos meses seguintes, ele e O'Malley trabalharam fora da lista de passageiros das 20h15, tentando rastrear a jornada de Walker. A placa do "caminhão" foi apenas parcialmente capturada e totalmente indiscernível,

então perseguir o próprio Walker era a única opção. As imagens de segurança confirmaram que Walker havia mostrado um documento de identidade para embarcar no ônibus, e seu nome verdadeiro estava ausente da lista de passageiros, então eles passaram meticulosamente pelos nomes que haviam comprado passagens antecipadamente. Eles publicaram históricos criminais e de direção, pesquisaram nas mídias sociais e compararam fotos dos passageiros do sexo masculino com as imagens de vigilância. Estava indo devagar, e eles estavam muito atolados com outros trabalhos para progredir rapidamente, mas O'Malley era tenaz. Ela trabalhava em um lugar de raiva infernal que Walker havia escapado da justiça e passaria para novas vítimas. De sua parte, Rice trabalhou ao lado dela, tratando a terrível culpa que sentia como penitência por seu pecado. Mas ele sentiu que, como Julia, havia escolhido o menor de dois males.

Eles pediram a ajuda do FBI local, em teoria, mas foi O'Malley quem determinou que Raymond Walker era o passageiro listado como "Steven Sanford" e que "Steven Sanford" também havia comprado uma passagem de trem de Boston para Chicago. Os ingressos foram comprados com informações de cartão de crédito roubados da dark web, disse o agente federal. Essa foi a soma total de sua ajuda.

Pelo que eles sabiam, Walker nunca chegou a Chicago. Onde ele tinha saído mais cedo, eles nunca determinaram.

Quando foi divulgada a notícia de que Walker havia fugido, Britny Cressey entrou na luz que estava esperando. Ela deu entrevistas para as estações e jornais locais, detalhando o que ela aprendeu com Walker antes de seu voo. Ela foi rápida em qualificar que não sabia nada sobre a fuga em si ou como ele a planejou. Ele nunca mencionou isso para ela, ela disse, mas ele falou longamente sobre o processo judicial, o dinheiro que devia, o medo que sentia de que o jogo estivesse sendo manipulado contra ele.

Eventualmente, a história do homem que escapou de sua justiça ficou obsoleta, e a cobertura de notícias parou, e a vida seguiu sem Raymond Walker.

E então, um mês depois de Walker concorrer, Rice recebeu uma ligação de Linda Davis. Nick Hall ligou para ela e pediu que ela arquivasse o caso contra Raymond Walker.

“Ele diz que quer apenas seguir em frente”, disse ela. “Ele realmente não queria entrar nisso. Mas ele queria que soubéssemos de uma coisa: ele estava acordado durante o ataque de Walker.”

Rice ficou atordoado.

"Eu sei", disse Linda. “Parece que ele quer apenas seguir em frente com a coisa toda. Não posso dizer que o culpo.”

Ele estava acordado. Rice pensou no trabalho de O'Malley no início do caso, sobre estupradores em série. Havia um segundo tipo de sádico que eles descartaram inicialmente: o tipo de pessoa que não machucava suas vítimas por diversão, mas que fantasiava sobre isso. Talvez Walker fosse desse tipo. Talvez ele nunca tivesse tido uma vítima lutando tanto quanto

Nick, e isso despertou algo nele. Talvez fosse por isso que eles nunca encontraram ninguém antes de Nick. Ele não foi o primeiro – ele foi apenas o primeiro que Walker deixou incapaz de esconder a violência que foi feita a ele.



O silêncio havia se prolongado o suficiente.
“Júlia”, disse ele. “Diga algo.”

JULIA HALL, 2019

Ele sabia o que aconteceu. Ele sempre se perguntou se Julia percebeu isso também. Ele estava dizendo que achava que ela poderia saber que *ele* sabia o que ela tinha feito — claro que não. Ela teria perdido a cabeça. Ele sabia o que ela fazia. Ele sabia? Quão? Ele sempre soube. Por que dizer a ela agora se não antes? Por que ele não a prendeu? O que ela pensou que aconteceria? Ela iria para a prisão agora. As crianças — oh Cristo, as crianças. O que ele queria? O que ela poderia fazer? A mente de Julia estava inundada de pensamentos, e ela não conseguiu juntar uma frase coerente quando o detetive moribundo falou novamente.

"Júlia. Diga algo." Ele parecia exausto, como se ela fosse uma criança que não parava de sair da cama à noite.

Em todos os seus anos como defensora, ela nunca conheceu ninguém culpado de um crime que ficasse feliz por ter falado com a polícia, mesmo para negar ou oferecer explicações. Mas então, um advogado de defesa não conheceria alguém que enganou com sucesso a polícia, não é? E o silêncio dela era condenatório. Quando ela falou, sua voz era minúscula.

"Eu não sei o que você quer dizer, sobre o que aconteceu."

Ela deveria ter ficado de boca fechada.

O detetive Rice se recostou na cadeira, e ela rangeu embaixo dele. Ele estava mais calmo do que ela teria imaginado, se isso fosse um prelúdio para sua prisão. Se isso não fosse uma conversa, mas um interrogatório. Mas então, o que ela sabia de seu autocontrole?

"Você sabe", disse ele, "as câmeras de segurança daquele depósito capturaram carros na estrada."

Merda. Seus olhos se arregalaram. *Oh, merda merda merda.* Ela pensou nisso logo depois, e um milhão de vezes desde então, mas ninguém veio fazer perguntas. Ela deveria ter chamado um táxi para ele, ou deixá-lo ainda mais longe, mas ela tinha que vê-lo entrar naquele ônibus.

"Eu sei que foi você que deixou Walker em Portland," o detetive continuou. "Não havia muitas pessoas dirigindo aqueles Bajas feios." Ele riu ao dizer a frase e, quando terminou, estava tossindo com força. Ele alcançou a máscara ao seu lado.

Deu-lhe tempo para pensar. Por que ele estava fazendo isso? Tinha que ser uma armadilha. Sem mover a cabeça, seus olhos percorreram a sala: nenhuma luz piscando, nenhum dispositivo de gravação óbvio. Mas aquele gravador que ele costumava usar era tão pequeno; poderia estar debaixo de sua cadeira. Ele tinha escolhido seu assento para ela? Sim, ele definitivamente disse a ela para se sentar neste. . . ela tinha ido para o outro.

Julia respirou baixinho e trêmulo e expeliu. Se ela não se acalmasse, teria um ataque de pânico. Ela respirou fundo. *Acalme-se.* Ela suspirou.

Acalmar. O detetive Rice estava recolocando sua máscara no tanque. Ele sabia há três anos. Talvez não fosse ele vindo atrás dela, talvez fosse outra coisa. Porque agora? Aconteceu algo novo?

Encontraram Walker?

Com o pensamento, a sala começou a pressionar de todos os lados; um zumbido eletrônico soou em seus ouvidos. A luz começou a diminuir, e Julia sentiu vontade de cair de joelhos. Ela o fez, e a voz do detetive Rice estava muito longe por trás do zumbido.

Ela se recostou na cadeira e colocou a cabeça entre os joelhos. Com cada respiração, o zumbido se acalmou e a onda de pânico suavizou. Quando ela abriu os olhos, o quarto estava claro novamente.

“Júlia.” Sua mão quente estava em seu ombro. “Júlia.”

Ela olhou de volta para ele, em seguida, virou-se para frente novamente. “Desculpe.”

“Você está bem?”

Júlia assentiu.

“Isso foi um ataque de pânico?”

Ela assentiu novamente. Não havia nada a dizer. Seu corpo havia traído sua culpa.

“Júlia, eu não... eu não pedi a você aqui para prendê-la ou interrogá-la. Eu fiz tudo isso errado.” Ele parecia dizer o último pedaço mais para si mesmo do que para ela. “Por favor, sente-se para que eu possa vê-lo?”

Com as pernas pesadas, Julia se empurrou de volta para a poltrona.

“Eu não estou tentando te assustar. Ou, bem. . .” Ele balançou sua cabeça. “Eu não sei. Talvez eu estivesse.”

Ela olhou para ele de lado, então se virou para ele completamente. Seu rosto estava se desculpando, e talvez algo mais.

“Ninguém mais sabe”, disse ele calmamente.

“Você disse que meu carro estava na câmara.”

O detetive sorriu. “Parecia um caminhão. Nunca foi identificado como seu, não oficialmente. Ele fez uma pausa. “Mas eu sabia.”

Quando Julia não falou, ele continuou. “Vou me mudar para o hospício na próxima semana e não queria fazer isso lá. E, bem, eu não quero morrer sem ter a conversa.”

“Ok,” ela disse calmamente.

“Eu acho que entendo por que você o ajudou a fugir. Eu não fiz no começo, e eu pretendia sair com isso – expor o que você tinha feito – mas eu queria falar com você antes disso. E então eu fui ver você, na sua casa. Eu vi você brincando com as crianças lá fora, e de repente eu entendi.”

“Entendido?”

“Que você fez isso por eles. Por seus filhos e por ele — por Tony. Você pensou que ele iria matá-lo.

Ela quase assentiu.

“Então você o salvou em vez disso.”

Seus olhos se encheram de lágrimas, e uma lágrima pesada rolou por sua bochecha.

"Você é tão bom", disse ele calmamente. "Sempre foi tão claro sobre você. Fiquei com tanta raiva quando vi seu carro naquela fita. Eu senti como se você tivesse *me traído*, não é estranho? Eu queria gritar com você, entender por que você não era quem eu pensava que era. Eu dirigi até sua casa. Você sabia disso?"

Ela balançou a cabeça. Ela não sabia. Ela não conseguia nem colocar o dia.

"Eu estava pronto para estrondo", disse ele com uma risada. "Minha mãe teria me chamado *cuspindo louco*. Mas então eu vi você, no quintal com seus filhos. E só me ocorreu que eu estava errado. Eu conhecia você. Você *foi* bom. Era a única coisa que você sabia fazer."

O detetive a olhava com tanta ternura que parecia impossível que pudesse estar fingindo.

"Você o mandou embora", disse ele.

Mais lágrimas deslizaram por suas bochechas. Ela ainda ficava chateada às vezes, quando pensava sobre o que fez e como ficou apavorada depois.

A detetive Rice sabia o tempo todo. Todas as vezes que ela ficou doente imaginando o que aconteceria se ele descobrisse, ele já sabia.

"Tony estava bravo com você?"

Ela estava tão cansada.

Apenas uma única palavra. Não foi uma confissão.

"Não," ela disse.

TONY **H**ALL, 2016

POUCO depois das 22 horas do dia em que Raymond Walker desapareceu, Tony ficou muito quieto ao lado de Julia, com a mão congelada em sua coxa, enquanto ela lhe contava o que havia feito.

Quando ela terminou, Tony deitou a cabeça em seu colo. Ele só teve um único pensamento: o único caminho a seguir era dizer a verdade.

"Júlio".

"Você me odeia?"

"Jules, eu mudei de ideia."

Seus olhos se arregalaram. "O que?"

Ele contou a ela tudo o que Nick havia dito. Que Nick queria continuar com o julgamento. Que Nick precisava que ele parasse de tentar consertar tudo. Que sentado na sala de visitas em Goodspring, Tony mudou de ideia.

"Tudo bem", disse Júlia. "OK. OK. OK." Sua boca era um disco, pulando a palavra.

"Nós vamos descobrir isso", disse Tony rapidamente. Ele não tinha ideia de como; ele só queria tirar o que ela estava sentindo.

"Ok," ela disse novamente. "Vou ligar para Elisa. Vou dizer a ela para mandá-lo de volta.

"Ele não vai voltar."

"Ela tem tudo o que ele precisa: o dinheiro, o passaporte. Se ela não vai dar a ele, ele vai ter que fazer.

"Ou ele vai se virar contra você." Olha o que ele tinha feito. Olha o que ele tinha feito.

"Esse sempre foi um risco que eu corria. Nós apenas teremos que lidar com isso."

"Quão?"

"Eu vou negar o que ele disser. Vai ficar confuso, mas já está. Temos que trazê-lo de volta."

Tony se levantou. "Querida, a coisa exata da qual você estava tentando proteger as crianças pode acontecer. Você pode ser pego." Sua voz falhou, e ele terminou em um sussurro. "Você poderia ir para a prisão. Quem sabe como eles puniriam isso?"

Julia se levantou da mesa e pegou as mãos dele. "Respire. Nós vamos descobrir isso."

"E se a polícia ligar as multas à mulher, Elisa", disse Tony.

"Eles não podem", disse Julia. "E mesmo que eles o fizessem, ela não lhes dará nada."

Tony falou devagar. "Por que explodir tudo?"

"Eu peguei a única coisa que Nick tinha deixado."

"Você não fez isso. Eu fiz."

“E se ele não te perdoar? Depois de tudo que ele acabou de te contar. Ela estava certa. Nick teria todos os motivos para culpá-lo por isso — era tudo culpa dele. Mas ele teria que viver com isso.

"Eles vão descobrir que Walker pegou um ônibus", disse Julia. "Pode demorar um pouco, mas eles terão que descobrir isso."

"Acho que sim", disse Tony.

"Então Nick vai pensar que ele fugiu também."

"Certo", disse Tony. "Você está certo."

"Mas o que ele vai fazer? O que Nick fará se não puder ter um julgamento?"

"Não sei. Mas eu não acho que isso é para nós descobrirmos."

Ele contornou Julia e puxou uma cadeira. Ela se sentou ao lado dele.

Ele apoiou os cotovelos na mesa e descansou o queixo nas mãos.

"Desculpe ter ido tão longe de você."

Julia puxou a cadeira para mais perto dele. "Não foi só você. Eu nem conseguia ver que estava fazendo a mesma coisa. Se eu tivesse dito a você. . . deveríamos estar fazendo isso juntos."

Sentaram-se à mesa conversando. Não havia como desenrolar o que estava em movimento. O estrago já estava feito. Então eles decidiram, juntos, deixar Walker ir.

NICK HALL, 2016

Um mês após o desaparecimento de Raymond Walker, Nick sentou-se em um sofá em frente ao seu conselheiro. Não em um hospital, não em um programa, mas em um escritório em Wells.

"Então ... como você está?"

Hoje o suéter de Jeff era azul marinho com uma malha estilo pescador. Ele começou a sessão com a mesma pergunta de sempre.

Nick sentou-se para a frente no sofá. "Na verdade, eu queria te perguntar isso."

"Eu estou bem."

"Não." Nick riu. "Quero dizer, como você acha que eu estou?"

"Mm", disse Jeff. "Eu não gosto desse jogo."

"Eu sei como me sinto. Eu sei que não serei apenas 'melhor' ou 'consertado', mas qual é o meu prognóstico?"

Jeff levantou uma sobancelha sal e pimenta. "Prognóstico?"

"Você deve ter escrito em algum lugar. Ou você tem um na sua cabeça."

Jeff brincou com a pulseira de seu relógio de pulso prateado.

"Quando vou dormir normal? Quer dizer, eu vou voltar para casa com um cara que eu gosto de novo?"

Jeff sorriu. "Seu prognóstico é bom, Nick."

Nick se recostou no sofá. Jeff poderia estar brincando com ele, mas ele não se importava.

"Quando analisamos os dados, você tem alguns fatores trabalhando a seu favor para um bom resultado. Mas você sabe que eu não sou apenas sobre isso. Esta aqui é a peça mais importante, e também a única que você tem sob seu controle. Continue trabalhando e seu prognóstico é muito bom."

Foi como se um nó no estômago de Nick se desatasse. Uma sensação de conforto se espalhou por seu corpo enquanto ouvia a voz de Jeff.

"Podemos continuar trabalhando no que aconteceu com Ray, as histórias que você conta a si mesmo sobre o significado do ataque. Como essas histórias foram roteirizadas por sua sociedade, seu pai, até mesmo seu irmão. E podemos trabalhar na integração de sua identidade – quem você é como homem – com essa única coisa que aconteceu com você. E, eventualmente, vai melhorar. Não haverá um último dia em que você *terá* quaisquer sintomas. Ainda tenho pesadelos sobre meu abuso, e sou velho pra caramba. Mas *vai* melhorar. E como você se vê, como você vê outras pessoas, relacionamentos românticos – tudo isso parece bom para mim."

"Legal", disse Nick. Às vezes ele não tinha as palavras para combinar com o que sentiu quando se encontrou com Jeff. O futuro que Jeff acabara de imaginar para ele era tudo o que ele queria. Mas o que seria necessário

para chegar lá – reviver aquela noite, dizer em voz alta as piores coisas que ele pensava sobre si mesmo, expor todas as coisas estúpidas que ele já tinha ouvido sobre o que significava ser dominado por outra pessoa – seria brutal. Mas ele faria o que fosse preciso para chegar ao futuro que Jeff achava que poderia ter.

“Alguma atualização sobre o tribunal?”

“Sim, na verdade. Decidi arquivar o caso.”

"Mesmo? Por que?"

Aconteceu na semana passada, depois que Nick se mudou de Goodspring. No início, quando Ray desapareceu, Nick não conseguia parar de pensar que Tony havia feito algo estúpido. Pior do que estúpido. Ele soube por Julia que a polícia tinha ido interrogar seu irmão, e ela parecia preocupada. Mas então a própria ADA ligou para Nick: Ray pegou um ônibus para Boston. O covarde tinha fugido. A próxima data do tribunal seria em março, disse Linda. Ela não tinha certeza se o juiz a deixaria prosseguir com um julgamento se Ray não tivesse sido encontrado até então, mas ela queria tentar. Nick decidiu não contar a verdade sobre seu testemunho ainda. Parecia que ele tinha algum tempo para pensar sobre isso.

Então, na semana passada, Julia foi ao apartamento dele.

Estava nevando suavemente, e a cidade não tinha arado Spring Street. Eles desceram de qualquer maneira.

Ray não pulou a fiança sozinho, ela disse a ele. Ela, a cunhada de Nick, ajudou seu estuprador a escapar.

Nick ficou atordoado. Parecia uma piada sem piada.

“Eu preciso que você saiba,” ela disse, “você mudou de ideia. Era tarde demais.”

"Raio?"

Júlia balançou a cabeça. “Tony.” A percepção ocorreu a Nick enquanto ela prosseguia. Ela nem precisava dizer isso. “Achei que ele ia matá-lo.”

O próprio Tony havia dito isso, quando Nick lhe disse que estava acordado durante o ataque. Tony ficava dizendo que ia matar Ray.

“Eu juro, Nick, você mudou de ideia. Ele veio ver você em Goodspring e voltou para casa, e me disse que não ia mais fazer isso. Ela olhou para Nick miseravelmente. "Mas era tarde demais. Mandei Walker embora enquanto Tony estava com você.

Outra peça se encaixou no lugar. “Eu pensei que você o tivesse enviado para Goodspring porque você não queria lidar com a reação dele quando ele descobriu que o caso não havia sido resolvido. Mas não era isso. Eu era seu álibi.”

Júlia assentiu. “Apenas no caso de algo dar errado.”

Eles pararam de andar no final da Spring Street. Eles ficaram na neve caindo em silêncio por um momento.

"Por que você está me dizendo?"

Julia limpou o nariz com a parte de trás da luva. “Porque eu tenho um favor a pedir.”

Julia disse a Nick o que ela temia que pudesse acontecer se Nick avançasse com o caso e um juiz o deixasse ter um julgamento sem Ray: em suma, seria um circo da mídia. A imprensa já estava em cima do caso de Nick para começar — um estupro fugitivo sendo julgado pelo homem que ele agrediu? Isso pode virar notícia nacional. E as notícias nacionais podem significar que alguém, mesmo em outro estado, faz um telefonema sobre um homem que viu. A cobertura nacional pode significar a descoberta de Ray e, portanto, de Julia.

Os olhos de Julia estavam cansados e a neve havia se acumulado em seu boné. “Eu não mereço pedir uma única coisa de você.”

“Isso não é verdade.”

“É, depois do que eu tirei de você.” Ela balançou a cabeça. “Mas ainda estou perguntando.”

“Oh,” Nick disse calmamente. Ela queria que ele arquivasse o caso. Claro que sim, se o caso conseguisse pegar Julia. Foi apenas. . . Raio. “E se ele machucar outra pessoa?”

“Usuario?” A voz de Jeff tirou Nick da memória nevada.

“Desculpe, sim?”

“Por que você está arquivando o caso?”

Nick respirou fundo. “Posso ser honesto?”

“Claro.”

Sem contar mentiras desta vez, ou verdades parciais. “A verdade é que eu realmente não sinto vontade de falar sobre isso.”

O rosto de Jeff se abriu em um sorriso. “OK. É a sua sessão.”

Nick respirou fundo. Isso foi bom.

“Então, no que você quer trabalhar hoje?”

Certo. Sua sessão, sua escolha. Talvez um dia Nick contasse a Jeff por que decidiu arquivar o caso, o que Julia disse a ele. Talvez não. Nick tem que decidir.

JULIA HALL, 2019

Julia sentiu-se esvaziada. Sua mente estava mancando, tentando acompanhar onde ele a tinha levado. A detetive Rice parecia tão genuína; tudo parecia real. E, além disso, ele já sabia que era ela. Se ele queria entregá-la, o que importava se ela falasse ou não? Ela poderia muito bem contar a ele o chutador.

“Quando eu disse a ele que Walker se foi, Tony ficou com o coração partido. Não porque ele não pudesse matá-lo, mas porque ele mudou de ideia.

O detetive balançou a cabeça. “Não.”

Ela assentiu. “Nick realmente queria fazer o julgamento. E Tony não queria tirar isso dele.”

“Então por que Nick pediu a Linda para encerrar o caso? Poderíamos ter tentado avançar, sem Walker. Não é inédito. Seu julgamento não tinha começado, o tribunal poderia não ter nos deixado. Mas Nick disse a Linda que não queria tentar. Ele disse a ela a verdade sobre sua declaração, mas ele não queria seguir em frente. Eu simplesmente não entendo. Eu sei que ele teria sofrido mais com a imprensa em um julgamento, mas ele poderia ter conquistado uma vitória simbólica, pelo menos.”

“Sim,” Julia disse lentamente. “Ele pode ter vencido isso. Mas a coisa toda voltou a si mesma.”

“O que você quer dizer?”

Júlia sorriu. “Ele a dispensou para me manter segura.”

Um mês depois que Walker partiu, Julia contou tudo a Nick. Toda a *verdade*.

“Se o tribunal realmente realizasse um julgamento, provavelmente teria se tornado um espetáculo nacional – uma vítima do sexo masculino, um julgamento à revelia, um fugitivo. E esse tipo de cobertura. . .”

“Isso poderia ter machucado Nick ainda mais.”

“Não. Bem, sim, absolutamente. Mas eu estava sendo egoísta. Eu queria que Nick encerrasse o caso para mim. Eu não queria que alguém visse a cobertura e montasse algo que me colocasse em apuros.”

“Ah”, disse Rice.

“Ou para Walker ver”, ela acrescentou. “E decidir voltar.”

“Então Nick fez isso por você.”

“E Tony,” ela disse. “Eu me senti péssimo com tudo, mas na verdade parecia ser exatamente o que ele precisava. Isso, tipo, restabeleceu o equilíbrio entre ele e Tony. Nick encerrou o caso, as notícias diminuíram e eu estava seguro.”

Rice ficou um pouco quieto.

“Você disse que havia algo mais?”

“Eu nunca fui um católico perfeito,” ele disse lentamente. “Pequei muito na minha vida e sempre o confessei. Mas desta vez, levei muito tempo para confessar o que fiz. Que eu deixei um réu escapar sentando na única pista: que a cunhada da minha vítima o ajudou.” Ele balançou sua cabeça. “Quase fui a Boston para fazer a confissão, para uma igreja diferente. Eu estava com tanta vergonha de contar ao meu próprio padre. Eu sabia que ele perderia o respeito por mim. Ele negaria se você perguntasse a ele, mas como não poderia?”

“Mas eu decidi, foda-se meu orgulho, eu não merecia ser orgulhoso. Confessei na minha igreja. No começo me senti melhor, mas um dia comecei a sentir de novo: uma coceira no estômago, como se algo precisasse sair. Então eu confessei novamente. Foi embora, depois voltou.

“E então o câncer. E agora estou morrendo. Esta primavera pode ser minha última Páscoa, se os documentos estiverem certos. E continuo sentindo essa necessidade de confessar um pecado. E eu finalmente percebi, é porque meu pecado continua. Meu pecado é meu silêncio. Sou católico, mas também sou policial. Eu fiz um juramento, e quebrei, e quebro todos os dias que não me entrego.

“Confessei meus pecados a Deus, mas não sei se ele me salvará, porque toda vez que saio da confissão, já estou pecando novamente. A menos que eu morra naquela cabine, vou morrer pecando.”

Julia sentiu-se atordoada. “Você não acha que Deus iria puni-lo por uma única coisa que você fez, apenas uma única coisa, não é?”

“Eu não sei. Um eu mais jovem e romântico pode concordar com você, mas a sensação é diferente quando você vê os raios X, essas formas impossíveis em seu corpo, uma vez que você está ligando para a senhora que fez sua vontade vinte anos atrás. Arroz balançou a cabeça. “Espero... em meu coração, acredito que ele me perdoará. Deus é justo e misericordioso. Ele pode escolher. Eu sempre fui justo. Esse era o meu trabalho: defender a lei, deixar Deus se preocupar com a misericórdia. Eu deixo as pessoas de vez em quando, mas não assim. Crime real, eu sempre encontrei com justiça. Apenas uma vez eu escolhi a misericórdia.”

Era por isso que ela estava aqui.

“Você vai me entregar.”

Ele a olhou com surpresa. “Eu não posso.”

“Oh. Por que não?”

“Isso desfaria tudo o que eu já fiz. Seria como esses escândalos de DNA. Algo tão grande quanto isso - deixar uma mulher, a família de uma vítima, conspirar com um réu para escapar. . . todos os casos em que trabalhei estariam em revisão pós-condenação. Toda justiça imperfeita que eu já consegui para outras vítimas seria ameaçada. Toda família que encontrasse um pouco de paz a perderia.”

“Eu sinto muito. Eu não tinha ideia do que fiz com você. Eu sinto muito.”

“Não seja. Apenas me diga que valeu a pena.”

"O que?"

"Diga-me o que isso fez de bom, então se eu for para o inferno pelo menos terei algo para sorrir."

"Oh." Ela riu, uma explosão de ar ranhosa, e ela limpou o nariz com as mangas.

Os braços do detetive estavam cruzados sobre o estômago, e seus ombros caíram para longe do pescoço. Ele nunca pareceu menor, mais doente, mais triste. Mas esperançoso, isso é o que era - seus olhos transbordavam de esperança desesperada. Esperança para o que ela poderia dar a ele. Esperança de consolo. Assim como Tony a prendeu, ela involuntariamente fez o mesmo com este homem. E cada um deles fez sua escolha. Todos esses anos, ele tinha sido seu parceiro silencioso no crime.

Ela lhe contou o que o crime deles havia comprado. Conteí a ele sobre Chloe, que agora tinha dez anos e era precoce como sempre. Nos últimos meses, ela havia se dedicado totalmente ao aprendizado do karatê, e esperava ganhar sua faixa amarela naquela primavera. Disse a ele que Seb, aos oito anos, havia descoberto um fenômeno no YouTube onde as pessoas se filmavam fazendo e manipulando slime, e ele assistia a esses vídeos religiosamente. Tony tentou canalizar essa obsessão dele em um interesse mais amplo pela ciência, mas ele recentemente comentou com uma derrota grave que Seb realmente só se importava com lodo. (O detetive riu disso e tomou outra dose de oxigênio para isso.) Falando em Tony, Julia disse ao detetive Rice que ele e ela haviam comemorado seu décimo segundo aniversário de casamento no Ano Novo. Na esteira do que ela fez, eles se voltaram um para o outro, e seu vínculo parecia ainda mais forte agora do que quando eram jovens e estupidamente apaixonados. E, finalmente, ela contou ao detetive sobre Nick. Ele tinha vinte e três anos agora, e tão engraçado como sempre foi. Ele se mudou para Boston após a formatura e estava trabalhando em publicidade. No Natal passado, ele voltou para casa com um namorado que todos gostavam muito.

— Então você acha que fizemos a coisa certa?

Ela se mexeu em seu assento. "Não sei se algum dia saberemos disso. Ou eu acho, talvez você saiba antes de mim. Ela apontou para o chão, e ele riu. De repente, era hilário a ideia de eles irem para o inferno juntos.

"Eu teria feito diferente", disse ela. "Se eu soubesse o que aconteceria naquele dia. Mas eu não sabia."

Ele ficou em silêncio. Ele queria mais dela. Ele nunca tinha falado sobre isso, ao que parecia, com ninguém além de seu padre. Ela estava cansativa, mas poderia ir um pouco mais.

"Durante muito tempo eu me senti... *arruinado* não é a palavra certa, foi pior do que isso. No começo eu me segurei, porque Tony estava uma bagunça, mas eventualmente ele se acalmou, e então eu desmoronei. Eu não me conhecia. Eu me senti livre de mim mesmo. E como uma pessoa terrível, terrível. No começo parecia que o que eu tinha feito tinha me mudado, e então percebi que talvez eu nunca tivesse me conhecido, toda a

minha vida. E eu me senti estúpida, tão estúpida. Quando todo o estresse do que estava acontecendo se foi, pude ver opções nas quais não havia pensado. Talvez eu pudesse ter hospitalizado Tony. Não é crime *querer* matar alguém. Se eu tivesse agido rapidamente, ah. Não sei. Eu poderia tê-lo atrapalhado como em *Misery* .”

Rice engasgou com uma risada.

Julia sentiu-se sorrir. “Prendeu-o dentro de casa.” Então ela ficou séria novamente. “Eu poderia ter dito a você. Essa foi uma grande. Eu poderia tê-lo parado contando a você. E esse eu não perdi. Eu tinha pensado nisso antes de eu. . . mandou Walker embora. Mas eu não sabia o que você faria com isso. Você o prenderia? Achei que se te contasse, eu o perderia, e as crianças perderiam ele e Nick. Então, em vez disso, mandei Walker embora. Consegui o que queria — Tony não podia mais pegá-lo, Tony não podia se meter em encrencas — mas não gostei do que fiz. Então eu fiquei um pouco confuso. Mas Tony cuidou de mim, e acho que as crianças perderam a maior parte, ou digo a mim mesma que sentiram, e eventualmente comecei a encaixotar novamente.”

O contato visual deles foi ininterrupto. Era profundamente íntimo, quase desconfortável, mas fazia parecer verdade, e ela queria dar a ele essa verdade, mesmo que ela não pudesse dar a ele tudo.

Ela continuou. “Percebi que nunca saberia se fizesse a coisa certa. Eu sei que fiz uma coisa ruim. Mas não pode ser mais complicado do que isso? Eu penso que sim. E comecei a aceitar isso. E quando . . . o que eu tinha feito começava a se infiltrar, ou mais como apenas explodir na minha cabeça, e eu me sentia horrível, ou eu estava absolutamente doente de medo de ser pego e ir para a cadeia e fazer meus filhos passarem exatamente pelo que eu estava tentando, sabe, evitar que acontecesse com Tony...”

Ela estendeu a mão pelo espaço entre eles e descansou no braço dele. Ele estava magro sob o suéter, e ela apertou seu braço suavemente.

“Eu respirava fundo, olhava para as crianças, olhava para Tony, olhava para Nick. Eles eram a melhor resposta que eu poderia obter — para a pergunta, eu fiz a coisa certa.”

Os olhos do detetive Rice se encheram de lágrimas. Foi alívio ou decepção?

“Isso é meio que o que eu percebi, também”, disse ele.

Ele franziu a testa. “Você já ouviu falar de . . . ?”

“Não.” Ela balançou a cabeça. “Nunca.”

“Eu me pergunto se ele deixou o país.”

As sobrancelhas de Julia começaram a se erguer sozinhas, e ela as empurrou mais alto para combinar com seu tom sensível. “Pode ser.”

“Ele simplesmente não parecia ser o tipo de pessoa que parava de machucar as pessoas, ou mesmo apenas buscava atenção o tempo todo, e para nada aparecer. Alguém que faz algo assim, não acho que faça apenas uma vez. Sempre imaginei que ele seria pego em outro lugar, ou ouviríamos

sobre seu DNA combinando com um novo crime. Ele deve ter saído do país.

Julia não disse nada por um momento. Ela poderia dar a ele — ela devia a ele — consolo aqui? Ela pensou no dia em que Rice ligou para Tony e o avisou para não ameaçar Ray Walker novamente. “Não sou grande fã dos *Boondock Saints*”, dissera o detetive.

Ela mexeu a mão que estava em seu braço. “Você está pensando nas coisas erradas se quiser fazer as pazes.”

Ele assentiu.

“Pelo que vale a pena,” ela disse, “ele sabia o quão perto ele esteve de perder tudo. Ele sabia que esta era sua chance de um novo começo.”

“Você realmente acha que alguém como ele é capaz de mudar?”

E lá estava. A pergunta que mais a incomodava ao longo dos anos. “O que ele fez com seu cunhado”, Charlie Lee disse a ela, “deve haver outros por aí. Apenas difícil encontrá-los.” A incapacidade de Charlie de encontrar outras vítimas — talvez houvesse um menino em Providence. Talvez não. Julia nunca saberia se Walker havia machucado outras pessoas. Um dia, ela envelheceria ou adoeceria como o detetive, ou encontraria seu fim de outra maneira, e morreria sem saber se Raymond Walker era o monstro que sua família achava que ele era. Ela poderia embalar a pergunta para dormir novamente, mas sempre estaria lá, pronta para abrir um olho e perguntar: Quão ruim ele estava, Julia?

“Eu enlouqueceria se pensasse nele,” ela disse com sinceridade. “É por isso que eu me concentro na minha família até que eu consiga fazer meu cérebro passar para a próxima coisa.”

A detetive Rice suspirou pesadamente. “Sinto como se um elefante tivesse saído do meu peito.”

Ela riu e deu um aperto final no braço dele. “Eu devia a você. Eu não tinha ideia do que te devia.”

Ele encolheu os ombros. “Bem, não foi nada.”

“Não, não foi.” Ela balançou a cabeça. “Era tudo.”

Sentaram-se em silêncio enquanto o vento batia na janela novamente. Ela olhou para o relógio, não que o tempo importasse, ela estava pronta para sair. “Eu sinto muito, mas eu preciso ir. Eu realmente não gosto de dirigir na neve depois que escurece, se eu puder evitar.”

“Claro”, disse ele, e começou a fazer os movimentos de se levantar. Julia se levantou e lhe deu uma mão.

A detetive Rice a acompanhou pelo corredor estreito, de volta à entrada. Julia sentou-se no banco para calçar as botas.

“Você faz jardinagem?” Ela acenou com a cabeça para a estante.

“Ah, sim”, disse ele com um sorriso. “Sempre foi um hobby, mas depois que me aposentei foi realmente o que me fez levantar e seguir em frente na maioria dos dias. Talvez, bem, se por algum milagre eu ainda estiver chutando nesta primavera, eu adoraria que você viesse me ver de novo,

onde quer que eu esteja, se eu estiver bem o suficiente para cultivar qualquer coisa.

Julia deu a ele seu sorriso mais caloroso enquanto se levantava do banco. "Eu adoraria." Uma mentira aberta. Ela não achava que poderia suportar outro encontro com o detetive. Mas não adiantava dizer isso a ele, especialmente se ele provavelmente estaria morto antes de ter motivos para saber.

Ela *iria* ao enterro dele. Ela lhe devia isso.

Julia se despediu da detetive Rice e saiu para a varanda. Ela se virou para fechar a porta, mas ele já a estava fechando atrás dela. Ele acenou através da pequena janela ao lado da porta, e ela acenou com a mão enluvada de volta.

Aberto ou não, mentir para um homem em seu leito de morte parecia especialmente pecaminoso. Mas era mais gentil do que lhe dizer a verdade.

E LISA L ARIVIÉRE, 2016

Era meia-noite e meia do dia seguinte ao desaparecimento de Raymond

Walker, e Elisa Lariviere chegou cedo . Ela preferia assim, especialmente quando não havia nada digno de nota em um carro esperando em um lugar como aquele. Ela recuou em um ponto na extremidade do estacionamento com a frente de seu Gran Coupe de frente para o prédio. Ela deixou sua casa em Michigan três horas atrás para ir até lá, para o terminal de ônibus em Columbus.

A noite estava fria, e ela deixou o motor ligado. O vento brutal de Ohio lá fora dava a impressão de uma forte nevasca, mas na verdade era apenas uma leve rajada. Ainda assim, ela teria trocado seu clima em casa por isso sem hesitação. Depois de viver em Boston por mais de duas décadas, Elisa pensou que se sentiria confortável com os invernos em Michigan, mas estava enganada. O inverno no lago era mais longo, mais escuro e mais úmido do que na Nova Inglaterra. Para os propósitos desta noite, é claro, o clima de Michigan teria certas vantagens.

Uma música começou a tocar baixinho na estação de rádio pública que ela tinha em volume baixo. Ela não estava ouvindo o disc jockey - talvez ele tivesse dito algo sobre esta ser uma música apropriada para uma noite de sexta-feira? - mas a melodia era imediatamente familiar. Tocando suavemente, um violão tocou a melodia e o peito de Elisa se encheu de agridoce. Um homem começou a cantar, e Elisa só precisou esperar um pouco pela famosa frase: “Whack for the daddy-o / there's whisky in the jar”. A música alinhou com a memória, e Elisa sorriu com a coincidência.

Ela tinha ouvido a velha canção irlandesa em um filme um ano atrás. O filme foi *Conviction* ; era a história real de uma mulher que foi para a faculdade de direito e dedicou sua vida a inocentar seu irmão. Tinha sido um filme tranquilo — Elisa o assistiu em casa uma noite, anos depois de seu lançamento sem intercorrências. A história era lenta e a havia queimado. O próprio caso legal de seu filho Mathis veio à mente desde o início enquanto ela assistia, e embora as comparações entre os dois casos fossem poucas, os temas de justiça, defesa vigorosa e família soaram verdadeiros.

Desamparada como se sentiu após a prisão do filho no início de 2005, Elisa estava obcecada em garantir que Mathis tivesse um defensor zeloso, e foi exatamente isso que ele conseguiu, no pacote mais inesperado. Elisa contratou Clifton Cook — a resposta de Maine ao proverbial gorila de 400 quilos — e seu gorila foi contratar uma capuchinha chamada Julia Hall. Elisa ficara profundamente desapontada com Julia de cabelo crespo e cara de bebê. Ela riu agora quando se lembrou de suas primeiras interações com

Julia, que sorriu demais, defendeu os valores da cooperação com a promotora e recomendou vários serviços sociais para Mathis.

“Ela não é advogada, ela é assistente social”, Elisa gargalhou ao telefone da cozinha totalmente branca de seu arranha-céu em Boston.

A voz de seu menino respondeu do centro de detenção. “Clifton diz que o tribunal juvenil é complicado e precisamos dela. Ela é legal, mamãe.

Elisa revirou os olhos com as palavras de Mathis. “E fofo.”

“Nem mesmo,” ele mentiu.

A neve começou a se acumular no pára-brisa de Elisa, e ela ativou os limpadores. Ela verificou a hora. Dez minutos.

Mathis tinha sido um tolo por ter uma quantidade tão pequena de cocaína no carro com ele, especialmente enquanto ele cruzava as fronteiras do estado enquanto dirigia para ver amigos no Maine. E a arma — Elisa quase desmoronou quando soube que ele foi pego com uma arma. Contra todas as probabilidades, porém, estava limpo. Elisa tinha ido vê-lo no centro de detenção. Eles se sentaram em uma longa mesa em uma sala estéril e sussurraram um para o outro enquanto jogavam partidas de Old Maid, um jogo de cartas insuportavelmente simples disponível nas instalações. Ela o despedaçou com suas palavras, então lhe deu a história que ele precisava contar aos advogados.

Houve um trabalho discreto feito em outros lugares, é claro, mas ao longo do ano em que o caso de Mathis chegou ao tribunal juvenil do Maine, Elisa viu Julia trabalhar até tarde e longas horas para Mathis. Cada vez que eles voltavam ao tribunal, Elisa ouvia Clifton atualizar o juiz sobre como Mathis estava participando dos serviços que Julia havia providenciado. Julia sentava-se com Elisa, desinteressada no crédito pelo que tinha feito.

“Ele está indo muito bem,” Julia disse calmamente em seu último encontro no tribunal. “Ele ganhou uma resolução tão boa para o seu caso.”

Elisa inclinou-se para ela. “Não desconte sua parte nisso.” No começo, Elisa não confiava na insistência de Julia em seguir as regras. Mas o método de Julia tinha funcionado.

“Eu não estou,” Julia disse, “mas ele trabalhou muito duro. Ele merece o que está recebendo hoje.” Júlia fez uma pausa. “Ele sente muita pressão.”

Elisa olhou para ela de lado. Os olhos de Julia permaneceram diretos.

Então ela disse: “Espero que ele tenha a liberdade de descobrir quem ele é e o que ele quer na vida”.

Elisa não disse nada.

No corredor, Mathis deu um abraço de despedida em Julia. Ligue se tiver alguma dúvida, Julia disse a ele. Quando Mathis se virou para Clifton, Elisa pegou Julia levemente pelo braço e a levou para o lado. Ela tinha algumas coisas a dizer.

Ela havia pensado bastante em Julia durante o ano anterior, depois de assistir à história do advogado que inocentou seu próprio irmão. Na noite em que Elisa terminou o filme, ela teve uma vontade quase incontável de tentar o número antigo de Julia, mas ela se conteve. Na manhã seguinte, ela

pesquisou Julia no Google, e Elisa ficou desapontada ao ver que ela parecia não ser mais advogada. Parecia estranho, quase fortuito, quando Julia ligou tão pouco tempo depois.

No início daquele mês, Elisa havia saído do cabeleireiro para encontrar uma caixa postal em seu celular. Era Julia Hall, divagando e nervosa, sem dizer nada de substancial.

Elisa havia retornado o telefonema no mesmo dia em que recebeu a mensagem, mas depois do conforto de sua marquise. Tinha sido um dia sombrio de inverno no lago; a chuva corria devagar pela grande janela atrás dela, e além dela havia apenas cinza e neblina. Elisa sentou-se ao lado do pequeno fogão a lenha e fez a ligação.

Julia parecia distraída quando respondeu. Ela reagiu lentamente ao cumprimento de Elisa e parecia estar se afastando de alguém. Elisa ouviu uma porta se fechar e a qualidade da voz de Julia mudou – sua fala ficou mais livre.

"Obrigada por ligar de volta", disse Julia.

"Não há problema. Estou feliz por estar ligando para você."

"Você se mudou para muito longe de Boston!"

"Eu sou uma dama do lago agora." Elisa acenou com a mão para um público que não estava lá.

"Como estão os invernos em Michigan?"

"Eles são uma merda. Você realmente ligou para perguntar sobre o tempo?"

"Não, e vejo que você é direto como sempre."

Elisa podia ouvir o sorriso na voz de Julia, mas sabia que a tinha feito se contorcer.

"Fora com isso, garoto." Elisa sorriu de volta.

O silêncio foi longo demais.

"Está tudo bem, Júlia?"

A voz de Julia era calma. "Não."

Julia contou a ela sobre um homem, Raymond Walker, e o que ele havia feito com seu cunhado. Ela contou a Elisa sobre a imprensa, os problemas do menino, a tensão sem precedentes em seu casamento.

"Lamento ouvir tudo isso. Verdade", disse Elisa. Ainda assim, era estranho. Ela duvidava que uma mulher como Julia tivesse escassez de confidentes femininas para expor seus problemas.

Depois de uma longa pausa, Julia disse em voz baixa: "Acho que meu marido vai fazer alguma coisa".

"Algo?"

"Algo que nunca serei capaz de desfazer."

Elisa pesou as palavras de Julia. "Não tenho certeza se o culpo. Você achou que eu iria?" Ela passou a mão pelo fluxo constante de vapor que escapava da xícara de chá em seu braço. Lembrou-se da conversa que tiveram no escritório de Julia uma noite. Lembrou-se da ansiosa confissão

de Mathis sobre a história da família que ele deu à sua bela advogada. "Eu sei as coisas que Mathis lhe disse."

"Eu sei", disse Júlia. "Tony não pode fazer isso."

Elisa tirou a mão da xícara. Então lá estava.

"E eu posso, é isso?"

"Eu estava pensando que poderia convencê-lo – Walker – a sair. Mesmo deixando Tony de lado, ele tem que saber que irá para a prisão por anos, décadas talvez. Ele deve ter pensado em fugir, mas não teria ajuda, nem dinheiro, mas se eu o ajudasse, acho que poderia convencê-lo a sair." Sua voz sumiu, como palavras caindo de um penhasco. "Apenas vá, para sempre."

"Este homem simplesmente vai embora. Para sempre", repetiu Elisa.

"Talvez, se eu consegui-"

"Este homem que é obcecado pelos holofotes."

"Se eu-"

"Este sádico, você vai libertá-lo. E ele vai cair no esquecimento, permanente e voluntariamente, para nunca mais vir te chamar.

Diante disso, Julia não disse nada. Boa. Ela era inteligente demais para bancar a estúpida assim, e com Elisa de todas as pessoas.

"Então, o que, você gostaria que eu alugasse um quarto para ele no lago? Ajudá-lo a encontrar um emprego? Solicitar um passaporte?"

Nada ainda.

"Fico feliz em continuar sendo condescendente se isso faz você se sentir melhor, mas nós dois sabemos por que você me ligou."

Com isso, Julia falou.

"Se..." Ela disse a palavra e parou. Uma expiração contra o bocal. "Se eu quisesse sua ajuda. . . esse tipo de ajuda."

"Eu quis dizer o que eu disse, no dia em que você deixou minha vida. Você salvou meu filho, meu filho favorito, aliás.

Uma risada ofegante, como alívio.

"Eu suponho que você tenha filhos agora, você sempre os amou assim. Você sabe. Você salvou meu filho, e eu faria qualquer coisa por você. Acho que você pensou que nunca iria querer nada de alguém como eu.

A inspiração que sacudiu o telefone foi marcadamente marcada por lágrimas. Talvez de resignação, talvez de alívio. "Sim."

Elisa trouxe o dedo de volta para a caneca e o arrastou ao longo da borda. "É fácil ser bom quando as coisas vão bem."

Júlia não disse nada.

O fogão a lenha era agradável, mas o frio irradiava das costas de Elisa pela janela atrás dela. Ela se mexeu na cadeira para puxar os pés para cima para descansar diante dela, de modo que ela olhasse por cima dos joelhos. Suas articulações protestaram e ela deslizou seus saltos para frente uma polegada.

"Quanto tempo nós temos?"

"Você quer dizer, antes de Tony. . ."

"Sim."

"Não muito. Há uma data para o julgamento em 12 de janeiro. Ele me prometeu que não seria até depois disso. E se o caso for resolvido, é isso."

"É isso?"

"Eu não vou precisar de você", disse Julia.

Elisa duvidava que Julia pudesse ter tanta certeza, mas não adiantava dizer isso. Elisa poderia começar a se preparar de qualquer maneira.

"Mas, supondo que não se estabeleça tão cedo no processo, acho que preciso que seja feito naquela semana."

"Isso é em breve", disse Elisa. "Você realmente acha que poderia convencer esse homem a fugir? Temporariamente, é claro."

Julia limpou a garganta. "Talvez sim. Por mais preocupado que estejamos com o tribunal, ouvi dizer que ele também está. Ele está enfrentando um tempo sério, o registro de criminosos sexuais, todo o estigma e problemas que vem com uma alegação como essa. Ouvi dizer que ele está começando a surtar com isso, então se eu pudesse fazer as promessas certas. . . mas eu precisaria da sua ajuda para fazer parecer que eu estava oferecendo a ele tudo o que ele precisava para viver como outra pessoa.

"Passaporte, dinheiro."

"Certo. E passagens para sair do Maine, sem usar o nome dele.

"Por que envolvê-lo na equação? Ele poderia ser tratado no Maine.

"Se algo acontecer com ele aqui, eles ainda suspeitarão de Tony. Mesmo que ele tenha um álibi na hora certa, obviamente ele poderia ter contratado alguém."

Elisa riu. "Óbvio o suficiente para mim." Ela continuou traçando a borda de sua xícara de chá. "Você precisa que pareça com este homem deixado sozinho."

"Certo", disse Júlia.

"Então, se você quer *meu tipo de ajuda*, mande-o para mim."

"Direito para você?"

"Não à minha porta. Uma cidade próxima, em Michigan ou Ohio. Não me mande dirigir a noite toda. Diga a ele que vou buscá-lo e levá-lo a algum lugar para se deitar, como dizem.

"E então?"

"E então você não terá mais seu problema. E este homem terá o que merece."

"Não concordo com isso."

Elisa fechou os olhos e exalou uma risada áspera. — Você tem tanta certeza disso?

Julia ficou em silêncio por mais um momento.

Elisa pode ter registrado isso como fraqueza em outra pessoa e uma razão óbvia para desligar o telefone. Não era fraqueza em Julia, no entanto. Ela estava em guerra dentro de si mesma. O gatinho ingênuo que acreditava

em regras e ordem estava sendo derrubado pelo puma que sabia que, em alguns dias, a única lei é matar ou ser morto.

E ela era advogada. Pensar era sua religião. Ela pensou que poderia resolver isso como um quebra-cabeça lógico, deixando sua família intacta e sua moral ilesa. Julia não entendeu o que Elisa fez: que todo o pensamento e a ponderação não têm sentido, porque no final somos tão bons quanto somos. E há coisas mais importantes do que a bondade.

"Eu não vou convencê-lo a isso", disse Elisa. "Você não precisa da minha permissão, você precisa da sua. Não tenho certeza de que você ainda o tenha.

"Não", foi tudo o que Julia disse.

Eles conversaram por um longo tempo sobre o que Julia acreditava que ela precisaria para levar Raymond Walker em um ônibus para fora da cidade. Ela queria documentos de identidade falsificados, passagens compradas de contas não rastreáveis, a falsa promessa de dinheiro esperando por Walker no final de sua jornada e, é claro, a realidade do fim de tudo quando ele chegasse. E ela queria tudo isso de Elisa. Aparentemente Mathis contou a Julia ainda mais sobre sua família do que ele estava disposto a admitir para sua mãe.

Elisa bebeu o resto de seu chá enquanto eles definiam os detalhes do que Julia precisaria e o que Julia faria para levar Raymond a Elisa. Julia ocasionalmente interrompia algo como "se eu decidir fazer isso", e Elisa respondia com um gentil "claro, claro". Mas ela podia senti-la decidindo.

Antes de desligarem, eles concordaram em não falar novamente por telefone a menos que fosse absolutamente necessário — Julia tinha uma explicação inteligente para o telefonema deles, algo a ver com pesquisas para trabalhos relacionados a seus casos antigos, mas não explicaria várias ligações para o Centro-Oeste se sua família caísse sob suspeita. Em vez disso, Julia enviaria um cartão postal com os detalhes de que Elisa precisava para reservar as passagens, e somente se Walker não partisse, Julia ligaria novamente para Elisa, para dizer que estava cancelado.

Nos dias que se seguiram à conversa, Elisa fez ligações antecipadas, recolhendo algumas das peças de que Julia precisaria. Ela só teve que esperar uma semana antes que o cartão chegasse pelo correio. Foi carimbado em Portland, Maine.

Querida tia Elisa,

Estou animado para visitá-lo neste inverno! Tenho uma longa jornada pela frente. Na sexta-feira, 15 de janeiro, pegarei o ônibus Concord Coach das 20h15 de Portland para Boston, depois o trem Amtrak das 22h55 da Estação Sul para Toledo, embora ache que talvez possa comprar uma passagem que me traga tudo a caminho de Chicago, ouvi dizer que é uma cidade adorável. Chegarei a Toledo no sábado, 16 de janeiro, às 15h25, e de lá pegarei o ônibus Greyhound às 15h55 para Columbus, onde esperava que você me pegasse. Seria por volta de 12h25 de domingo – espero que não seja tarde demais.

Ansioso para a nossa visita. Se houver algum problema, você sabe como me contatar!

Amar,

Sua sobrinha

Alguns dias depois, Elisa entregou um pacote para Julia: continha uma carteira de motorista falsa; uma fotocópia do passaporte de um homem morto; extratos bancários em nome do morto, com dinheiro de uma das caixas dois de Elisa; e as passagens de ônibus e trem que Julia havia solicitado.

O bastão passou de volta para Julia, Elisa revisou o cartão postal uma última vez antes de enfiá-lo no fogão a lenha.

Agora, em algum lugar no espaço entre 16 e 17 de janeiro, Elisa sentou-se em seu carro e esperou. Seu pé batia ritmicamente contra o chão na frente dos pedais, enviando reverberações por seu corpo. Ela verificou a hora novamente.

O ônibus estava dois minutos atrasado quando entrou na estação.

Ela pensou no cartão-postal. *Se houver algum problema, você sabe como me contatar!*

Julia não queria saber quando estava feito. Ela só queria saber se não era.

Um jovem apareceu atrás do ônibus. As luzes altas acima da estação lançavam sombras sobre sua testa, perfurando seus olhos enquanto ele examinava o estacionamento.

Elisa acendeu as luzes e Raymond Walker foi em direção ao carro.

Ela nunca teve oportunidade de entrar em contato com Julia.

Agradecimentos

Há tantas pessoas que tiveram um impacto nesta história e seu caminho para publicação, e temo que seja uma tarefa impossível reconhecer adequadamente cada uma delas. O medo do fracasso é uma razão terrível para não fazer algo, então aqui estão as pessoas que eu quero agradecer:

Helen Heller, a agente que explodiu minha vida em uma semana. Decidir fazer parceria com você foi a melhor decisão profissional que já tomei.

Minha equipe editorial, Pamela Dorman, Jeramie Orton, Clio Cornish, Jill Taylor e Marie Michels. Você transformou este romance na história que eu estava tentando contar. Erica Ferguson, redatora extraordinária, que pegou mais erros do que eu jamais admitirei ter cometido. Todos da Pamela Dorman Books e Michael Joseph que tocaram este projeto e me fizeram sentir em casa.

O editor e escritor Clarence Haynes, cujas notas sobre o caráter e a experiência de Nick foram inestimáveis.

Saliann St-Clair, Jemma McDonough e Camilla Ferrier, que trabalharam tanto para conseguir contratos estrangeiros para este livro e depois responderam corajosamente às minhas perguntas mais insanas sobre todos os formulários fiscais estranhos. Ari Solotoff, meu ex-colega de classe que me orientou em cada contrato porque não consigo desligar a ansiedade do advogado.

Minhas primeiras leitoras, incluindo Melissa Martin, Anna Polko Clark, as autoras Maureen Milliken e Jeneva Rose, e meus amigos do South Portland Public Library Writers' Group.

Taylor Sampson, Amanda Bombard e James, que responderam a perguntas muito diferentes para mim.

Minha tia Cindy e meu tio John Mina, da Curry Printing, em Portland, que imprimiram muitos rascunhos deste romance nos últimos três anos e me aplaudiram em cada um deles.

Chloe, minha melhor amiga escritora que me deixou roubar o nome dela, e que batia cartas comigo até que eu tivesse coragem de enviá-las. Susan Dennard e Pitch Wars, por me ensinarem como consultar os agentes em primeiro lugar.

Minha irmã, Hannah, que me disse para respirar fundo e correr atrás do meu sonho louco de publicar um romance. Mamãe e papai, que incentivaram a leitura e a escrita durante toda a minha vida. Sr. Ramsey, que disse ao meu pai que eu deveria parar de me preocupar tanto com o curso que escolhi na faculdade, porque ia acabar sendo um autor.

E finalmente, Ben. Você é a Julia firme para o meu Tony em espiral. Obrigado por cada coisa.

Sobre o autor

Nascida de dois hippies em uma pequena cidade no Maine, **Caitlin Wahrer** deixou o estado para a faculdade, mas voltou para cursar a faculdade de direito e praticar advocacia, onde trabalhou em casos envolvendo algumas das questões amplas sobre as quais escreve em *The Damage* . Ela mora no sul do Maine com o marido. *The Damage* é seu romance de estreia.



Penguin
Random House
PENGUIN PUBLISHING GROUP

*O que vem a seguir na
sua lista de leitura?*

**Descubra sua próxima
grande leitura!**

Receba escolhas de livros personalizados e notícias atualizadas sobre
este autor.

Inscreeva-se agora.